



Handwritten scribbles or marks in the top left corner.





1608/1953





*Alvaro do Carvalho*

Lith. de J. P. Lopes, N. do S. Martim, 1.ª L.

ALVARO DO CARVALHAL

---

# CONTOS

---

**PRECEDIDO D'UM ESTUDO BIBLIOGRAPHICO**

POR

**J. SIMÕES DIAS**

---

PORTO

LIVRARIA CENTRAL

DE

**J. E. DA COSTA MESQUITA—EDITOR**

54—Praça de D. Pedro—55

RIO DE JANEIRO

AGOSTINHO GONÇALVES GUIMARÃES & C.<sup>ª</sup>, B. L. GARNIER,  
A. A. LOPES DO COUTO E J. NEVES PINTO

---

1876





## ESTUDO BIOGRAPHICO

Em Argeriz, pequena aldeia da provincia de Trás-os-montes, nasceu Alvaro do Carvalho, e finou-se em Coimbra no anno de 1868, das 7 para as 8 horas da noite do dia 14 de março. O joven academico completára os seus vinte e quatro annos de idade poucos dias antes da sua morte, e já não chegou a levar ao cabo o seu 4.º anno juridico, que frequentava com distincção. Victima de uma aneurisma, que de ha muito lhe andava roubando a saude e as alegrias, falleceu o moço estudioso, longe de pae e mãe, nos braços de alguns amigos que muito do coração lhe queriam. Em cemiterio estranho lhe cavaram a sepultura; mortallia, que não foi tecida

em teares de sua terra, lhe atiraram acima do cadaver; consolações de parentes lhe falleceram á cabeceira do leito; mas nem por isso lhe escassearam lagrimas em volta do tumulo, flores de mão piedosa na sepultura, orações de amigos no logar onde jaz. O ciborio de nossas lagrimas ainda transborda no altar, onde lhe resámos a derradeira missa, e em nossos ouvidos resôa ainda o soluçar plangente do sino e dos padres, que lhe cantaram o derradeiro adeus. Não é este o logar, nem que o fosse, eu teria a vaidosa pretensão de fazer o elogio funebre do que já não é nosso. O elogio de suas muitas virtudes levou-o elle para a cova; que seus amigos lh'o escreveram na mortalha com lagrimas sentidas, e se o pranto fizesse resuscitar mortos, Alvaro não era já agora pasto de vermes; o elogio do seu nome litterarioahi lhe ficou impresso em 300 paginas d'um livro, cujos louros não pôde cingir em vida, mas que certamente não hão de murchar á sombra dos cyprestes, como as rosas matinaes de sua juventude! Sentimentos delicados em tudo e para com todos, talento e aspirações, intelligencia para conceber e vontade para executar, bom senso para aconselhar o bem e boa alma para se dirigir pelo caminho da vir-

tude, tudo possuia em grau subido e tudo com elle se foi para a cova. E por isso que á triste nova da sua morte, toda a academia de Coimbra, condiscipulos e mestres, conhecidos e desconhecidos, acudiram a prestar seus obsequios funebres ao cadaver, que, em si, abrigára coração de tantas esperanças, intelligencia de tanta luz, vontade de tão justos anhelos! O nosso regimento litterario ficou de lucto, porque Alvaro era assiduo cultor da boa litteratura; e tanto de saudade nos deixou, como de estima e respeito entre nós soube conquistar por seu talento. Bem desejáramos que nesta necessidade de falar do merecimento litterario do nosso amigo, o coração emmudecesse para que a razão dictasse imparcial; mas quem neste lance logrará ter olhos claros para descobrir defeitos em pessoa que tão cara nos foi, e discrição para ajuizar seguro, quando as lagrimas, quentes do proprio fogo, não cessam de borbulhar sobre o papel, e os soluços se estrangulam uns aos outros na garganta alanceada?

Pela imparcialidade do discorrer nos valha a sinceridade da compunção.

Os que sabem que estou eserevendo sobre o tumulo de Alvaro do Carvalho não de descul-

par me. Nem eu sei mentir á borda d'uma sepultura, onde a hypocrisia das lagrimas vale bem a gargalhada do cynico.

Alvaro do Carvalho foi desde orença destinado ás letras, e para ellas mostrou decidida vocação; quando em Braga, onde estudou humanidades, preludiava, em tão verdes annos, segredos dramaticos só aos mestres revelados. Allí foi que nos jornaes da terra se esteve ensaiando na poesia e no romance e que a cidade theocratica em seu theatro applaudiu o novel escriptor. Allí se passaram por ventura as unicas primaveras que Deus lhe concedera felizes; allí se enebriou de flores, luz e esperanças quem tão cedo as havia de ver murchas, extintas e malogradas pelo escarneo da morte.

Quando se passou d'esta á cidade de Coimbra, já lhe vinham amarellecendo as rosas tão formosas de suas faces; incommodos, que não sabia explicar, lhe traziam aquelle coração apertado em euidados e muitissima dor. Já não era o rapaz folgasão de Braga, mas o homem tristonho e macilento, que sente adelgazar-se de dia para dia o fio tenuissimo da vida. Quem fosse conversal-o, percebia-lhe nos labios um sorriso que lhe não era natural, e nos olhos um fulgor si-

nistro que gelava de medo. Era um cadaver animado pelo galvanismo.

Quando a medicina lhe fez a declaração fatal de sua doença, Alvaro horrorisou-se de si e conheceu profundamente que a sua vida estava por pouco, mas o instinto da conservação, o amor á vida illudia-o. Alvaro não queria acreditar que tão cedo houvesse de morrer, e bem conhecia elle a fatalidade invencível do mal, que o dominava. Ás palavras animadoras de seus amigos respondia sempre com um sorriso tal de descrença que cortava a alma, e no entretanto via-se que anhelava por que o enganassem. A dor incessante da duvida, duvida filha de certa esperança artificial, se assim podemos dizer, era o maior pesadelo de suas noites. Queria que lhe dissessem o dia da sua morte e temia de o saber. Que supplicio!

Os medicos haviam-lhe prohibido o uso dos banhos do mar, para que as ondas não fossem a sua sepultura: foi então que Alvaro, impellido não pelo desespero do suicida, mas pela ancia de certificar-se da triste realidade, fechou os olhos e se arrojou contra as iras d'um e outro côrso, como se estes houvessem de decidir de sua sorte. Sahiu-se triumphante do arrojo. Repetiu a

experiencia, e sempre o mesmo feliz resultado. Então sorriu da medicina e disse «viverei.» Voltou a Coimbra mais tranquillo e mais confiado em suas esperanças, mas enganava-se com ellas; porque as suas faces nunca mais perderam a côr livida do defuncto, e seu coração nunca mais deixou de latejar acceleradamente naquella marcha violenta para a eternidade.

Ninguém sabe as noites horriveis d'aquelle infeliz. Se velava, tinha medo d'aquelle solidão nocturna povoada de phantasmas; se fechava os olhos, um pesadelo horrivel o asphixiava. Por isso elle fugia do somno, como da morte, com que sonhava. A morte a perseguil-o a toda a parte, e elle a procurar distracções para fugir-lhe. Quantas e quantas vezes não chegou o infeliz Alvaro a queimar seus dedos á luz do candieiro e a ferir seu corpo, a ver se d'este modo com as dores physicas esqueceria as moraes! Era uma lucta gigante, para que já se não sentia com forças.

Uma hora antes de sua morte ainda o triste, já meio cadaver, rouco e sem forças, cantava aos seus amigos um canto alegre para distrahir-se. Era o derradeiro adeus ás alegrias do mundo. Os justos morrem cantando. O cysne, em seu

ultimo canto, preludiava as festas da eternidade.

O sol esmorecia ao longe no visor da montanha fronteira, e elle, o moço academico, com os olhos fitos no seu astro amigo, apertava desesperadamente aquelle immenso coração, que se partia. Aquella intelligencia luminosa apagava-se rapida, semelhante ao sol que desmaiava. Dois amigos, duas vidas, por ventura dois astros a resvalar no mesmo pendor, compellidos por semelhante agonia. De manhã levantaram-se ambos em canticos jubilosos de amor, á tarde despediram-se para sempre, e cada um por invios caminhos se partiu. Um levantou-se no dia seguinte, Lazaro novo a resuscitar alegrias, e quando manhã cedo foi bater esplendoroso nas fronteiras janellas de seu festival cantor, nem um cantico a saudal-o, nem um ai! sequer. As janellas não se abriram naquelle dia; Alvaro do Carvalho já não tinha braços para estender-lhe, voz para saudal-o, olhos que lhe enviassem uma lagrima d'amor. Estava no leito, mudo, inregelado, hirto, insensivel... morto! Sahiu á tarde, mas vinha encerrado nas quatro tabuas d'um caixão; e quando o sahimento desfilava pausadamente funebre até á final estancia, ainda o

sol o contemplou pela ultima vez, e como um cirio immenso lhe foi alumando o transito vagaroso. O varão justo deve ir para a cova alumado pelas luzes do céu.

Até aqui o amigo, o condiscipulo, o homem; agora o estudioso, o escriptor publico, o litterato.

A collecção de romances de Alvaro do Carvalho, a que demos o modesto titulo de *Contos*, já porque de muitos nomes que seu auctor lhes destinava por nenhum se decidiu, já porque entendemos que a tal genero de litteratura mal não ficaria o titulo de *Contos*, é obra que já de si fiava esperanças largas, se bem que nem todas, quantas podéra, logrou realisar.

O livro tem seis partes — *A febre do jogo; J. Moreno; Honra antiga; A vestal; O punhal de Rosaura; Os cannibaes*. É uma collecção feita segundo o systema do fecundo Lafontaine, de que o *Jornal de Paris* tanto se occupou no principio d'este seculo. Até á pagina 270 foi esta obra revista por seu auctor: o que vae d'ahi até final publicámos nós, em tudo conformemente ao plano, que pessoalmente d'elle sabiamos.

Nestas composições presente-se todo o viver intimo de Alvaro, e nas scenas que mais felizes



lhe sahiram da penna bem se advinha com que sentida verdade as desoreveu e quão presentes ao coração e aos olhos lhe andavam. Se isto não fôsse uma traição covarde e uma infidelidade miseravel, póderiamos confirmar o que dizemos com a revelação de alguns segredos que por elle nos foram confiados. Tambem que lograria já agora com isso o publico e o nome do que já é morto? O facto é que toda a vida interior de Alvaro, vida sem luz, nem flores, nem consolações, por essas paginas lhe ficou mais ou menos disfarçada em risos e diluida em lagrimas.

Alvaro não podia caracterisar entidades alheias á sua, porque abstrahir era esquecer-se de suas dores, e tão afflictivas eram estas, que por força nellas devia concentrar-se. É por isso que o sorriso de seus heroes é como o seu, constrangido e timido; as suas palavras são tremidas como soluços, e as suas acções extravagantes como as do desesperado. Leiam-se um por um os seis romances do seu livro: é sempre o caminhar do somnambulo, o sarcasmo do infeliz, que se não queixa porque não conta com alivio, o delirio do febricitante e de vez em quando um gemitido que se perde na gargalhada.

A orgia deu-lhe assumpto para algumas scenas

nas de bom effeito: é porque a orgia, em que Alvaro apenas era espectador, symbolisa o alarido, a confusão e a vida, e o desgraçado sonhava com tudo o que o fizesse esquecer de si.

A ideia de sua morte proxima foi sempre o seu mais formidavel inimigo. Queria viagens, amores, jardins encantados, scenas de carnaval, ruídos de festa, tudo em que podesse afogar a ideia que o torturava contínuo. É assim que elle descreve aquelle sympathico *J. Moreno*, que nos parece o conto melhormente acabado que nos deixou.

Se houvessemos de fazer a biographia de Alvaro do Carvalho, deviamos transcrever este romance. Representa a aspiração do joven academico e talvez toda a sua vida futura, se Deus lhe desse mais alguns annos de vida. Musset retratou-se em Jaques Rola, Byron em Juan e Child-Harold, Alvaro deixou-nos aqui toda a sua alma. Como *J. Moreno*, logo que formado estivesse, tencionava ir em romaria festival á patria de Calderon, Molina e Vega, endoidecer-se na walsa ligeira das andaluzas, percorrer alguns paizes de sua predilecção, voltar á sua patria, onde facil lhe devia de ser uma cadeira em S. Bento, e depois morrer cheio de muitas glorias,

coroado de muitas flores, embriagado de muitos aromas, farto de muitos prazeres:

Quem tem de morrer cedo força é que prove de todos os favores da vida. Além de supremo prazer de homem, que é por sem duvida aquelle que mais dura, um nome glorioso sustentado em boas bases para que possa resistir aos baldões da posteridade, Alvaro tinha aspiração a prazeres d'outra especie, que elle bem sabia de pouca dura, mas por isso mais desejados — queria amar delirantemente em uma noite, beber segredos de mel da boeca dulcissima de sua noiva, e morrer como J. Moreno, nadando em amor sobre o peito nú da sua Petra.

Eram estes os anhelos de Alvaro, e, nesta esperança de os realisar, enganado vivia como quem não contava com a fatalidade do seu infortunio.

Quem não conheceu Alvaro, leia J. Moreno; veja como elle se aborrece da sciencia de Manuel Alvares Pegas, «busca recuperar em Hespanha os redenhos derretidos nas momentosas esburgações da intelligencia» e por lá se delicia ao som das guitarras que gemem, das castanholas que estalam, ao fremito ligeiro da *manola*, que aperta flexivel o peito arquejante do

*caballero de faja*, e depois se namora de Petra e vem morrer nos braços d'ella, lubricamente envolto nas rosas do noivado! Para que nada faltasse á similhaça, J. Moreno morre da mesma doença de Alvaro. Ambos succumbem aos estragos de uma aneurisma!

A scena que o nosso Alvaro teve com a medicina vem exactamente descripta a pag. 91 e 92 do *J. Moreno*. Recorda o Casimiro d'Abreu e o Alvares d'Azevedo prophetisando cedo a fatalidade de sua morte.

O que mais lhe namorava o appetite era a ideia sympathica e alegre de aventuras e de viagens. Isto se revela no assumpto que escolheu para todos os seus contos — narrações phantásticas de amores trahidos e profundamente torpes como na *Vestal* e nos *Cannibaes*; scenas tragicas de sangue, trevas, traições, fogo e mil horrores como na *Febra do jogo*, na *Honra antiga* e no *Punhal de Rosaura*; amores febricitantes de D. Juan, o lascivo, como no *J. Moreno*. Era a febre contínua que lhe entontecia a cabeça e lhe exaltava a imaginativa; por isso o vemos escrever á tôa scenas impossiveis na vida e por vezes absurdas, por isso nenhuma das suas composições pode chamar-se romance perfeito. Nuns

faltam scenas, cuja concepção existiu de certo na mente do artista, mas que a mente, em sua exaltação febril, deixou eclipsar; noutras abundam, como nas obras humorísticas de João Paulo. Muitas vezes o objecto principal cede o lugar aos accessorios. São as intermitencias, se algumas teve, de sua febre.

Não cito passagens dos *Contos* para mostrar suas bellezas de estylo: muito teria que transcrever. O leitor tem muito que louvar e muito que censurar, que bom e mau por ahí ha que farte. O estylo não nos parece sempre egual, e por vezes o encontramos tão arrebicado que toca no ridiculo. Este defeito não provem somente da organização e febre do escriptor, mas mui especialmente do seu Francisco Manoel do Nascimento, a quem estudava e imitava noite e dia; é uma affectação classica d'um effeito pessimo. A fluencia da phrase, a melopea da palavra, a naturalidade da dicção, não a procureis em Alvaro da Carvalhal. O abstruso era o seu ideal. Desejava parecer novo na forma, e tal novidade por vezes tornou-se tão escuta como fastidiosa. Era tambem o medo do gallicismo que lhe tolia a penna ao desferir a mais suave harmonia d'algumas palavras, que são muito nossas, por

que as herdámos de Barros e de Vieira. A inverosimilhança de suas narrações tambem não é só culpa d'elle; mas sim dos modelos que escolheu de preferencia. Umaz vezes Shakespeare, que não é para entender-se aos 24 annos, outras vezes Musset e Victor Hugo, astros que com um só lampejo de sua luz aformosentavam o feio, embelleciam o grotesco e naturalisavam o extravagante, o impossivel. Espronceda, Goëthe e Alvaros de Azevedo elevaram-no á suprema altura de seus vãos, onde o nosso anhelante academico já não podia suste-se; por fim cahiu. Muitas vezes o advertimos d'este defeito: respondia-nos com Hoffmann, e recitava-nos o verso de sua justificação:

L'homme est de glace aux verités;  
Il faut de feu pour le mensonge.

Muitos hão de estranhar neste livro a uniformidade dos typos, parecendo que os differentes protagonistas são o mesmo individuo collocado em differentes posições, revestido de differentes trajas. É assim; e grande exigencia seria a d'aquelle que fosse pedir mais a quem a vida propria, as dores e os cuidados de si fizeram esque-

cer do mundo exterior. Este defeito tambem não é tamanho como se nos antolha. Se algum privilegiado, como Lope de Vega, Shakespeare e o auctor do *Fausto* pode transformar-se em todas as existencias, e revestir todos os caracteres e indoles, nem por isso perdem de merecimento Hugo, Byron e Schiller. Nem todo o homem pode em si resumir a humanidade.

O livro de Alvaro é um escandalo no tocante a moral. Áquem e alem transparece a indole de Schiller, no arrojio com que atira ás faces dos honrados a baba dos infames. O vicio em toda a sua impura nudez surprehende os olhos do espectador. Os admiradores d'aquelle talento dramatico tremem de horror e espanto.

No livro de que vamos falando ha cousa peor que o descaro, ha licença como só a encontramos em Crebillon (filho), em Voltaire, Rousseau e Hocage. Na *Febre do jogo*, Marianno, o assassino de seu pae, o salteador de estradas, o jogador, o ebrio, pergunta á escória social da taberna se ella ainda lhe suppõe alguns vislumbres de virtude? Este romance parece inspirado pela *Noite da taberna*, do poeta brasileiro:

Nos *Cannibaes* e no *Punhal-de Roseaura* ha

crimes que se não devem contar ao mundo; basta que a sociedade os surprehenda.

A *Vestal* é d'uma immoralidade incrível. Nigger, o cão da formosa Florentina ergue-se d'um golpe, e d'um gracioso pulo acerca-se d'ella. Poisa-lhe nos hombros, finos de setim, as patas callejadas, e mergulha nos seios transparentes o gelido focinho. A mulher é considerada neste livro como nunca o foi em tempo nenhum. Na antiga Grecia a mulher é o typo das deusas do Olympo; ao menos adoravam-lhe a formã: na Asia, em que o ideal da arte era não o homem, como na Grecia, mas a natureza, a mulher é a alegria do lar: nas idades christãs a mulher representa o papel de redemptora e mãe de Deus; neste livro a mulher está abaixo da merettiz, aperta entre os dois seios de neve o focinho fel-pudo d'um cão! Ninguem esperava d'um rapaz os contos philosophicos de Staël, ou os moraes do inglez Richardson; mas esperavamos, em nome de nossas mães; alguma benevolencia, sem favor, para aquellas que nos chamam filhos.

Bem sabemos que a sociedade se não desmoralisa com os quadros lascivos de Paulo Veronese, nem com as eroticas de Locullo e Ovidio;



mas desejavamos que num livro, que é o espelho da vida, a alma de seu auctor, o fosse na morigeração, para que em tudo fosse verdadeira copia. Escriptores de nomeada têm feito justiça ás mulheres e as desculparam, e talvez que os sentimentos de todos os apologistas d'este sexo não fossem tão extremamente puros como os de Alvaro. Victor Hugo desculpa Marion Delorme; Musset, a formosa Bernerette; Prevost, Manon Lescaut; o Evangelho, Magdalena; Dumas (filho), Margarida Gautier; Alvaro do Carvalho bñta com ella ao asqueroso monturo dos pardieiros velhos! Ainda bem, que Alvaro mentiu á sua consciencia.

Concluindo: a presente collecção de romances tem muitos defeitos, filhos certamente dos verdes annos de seu auctor, do abuso dos modelos que seguiu, e mui principalmente das circumstancias especiaes de quem escreve por distrahir-se, a capricho de sua imaginação. Excellentes descripções, arrojado de imagens, novidade de scenas e outras bellezas, que rara é a pagina que as não tenha, garantem um logar distincto na litteratura ao novel escriptor, que tivemos a desgraça de perder em tão verdes annos. Aqui lhe fazemos publico um testemunho de

nossa estima e admiração, no mesmo lugar em que lhe deixamos sentidíssimas lagrimas de cordal saudade. Faz bem aos vivos recordar o nome dos que nos foram caros. Possam estas linhas, que á pressa e com os olhos em lagrimas escrevemos sobre a sepultura do nosso Alvares do Carvalho, roubar ao esquecimento um nome por tantos titulos glorioso.

Coimbra, 1868.



*J. Simões Dias.*

**J. MORENO**

CHAPTER I

# A FEBRE DO JOGO

---

## I

Lucio parecia protegido do magico influxo d'uma constellação propicia. Aporfiava a fortuna em fazel-o mimoso de seus munificentes donativos. As cartas, tão doces em obedecer-lhe como pertinazes em resistir a meus anciados reclamos, andavam como que á mercê da sua vontade imperiosa. E elle, revestido das honradas insignias de banqueiro e enfrornado em presumçoso desdem, accusava em cada movimento a satisfação caracteristica, que extravasa dos geitos particulares dos bem sorteados.

Á direita de Lucio estava eu. Era a primeira das victimas, o ludibrio da sua ventura. Por isso o encarava de máos olhos, recalcando a indomavel inveja, que trasbordava. E, magnetizado, para me servir de phrases

grandes e vazias com aspirações a graciosas, seguia voraz os rios de dinheiro, que rolavam copiosos para as bandas do banqueiro ao passo que lamentava, de mim para comigo, que tão depressa se me fosse desvanecendo a acalentada esperança de acabar meus dias em lucido e sonoro pelago de bellas peças de oiro.

Morreu num tonel de malvazia o duque de Clarence. Foi pouco apparatuso o duque. Morreu como pode morrer um sapo, ou mesmo um qualquer burguez. Não admira todavia, que no vinho recahe a excentricidade ordinaria de um digno britannico.

Eu, menos modesto, suspirava por uma sepultura como nem no paganismo a obtiveram deoses: oceanos de dinheiro. Era o meu fraco.

De mistura porem com intimos lamentos de vate arruinado, coalhados pela ira em elegias chorumentas, hia ao sopro encantado da philosophia, tão avezada a reduzir o confiado intellecto dos pobres mortaes a bolhas de sabão nas azas do vento, ia desfiando de cada libra, que deslizava no panno verde da mesa, uma historia longa de longas agonias.

Annos e annos de trabalho improbo, noites fadigas, vigalias acerbas; o descanso, a paz e a honra de muitas familias; o amor, a ternura e a castidade de muitas crianças; via tudo como numa geleria immensa e negra sacrificado alli ao delirio d'um leviano deslumbramento; via tudo impiamente atirado á voragem lo-  
rega d'aquelle funesto Titicaca. Titicaca sim, já que

tão arrevezado nome vale bem um anathema. E buscava interpretar nas alegrias dissimuladas de Lucio (infantil ingenuidade!) longes da generosa condolencia que rehabilita o vencedor aos olhos do vencido.

Se eu ainda então ignorava que a febre do jogo afugenta bemfazejos instinctos; enerva a afinada corda dos sentimentos delicados a furtar-lhe as mais doces vibrações; bestifica sob a pressão ignobil da desenfreada cubiça!

Como media a desgraça dos outros pela minha desgraça, compulsava de perto, por uma notavel complacencia do egoismo, os males alheios, as paixões desafortadas e as angustias, que de envolta se erriçavam.

Os valores, que meu pai me confiara, essas reliquias sanctas d'uma opulencia desbaratada (sanctas, porque d'ellas pendia a boa fama e a segurança da minha familia) iam cahindo no abysmo peça sobre peça, baloiçadas no fluxo e refluxo irregulares d'aquella aurifera onda.

Attrahido primeiro por simples curiosidade, e em seguida, como de ordinario succede, pela esperanza seductora de farta colheita, deixei-me depois vencer do teimoso despeito, que se origina das repetidas perdas, e puz mais audacia no jogo até que, sem o presentir, attingi o perigoso termo da fascinação. E d'ahi não ha voz de raciocinio que levante o homem.

Todavia eu ainda não estava pervertido a ponto de esquecer que não era uma moeda fria e superflua que

submettia ás velleidades da sorte. O producto das joias de minha mãe mirava a mais nobre emprego, qual era salvar-lhe a honra, salvando os ameaçados creditos de meu pai. Era pois a honra e o credito da minha familia que eu estava compromettendo com repugnante cynismo. Fazia-me cynico a demencia. Estava allí fatalmente amarrado como Prometheu ao pincaro do Caucasu com o abutre da avareza a mergulhar as garras em meu peito confrangido. Afeiçoara-me aos repellões d'uma miseravel esperança. Necessitava reaver o perdido, arriscar ainda algum ouro, luctar, estrebuxar. . .

Estorcendo-me no espaldar da cadeira, e arripiando os empastados cabellos num tregeito de oratoriano desespero, que é o mais ridiculo de todos os desesperos, pregava iracundas vistas no banqueiro, observando de soslaio com phrenesi de tonto o apoucado destroço subtrahido á voracidade das cartas, o ultimo punhado de libras, que me restava.

Formei decisivos planos de ataque, indaguei um apropriado systema de jogo, erigi barreiras e castellos fortes, e colloquei-me na brecha com o aprumo resignado de um martyr. Porem minhas maduras combinações, meus calculos prudentes, astucias e determinações medidas chegaram serodias de mais para que medrassem. Gorraram-se num abrir e fechar de mãos.

Acertou em vir por esse tempo á mesa uma carta que me deslumbrou. Foi invencivel a tentação. E concorreu a redobrar-lhe o valor a soberana urgencia de um



commettimento arrojado, pois que em assaltos parciaes e moderados se tornava quasi impossivel a restauração dos perdidos capitaes.

Esta consideração acabou de me resolver. Joguei tudo na maldita carta. Lucio olhou-me com sobreceño reprehensivo. Eu baixei os olhos humilhado, pasmando da temeridade, e, na eminencia do perigo, arrependi-me sinceramentê de tão precipitado lance. Mas, caso inexplicavel! não ousei retirar a parada.

Em pé, hirto, com o pesçoço grotescamente estendido, boquiaberto, abafando em suor e com a serpente da cubiça, na sua mais sordida expressão, enroscada na garganta, considerava tremebundo cada carta que despontava no baralho. O receio agitava-me barbaramente o coração; e a intelligencia, escurecida, lampejava a espços em acerbas exprobrações. Hora aziaga!

Não ha fugir á sorte. A minha estava lançada. Perdi.

Vibrou-me aos ouvidos uma voz de tormentas, inflamou-se em meu cerebro um clarão de desespero, cahiu pesado meu punho sobre a mesa, e meus labios encresparam-se numa palavra obscena.

Ninguem se offendeu, nem apiedou tão pouco. O jogo proseguiu no estylo em que começara. Eu é que estava irremediavelmente perdido.

Desorientado fui sentar-me longe dos jogadores com a cabeça apertada nas mãos como um tendeiro fallido, ou como um galan soberbo atraído em seus desfraldados affectos. As labaredas d'aquelle inferno não ha

nesses caminhos, em toda a christandade, painel de almas penadas, que as represente ao vivo. Quanto as terão experimentado menos abrazadoras sem animo para preservar as regiões craneanas dos estragos d'uma bala!

Não calculo o tempo que permaneci nessa dolorosa prostração. Despertou-me o som de uma voz, que pronunciava o meu nome com certa accentuação sentimental. Era a voz de Lucio.

Tinham-se dispersado os jogadores, e apenas elle, condoído do meu abatimento, consentira em malbaratar comigo á mingoa da panacea infallivel e milagrosa, ao menos algumas estafadas palavras de consolação.

— Marianno, diz em tom emphatico, aproximando-se, não serás tu um homem? Esmaga essa consternação que é um insulto para o teu character, e mostra que sabes reconhecer que nem as pedradrias de Borneo, nem todas as minas do Perú compensariam uma afflicção de momento. Pois que! Tão mudado estarás? Nos bellos tempos do nosso condiscipulado... lembraste? memoraveis tempos! tornou-se notavel o teu nome por um sem numero de liberalidades galantes, que desfalcariam os recheados cofres d'um nedio capitalista: desdenhavas esse estúpido metal. Hoje...

— Mudaram as circumstancias.

— Não ha circumstancias que dobrem uma boa natureza.

— É falso. Falla em ti a felicidade, que tudo vê retinto em seus peculiares arrebiques. A tua generosa

e boa natureza, Lucio, a tua boa natureza é a primeira a desmentir-te, porque se altera, como se passasse de cadinho selecto a grosseiros moldes, desde que tomas logar a uma mesa de jogo. De civil e cortez eis-te pe-tulante; de liberal avaro; de probo e justo...

— De probo e justo?

— Burlão de taverna.

— Marianno!

Quem tivesse o sangue em ebullicão e o coração ao pé da bocca deparara nessa injuria com favoravel en-sejo para uma festejada briga de faca em punho. Por mim estava em termos de a desejar. Lucio porem era de fria tempera e animo recto, e nunca á primeira farpa investiu contra o adversario, quando mesmo não fosse um amigo.

— Paciencia, Lucio! volvi, sanando a ferida. Já que estás rico de dinheiro consente que eu o seja ao menos de franqueza. Não me queixo, não devo queixar-me. Percebi a tempo o engodo, podia ser cauteloso.

— Juro-te...

— Fazes mal. Canças-te sem proveito. Surprehen-di-te nos ardis da empalmação.

— A mim! Mentas. Continuaste jogando, e terias cessado se fosse verdade.

— Arrastava-me uma força superior. Tinha de ser.

## II

— Tinha de ser ! repete Lucio, encolhendo os hombros com enfado. Falsa desculpa, filha do despeito, que inutilmente disparas em abono de um procedimento reprehensivel como para illudir a consciencia !

— Tenho por mim um argumento inabalavel. Vi.

— Muito bem ! O testemunho de um sentido, frequentes vezes mentiroso, deve antepôr-se ao protesto de um provado amigo ! Desculpo a allucinação. Todavia, se é certo que as cartas tomam na minha mão a docilidade da cêra, estimaria que me explicasses porque casta de prodigio levam destroçado o meu patrimonio.

— Quem vio germinar jamais a maldita semente d'uma colheita illegitima ?

— Ah ! ah ! Um frade sentencioso não rosnaria melhor qualquer maxima bafienta. Está bem. Não discuto. Perdôo-te o errado juizo pelo desvario em que te anda o espirito. Porem... mandando os arrazoados pingues de moralidade para as cellas da fradaria, vê no entretanto se descobres em mim alguma vantagem, que te levante acima d'essa lastima capaz de enternecer estadistas e usurarios.

Concebi uma idea radiante.

— Salvas-me, Lucio ? !

— Salvar-te!

— Estou perdido.

— De perdição melodramatica?

— Fallo seriamente.

— Como!

— O dinheiro, esse dinheiro, que eu joguei, representava nada menos que a honra de meu pai. Era a egide protectora destinada a pol-o ao abrigo d'uma fallencia aviltante.

— Oh!

— Comprehendes? Renunciarei pois a outro estimulo que te chame em meu amparo. Eu fui rude, muito rude e muito insolente contigo, Lucio; mas tu perdoas aos labios o aleive com que profanaram o coração... Perdoas, e não te recusarás a tirar-me, com um nada de sacrificio, d'este leito de ortigas, que me preparei...

Leito de ortigas! Porque não? Quem n'esta era elegante, de modas secias, de finos atavios, de primores sem conta consentiria n'uma camara, já não digo senão modesta, o tosco leito de um barbaro, o leito de Procusto, sem colchão de molle plumagem, e cheio da pelle de bestas ferozes apodrecida pelos seculos? Um leito de ortigas ao menos, se lhe falta o sainete das antigas historias, abunda em frescura; recende novidade; desfar-se-hia sem custo em viçosas coroas, que não iriam mal em frente de donzellas; não é em fim como um prato que da mesa de patricios descambou em plebeas mesas.

Por tanto, aqui sanciono a phrase, e defendel-a-hei

com a afouteza, com que se defende o motivo d'uma gloriosa reputação.

Isto não lho disse a elle, que seria agua entornada no pathetico do discurso; mas digo-o agora, entre amigos, em guiza de parenthesis, e com donaires de quem sabe o que diz.

— Não vás esquecer que estou pobre, devolveu Lucio; pobre, arruinado, perseguido de credores... Recordo-t'ó a fim de que me não julgues resabiado de má vontade. Comtudo não me esquivarei ao que fôr compativel com os meus amesquinhadados recursos. Vejamos, é grande a somma?...

— Enorme.

— Diabo!

— Enorme, mas limitada em relação ao muito que acabas de ganhar. Dá-me o dinheiro, dá-m'ó; e, se me exigires como penhor a propria liberdade, não acharei que exiges muito. Aniquilarei a divida em estreito prazo. Vencerei esta inercia, direi adeus aos prazeres da ociosidade, trabalharei: ao lado de meu pai commerciante; no meu escritorio advogado. E tu sabes se me faltam cabedaes, que façam jus a uma rendosa clientela! Lucio, olha para mim, e recusa-me o que te estou a pedir!

— Basta. Que quantia necessitas?

Disse-lh'ó. Elle medio-me dos pés á cabeça com manifesto assombro. Volvidos momentos exclama, assumindo ares de comica gravidade:

— E não tens escrupulos tu, que conheces a falsa posição, em que estou collocado, não tens escrupulos de me exigir um semelhante desprezo de mim e das minhas coisas? Quererias abrir azo a que o quasi simples beneplacito de um meirinho, emissario detestavel de más novas, fosse sufficiente para introduzir a sua alta dignidade por minha casa dentro no farejo d'uma gorda penhora?

— Tens razão; murmuro eu desalentado como ferido na ultima esperanza.

E, cobrindo o chapéo, dirigi-me bruscamente para a escada. Lucio correu em meu seguimento.

— Marianno!

— Adeos! Assusta-me o lamentoso caso, que figuraste. Não quero em almoeda as tuas alfaias ricas.

— Escuta, criança... Sou teu amigo, e pesa-me que vás assim com o semblante retalhado de mãos presagios.

— Presagios, que não se amollecem na agoa chilra da tua impertinente rhetorica, devolvi com reprehensivel rudeza.

— Quem sabe? Experimentemos...

— Não me opponho.

— Tenho um amigo...

— Sem rodeios.

— Tenho um amigo, que no breve decurso de alguns mezes me confiou sommas extraordinarias sem outro titulo de segurança alem da minha palavra, que para a

sua boa fé é garantia mais que sufficiente. Ha pouco, porem, me prevenio elle de certa crise pecuniaria, que vae atravessando, e fez-me sentir com exquisita delicadeza, bem significativa comtudo...

— Entendo.

— Ora avalia se seria religioso o dever que me impuz de ser pontual no pagamento. Privar-me-hia antes de tudo, sem exclusão das vestes que aqui me vês, do que quebrantaria a promessa, que tacitamente lhe fiz.

— Em conclusão?

— Irei fallar ao homem; contar-lhe-hei a tua historia, e, se o resolver, como cuido, a uma espera razoavel, é teu o...

— O dinheiro?!

— Sim.

Lancei-me alvoroçado nos braços de Lucio. Abraçei-o, similhando o aspide, que se insinua brando no seio compassivo, que o aviventa, para n'elle depositar a venenosa semente.

Era um abraço de Judas.

— Aceito, exclamo. É muito nobre a offerta para ser rejeitada. Vae, então vae sem demora. Que se aplaque quanto antes esta fome de Ugolino.

— Nada de pressas inuteis. O meu amigo vive no povoado alem da montanha, a duas legoas...

— Quem é?

— P. Vassal.

— Oh! É um nome, que vale uma redempção.



— É homem laborioso, como sabes; sem paradeiro certo em quanto o requisitam as azafamas do campo. Por mim não conto gabar-me de ir dar com elle a hora tão mal escolhida. Voto que vamos refazer-nos, dormindo, dos estragos da noite, que ao descahir da tarde te prometto arvorar-me em paladino dos teus interesses. Sou forte na diplomacia d'estas negociações. Descança. Antes da meia noite serei contigo.

— Virás como um duende.

— De certo, pela meia noite.

— E has-de atravessar a montanha?

— Que remedio!

— Sem companhia?

— Certamente.

— Porem, se voltas com o dinheiro?

— Abraçar-me-has.

— Não receias salteadores?

— Criança!

— Ha-os aqui como em toda a parte. Às vezes bem perto de nós...

— Com que ares o dizes! Ha-os principalmente nos contos á lareira, quando são destemperados do adubo do senso commum.

— O caso não é de riso.

— Deixa o caso por minha conta.

Separámo-nos.

Entrei no meu quarto cambaleante como um ebrio. E, convulso e nervoso até ao refinamento, dirigi-me

para um espelho curioso de julgar do modo por que as nocivas impressões d'uma noite tormentosa transparecem nos traços da physionomia.

Toldou-se com a minha imagem a limpida superficie do crystal. Inclinei-me sobré ella, observando a alteração de cada lineamento ou parte caracteristica com a minudencia inspirada do augur da antiguidade, quando revolia as entranhas quentes das victimas para lhes arrancar segredos do futuro.

Alguma coisa me dizia que estava alli ferretado um terrivel destino. E estava.

Na vista torva, na vincada fronte, na terrea amarelidão da tez, no franzir dos labios, nisso em fim, que para um extranho poderia significar, quando muito, aturada effervescencia de cognak nos intestinos irritados, indigestão de aguardente com seu supplemento de fumo de máo tabaco, luxuria exhausta e insomnia, ou coisa assim; nisso, que, a fallar verdade, era pouco de espantar, percebia eu, não sei por que mysteriosa intuição, um como retabulo de morte, arreigado presentimento de crimes.

### III

Tremendo de frio, cruciado pela hydra invencivel de enormissimos cuidados, atirei-me, vestido como estava, para cima do leito, antes para refrigerar a atufada in-

paciência, que, crescendo de ponto, me erguia ao apogeu das amarguras, do que para desafiar as blandicias suaves do somnifero deos.

O somno em taes condições não passa d'uma chimera, de um vão desejo.

Levei todo o dia absorto ora na pendula, ora no quadrante do relógio, evadindo-me a interrogações impertinentes, e repellindo os alimentos com que a afanosa complacencia de minha mãe estimulava meus desvanecidos appetites. A noite, a noite auspiciosa e cheia de promessas de bonança, cifrava os meus mais caros anhelos.

Ella me promettia Lucio alegre d'essa alegria franca, que é um prenuncio de boa nova.

Digo de boa nova, porque passava em proverbio a generosidade de P. Vassal. Era elle a philanthropia estreme, encadernada, de mais a mais, em fidalga adipsidade. Lucio não voltaria de escarcella vazia. Não, porque seria um milagre.

Mas, que regressasse carregado como o camêlo de um nabab?

Aqui despontam novas ponderosas difficuldades.

Por que forma pagar tão avultados cabedaes, fosse qual fosse o prazo, que me concedessem para os grangear? Não era certo que, se me não faltavam vantagens e distincções, que bem aproveitadas emprehenderiam a provavel conquista de jardins de Hesperides, se lhes contrapunham todavia a lembrança assustadora de

trabalho, com o qual eu andava em rancoroso divórcio?

De meu pai que tinha a esperar?

Esmagado de desgostos, ferido de contratempos, atraído em suas relações de commercio, estrebuxava entre a *banca-rotta* e o ultimo bruxolear da honra em paroxismos.

Que cauterio applicar á cancerosa pustula? Que philtros inventar? Como despregar-me d'esta cruz dolorosa?

Esgotara as potencias da imaginação exacerbada; e ella em suas malignas suggestões, só me deixava livre escolha entre puerilidades insignificantes, e exacrandas torpezas.

Neste estado de coisas, quem hesitou jámais?

Lucio havia de atravessar a montanha, só, incauto, velado pela escuridão da noite, vergando ao peso do dinheiro...

Que infernal idea!

Mas quem não affronta a infamia, para se remir d'essa outra infamia, que o universo enojado cospe nas lividas faces da pobreza?

Decidi. Era mortal a enfermidade. Appellava para um remedio heroico.

Ergui-me de golpe com um plano formado. Fora demorada a incubação, mas lograva vingar glorioso, entrajado nas vestes amaldiçoadas do homicidio. Era um plano, cuja simples concepção valia um opprobrio,

e cuja cobarde execução não obteria nome em lingua de homens.

Que me importava ? Eu tinha uma idea só a arder-me no craneo, uma idea fixa, um principio de demencia.

Nove horas.

Era tempo de cumprir-se a fatidica sina.

Lá fóra desprendia a tempestade as borrascosas azás pelo entenebrecido espaço. Espessa saraivada fustigava impetuosa as minhas vidraças. O céu abrazava-se em clarões ephemeros. E a terra revolvia-se açoutada pelos impetos recrudescentes de successivos furacões. A immobilidade sombria das cathedraes antigas, dos torrões conicos de mourisca fabrica, dos zimbórios dos edificios circulares e colossaes, illuminada a espaços pelas phosphorencias pallidas dos relampagos, dava ao espectaculo um lugubre character. Dir-se-hia que o abysmo vomitara legiões de demonios, que ameaçavam este nosso acanhado canto de mundo com um formidavel torvelinho, reduzindo-o a arena de vertiginosas choreas.

Era uma tempestade, d'essas tempestades impossiveis, sopradas a capricho para darem realce ás tragicas narrações.

O rei Lear, esse louco extraordinario e sublime, perderia a melhor parte da sua imponente magestade sem a furia desesperada dos elementos, que o fulmina na floresta, arrancando-lhe espantosas invectivas contra o mundo, contra os infernos e contra os céos.

Eu, que ardo por me collocar fóra da orbita ordi-

naria, não dispensaria na mais terrível excursão da minha vida o fogo dos raios para me allumiar o caminho, e o estourar dos trovões para suffocar o estrepito dos meus passos.

Feitos os aprestos, que julguei necesarios, sahi com a rapidez do pensamento.

Indifferente a quanto me cercava, só submerso nas ideas perfidas, que levedavam em meu animo, sem ver, sem ouvir, quasi inconsciente caminhava como um somnambulo. Apenas, ao passar algumas ruas, por cima dos clamores do vendaval me estrugia aos ouvidos, de longe em longe, como uma risada blasphema o alarido despejado da embriaguez, que transpirava do fundo de becos fetidos e de casas de equivocac industrias.

Mas breve toquei nas abas da montanha, onde já não chegavam esses estouvados ruidos.

Lancei em volta de mim rapida vista, e quasi me senti enfraquecer. Achava-me completamente só, em face d'uma natureza agreste, debaixo de um céu iroso, e com a alma cheia de projectos de sangue. Horrificado de me ver alli, tão perto do crime, tive medo de mim proprio, chegando a imaginar que o meu corpo, este corpo que eu palpava, e que eu sentia, era propriedade de outro dono.

Foi um momento lucido.

Novamente endurecido tomei por uma vereda pouco frequentada, vadeei uma escura torrente, e perdi-me nas erriçadas penedias, transpondo torrentes e vallados,

rasgando as carnes nos densos sarçaes e nas protuberancias dos granitos sem topar com embaraços no difficuloso transito. As urzes estalavam debaixo dos meus pés. Os pinçaros, só accessiveis ao vôo triumphante das aguias, pareciam acurvar-se humilhados em comoros de verdurá. As escarpas dos precipicios, como os cor-rêgos dos montes, tambem me abriam passo franco. E cada nova barreira a transpôr, novos alentos me insullava.

A velocidade de meus movimentos, meu vulto incitado como pela febre d'uma doença vertiginosa, a cadencia monotona de meus passos, e a segurança milagrosa, com que me firmava no chão pedregoso e resvaladio, davam-me por certo o toque phantastico de visão extravagante de um delirio, ou de infeliz estranhamente arrebatado da ancia tenaz de mortal hydrophobia. Dir-me-hiam levado de um turbilhão maligno, como se o genio do mal, segundo a decencia pede que se chame ao cão tihoso, me coadjuvasse mediante um pacto execravel.

Um amator de legendas, que me visse passar auréolado pela luz sinistra dos relampagos, jurara, invocando o inferno, que vira com os espantadiços olhos da cara o judeu errante. Um bardo desgrenhado e imaginoso, livre no idear, como são livres os pintarroxos, e os melros, e os rouxinoes da deveza, e as vozes do infinito, e os mares, sem temer conspurcar a minha senatoria gravidade e meus melindres bem entendidos, comparar-me-hia, em

virtude d'essa liberdade, a um cavallo abyssinio, que passa no deserto, desdenhando oceanos de areia e ameaços do *simoun*. Um sabio ou um jornalista, um homem de alma ou um agiota não se ergueriam a menor altura.

Lembra-me o caso do Evangelho, em que o espirito immundo, afugentado dos energumenos pelo sagrado esconjuro de Jesus, se catrafilou nos pobres cegos, que se apascentavam no monte vizinho, levando-os de roldão, pendor abaixo, até os afundar nas salgadas aguas. Lembra-me, porque a vertigem, que me arrasava, era nem mais nem menos a de um cerdo do Evangelho, a despeito de bardos, de legendarios, de sabios e tudo.

Levava na alma a blasphemia, e na horrenda catadura o desafio.

Que se convertesse cada folha silvestre em reservatorio de chuvas para se rasgar na minha passagem; que se esphacelasse o globo em terremotos; que do alto cahissem raios, como trasborda champagne d'uma garrafa feita estilhaços pelo expansivo impulso do licôr!

As peças da minha armadura saíram temperadas de forja nigromantica. Resistiram ás iras das potencias superiores como aos turbilhões de fluidificada lava ejaculados de mil crateras.

Meu bordão de peregrino era o lustroso canno d'uma clavina americana. E tinha a aza invulneravel de Satanaz como seguro palladium.



## IV

Parei em fim no viso d'um rochedo á borda do caminho.

Uma refega do sul trouxe arrastado o som plangitivo de um relógio. Contei dez horas.

Chegara a tempo de consummar o attentado. O diabo esfrega a cauda de contente.

Alongara-me da cidade meia legoa ao norte. Era aquelle o sitio mais agreste e temeroso da montanha.

Cruzam-sé em varios sentidos pedregosos carreiros, que apparecem e desaparecem como serpeando por entre penhascos enormes e irregulares, os quaes apparentam ameaçar a eternidade como titans em competencia com os deoses. Algumas raras arvores, pobres de seiva e de vigor, enraizando-se nas fendas dos fragedos neste momento clareados pelos relampagos, erguem para as nuvens os braços estereis, ou se inclinam sobre as gargantas fundas, onde se despenham mugidoras torrentes.

Era o imperio das trevas. Sómente, alem da luz resultante da combinação das duas oppostas electricidades, resplandeciam ao longe, nas aldeias, rapidos luzeiros como phosphorescencia de brejos.

Eu era a alma da sombria paisagem.

Em pé, no ponto culminante d'este logar sinistro

como que votado ao crime, com os cabellos fluctuantes e postura feroz esteiava-me á certa clavina, que transluzia pela abertura do meu capote.

A paisagem offerencia uma perspectiva digna do magistral pincel de Salvador Rosa. Era sombria como a ordinaria inspiração do aventureiro companheiro de Masaniello.

Decorreu mais de meia hora. Por cima dos fragores da borrasca resoou então o trotar longinquo e cerrado de um cavallo.

Devia ser o cavallo, que Lucio costumava arriscar nas digressões d'este genero.

Não podia estar distante o meu intrepido e dedicado amigo.

A taes deshoras, numa tal noite, e em tal sitio, quem passaria senão elle?

Todos dizem que facilmente nos convencemos do que desejamos. É certo. Assim me pareceu infallivel o raciocinio.

Sem mais reflexão escondi-me na concavidade de um penhasco.

O ruido augmentava. Já se ouvia distincto.

Armei a clavina.

E esperei acurvado, attento e vigilante como o leopardo, quando de entre a espessura dos bambús espreita, aguçando as preas, o despercebido viajante.

Em trances como este não ha coração diamantino, que deixe de macerar-se nas prisões, que o reprimem.

A mão tremia-me no canno da claviña. E eu não desejava senão vel-a paralyzada, como meio de desmanchar o diabolico encanto, que, a meu pesar, me perdia.

Esperei ainda.

Começava a descobrir-se por entre as rachiticas arvores a sombra de um cavalleiro, que veloz se aproximava do meu covil. Já vinha perto, a tiro de espingarda.

Quanto dera eu para que a terra me tragasse, fendendo-se em abysmos, ou para que me arrancasse pelos cabellos mão caridosa a este sangrento destino!

Estava feita a pontaria. A vida de um homem pendia d'uma inspiração momentanea. Quiz ainda arrostar com a sorte. Mas é forçoso que nos conflictos entre o mal e o bem prepondere o mal, porque fui vencido. Desfechei.

Reboou formidavel a detonação de um tiro nas quebradas e nas gargantas da cordilheira, acordando os echos distantes, e assanhando nos casões da encosta e nas aldeias do valle o latir confuso dos rafeiros.

O baque de um corpo, e em seguida o nitrir assustado do cavallo, que sem dono se precipitou no mais espesso das brenhas, perderam-se nos ares.

Lancei-me então como um chacal sobre o cadaver. Arranquei-lhe uma bolsa, que pelo volume e peso devia encerrar grossas quantias, e fugi com ligeireza de gamo perseguido, num estado de espanto e de alegria, que com mais acerto chamara desvairamento.

Apenas no meu quarto, fechei com precaução a porta, aticei a lampada, e, apertando nos dedos regelados a bolsa roubada, contemplei-a enlevado e amoroso no antegosto d'uma plena saciedade de dinheiro.

Nada m'è convenceria de que não sobrava alli cabedal com que comprar a mais retrahida virgindade. E todavia faltava-me animo para desatar os enroscados cordões. Temia uma desillusão.

Como um facinora endurecido e incuravel não via no objecto das minhas alegrias o terrivel documento da mais negra das perfidias. Mas a Providencia não é um sonho de poetas. Aquelle supposto talisman era já um principio de castigo.

Despedacei a final os cordões, certo de que da bolsa saltariam ondas do brilhante metal, idolo em cujo holocausto tanto sangue humano se derrama. Pintava-me o desejo em seus exaggerados coloridos as profusas grandezas de um conto das *mil e uma noites*.

Sofrego, mergulho a mão na bolsa, como um galan venturoso no perfumado seio da amante. Mas, como se me picara um escorpião, retiro-a apressado e convulso.

Cobrio-se o tapete de informes moedas de cobre, mescladas com outras de prata, raras e de pouca valia.

Á similhaça dos encantados thesoiros, que medram nas lendas maravilhosas do povo, os quaes, em quanto o diabo esfrega um olho, se reduzem a carvão pela influencia de invisiveis espiritos, transmutaram-se em cobre vil as minhas almejadadas riquezas!

Não soube aparar o golpe. Deu-me em cheio no coração.

Um assassinio para obter aquillo!

Cahi e rolei no pavimento como assombrado do raio. Rugi como fera apanhada no laço. Não tive caridade comigo. Retirei da cabeça as mãos cheias de cabellos arrancados pela ensanguentada raiz. Macerei o corpo em evoluções de energumeno, em esgares phreneticos, com ranger de dentes e espumar de raiva. Quebrantado emfim lancei-me desatinado sobre o leito, e desatei num doloroso e amargurado choro.

Fez-se o milagre da rocha de Horeb. Era um coração de rocha, que chorava.

Lembrei-me então de Lucio, d'esse amigo generoso e dedicado, que nada poupava para me curar d'uma tristeza, e experimentei o pungir do remorso no seu corrosivo travor.

Ai, se eu pudesse restituir-lhe a vida, estreital-o ao peito, e chorar com elle!... Matara-o. Eu, assassino?! Como acreditar-o? Seria sonho?... Esta cabeça, este peito, esta razão, este sentir seriam os meus? Quem era eu? Marianno? Eu era Marianno?! Quando me conheceu alguém uma indole perversa, uma educação irreligiosa, uma instrucção descurada? Como se explica a perpetração d'esse monstruoso attentado? Não, não fui, não podia ser eu o assassino. Homem novo, de cabellos loiros e virgineos labios, estimado dos velhos, festejado entre os moços, e perigoso ás mulheres, no-

bre com todos os nobres sentimentos dos vinte annos, que havia de commum entre mim e um impio scelerado?

Que havia de commum?! O coral desbotara em meus labios ao bafo carbonisador das vulcanicas paixões de algumas horas; meus cabellos loiros, como animados de vida propria, erriçavam-se em serpentes; a doçura de meus olhos submergia-se nas inchadas palpebras; e as louçainhas parisienses dos meus vestidos enxovalharam-se no lodo das encruzilhadas.

Onde estava a gentil feição da minha mocidade?

Eu! onde estava eu?!

Via-me como em visão de lanterna magica dividido em dous seres distinctos: aqui cercado da aureola rosicler do justo, alem afundado na sordida escuridão do reprobado; crente e feliz aqui, blasphemo e maldito acolá; contra este movia-me severo rancor, aquelle arrancava-me lagrimas de piedade.

Estes dous seres, confundiam-se, combinavam-se e separavam-se para tornar a confundir-se como numa dança louca de feiticeiras. Era uma visão afflictiva, que se repetia numa especie de tresloucamento morbido.

O estourar sobranceiro de um medonho trovão distrahiu-me do desatino em que ia fundeando. Concheguei a roupa a meu corpo ainda molhado da chuva, e pensei compungido na existencia de um Deos, que era Pae e Misericordioso, e que me estava vendo das alturas sem misericordia, ou sem omnipotencia.

Rebentaram-me as lagrimas. O céu porem foi com-

passivo. Se me não deu uma irmã sensível, ou uma formosa amante, que corresse a enxugar-m'as, dardejou uma faisca, que, penetrando em fugaz lampejo pelos interstícios da janella, azulejou singularmente o recinto, traçando um sulco de fogo, que me crestou a fronte.

Crepitou a lampada derramando faúlas inflammadas. E o relógio, posto no friso do fogão, fez ouvir o surdo ruido precursor das horas.

Ia bater meia noute.

Mas á primeira martellada cahiu a pendula no chão com sêcco estalido.

A hastea, que a suspendia, rebentara como bordão de lyra sob os dedos de um Orpheu invisível.

Acocorei-me attonito no leito. E começaram os objectos a ganhar todas as formas e proporções, que lhes dava a minha vehemente turbação. Ora cresciam, ora diminuiam de volume. Torneavam-se em estatuas, achatavam-se em sarcophagos, erguiam-se em pyramides, fundiam-se em epitaphios, amontoavam-se em ossadas. O meu estreito quarto dava o funebre aspecto de uma vasta crypta, angulosa e negra, cheia dos segredos de muitas gerações.

Recrudescia a extravagancia visionaria, quando rapido soam trez pancadas na porta. Limpei o suor, bem-dizendo o soccorro, qualquer que fosse, que tanto a proposito chegava. Sem necessidade de deixar o meu logar tirei dos cordões de seda, que prendiam á aldrava, e a porta abriu-se.

Escuridão.

Os lustrosos alizares da porta constituíam como que uma grande moldura. Era uma moldura vazia, sem painel. Mas não o foi muito tempo. Breve se desenharam n'aquelle fundo negro as formas fatidicas de um homem pallido e silencioso como o heroe de uma balada.

Reconheci-o, e puz-me em pé num movimento de inexprimivel assombro.

— Lucio! grito, estendendo as mãos em acção de repellir o phantasma.

Depois fiquei petrificado como se tivera dado de frente com a horrenda cabeça de Medusa.

## V

Lucio conservou-se alguns poucos minutos n'aquella immobilidade de rocha, como em muda e pasmada interrogação.

Depois dirigio-se para mim, exclamando com alegria temperada com o seu tanto de exprobrador entôno:

— Que é isto, Marianno?! Recebes-me em afflictivo sobresalto, quando me sobravam direitos a ser festejado com expansão d'alma, coração e braços abertos? Estou capaz de ir jurar que andas apostado em fazer-me perder a tramontana.



Ouvi as palavras, mas sem lhe ligar sentido. Fiquei inerte. Lucio prosegue, apoz breve expectativa, em tom de surpresa crescente, e não sem algum sal de ironia:

— Se tal é o salario, com que reconheces os meus serviços, confesso que fico ainda devedor. Mas tu estás abatido! Ora vamos, nada de desfallecimentos de menina mimosa. Um homem lucha peito a peito com a dureza de todas as adversidades conspiradas, e passa por cima d'ellas triumphante. Emmudeceste?! Decididamente perdeste a voz. Pois juro que hei de curarte. Trago aqui a medicina nas algibeiras.

E fez retinir o ouro, que as pren hava.

Estremeci tocado da magia do som. Olhei-o desvaivado, e acordei então do lethargo.

— D'onde vens? perguntei.

— Do inferno.

— Do inferno!

— Está visto.

— Jesus!

— Ah! ah!

— Vae-te!...

— Que me vá! Pobre rapaz! Deliras? Que me vá! Que pavor é esse, Marianno? Que ha em mim de tão notavelmente feroz e extraordinario que cause susto? Não sou eu o teu amigo? Não sou eu quem por ti, por tua causa, se enovelou de bom grado na lava torrencial de abrazados torvelinhos?

— Vae-te, vae-te!

— Repelles o sacrificio depois de conduzida a rêz?...

— Perdoa, Lucio, perdoa-me. Tinha as faculdades perdidas. Eu sou innocente. Deos sabe que sou innocente. Deos sabe da compunção profunda com que me arrependi.

— Que dizes!

— Algum maleficio me dominou. Por duas vezes quiz quebrar nas rochas a clavina para me furtar ao labéo do assassinio. Não pude.

— Que significa isso? Que estás ahi a dizer, desgraçado? brada Lucio no fervor de atroz desconfiança, attentando só agora para o que em mim transparecia de muito sinistro.

Senti na cara superabundancia de calor. Cresci para Lucio, e travando-lhe do braço:

— Estás vivo! exclamei de impeto, não pouco corrido da simpleza e ingenua credulidade, que ao primeiro relance manifestara, suppondo-me face a face com maravilhosa apparição.

Lucio recuou indeciso e perplexo. Aquella minha exclamação desvairada, e tão contraria á razão, convenceu-o totalmente de que não era infundada a aterroradora suspeita, que começara de conceber.

— Pobre amigo! murmura consternado.

Humilhou-me o dolorido lamento; e mais que muito envergonhado empreguei o meu empenho em lhe desvanecer o conceito, que, diga-se a verdade, nada me lisongeava.

— Não estranhes, disse. Á tua chegada acordei de um desagradavel sonho, d'uma especie de pesadelo em que te via ensanguentado, e envolvido n'uma mortalha. Estava meio dormente. Tive medo. Disseste que vinhas...

— Do inferno? Ah! ah!

— O inferno é uma pifia imaginação. Tem a sua existencia no mundo das chimeras. Porem...

— Bem sei. Ha momentos em que, sem critica, se acceita qualquer descarnado absurdo. Deverás de convir todayia que atravessar a montanha ao sopro temeroso da tempestade, por entre crebras faiscas e trovões mugidores, vale pelo menos tanto como atravessar os fumegantes dominios de Satan, como quer que a padraria os pinte. Ora, ainda bem que aqui estou, salvo melhor juizo, em corpo e alma.

— Chegas n'este momento?

— Aviei com rapidez o negocio. Ás dez horas já eu estava á tua porta. Tinhas saído ninguem sabia para onde. É esta a terceira vez que venho procurar-te. Porque paragens tens andado divertido?

— Eu?... Andava... Tinha lume na cabeça, fui apagal-o num banho de chuva.

— Geitosa extravagancia. Merece ser coroada por uma qualquer doença mais geitosa ainda. Ahi estás tu todo molhado, segundo se me afigura. Estás de certo. Ninguem atina como teu pai, quando assegura que nunca te verá em maré de juizo. A proposito, ainda não veio teu pai?

— Não sei d'elle.

— Fui encontral-o, alizando contas com... Adivinha.

— Em tu o declarando.

— Com o homem de mais honrada estofa, que engorda n'este globo sovina. Adivinha.

— Pelos modos...

— Quem é ?

— Sou eu.

— Bem respondido, e mal acertado. Applaudo o humorismo, sem deixar de reprovar a presumpção. O que algum sainete lhe dá é a frouxeza ou desleixo de puro enfado com que o dizes. P. Vassal...

— Foi em casa d'elle que ?...

— Exactamente.

— Meu pai !

— Socega. P. Vassal é discreto.

— Meu pai ! repeti entre mim alanceado por uma terrível idea.

— Dei-me ao diabo, continuou Lucio, para o reduzir a acompanhar-me. Foi malhar em ferro frio. Lobrigou aprestos de guerra nas alturas e tornou-se inabalavel, pretextando que a velhice bem como um tronco caduco e secco provoca naturalmente a combustão, e que estava elle muito velho para que o fogo do ceo deixasse de o cubiçar. Com esta e outras quejandas razões de armar á hilaridade se foi deixando ficar á lareira até ver se lá nos estados superiores descobria annuncios de paz. Eu que ardia por vir, quanto antes,

desprender-te da tortura, puz-me a caminho sem mais esperar companhia.

Travara-se dentro em mim um acerrimo conflicto de receios e oppressões acima de toda a narração. Um cadaver ficára na montanha. E esse podia ser o cadaver de meu pai!

Oh Shakespeare, empresta-me a irresistivel torrente de tuas estupendas imprecações!

Despertou-me da syncope mortal, que todo me tomara, o som metallico do dinheiro, que Lucio encastellava sobre o bofete.

Tão grata melodia, á similhaça das encantadas musicas de Orpheu, animando as penhas e os arvoredos, fez estremecer vivificante humor em meu corpo exanime.

Minhas pupillas irradiaram flammæ, e minhas mãos recurvaram-se em garras de aguia.

Dei dois passos em frente, e encarei em Lucio ameaçador, e com ademanes de alvar provocação.

Era uma metamorphose.

Já me não lembrava meu pai.

Vivo ou morto, que importava?

Ouro! ouro! Estava o bofete refulgindo com montões de libras. Apossei-me rudemente d'ellas como cão invejoso, que receia lhe venham disputar algum quinhão do objecto apprehendido; e, recheando as algibeiras, olhei de soslaio em clara desconfiança para Lucio, que, estupificado, nem sabia dar credito ao que estava vendo.

Concluída a operação respirei com desafogo, tomei o chapéo, e fiz menção de sahir.

Era sordido aquillo.

— Marianno! clama Lucio, que comedia me vaes dar em espectaculo? Ensandeceste?

— Talvez.

— Como justificarás similhante desatino?

— Direi que ensandeci.

— Não mentirás.

— Pois sim, mas não malbaratemos palavras em assumptos de ronqueira esphera. Comprehendes? Vou sahir.

— Ás mil maravilhas! E convidas-me a caminhar na vanguarda...

— É o posto dos valentes.

— Obrigado, muito obrigado. Por essa forma se procede com um lacao.

— Folgo de encontrar em ti agudeza nada commum em esconsos entendimentos. Empallideces? Ha de ser de frio. Oh! o passeio é o antidoto do frio.

— Não é de frio, é de vergonha, clama Lucio livido de justa indignação, é de vergonha por ti, que me insultas, quando deveras humilhar-te a meus pés como o mendigo aos pés do philanthropo, que lhe sepulta a fome no melhor prato da sua mesa, e o dessedenta no proprio copo, destinado ás mais generosas bebidas.

— Basta de sermão. Longe vem a quaresma.

— Nauseias-me.

— Não duvido. Mas... pelo diabo! não me apures a paciencia.

— Basta. Ouve ao menos as clausulas do contracto.

— Amanhan.

— É forçoso...

— Voltarás ámanhan.

E fui-o empurrando para a escada, onde o deixei aniquilado, sem fio de Ariadna, que o tirasse do labyrintho.

« Era la hora en que acaso  
 Temerosas voces suenan  
 Informes, en que se escuchan  
 Tácitas pisadas huecas,  
 Y pavorosas fantasmas  
 Entre las densas tinieblas  
 Vagan, y aullan los perros  
 Amedrentados al verlas »

como diz Espronceda alli pelo começo do seu *Estudiante de Salamanca*, que muito a pello veio de economisar á minha gasta paleta o colorido desbotado de mais uma insulsa e fastienta descripção.

Tendo trilhado a rampa de uma rua escusa, fora-me postar em face de uma casa de regular aspecto, cujas vidraças do superior andar estavam ainda coradas por luz emanada de dentro. Era alli o valhacouto dos jogadores de estrondo. Tirei da campainha, e, trocada a senha, rangeo a porta nos duros quicios, e eu fui introduzido.

Na amplidão da sala ardia apenas um candelabro, que descrevia limitado circulo de luz. O fumo denso dos cachimbos entenebrecia e viciava o ambiente. Não foi sem custo que distingui feições conhecidas.

No topo da mesa notei um personagem mais que muito mysterioso. Era o banqueiro.

A golla erguida de um grosso capote escondia-lhe meio rosto, desaparecendo totalmente a outra metade nas abas negras de um derrubado feltro. As sombras da afumada quadra concorriam para lhe favorecer o incognito. E, com effeito, baldavam-se todas as curiosidades, que não havia alli quem podesse nomeal-o.

Sentara-se á banca ao bater da meia noite e nem uma syllaba proferira. Quadruplicaram, num fulgir de relampago, os capitaes, que arriscara, sem que se des-tribasse da primitiva impassibilidade.

Á minha approximação parece que lhe fuzilaram dos olhos dous ephemeros raios luminosos, e que lhe estalou o peito com um gemido surdo. Se foi certo não assevero. Alguem todavia m'ó asseverou com espanto.

O dinheiro fornecido por Lucio, á similhaça da lenha, que aviventa o brazido quasi apagado, exacerbou-me terrivelmente a febre, febre do jogo, sede de mais dinheiro.

Joguei, joguei phrenetico, joguei com raiva, joguei sempre. E ganhei, se não bastante para me saciar a avidez, ao menos para excitar a minha miseravel so-freguidão.



Por acaso porem, ao recolher uma opulenta somma, rocei com a mão na mão do desconhecido banqueiro. Pareceu-me inteiriçada, sem articulações, gelada, como a mão insensível de um finado.

Em má hora foi.

Desde então escaceou a munificencia da sorte.

A roda caprichosa da fortuna como que se esmagou contra' o meu rosto, saltando fóra dos esmigalhados eixos.

Fatidico contacto aquelle !

## VI

.....  
.....  
Perdoem-me as reticencias.

Que se incumbam ellas de significar o que toda a minha rhetorica não exporia nos rodeios e nas sinuosidades de um retesado discurso.

As reticencias-têm, em repetidos casos, d'estes privilegios, e não poucas vezes se ostentam prenhadas de calculada eloquencia.

Oxalá que muitos oradores illustres, principalmente politicos, d'esses, que vivazes tresandam em nossas terras, soubessem dar-lhes o devido preço, usando-as sempre que dos inchados gorgomilos quizessem ejacular

sermões portentosos. Seria uma convincente rasão de tino e senso.

Ora as presentes reticencias tendem a significar que, saldas as contas, rasteei nos lamaças 'da indigencia como um paria infeliz, para não dizer como Job, que, em materia de comparações, cahiu decrepito sob a profanação do vulgo.

Repare-se que fallo *ex cathedra*. Eu não pertença ao vulgo.

Era de esperar que esta segunda cruelissima perda, mil vezes mais gravosa do que a primeira, me esmagasse de uma vez para sempre.

Pois não. O africano affeito ao azorrague soffre-o quasi indifferente. A alma tambem cria seu callo para oppor ao açoute desapiedado do infortunio.

Á maneira do arbusto delicado e exotico, que, transplantado para um clima pobre das doçuras do seu clima nativo, se resiste aos gelos da primeira invernia, corroborado depois, affronta incolume as mais rudes provas, sem que baja vendaval calamitoso, que o arranque do torrão ingrato a que se affeiçoou; eu tambem, fulminado por multiplos e encontrados azares, cada um dos quaes só de si capaz de produzir mil apoplexias, de tal geito me familiarisara com a adversidade, que vivia nella como no fogo a salamandra dos poetas.

Não me punham dores agudas. Resvalara numa insensibilidade attonica, que moveria pena em quem me visse.

Approxima-se o dia. A sala estava quasi evacuada. Mas eu permanecia amarrado ao poste do meu supplicio.

Que rumo a seguir, que horisonte a desencantar? Que esperanças em perspectiva? Nada. O vacuo.

Que palavra!

Enlanguescia-me esta indiferença torporosa em quanto no extremo da mesa o mysterioso banqueiro, com summa quietação e placidez afundava nas enormes algibeiras o meu perdido dinheiro, e o dinheiro de tantos outros miseraveis.

— Cavalheiro, lhe disse eu ao acaso, tolere que d'aqui o felicite. Apesar do favor divino não alcançara mais o rei Midas em tão curto espaço.

Não respondeu. Eu julguei ver-lhe rolar nas palpebras, como de pedra, dous carvões accesos.

— O possuidor, continuei acerando o motejo, o possuidor d'esses graudos cabedaes injuria a sociedade se se furta a que o reconheçam e o adulem. Nelles leva um brasão de nobreza, sangue de reis, titulos de honradez e virtude, a chave de todos os santuarios, tudo. Por um impulso tacito, mas unanime, voltámos á idolatria. O dinheiro é o idolo. E aquelle, que o possui, acatado como um templo, como um altar. E é nos templos, sobre os altares que recendem os incensos dos thuribularios. Obtenha-se ouro, pela infamia, pelo crime, mas obtenha-se, e está feita a conquista do Pantheon.

— Pela infamia! pelo crime? inquirio o desconhecido com voz sumida, branda e quasi imperceptivel,

que fazia lembrar o lugubre gemer do vento na ramagem de pinheiral longinquo.

— Sem duvida, acudi perturbado por um arripio desanimador.

— Obtenha-se, embora seja com garra ensanguentada de abutre? Pela rapina?

— Sem duvida.

— Mesmo á custa do assassinio?

— Ainda assim.

— Á custa do assassinio perpetrado á traição, no retiro das montanhas?

Balbuciei. Elle continuou, inflexivel como um carasco, no mesmo plangitivo tom:

— Ainda que se atire o golpe ao peito de um amigo leal, de um?...

Era bem clara a allusão. Vinha hervada a setta. Corri para elle, gritando:

— Quem és tu? quem és tu?!

Afastou-se alguns passos, tirou o feltro, e derrubou a golla do grosseiro capote.

Maldição!

Era meu pai.

Não lhe vi mover os labios, mas percebi que me chamava — parricida.

— Pai! meu pai!...

Eu estava de joelhos.

Impoz-me silencio com affabilidade sinistra. E, afastando as brancas melenas, retintas em sangue coagu-

lado e negro, deixou patente uma ferida, que se perdia no interior do craneo.

Aquella vista lastimosa fez-me vibrar ainda uma fibra ingnorada.

Espedaçava-se-me o peito com amarguradissimos soluços, e rebentavam-me dos olhos copiosas lagrimas de afflicção acerba.

Meu pai poz-se a rir com um rir diabolico, repassado de agonia.

— Pobre filho! profere elle na toada gemedora de uma dor abafada, que espontanea resumbra, pobre filho! Não concebias lavar com prantó o estigma do peccado. Nодоas d'essas vão além da epiderme. Empestam o sangue, e putrificam o coração. As agoas purificadoras do Jordão, se nellas as fores lavar, verás que, toldadas, hão de perder as tradicionaes virtudes. Ergue-te d'ahi com todo o orgulho do inferno, e ri comigo o rir doloroso do precito. Mataste-me! Mataste-me, como a vibora, que corroe as entranhas, em que prelibou a existencia, para se esconder na terra, ou andar sobre ella de rastos; e morri impenitente, meu pobre Marianno!... O abysmo! Sabes tu o que é o abysmo? Oh desgraçado! desgraçado!

E tornou a rir.

— Meu Deos!

— Deixa em paz esse nome. Deixa a tyrannia nas pompas da sua immensidade, e não a invoques em balde. Que ha de commum entre o Supremo Monarcha

e o cão, que fallece no esterquilínio das ruas? Sê tu o teu deos, implora ás forças da tua vontade, e sê immenso ao menos no orgulho.

Cortou-lhe a palavra um suspiro espedaçado, que o fez tremer como treme fustigada do vento uma corda frouxa de alaúde.

E, encolhendo-se nas vestes enlameadas e descompostas, continuou em tom cada vez mais mavioso, mais subtil, mais esmorecido e lugubre: dir-se-hia pranteio, como que de moira cativa e amorosa, reflectido das brizas nas folhas seccas do outono:

— Meu pobre filho! Marianno! Adeos! Ouço o canto matutino dos gallos. A luz branca do dia não a sofrem meus olhos. Tenho somno. São horas de repouso, Adeos!

Caminhou para a porta estonteado e somnolento. Mas parou no limiar, levando as mãos ás algibeiras e circumvagando com a vista desconfiada e receiosa.

— Insensato! murmura. Esquecia que no escuro de cada arcada, nos alpendres de cada praça, atraz de cada tronco de arvore pode acoitar-se um ladrão. Expor-me a ser roubado! Não, não quero que me privem do meu dinheiro. Ganhei-o. É meu. Marianno, filho, não me deixes ir só. Acompanha-me, Marianno...

Renuncio a explicar a reacção estranha, que se operou em mim. O certo é que o escutei com ardor e brios renascentes, e me aprestei a segui-o com o desafogo com que *don Felix de Montemar*, esse terrível

*don Juan* de Espronceda, segue o phantasma da *desdichada Elvira*.

Caminhamos em silencio. Escorregavam-nos os pés nas lagens lamacentas das calçadas, e vertiam as gotteiras sobre nós os restos da chuva dispersa nos telhados.

Meu pai ia adiante. Eu seguia-o de perto.

Breve nos embargou o passo a fachada secular de um templo. Arabe de origem, tivera o seu esplendor aquelle templo. Cosido em oiro, farto de telas scintillantes fôra forçoso, para que satisfizesse á rigida nudez do ascetismo christão, que todos seus luxuosos adornos se relegassem para os refeitorios humildes de algum humilde convento. Os conventos, eternamente zelosos em fazer purificações, tomaram sobre si a piedosa tarefa. E, graças a seus pastoraes cuidados, a esplendida mesquita arvorou-se em magreza de ptytico. Exultaram as harpias. Mas firme, nobre em sua nobreza primeva, lá ficou a nua architectura a apregoar passadas glorias.

Tal o templo em cuja fachada defrontamos.

Meu pai avançou para o portão frontal, que a um ligeiro toque de mão se abriu mansamente. Tinhamos patente o santuario. Entramos.

No meio estava um ataúde. Alguns brândões accesos o cercavam. A luz frouxa e baça, que despediam, desmaiada pelos alvares da manhan, amarellecia a imagem macerada de um Christo de tamanho natural, suspenso,

no altar visinho, de um madeiro informe. Dubiamente esclarecidos, quasi na penumbra, divisavam-se varios sanctos, magestosos em seus nichos de pedra. Quanto fluctuava de indeciso e de vago, debaixo dos reverberos pallidos das luzes morticças, tendia a dobrar o mystico terror, o respeito religioso, que de mim, mesquinho, se apossava.

O ataúde estava vazio. Este reparo final, não sei porque, paralysoou-me de todo.

A razão vacillava. A imaginação inflammava-se. E não dava acordo de mim, não comprehendia como ousara seguir a aventura, como permanecia collado ao pavimento, como não fugia.

Ainda d'esta vez duvidei se o meu corpo pertenceria a outro dono.

— Marianno, diz meu pai na sua melopea lacrimosa, já não preciso de ti. Ha muito cantaram os gallos. Tenho somno. Vai-te.

Osculou-me.

Senti na cara os seus labios, frios como a lamina de um punhal.

— Filho! continúa brandamente entre suspiros, meu pobre filho! Que somno! que somno!

Entorpecido foi estender-se no ataúde, conchegou a si friolento as humildes roupagens, cruzou as mãos na altura do peito, cerrou as palpebras e... adormeceu.

Ao mesmo tempo uma ave negra, negra como um carvão das cozinhas do inferno, ou como a trança do meu



bem, que tanto vale, baixando do capitel de uma columna, veio estender as ebanas azas sobre elle, e, sacudindo-as com violencia e estrepito, apagou os cirios, despedindo um grasnar agoureiro.

## VII

O terror passara subitaneo ao refinamento.

Fervem nas auras zumbidos ominosos. Ergue-se de envolta ao ataúde crassa poeira ardente, que fluctua fulgida, e tenue se dilata. E em seus nichos intumescem as imagens dos sanctos, solfejando com as boccas de pedra, ou de madeiro, cantos eroticos de loucura e ebriedade.

Uma onda tenebrosa me circumda, me enrodilha, torce e arrasta num rodopio suffocador. Quero firmarme aprumado, rólo, estrebuxo como o naufrago na agonia, até que alcanço um ponto de apoio, e fujo, expondo á furia dos ventos os arripiados cabellos, e enchendo o espaço de gritos gutturaes e entrecortados.

Como favorecido pelas azas do fugaz Mercurio não percebia a dureza do solo. Diria que uma columna de fogo me arrebatava para os dominios do ether.

E o cantico erotico das imagens do templo, mugindo sempre a meus ouvidos em mystica consonancia, era como o formidavel estrugir da trombeta final.

Insano, dobrava então o vigor do curso. Mas quanto mais fugia, mais me perseguia o nefando côro.

De repente paro esmagado num circulo de ferro. Ergue-se um brado soluçante e comprimido. Vozes confusas troavam de cada lado.

Olhei.

Cahiam sobre mim os raios tiznadores de um sol brilhante. Estava no zenith o sol. De todas as partes accelerada se ajuntava a populaça. Alguns homens, não poucos, cheios de suor e de cansaço reprimiam-me nos braços athleticos.

Entre esses homens descobri minha mãe, que desalinhada e lacrimosa clamava, estorcendo os braços em vehemente dor :

— Louco ! louco !

Cravei n'ella os olhos estupefacto.

Aquelle brado de uma afflicção de mãe arrefeceu-me até á ponta dos cabellos.

Tentei reflectir, mas faltaram-me ideas. Tentei recordar, mas não tive memoria. O que eu tinha era o vacuo na cabeça. Porem, não sei como, compenetrei-me da medonha verdade.

Envergonhado quiz furtar-me ás vistas dos curiosos. E só n'esse instante reparei que estava nú.

Eu ! Nú, de dia, numa praça publica ? ! Como acreditá-lo ?

Estava nú. Mas trazia pendente dos hombros a coberta esfarrapada do meu leito, como um manto real.

— Louco! louco! repeti então num choro colerico de desespero atroz.

E, espumando de raiva, rolei de chofre exanime nos braços, que me prendiam.

— Lucio! foi a minha primeira exclamação ao volver á existencia.

— Onde estou eu? foi a minha primeira pergunta.

Lucio, de pé á cabeceira da minha cama, estava embevecido em minuciosa analyse. Parecia determinado a não perder uma só das phases por que ía passando a doença, nem algum novo symptoma, que acaso se revelasse.

— Desconheço esta casa. Onde estamos? prosegui.

— Em Napoles.

— Napoles!

— Justamente.

— Como assim!

— Mandou-te de viagem a medicina. Eu é que traçei a norma.

— Fizeste bem. Mas tu?...

— Carecias desvelos e cuidados especiaes. Offereci-me para enfermeiro.

Apertei-lhe a mão em silencio.

— Ha muito que estamos em Italia?

— Vae para trez mezes.

— Seriamente?! Que enfermidade! Diria que acabo de despertar de um somno aligeirado.

— Como te sentes?

— Debil...

— Mais nada?

— Achas pouco! Em Napoles! É pouco estar em Napoles entrevado sem ver o céu azul, a terra esmalhada, soberbas mulheres, o feliz lazzaroni!...

— Basta por em quanto.

— O lazzaroni! Eu adoro o lazzaroni. Estou d'aqui a vel-o estendido no caes, dormindo sob os raios perpendiculares d'este sol da Italia. E eu, aboborado n'esta enxerga, sem poder imital-o, sem poder privar com elle sobre a luzente areia da praia numa volta de qualquer dança graciosa. É pouco, isto!

— Basta, basta. Mais parcimonia na loquela. Basta de excesso. É mister que se não arrisque em levianidades o esmero solícito com que a sciencia tem esgotado os seus recursos.

Foi rapida a convalescença.

Tarde, bem tarde já, de regresso ao paiz, quando me suppunham plenamente equilibradas as faculdades, é que relembrei, por forma indistincta e obscura, os acontecimentos atraz bosquejados.

Reflectiam-se na memoria como remeniscencias desbotadas e imperfeitas dos contos da infancia.

Tinha a certeza de que algum caso estranho promovera aquella apprehensão, mas não marcava a raia em que acabava a realidade para começar o sonho.

Todavia, em meu abono o digo, inclinava-me a crer

que o maravilhoso estava antes no tresmalhar do espirito, do que na verdade dos factos.

Esta nossa natureza, indefinida como é, apresenta sem duvida muitas vezes phenomenos de tal quilate, phenomenos taes, que nem admira escapem pela malha estreita, que por ventura lhes lancem a sabia psychologia e a acurada physiologia. Quando ellas porem, cada qual sobre si, ou mutuamente favorecidas, renunciam a reduzir o facto inverosimil e insensato á transparencia do crystal, á lucidez com que a optica explica os seus espectros, pede a prudencia que logo o regeitemos para não accetar alguma cousa, que importe aberração de leis, chamadas invariaveis e eternas.

Esta consideração determinou-me favoravelmente.

Comtudo não me eximi a que essas recordações me abatessem num recolhimento scismador e doloroso, que assaz dava que cuidar ao meu infatigavel companheiro.

Encostado á amurada do navio, que nos conduzia ao lar de nossas familias, e, com os olhos submersos nas tranquillias agoas do Mediterraneo, esquecia horas sem conta naquella intima cogitação. Alli, na lanterna magica da phantasia, evocava as nevoas do passado, que transpareciam como num sudario immenso.

Lucio contemplava-me de longe com tristeza.

Amofinado a final de tão obstinada reconcentração veio postar-se a meu lado.

— Em que meditas, Marianno? perguntou com aze-dume mal disfarçado.

— Que sei eu? Dou alforria á imaginação, e deixo-a desfraldar pelas regiões do nada.

— Não sabes tu que, sobre tudo, deves cuidar em distrahir-te? A tua saude, se bem que esperançosa, é ainda muito delicada.

— Que me importa?

— Que te importa! Tens desapego á existencia?

— Indifferentista.

— Algum desgosto secreto...

— Talvez.

— Venha a revelação.

— Não vale a pena. Péchas!

— Péchas? É vago de mais.

— Ha pontos escuros na minha historia.

— Aclaremol-os.

— Duvido.

— Porque?

— Se o intento, parece que escorrego em sangue.

— Valha-te Deos! Porque não buscas distrahir-te? Ahi voltas á idea constante dos teus delirios. Remove para longe esses pensamentos, que te prejudicam, e faz por te conservar, ao menos para tua mãe, que agora espera refflorir na alegria, ha tanto tempo perdida. És novo, e brevemente vigoroso...

— Muito bem, amigo. Não preciso alentos. Viste pairar no meu arrazoado ainda assomos de demencia, e viste mal. Perdoa. Estou em optimas disposições.

— E quem o poz em duvida?

— Deixemos isso. E, já que chegamos a este ponto, desejo que me desfaças uma incerteza.

— Às tuas ordens.

— Cautela, que vou submeter-te a um interrogatorio.

— Estou prompto.

— Eu figuro de réo, author e juiz. A ti ficam-te as honras de testemunha. Bem. Responde com precisão e clareza franca. Conheceste algum dia em mim paixões brutaes, tendencias malevolas, falta de humanidade, e sobre tudo sordida avareza?

— Oh! oh! Onde queres chegar?

— Responde.

— Que queres que eu responda?

— A verdade.

— Fal-o-hei com uma pergunta. Quando te faltou a minha amizade? Quando te desprezei?

— Nunca.

— Ahi está a resposta. Lucio nunca estimou um miseravel.

— Obrigado.

Logo prosegui:

— Pois eu nunca fui jogador?

— Jogar é um vicio, e não uma abjecção.

— Nunca me viste jogar, Lucio?

— Não te recordas?

— Dubiamente.

— Jogar!... Só uma noite...

— Perdi punhados de oiro?

— Perdeste.

— Eras tu o banqueiro!

— Era.

Eu ia-me acalorando. Continuei com fervor e impaciencia:

— Tudo me ganhaste...

— Folgo que te vá acudindo a memoria.

— Depois, para me suspenderes na ourela do abysmo, emprestaste-me todo o dinheiro, que eu esfaimado te pedi.

— Isso mesmo.

— O teu credor P. Vassal...

— Foi quem me valeu.

— Tiveste de atravessar a montanha por uma noite...

— Que noite! Ainda sinto calafrios. O céu era um incendio, e a terra um mar. Fui de certo muito corajoso.

— Meu Deos! meu Deos! exclamei, ferindo a fronte uma e muitas vezes com os punhos cerrados.

— Marianno!

— Oh, então não foi um sonho!

— Marianno!

— Horrivel!

— Marianno! Que teus tu, Marianno?!

— Nada. Esse dinheiro?...

— Já me foi embolsado.

— Por quem?

— Por tua mãe.



— Pobre mãe! Como conseguiria?...

— Como? Com tão solido e acrescentado rendimento quem melhor poderia fazel-o?

— E a *banca-rota*?

— Que *banca-rota*, ou que tontura é essa?

— Pois não fallio a casa commercial de meu pai?!

— Que dizes! Que firma ha naquella praça mais acreditada do que?...

— É espantoso! E meu pai soube?...

Aquí Lucio mostrou-se embaraçado, e, illudindo a resposta, deu outra direcção á conversa.

Se bem que sobresaltado fui acalentando, no restante da viagem, animadora esperanza.

Minha mãe, com numeroso sequito de toda a parentela e muitos amigos, veio receber-me ao desembarque.

— Meu pai? perguntei, passados os primeiros transportes, espantado de o não ver na comitiva.

Os olhos de minha mãe marejaram-se de lagrimas. Tive medo de a adivinhar.

— Meu pai? insisti suffocado. Onde está meu pai?

— Ainda não sabe! Ainda t'ó não disse o teu amigo?... balbucia ella, estreitando-me num abraço longo e dolorido.

Notei que Lucio lhe fazia gestos de intelligencia a que ella não attendia.

— Morreu? perguntei.

— Mataram-no.

— Morto!

— Foi cercada de mysterio aquella morte, filho! Não se elucidou a causa, nem se conhece o assassino. Encontraram o cadaver na montanha. Tinha o craneo despedaçado por uma bala. O cavallo, que o conduzira, appareceu sellado na cavallariça coberto de lama, de espuma, e de suor.

— Oh! Então. . .

— Filho! filho! . . . Acudam, que desmaia o meu filho!

— Então não foi um sonho, murmurei. Eu sou um scelerado.

Lucio apressou-se a amparar-me, vituperando com aspereza a imprudencia de uma revelação tão seria para a qual de modo algum eu estava preparado.

Nunca ninguem mais me vio sorrir.

A saturnal e o jogo tornaram-se uma necessidade da minha existencia. O jogo sobre tudo. Era um monstro, que eu alimentava com dinheiro.

E hoje, senhores, a esta mesa, em volta da qual vos agrupaes para ouvir a nefanda historia, bem visstes se aniquilei a ultima mesquinha mealha do meu patrimonio.

Sou um mendigo.

Minha mulher e meus innocentes filhinhos morrerão á fome, porque não descerá do alto o maná dos israelitas, e porque a caridade, se apparecesse na terra, seria para lhes insultar a pobreza.

Minha mulher! Pasmaes com certeza de que o homem

corrompido a não jogue numa carta. Suppondes-me talvez ainda alguns vislumbres de virtude. Enganaes-vos.

Não a jogo, porque apenas tem uma alma de sancta e um corpo de divina formosura. Que agiota moderno ousára lançar sobre mercadoria tão sujeita a deturpar-se? É moeda fina, pura, estreme, sem liga, que a preserve da acção do tempo. E, sem esta ultima condição, não circulará na praça.

Que morra, que morra com meus filhos. Assim a recompensou dos balsamos, que me verteu nas feridas; das sedes corrosivas, que me apagou; dos refrigerios com que me regalou na aridez do deserto, em que vagabundo errei.

Amou-me muito. E fez d'aquelle amor uma coroa de martyrios. Misera!

Bem vejo que me encaraes com magoado assombro. Agradeço-vos a attenção.

A minha historia é como o canto do gaulez guerreiro, quando, sobre a pyra inflammada, junto á penha druidica, fazia, aos deoses do seu povo, religiosa oblata d'uma rude existencia.

---

Calou-se.

Os jogadores entreolharam-se em silencio. Muito dizia aquelle silencio.

— E agora? pergunta o mais estouvado e lesto de entre elles.

— Foi o navio a pique. Mas ficou uma taboa em que me equilibrio á flor das agoas.

— Onde está?

— Minhas pistólas.

— Pois que!

— Não faltam encruzilhadas, e, graças a Deos! tambem não faltam viajantes.

— Certamente. Mas cada um dos caminhos da encruzilhada, qualquer que seja sua direcção, ha de encontrar-o obstruido por um cadafalso.

— Resta o suicidio.

— É semsabor.

— Mas logico. Quem uma vez se deixou cegar de paixões violentas, e não teve animo para lhes esterilizar os effeitos, cedo ou tarde tropeçará nos acerados gumes do dilemma implacavel, que offerece de um lado a ignominia da forca, e do outro a covardia do suicidio.

Assim, em guiza de sermão de abbade das duzias, termina a lenga-lenga.

Porque Phedro, Esopo, e La Fontaine terminavam pela moralidade.

Coimbra, 3 de fevereiro  
de 1867.

**J. MORENO**



# J. MORENO

---

## I

Um romance funebre em duas palavras.

O heroe é um rapaz *comme il faut*.

Isto vae assim a modo de coisa interessante.

Livre das canceiras universitarias, e farto de combinar e de ruminar com engrilada mestria leis d'uma legislação rancida e sedição, J. Moreno busca recuperar em Hespanha os redenhos derretidos nas momentosas esburgações da intelligencia.

Viaja com o pretexto plausivel, e nada pedantesco, de recrear o espirito nesse vasto museo de antiguidades, entregando-se, ao mesmo tempo, á vida, que lá se saboreia, tão livre, tão cavalheirosa, em tudo tão differente d'esta vida monotona, que arrastamos nós outros pobres diabos de portuguezes.

Aos sabios deixa o cuidado de revolverem o pó de seculos e as ossadas dispersas das nacionalidades ex-

tinctas na improba fadiga de interpretar nas lapides, no sócco dos pedestaes, na frontaria dos decrepitos edificios, nos porphydos e nos bronzes truncados os quasi apagados hieroglyphicos.

Por si, o epicurista, antevê miragem de menos custoso accesso, onde o mel jorra em cachoeiras e anda a rodos o amor.

Não lhe levou a bem a viagem o providente pai, cioso da sua prosperidade, e interessado, como estava, em fazel-o proprietario d'uma cadeira em S. Bento, e seu collega nas facetas competencias parlamentares.

Os eleitores, tomados de sympathia pelo novato baharel, e scientes de que desabrochava nelle fructo para muitas esperanças, ralharam impertinentes a principio, mas tiveram de contemporizar, vencidos das razões, sem replica, que lhes foram apresentadas.

A compleição de J. Moreno, sobremaneira offendida pelas diurnas tarefas de eschola, requeria acima de tudo descanso e distracções, para que tão de golpe se abalançasse ás complicadas barafundas da politica, e da mofina politica da nossa terra, que mais é. Aceitando com precipitação o mandato, que queriam confiar-lhe, não só ia lesar sua saude e creditos, senão tambem, e principalmente, os interesses dos seus estrenuos amigos; por quanto, postando-se na brecha antes de estarem madurecidas e bem sazoadas as ideas, que apenas levedavam, tinha por sem duvida que vacillaria em toda a escaramuça, que acaso provocasse. Assim,



devendo por algum tempo entregar-se a um pleno e suave repouso de intellecto para dar azo a que mais e melhor se arraigassem as sementes de boa medra, que com tanto trabalho andara enceleirando, pretendia e levaria gosto que, dando-o por forro de tão pesado, quanto glorioso captiveiro, lhe permittissem que se fosse á ventura de viagem até que, creando bojo para lidar na corrente dos negocios, podesse pôr suas aptidões e seus serviços á mercê de gentes não menos inteiras, que dedicadas.

Formulado por este theor o requerimento, já se verá como seria o despacho.

J. Moreno sabia um pouco de viagens. A proposito tinha lido, a esmo, desde o viajante scientifico mais remoto até ao moderno imaginoso folhetinista.

Herodoto, Anacharsis e cem nomes, em cima d'estes, se os não conhecia como ás proprias mãos, conhecia-os, pelo menos, dos catalogos das livrarias.

Sabia um pouco de viagens. Não ha que duvidar.

Comtudo não se afastava sequer uma linha do systema negligente, que para si traçara.

Vá quem quizer bater á porta das cidades monumentaes carregado de bibliothecas e utensilios accomodados á escavação de ruinas; espreite os edificios por dentro e por fora; observe; estude; apalpe; reuna peculio de anedotas picaras, e invente as que o gosto aconselhar; cada um consoante as proporções e a indole do volume, que traz incubado, que no entretanto,

lepido, como uma cotovia em manhan de rosas, lá vae o meu J. Moreno por Cadix dentro.

A Hespanha é o paiz da sua predilecção. O porquê não o saberá dizer. Cuida que vae metter pé no emporio da luz. Vê-a engrandecida e romantizada pela historia. O sangue do agareno ardente ainda correria nas veias azues das flexiveis *manolas*; das *manolas*, cuja vobubilidade floresce no traço aereo, com que se arreiam.

O traço, como o estylo, revela a indole de cada ser. Sob a diabolica mantilha, volitante e inquieta, ha de alvoroçar-se por força um peito temperado ao calcinador influxo das sensações phreneticas.

As vestes curtas, pelo joelho, são como as azas vaporosas d'uma borboleta. E não se negará este caracter de borboleta a essas poeticas creaturas. A perna fina, torneada e lesta, semi-velada pela malha rara, ou antes pela rede da perfida meia, tende a dobrar os carnaes appetites, augmentando o lustre da epiderme rosada e transparente.

Nisso está o capricho da mulher *coquette*.

Mas, bem como muitas vezes em recendente alfombra se esconde venenosa serpe, tambem, se revolverdes as pregas d'aquella meia, que vos perturba, lá encontrareis, sem duvida, aguçado punhal. E tomae conta, que é elle tão prompto em punir um insolente, como são promptos os labios, tismados pelo cigarro e pelo vinho, em despedir um beijo d'amor hespanhol.

Nesse notavel conjuncto reconhece-se a *manola*.

As *manolas*, as *manolas*! Ahi está a magia, que o arrasta.

Sem embargo demorava-se pelas bibliothecas. O que por lá fazia não sei eu. Todavia apostara cem contra um em como de certo não pensava em tirar espheras do cahos como praticou o Architecto Supremo, e como as tiram da cabeça varios mancebos de tesa razão, nossos conhecidos; nem tão pouco pensava em fazer que d'um sopro animador se erguessem do lixo as raças, que nelle se amortalharam; em ler nas abobadas dos templos; na architectura dos palacios; na estructura das fortalezas; no alinhamento das ruas; em ler no livro colossal, escripto em caracteres de marmore e de granito, assim como quem lê na popular Cartilha do senhor padre Ignacio, que é obra de tanta substancia no chorumbe, quão pequena no modesto formato.

É certo porem que ao passar no Escorial, ponha-se um exemplo, podia como Quinet attribuir aquella sombria architectura ao nada menos sombrio character de Philippe II. E, d'esta forma, fazer crer que lera na pedra isto que, de ha muito, anda nos livros.

Não o levava para ahí a vocação. Pouco curava de architecturas, e de suas classificações. Ou fossem jonicas ou corinthias, d'esta ou d'aquella era, com tanto que se harmonizassem com o sentimento do bello, que, mais ou menos desenvolvido, não falta em nenhum homem bem organizado, nellas se absorvia, não investigador, mas curioso e amante.

O mesmo a respeito das mulheres e do vinho.

Eram ellas gentis? Davam com os labios vermelhos, abertos, humidos, beijos peccadores, capazes de condensar num só individuo toda a luxuria dispersa num convento?

Era o vinho perfumado e saboroso? Que importava então que lhe chamassem malaga, ou xerez?

Não tinha gozado. E enleivava-o a falsa idea dos prazeres, de delirios e de aventuras.

Quem buscar aventuras vá ao paiz de Cervantes.

Mas é de razão que se diga neste ponto que J. Moreno tudo pautava pela prudencia e assisada cautela.

Não era comtudo sem fervuras de sangue que vestia o *dorman* azul-ferrete com seus passamanes e cordões profusos, mettia no curvo bolso a navalha sevilhana, enroscava á cintura a *faja* encarnada, e punha na cabeça o chapeo hespanhol para, ao cahir do lusco-fusco, ir a qualquer afamada taverna fazer oblações piedosas á divindade das loucuras no meio de *muchachos* bailadores, e de provocantes *muchachas*, ao som plangente das cigadilhas lascivas, das estridulas *castañuelas*, do tinir dos copos, das juras e das pragas energicas.

Adoravel nesse traço. As bohemias do amor tremiam-lhe nos braços, enrubecidas pelo desejo.

Por outro lado, nos theatros, no circo, nas tertulias, nos bailes, onde quer que J. Moreno mostrava a gentileza de sua nobre presença não faltavam olhares fur-

tivos, nem meneios dengues, da parte das condessas e das *señoritas* do tom.

— *Muy guapo!* dizia uma, facilmente impressionada de vel-o.

— *Y muy fino!* accrescentava outra, embevecida nas doces palavras, que elle lhe dissera baixinho.

As descargas magneticas começavam. Nas cabeças tremeluziam os enfeites, e, envergonhados nos collos brancos, ondeavam os fios de perolas ao roçar veloz dos leques falladores.

Excedeu Lovelace. E, atravessando a Andaluzia, caminhava com o vagar de quem muito lhe peza desprender-se do palco de suas ovações. O primeiro proscripto não deixara com maior saudade o paraíso.

Cheio de recordações gloriosas e affectivas, que em letra redonda dariam materia para um volume de oitocentas paginas com retrato do author, dedicatoria a uma celebridade da epocha, que usa do democratico « tu » com os amigos, e não sei que mais, dirigiu-se por Toledo a Madrid com tenção de penetrar em Galiza, e descer pelo norte sobre Portugal.

Saiamos-lhe pela frente em Lugo, que é esta a arena do espectaculo.

Em tendo reparado os estragos da viagem, parte J. Moreno em demanda da amabilissima familia Franco y Puente.

Em Madrid estreitara amigaveis relações com don Jacobo de Puente, cavalheiro da primeira jerarchia cas-

telhana, que, em virtude de avantajado ministerio, qual era o que professava, se mantinha provisoriamente arredio dos seus. E tão boas foram as relações, que, ao tempo de journadar o mancebo para Galliza, lhe fez offerta don Jacobo d'uma gentil carta, de cordeal apresentação, com aquelle charlatanismo palaciano, que não pouco estrema a sua raça. Era para sua mulher a carta.

Ora é de saber que o cavalheiro tinha uma filha, e que esta donzella nada menos era que a preciosa perola de Lugo.

Temos pois reunidos os elementos para o nosso romance. O ponto está em fazer intervir os maldosos adejos do vendado.

J. Moreno é recebido pelas damas com a galanteria ruidosa com que nas salas se recebe, em Hespanha, um forasteiro do seu tomo.

Petra, chamava-se Petra a donzella, por cartas do pai estava de prevenção familiarizada com o feliz viajante.

Todavia não o fitou sem embaraço. Aquelle idioma do mancebo, aquella simplicidade de traje e maneiras, aquella exquisita delicadeza, aquelle caracter de filho d'outro povo, isto mesmo, que com pouco se atesta um espirito feminino, já de si tão cheio de chimeras esplendidas, abysmou a ingenua menina numa confusão de ondeantes imaginações.

J. Moreno não foi mais forte. E, para encurtar razões, poderíamos inspirar-nos nos termos gastos da cir-

culação, em que começam os ordinarios bilhetes de amor campezino, ou de meia tigela: «vi-te e amei-te.»

Viram-se e amaram-se. Ahi está a verdade nua e crua, sem o luxo das lampejantes phrases do ritual, que apenas serão de primor para enfeitar fixões, e aplanar feias gibbosidades.

Ao terceiro dia já Petra considerava J. Moreno como de casa. Não dava pelas horas em que devaneada, com o corpo ligeiro, todo quebrado sobre o hombro do mancebo, com elle vagamundeava por soes e estrellas, chilreando na arrebatadora melodia d'aquella lingoa, que, vibrada por mulher nova e linda, é mais que musica de archanjos.

A serpente voluptuosa dos ardidos sentimentos, insinuando-se branda, prendia-os então nas elasticas roscas, e ia-os apertando, apertando docemente, até que alheados, mudos, um em frente do outro, quasi suffocavam de gozo. Vasava-se-lhes nos seios, em estos de vida, o licor fatal, que produz a embriaguez dos sentidos, o desfallecimento morbido do coração, o deliquio dos insanos amores.

Uma fusão moral. J. Moreno desapareceu na risinha imagem de Petra. Petra unificou-se em espirito com o seu loução *caballero*.

Era para notar-se o orgulho de desafio, com que o mancebo a distinguia nos passeios, entre milhares de appetitosas formosuras.

Esbelta, bem torneada, fresca como uma açucena,

leve e travessa como uma phantasia airosa, Petra irradiava luz, animação e jubilos em torno de si.

Ninguem melhor do que ella, nem com mais subtilidade de donaire, rojava a seda abundante d'um vestido, ou se envolvia na estofa transparente do seu pequeno chale.

Ninguem com mais primor levava os dedos pelas teclas d'um piano, ou entoava com mais vibrante e magoada voz alguma canção do seu querido Trueba. Se porem, num sentimento agudo de tristeza, fallava de olhos baixos, rubra a face, em borborinho manso e lamentavel, como arrulho de amorosas pombas, da estreiteza de scena a que as egoistas sociedades se apraziam de condemnar a mulher, não sei, eu não sei como não fremiam os astros em unisona acclamação.

Cada syllaba era uma nota perdida da infinita harmonia, que, ferindo a um tempo no ouvido e no coração, lançava J. Moreno em torporoso desmaio.

Uma camelia purpurina e fresca, como seus labios, precisamente moldados pelo quilate da tentação, constituia o adereço predilecto da negrejante coma de Petra.

Simples adereço.

Mas aquella cabeça erguia-se acima das outras, luzentes de pedraria, como a cabeça d'uma rainha num cortejo de vassallas.

Cale-se a atrevida philaucia da ignorancia. Cale-se, e não deturpe o que não conhece. Cesse de fallar de Galliza, e das gallegas com lerdo desdem.



Gallega! Como á força de estupro, na bocca da vil canalha, nos parece grosseiro aquelle nome adoravel!

Em luxo de mulherio, far-me-hei campeão da idea, é Galliza a unica temivel competidora da victoriada Andaluzia. Não é asserção gratuita. Anda ahi patente em obras de bojo e credito. Voto até que a Galliza se avantaja.

Se alem, para o sul, ferve e ondeia mais requebro, mais *salero* e mais denguce; para o norte ha mais magnificencia de contornos acabados, frescura, colorido, rijezas de carnadura e decididas aptidões para attingir a maternidade.

Já meus peccados me levaram a esses jardins boreaes, e, por mim, confesso compungido que por lá deixei feita frangalhos esta coisa, moralmente insignificante, que chamam coração.

Vamos porem adiante com o recado.

Passaram sette mezes. J. Moreno esquecera-se de si, da patria e dos penates. Vivia em Petra. Que não se estranhe a dicção. Ha d'estas vidas assim.

Senão quando, como um corisco, chega uma carta de seu pai. Laconica, fria e cortante, qual severo remoque de professor, quebrou-lhe as illusões, e lhe recordou que acima dos sumarentos manjares do gozo individual assenta o dever.

Era mister partir.

Mas Petra? Partir, sem gostar as primicias ineffaveis de seus queridos arroubados amores! Partir, sem que

uma só vez, em solitario retiro, salvo dos repellões insoffridos dos impertinentes, lhe fosse dado vasar no peito d'ella o muito, que no seu tinha, e delatar insano a fervura de aureas chimeras, que lá lhe revolueava! Fallecia-lhe a coragem.

— Petra! porque não has de consentir?...

Em voz de moribundo supplicava o mancebo. Era de joelhos que supplicava.

Titubiou a menina, pallida de desanimo. Recebel-o no seu quarto! Só! com o amante? Perigo immenso.

Elle insistiu, a principio brando, e com ardimento depois, já pondo razões em campo, já queixumes, já sarcasmos, até que, arredados os embaraços com encantadoras promessas, se aprazou a entrevista para a meia noite.

Estrugia a voz clangorosa do *sereno*, apregoando essa hora de bruxedos e infernaes synhedrios, e já, cosido com a sombra, passava um vulto ao longo da casa de don Jacobo de Puente, em cujo *miradór* se desenhava uma forma branca, vaporosa como subtil nevoeiro phantasticamente condensado.

— Petra!

— Moreno?

Foram vozes perdidas no ciciar do vento.

Num abrir de olhos estava J. Moreno no *miradór*.  
Dá-nos azas o affecto.

Petra poz o dedo nos labios a impor silencio, e fez-lhe signal de a seguir de mansinho.

Oh que palpar de corações! que estremecer de receios! que mellifluos arrulhos de pombas meigas!

Estamos na camara da donzella. Não sei que estranha narcotizada atmospherá se haure aqui. D'onde vem este singular perfume, que entibia e tão docemente paralysa os movimentos?

A camara, o desalinho da camara d'uma mulher moça e galante esparge certos olorosos effluvios, que aboboram. A confusão das fitas e das rendas sobre uns moveis; as crystallinas redomas das essencias, os collares partidos, os pentes com escama de carbunculos, mil pequenos cofres com seus gentis embutidos, as flores artificiaes na mesa do toucador; aqui umas luvas amarrotadas, mas frescas e cheirosas; acolá um album; alem um ramilhete resequido sobre um livro de versos; no açafatinho, ao pé da janella, a hollanda dos bordados; innumerás emfim, innumerás ethereas insignificancias, mostrando nesse adoravel cahos como que um segredo de combinações sympathicas, que não se define, que se não diz.

A cortina de seda escarlata, ao de leve franzida, expõe em doce penumbra, lá dentro, na alcova, o virginal leito da hespanhola.

— Petra, Petra! balbucia J. Moreno abafado de commoção, e estreitando-a nos braços.

Ella, gelada e livida, parecia destituida de entendi-

mento e de vontade e força para soltar um queixume, ou fazer uma recriminação. De braços pendentes, velada a vista, e trança desatada deixa-se conduzir entorpecida, morta, accusando existencia apenas nas ardentes lagrimas, com que envenena os labios do amante.

— Petra! continúa elle com penosa respiração, sentando-a sobre o leito, que alma é a tua, que se não expande aqui com a minha nesta alegria, que me endoidece? Petra! falla, ama-me! abraza-te neste fogo, que me carboniza, e morre na delicia, que me mata.

As faces da donzella purpureavam-se. Passara a syncope. O coração, em sacudidos estremeções, reclamava mais ampla liberdade.

— Fiz mal, diz ella com doçura triste, só agora conheço até que ponto levei a indiscrição de te receber nesta alcova á hora em que a embriaguez se baloiça nas auras tepidas, e em que os mysteriosos espiritos, entre as flores, murmuram harmonias, que nós sentimos, que só nós comprehendemos, mas que nos entontecem. Fiz mal. Este cheiro dos lirios do meu alegrete, este cheiro não sei que morbidez me communica. Tenho medo de mim. Moreno, salva-me! vae-te. Adoro-te. Que loucura! Eu não devia acceder. Não pude dizer-te que não viesses. Agora diz o que me queres tu, que me tornaste mais submissa do que uma escrava.

— Que te quero! Que posso querer, minha vida, senão isto, fartar-me de ver-te, esmorecer no teu re-

gaço?... Que posso querer senão zombar da eternidade, em extasis a teus pés, e, avaro, escondel-os em meu peito como um thesoiro, que me custasse sangue, remorso e honra?

— Vamos Moreno, tranquilliza-te. Marquemos tregoa ás phrases sonoras, embora sejam pintura exacta d'um sentimento energico. Ha momentos que decidem de destinos para que se desbaratem. Frieza, frieza!

— Queres por ventura que eu diga á paixão vigorosa e temeraria que se modere como calcula a razão? Não sabes que fiz das minhas esperanças uma esperança só, das minhas ambições de gloria uma só gloria, que todo me encarnei num desejo unico? Sê tu minha, que eu desprezarei o resto. Se me trahisses arrancaria os olhos para não tornar a ver-te. Se morresses dava a alma ao inferno porque morreria desesperado. E queres tu que o doente em febre não tenha sede? Frieza, Petra! E teml-a tu?

— Oh Moreno!

Resoou um beijo. Os rostos afoquearam-se.

— Vou deixar-te. Chamam-me longe d'aqui imperiosas necessidades. Despresara-as eu todavia, sem a certeza de que vou ennobrecer o teu esposo. Não me doe partir. Doia-me na alma não levar um penhor, que me assegurasse da tua posse. Para o implorar é que vim ter contigo. Amas-me, Petra?

— Não o sabes tu?

— E se eu tardar um anno?

— Esperarei.

— Se tardar dois annos?

— Esperarei.

— Se não vier nunca? Se meus passos guiarem ao cemiterio?

— Esperarei ainda.

— Juras?

— Pela Virgem.

— És minha!

— Tua, tua!

Estava de joelhos J. Moreno, e tinha os lindos pés da hespanhola nas mãos desinquietas e atrevidas. Como por descuido afastaram-se um pouco as vestes, e ficou tambem exposto a seus audaciosos beijos um traidor comêço de perna, recatado na malha fina da meia de seda.

Mais alto quiz levar a impertinencia, mas, humilhado, voltou atraz na tenção.

Petra, firme, em pé, magestosa bradou-lhe irada:

— Não me empestes, lacaio.

O moço attribuiu a derrota a pudendos melindres da virgem.

— Perdão. Enlouqueci. Perdoa, Petra!

E, como ella se embrandecesse negligente, extinguiu a luz, esperançado em levar de vencida a fortaleza com violencia suave.

— Minha! murmura desorientado, minha, minha para sempre!

Cuidando abraçal-a encontrou o vazio. Rangeu uma porta interna, abrindo-se com rapidez, e por ella se escoou uma sombra.

— *Villano!* exclamou indignada a fugitiva com tremuras na argentina voz.

J. Moreno definhou de espasmo na solidão do quarto. Achara a final uma mulher forte. Por mim estou convencido de que, se catássemos bem todos os refegos d'esta bola, sobre a qual lazeramos, algumas mais enxergamos. E estou convencido, porque não pertença á raça damnada dos scepticosinhos, que borbulham de cada esquina, e fazem officio e chiste de duvidar das coisas menos duvidosas.

Ao outro dia o nosso *desapontado* viajante, arranjadas as malas, curou de ir fazer seus cumprimentos de despedida ás senhoras.

Borboleteavam ellas no parque com um rancho de *caballeros* e *señoritas*, que haviam chegado de visita. Lá foi dar J. Moreno com a familiar franqueza com que costumava praticar. Palpebras azulejadas, sinistro fulgor nos olhos, gravidade fatal no todo, tal se apresentou á companhia.

— Venho contrito, diz, aproveitando a oportunidade, que Petra, apoiando-se em seu braço, lhe offerecia.

— Prohibo que fallemos nisso, devolve ella com riso encantador.

E foram conversando por detraz do leque em toda a extensão d'aquelle ameno passeio.

Não sabe o leitor como é esta casta de segredos por detraz d'um leque? Oh então, por Deos! não queira estirar-se na cova, sem que a interprete em Hespanha. Parta. Se lhe não superabundam rendas, se não ha superfluo em sua casa, venda. Venda a mansarda de seus avós, venda a valente junta de bois, venda-se a si e aos bois. Mas vá, corra, quebre uma perna no trajecto, quebre ambas as pernas, e diga como Cesar — venci!

Depois, como viola gasta e destemperada, pode esmigalhar a cabeça num marco do caminho, que tem cumprido um sacerdocio.

Cada ondulação do leque põe em movimento centenaes de alados genios, que volteam fervidos em frouxos cambiantes; abrem-se os ceos em torrentes de luz mysteriosa, e a corolla aveludada das flores, como incensorio, que nos endeosa, perfuma o espaço, distillando balsamicos aromas. As palavras então são como os suspiros dos anjos, e a alma atira-se arroubada, num vislumbre da eternidade, por toda a natureza.

Ditoso J. Moreno!

É de saber que, se todos os dialectos adoptados em Hespanha tem sumptuosidade de palavras dulcissimas e musicaes, a palavra *cariño!* é a que, por excellencia, mais enfeitiça um ouvido, vesado ás saborosas melopeas do amor. Eu, que certamente, por minha desventura, palmilho em plana rasa, confesso todavia que não encontrei *muchacha* de boa larynge, que me não fizesse



estremecer com tal melodia. E nisto concordo com o amigo J. Moreno de chorada memoria.

Julgue-se pois do muito, que por si exultaria, ouvindo-a a cada passo e como que vendo-a cair, com forma e côr, d'uma bocca vermelha, recendendo a rosas.

Estão perto de casa. Damas e cavalheiros começavam a entrar no vestibulo.

— Adeos! proferem os dois, apertando-se com phrenesi as mãos.

Era pouco o aperto de mãos.

Olharam ao mesmo tempo em roda. Nem viva testemunha. Cahiram ao mesmo tempo nos braços um do outro como por tacita convenção. E, ao mesmo tempo, se uniram os labios abrazados.

Era a *sympathia* das almas.

Apoz este *idyllio* veio o *dithyrambo*, um *dithyrambo* em prosa. Tomaram chocolate em familia.

Mas é que aquelle chocolate era para inspirar trovadores, como o sapato d'uma andaluza, como a papoila dos valles, como o poejo dos montes. Terpandro, que o lambujasse, ainda outra vez reformaria a lyra, accrescentando-lhe mais uma corda.

A final, quebrem-se de dôr os corações, mas é mister separarem-se. Como cavalheiro e cortezão se houve J. Moreno. Acceso o seu havano, ausentou-se magoadô.

Petra e sua mãe saem ao *balcon* para mais de espaço o verem.

Vae no extremo da rua. Volve o rosto, saudando-as.

Ellas agitam os lenços de nevada brancura.

Desapparece.

E Petra cae desmaiada nos braços da afflicta mãe.

## II

J. Moreno é recebido no lar paterno com contentamento, resabiado todavia de acrimonia. O moço havia compromettido a sua eleição de deputado pelas delongas da viagem.

Mudada a face, que a politica affectava na occasião de se ausentar, vinha encontrar o partido governamental esmagado debaixo da pressão energica d'um punhado de homens exaltados da opposição.

Parece que de razões passaram no parlamento a vias de facto.

Um deputado insoffrido tinha espalmado um escarro na calva ao mirifico ministro da fazenda, porque o pobre homem lhe desatara, com sério detrimento para a sua pessoa respeitavel, uns argumentos sem nervo, nem conceito.

Seguem-se as negociações da praxe, com o fim de restabelecer conspurcadas dignidades.

O ministro, cavalleiroso na gema, implora e invoca a ossaria de trinta avós preclaros, e faz, de mão erguida, um terrivel juramento. Jura pelas cinzas de sua

avó materna, por ser a mais illustre das avós, que se bateria em duello a todo o transe, *a ponta de lenço até*, se não fosse o respeito, que nos seios da mãe bebera, pelas leis vigentes do estado.

— Que assim mesmo, prosegue, esbravejando entre os amigos, que o consolam; que assim mesmo não serão menos temiveis os raios da sua vingança, pois que está resolvido a propalar no universo a injuria, que lhe fizeram.

Je veux résolûment me venger du larron.

Déjà, pour commencer, dans l'ardeur qui m'enflamme,

Je vais dire partout qu'il couche avec ma femme;

tinha vociferado, tempos atraz, o *Sganarello* nesses trez versos de Molière.

Principiam represalias. Saltam á tribuna campeões egregios. De voz em grita vasam pela bocca fóra pestes e incendios. Chovem improperios, cada vez mais arufados, que hão por bem, a final, desandar em sarai-vada de miudo hofetão.

Um senhor deputado puxa a outro pela guedelha. Este segura-o pelas barbas honradas. Muitas vozes gritam — escandalo! vergonha!

As galerias tremem com as gargalhadas da soldadesca, e dos outros dignissimos espectadores.

Saltam para terreiro certos periodistas, que não perdem ensejo de aguçar o escarneo, arripiam o factó,

espremem-no, adelgaçam-no, viram-no d'um para o outro lado, e acabam por se tirar os chinós, e expôr ao soalheiro as lavadas calvas para, sobre ellas, espantifar villans phrases de histriões de meia tigela.

**Dissolução de camaras. Eis a necessaria consequencia.**

Um murro puxado de dentro, certo, pindarico, seria para esboroar um castello roqueiro, quanto mais um ministerio, que, segundo a ordinaria rotina, se baseava em projectos, ou quejanda papelada.

Neste burlesco espernear da coisa publica é que J. Moreno desceu de Lugo. Mas já então o circulo, em que punha mira, estava mais que muito bem aforado.

Um abade das cercanias, astuto e ambicioso, valendo-se da ausencia do moço, foi de secreto urdindo a intriga, de ha muito fermentada, voltando em seu favor as coisas; abordoando-se a todas as estrategias proveitosas; nada poupando, em summa, que podesse por ventura bem assombrar sua causa, até que juntou corpo de sequazes assaz formidavel.

Não foi porem sem custo de muita lida e despeza.

Fez primeiro de sua casa um hospital de invalidos, uma casa de beneficencia, em que cada qual entrava e tomava a bello prazer do que gostasse. Esqueceu na porta da adega a trambolhuda chave para não andar sempre com ella no carreiro da formiga. E, sobre um tonel de bojo sympathico, poz um cesto, mimoso de queijo e loirejado pão. O queijo extrahia-o, por economia, do leite das suas ovelhas. O pão, tambem por economia,

andara antes ao soalheiro para que seccasse, e se fizesse duro e refractario, não só aos dentes roazes dos eleitores, senão tambem aos dentes das petulantes ratazanas. Mas não devassemos os arcanos do abbade. Basta saber-se que, se deu em pantana com um invejavel patrimonio, não ficou mal compensado do sacrificio. Porque, vergalhando a gafada Senhoria, que anda nestes reinos como coisa lazeirenta, fez jus a ser tractado de Excellencia. Tal e qual como um caixeiro taful, que se enouchouça em louçainhas, que furtou ao amo.

Ditoso abbade! Ter cadeira em S. Bento vale bem uma ruina, e fica ainda a Excellencia.

O respeitavel pai de J. Moreno, havendo tacteado o negocio, embicou no triumphante servo do Senhor, e retirou-se prudentemente do campo, que mais convem uma retirada airosa do que destroço certo.

Em conclusão, resignou no filho a propria candidatura.

Eis como J. Moreno madrugou deputado.

Durante esta effervescencia de baixos interesses, succediam-se as cartas de Petra cada dia mais apaixonadas.

A miude fallava no *carinho* com que lhe queria; nas saudades, que a devoravam; e no medo de o perder, e perder com elle os phantasticos jardins, que das nuvens còr de rosa suspendia. A romana tornara-se odalisca. Atiçara a distancia as labaredas da paixão. Não queria agora seuão pertencer-lhe. Soffria penas e remorsos por se ter vencido, por ter esmagado um de-

sejo natural do seu coração debaixo da estulticia de duas formulas artificiaes.

— Que volvesse quanto antes, era a supplica constante, que volvesse ás meiguices da sua *amiguilla* de Lugo, pois que lhe promettia gazalhar-o agora sem fazer selecção entre o mavioso nome de amante, e o nome sacratissimo de esposa.

J. Moreno baloiçava-se no *delicioso pungir de acerbo espinho*, como Garret, esse flexivel ingenho, que tudo sabia dizer, teve artes de chamar á saudade. Em Petra cifrava o alvorecer da sua primavera. Quanto batesse fóra do circulo, em que lhe erigira um templo, enchia-o de tedio e parecia-lhe indigno de si, e indigno d'ella. Suas cartas eram verdadeiros poemas da mocidade. Regorgitava alli inteira a vida e a alma d'uns ardentes vinte annos.

Veja-se nesse espelho, leitor, e, se já não tem dentes para morder o cartucho, nesta refrega doidejante, console-se commigo, embora a agoa cresça, que farte, na desdentada bocca.

Mas quer o destino que as exaltadas paixões não sejam as mais duradoiras. Quando é excessiva a flamma consome-se na propria força, e o tempo como que varre sobre ellas as lavas frias, que a cratera arrojou de si.

Nas conjuncturas, em que se vio apertado o manco, tornava-se mister reprimir os voejos da alma, para que não cahisse esfarrapado no pó movediço, que

em torno gurgulhava, o pendão, que desenrolara. A braços com as labutações eleitoraes, em que as misérias revolitam em formidaveis cachoeiras, aguçam-se os melindres do amor proprio. A par es dictos do inimigo derrotado, o mexerico ignobil dos invejosos, a intriga pequenina e chata, dos chatos confeccionadores d'essa peçonha, azaram a J. Moreno uma armadilha, em que se amarrou o amoroso para, chan, inteira e esteril de sentimentos extaticos, ficar a individualidade politica.

A politica calcina e disformiza. J. Moreno, neste borbulhar de peripecias incessantes, aos primeiros haustos de ar sorvidos nesta corrupta atmospherá, bem percebeu, e com assaz de tristeza, que outros attractivos iam furtando a Petra o que para ella só desejava impolluto.

Suas cartas perdiam gradualmente o calor, que parecia aviventar o papel. Iam sendo calculadas, quasi como artigos de fundo, até que se tornaram raras, e, alem de raras, sobremaneira concisas.

Já então se equilibrava na corrente dos negócios.

As divinas cartas de Petra ficavam, as mais das vezes, esquecidas na papeleira, entre a petição interessante d'algum eleitor, e os apontamentos para um discurso parlamentar, ou coisa assim romantica.

Um lance de olhos sobre o caracter, que o nosso heroe assumiu em S. Bento.

Silencioso e modesto perdeu-se entre os barulhentos garrulos, que habitualmente revoluteam, tão promptos

em dar sentenças, como incônsiderados na escolha de acertadas opiniões.

— A perola sumia-se em golfões de espuma.

— A obscuridade, se não também o desdem, é o galardão ordinário com que se premeia o verdadeiro merecimento, sempre moderado, e cheio de estima pelas intelligencias alheias.

Vindo porem á discussão uma d'essas questões de summo alcance, que os oradores de fevera estrangulam com palanfrorio e gestos de atemorizar os Mirabeau preteritos e futuros, J. Moreno, depois de escutar quanto se diz de frivolo e arrebicado, máo grado seu, pede a palavra. Máo grado, porque, tendo-se de antemão tomado o pulso, sentia carencia de folego para entrar na liça.

— Os deputados veteranos, que o lobrigam na tribuna, arregaçam os beiços num riso precioso, encolhem os hombros, piscam-se os olhos e, de arma á cara, entalam-se nas cadeiras.

— Isto é um suicidio moral, blasona o mais compadecido.

— Tirem-no d'alli, devolve outro.

— Ditoza patria! Já os infantes arredam a bocca dos peitos da mãe para erguer brado em prol das utilidades publicas.

— *Juvenus, juvenus!* acrescenta um jurisconsulto, arrebanhando todos os latins, que aprendera nos bons tempos, que não voltam.



— Ouçam, ouçam.

J. Moreno, no entretanto, refaz-se de coragem. O fogo sagrado faísca nos olhos da sibylla. A Verdade accesa e diaphana, que lhe ia animando progressivamente a palavra, reboou no espaço em argentinhas e varonis accents.

Ondeou um borborinho de surpresa.

Alguns dardos todavia lhe foram arremessados. O mancebo apanhou-os no ar, e, devolvendo-os aos aggressores, chumbou-lh'os nas guelas com gentil urbanidade.

Applausos.

Não os estimou elle, nem tão pouco os desattendeu. O homem, e suas pequenas vaidades, não estava alli. Em seu logar encontrava-se o pensador circumspecto e independente, que tem como fim exclusivo depurar a verdade. Mais nada. Desfiando com vagar e geito o enredado da meiada, introduzindo em cada treva um raio de luz, leva consigo a camara num raptó de inspiração, e conquista a geral sympathia.

Foi um triumpho.

Lastimo não ter á mão a folha official, porque estimava amaciar o paladar ao leitor com dois dedos d'aquelle mel substancioso. Assim, remetto-o para o *Diario* de...

Não me lembra agora o numero do *Diario*, em que vem o discurso. Paciencia.

Conta-se até que um morgado, descido lá dos montes, fôra expulso das galerias por causa d'uns « bra-

vos! » altisonos, que semeara pelo meio do arrazoado adiante.

J. Moreno senta-se victoriado pela camara em peso. Pasma das mostras de consideração com que o constangem. E, fechado comsigo, pergunta se aquella gente estará tomada de demencia, ou se, com effeito, existirá em si algum veio de ignorada riqueza.

Duvidava.

O truão, que um dia se vio de luva branca, não duvida jámais da sua fidalguia. Pelo mesmo theor o pedante arripiado, que se apparelha de berloques, como o aventureiro, que, por um acaso propicio, conseguiu agigantar-se num paiz de pygmeos.

Com vento de feição, seguiram as glorias de J. Moreno.

Andava num rodopio vivo de casa d'um ministro para casa d'outro ministro. Todos o queriam. Cada parcialidade o namorava com negaças de primor. E, em resultado, por pouco me não estragavam o rapaz. Pespegaram-lhe na cabeça a vertigem das ambições, e embriagaram-no em promessas d'um futuro luminoso.

Embriagaram-no! E é de saber que é este o meio de fazer peccar um justo. Do ebrio tira-se facilmente um criminoso.

J. Moreno conservou-se illibado. Porem o amor da gloria varreu-lhe do coração as ultimas queridas reminiscencias do amor de Petra. Era o tufão que enovelava e emmurchecia os vergeis da sua mocidade.

O homem é, nem mais nem menos, como um heroe de Shakespeare, ninguém duvide; porque, se dorem forma á inconstancia, essa é o homem.

Á proporção que J. Moreno se popularizava como orador, outras conquistas, mais facéis, e não menos agradaveis, lhe iam ennobrecendo o brazão. Já não aquecia os pés em brazido de lenha commum, senão sómente em bohitos perfumados bilhetes.

Cópiemos da vulgarizada chronica dois trechos a esmo.

Noite velha. Uma carruagem defronta com a casa do nosso heroe. Elle, que está firme, de atalaia, chega-se á portinhola, e recebe nos braços um delicado fardo. Delicado, tanto quanto é permittido julgar-se pelo mais fidalgo pesinho do mundo. O pé sempre se mostra ao descer da carruagem.

A dama era um esphinge. Porque hoje chama-se esphinge a quem quer que, cauteloso, se rebuça até aos olhos. Prende-se ao braço de J. Moreno e, lepida e flexivel, galga as escadas. O manto cae.

Um rosto angelico, uma face pudorosa!

Ninguém dirá que é a adultera, que, aproveitando a ausencia do credulo marido, vem abrir os seios aos beijos d'um extranho, que a colma de lama, de gozo e de vilipendio.

Mutação de scena. J. Moreno marinha pela escada de seda, que fluctua presa da janella. Recebe-o dulcifica criança, derretida em caricias. Tem quinze annos.

Que pena! E já tão perdida. É a irmã de Benedicto. Apresentemos o homem.

Benedicto é o herdeiro presumptivo d'umas poucas de arrobas de mareado e roto pergaminho. É tão fidalgo, que só uma coisa nelle excede a fidalguia, a pobreza. De mais faz profissão de peralvilho e zelador determinado dos creditos da sua familia. Pobre sim, mas summamente honrado. Antes quebrar que torcer.

Misero d'aquelle, que ousou feril-o no pudor de sua irman! Informado do crime, espreita ensejo de o punir. Eil-o de mão armada com a temivel farrusca do visorei da India, seu avô, que tão bem estreiada fôra no costado de condemnadas hordas. É o instrumento da vingança.

Á sua parte os amorosos, descuidados, longe de suspeitas e de receios, embevecidos um no outro, exhalam meigos suspirós, como tenues vapores de essencias finas; casam as respiraçõs, e quebram-se as forças num soluçar de blandicias ternas.

Senão quando soam vozes, passos, alaridos, na contigua sala.

— Jesus! balbucia a pequena, inteiriçada de susto.

— Que será?

— Foge! É meu irmão! Um tigre!

Escancarou-se a porta. J. Moreno, cobrindo-se á pressa com umas vestes da amante, leva mão do revólver e aponta-o ao peito de Benedicto. O tyranno recuou enraivecido. E o nosso Lovelace graças á escada de seda,

conseguiu, escorregar para a rua, e salvo de todo o risco.

Voltando em si, não pôde ter-se, que não risse, por dar com a sua respeitabilidade, passeando ao fresco, no traje simples com que entramos nos festins, nada ceremoniosos, da existência.

A honra de Benedicto deu-se por satisfeita e reparada com a sobrecasaca, e com o relógio do mancebó. Não era millionario, e gostava de se bambaleiar, Chiado acima, anediado e garrido, que brios de cavalleiro formiguejavam-lhe solertes no fidalguissimo sangue.

Estas nodoas galantes, de que J. Moreno ia salpicando a sua historia, não pouco contribuiam para o arvorar em perfeito homem da moda. Bailava o seu nome no soporifico artigo de fundo, no folhetim, na bocca das nobres matronas, no romance até. Entre o lupanar e o salão não havia espaço, que não occupasse. Era o centro para o qual todos os tiros anecdoticos se disparavam.

O que prova, com exuberancia magna, que é o escandalo uma das irresistiveis lisonjas com que se captiva a fama. E com effeito o escandalo, em vez de ser verberado com espartana rigidez, vale quasi sempre um pregão de louvores.

O velho Moreno, quando ao logar do seu voluntario exilio chegava a noticia fugitiva d'alguma gentileza do filho, sentia-se volvido a mais felizes tempos e como que remoçado. Deve ser grato recordar as passadas fa-

ças, e vel-as dignamente continuadas por um filho muito estremecido.

— Olhe, padre, dizia para o cura, eu sou homem tão pouco em materia de prejuizos, que me curvo reverente diante das soberanas exigencias da mocidade. Não censuro o rapaz. Quero-o antes assim. Só porque a este nosso inverno já não chega uma restia de sol, havemos de pretender que não haja verão para os outros?

— Todavia... a prudencia é recommendavel.

— Diz bem. Uma coisa me dá cuidado. É a temeridade, com que, sem ponderar consequencias, se extravai, o leviano, pelas ricas scaras da vizinhança. O padre sabe como eu quero a aquelle filho.

— Se sei! Filho unico, herdeiro de seus bens e titulos.

— Filho pelo nascimento, e filho pelo amor. Fui eu que o criei, e lhe ministrei os primeiros alimentos de espirito. Minha alma toda se derramou por elle. Vivo antes nelle do que em mim. Tambem ninguem mais tenho no mundo.

— Nem precisa. A arvore, que tantos desvelos custou, paga em flores a divida.

— É certo. Deos me não castigue este orgulho.

— E chora!...

— De regozijo.

Tinha justos motivos para orgulhar-se o venturoso pai.

Foram grandes e soados os triumphos, que na tri-

luna alcançou J. Moreno. Porém conquistas, como as d'elle, não se disfructam, sem que se tire na duração a existencia o que ella dá de sobrecellente na distincção.

A saude do mancebo começou pois a tornar-se sobremaneira duvidosa.

O trabalho faz por vezes obra de lima surda. E, quando menos nos precatamos, cae sobre nós uma lousa, e um epitaphio.

Devorava-o febre latente, que pouco a pouco lhe afogueava os labios, amortecia a pupilla e esverdeava a cutis. Nada apprehensivo, descuroou o mal aos primeiros annuncios. Mas, como fosse crescendo, pela gradual debilitação das faculdades, pela fallencia da memoria, por amarguras incognitas, que no intimo o remordiam, e por uma permanente irritação, rebelde em deixar-se dominar, determinou pedir conselho á medicina.

Contraposeram-se as opiniões dos esculapios, até que assentaram, no fim de certames, que arrepellavam do grego, do latim e de outras quejandas lingoas de sabios e pedantes, que a doença era nervoso estreme, só capaz de ser gladiada com mergulhos no oceano e bife grosso.

Quiz parecer ao doente que os doutores ou lhe occultavam parte da verdade, ou se não entendiam com ella; pelo que se foi consultar um medico, de grande nomeada e seu particular amigo, no firme proposito de acabar com incertezas.

— Venho sondar a sua opinião, diz, apresentando-

se. Queira dar-m'a, doutor; queira dar-m'a, sem evasivas, e em humana linguagem.

Intumeceu-se o sabio de imponente solemnidade, e procedeu á auscultação.

— Comprehendo, prosegue o moço, notando o ar carregado, que lhe via assumir.

— Não...

— Franqueza. Estou resignado.

— Na sua idade...

— Franqueza, repito. Vesti-me de brônze para aparrar o golpe.

Concertou o doutor a physionomia, coçou na suissa, cruzou as pernas e poz-se a discorrer.

J. Moreno despediu-se sombrio, como um espectro.

Levava o pai no pensamento, e, no fundo das entranhas, o fel das incomportaveis dores.

Uma aneurisma, engrossando-lhe no coração, pedia gazalhado ao cemiterio para o viageiro enfraquecido.

Esperanças, desejos, aladas ambições de poder e gloria... tudo desfeito, tudo em pó, tudo immolado ao sopro da voraz fatalidade. Myrrhadas, tão lindas petal-as, pagam seu feudo ao lixo.

Foi menos forte do que cuidava. Caindo sobre uma cadeira, dilacerou o peito com soluços, e chorou como uma criança.

É que tinha um pai. É este pai nelle accumulava todas as ternuras, nelle cifrava religião, patria e fami-



lia. O infeliz velho, sem ninguem no mundo, sem consolos e sem affectos, tambem havia de chorar.

Mil vezes venturosos aquelles, que se apodrentam no commum monturo, sem que tenham experimentado a agonia insolita de verter lagrimas, não sobre a propria desgraça, pela desgraça em si, mas pela afflicção, que ella accende nas almas, que nos prezam.

Ha organisações, que arrostando impavidas com o patibulo, que vão para a morte como para um banquete. Dá-se um momento em que vacillam, tremem, choram? Ficae certos de que não é pusillanimidade, ou apego á vida. É sim de magoa e condolencia pela dor dos pais, das esposas, dos filhos, dos amigos.

E que tormento se inventou jámais, que abranja a suprema amargura d'aquellas lagrimas?

Responda J. Moreno.

\*Alem d'isso, por sua parte exclusiva, não pouco tinha que lamentar o mancebo. Não era o mendigo, que, repellido do meio dos homens, entrevê a final uma poisada amiga, e descanso do labor do dia. Era o Lucullo, que deixa o fausto da sua mesa, o apparatus das suas festas, para augmentar a magnificencia do festim dos vermes.

Afagar uma idea generosa; fundir, encarnar e circumscrever nella somente o tumultuoso sonhar de todas as noites; aquecel-a ao baso inflammado do peito; nutril-a com o sangue mais puro do coração; levantar o edificio a toda a altura do genio creador; e, soberbo,

radiando jubilos, volver-lhe os olhos cariciosos, e não enxergar senão a aridez d'um solo maldito, craneos vazios, corpos em pestilencial decomposição, o aniquilamento com seu pavoroso sequito de phantasmas sorridos, é tomar aos hombros a cruz de J. Moreno.

Eu mesmo, leitor, que para te dar gosto estou preparando este narcotico, eu mesmo já de sobra, se bem que em infima condição, me esfarrapei na agrura de eguaes cuidados. Por isso os aprecio com tacto de experimentado. Disse «esfarrapei» porque me não lembra agora outro mais significativo verbo.

No duro transe reparava J. Moreno em que o evitavam condoidos os amigos verdadeiros, em quanto que os outros, os refalsados, os que encontravam nelle as vigorosas frondes d'uma arvore magestosa, á sombra da qual, rasteiras plantas, não podiam vegetar, lhe saham de frente com tristeza fingida a fim de se regozijar no espectaculo d'aquella muda agonia. Como não queria louvaminhar os baixos sentimentos dos monstrosinhos, contrafazia uns risos e uns meneios, que lhe grangeavam o epitheto de homem forte. Todavia, como é de presumir, minava-o o soffrimento.

Liberto da coisa publica, perseverava na tenção de regressar á sua aldeia. No adro da igreja suspirava o rustico sarcophago de seus maiores por mais um cadaver. E, alem d'isso, impellia-o o desejo de acabar nos braços do consternado pai, e de o fortificar com expressões animadoras. Ignorava o malfadado que outro

vez, mais fatidico por ventura, adejava sobre elle: O martyrio tem seus privilegiados.

Vejamos.

Somno reparador, embora muito agitado, languescer as maceradas palpebras ao enfermo. Um criado o desperta, entrando. Dá-lhe uma carta.

— Correio? pergunta o mancebo.

— Sim, senhor.

— Bem. Vac-te.

A carta trazia tarja de negro. Sem saber porque, tremia ao abril-a. Às primeiras linhas, que abarcou com a vista, amarrotou-a na desvairada expressão da ira extrema, deixou-a cair, ejaculou uma praga diabolica, e, numa cruciante crispção nervosa, estendeu os braços contorcidos, cravando as unhas na parede.

Ficou de pedra.

Depois refluiu-lhe ás faces um clarão de esperança, arquearam-se-lhe os labios num riso doce, transpareceu-lhe a vida nos olhos, e desfalleceu suavemente. É que ha sempre um talismao no fundo de todas as dores.

Fora o caso que o velho Moreno, prevenido ácerca do estado do filho, só tivera tempo para despedir um gemido, e cair redondamente morto. Uma apoplexia fulminante precedera a leucura.

Com quanto pareça exagero, trebelham, sem detongas, d'estas facecias na farça de cordel, que debaixo do sol representamos.

E agora que peito aberto receberia o final suspiro

do moribundo? Partir, sem a triste esperança d'uma lagrima sobre a campa, d'uma recordação na terra, d'uma saudade, d'uma oração! Fatalissima jornada!

Espreitando a opima herança, já vê coriscar nas sombras os olhos avidos de alguns degenerados parentes. E aterram-no aquelles olhos.

Porem scintilla luz subitanea.

Petra, Petra! Ha tanto tempo, com tão feia ingratição esquecida, eil-a, como anjo da caridade, a distribuir consolos ao afflicto. Então, ainda lhe resta um seio branco, em que adormentar a cabeça.

A mulher é o unico milagroso balsamo para as incuráveis amarguras.

### III

VAE ALTA A LUA.

D'esta arte começa uma sentimental poesia do nosso chorado poeta Soares de Passos. Começa pois a primor este capitulo.

Vae alta a lua.

Uma liteira pára á porta do solar de J. Moreno. É o orphão, que vem tomar posse da paternal herança. Apea-se.

Está um frio cortante. A lua, toldada d'um véo aquoso, arrasta-se mansamente nas alturas por entre crassas nuvens. Da rama dos olmeiros penduram-se

grossas gottas da chuva, que miuda cahira durante o dia. E, nas cavernas dos penhascosos cerros, sibila, de longe em longe, vento gemedor.

J. Moreno sobe a tosca escada externa, que dá para a habitação. Serve-lhe de amparo o braço d'um enluctado escudeiro.

O escudeiro era d'antes um disfructador, que levava o escudo ao cavalleiro. Sancho Pança levava o escudo a seu amo. Hoje creio que, pelos modos, tem a seu cargo levar a roca e o estojo da costura.

J. Moreno demora os olhos no crepe negro, que cobre o brazão da sua casa, e, em pé sobre o balcão, volta-os para as bandas do cemiterio. Supplicia-o a idea da absoluta soledade.

Entra.

Junto ao fogão lá está a grande cadeira de seu pai. Senta-se nella lavado em lagrimas.

Por uns vidros quebrados da janella entrava, a espaços, uma lufada de aspero vento, que fazia crepitar os carvões ardentes. E o fumo espalhava-se pela sala em contornos moveis e ephemerous.

Era bem recebido na casa paterna aquelle desherdado da fortuna.

Cançado da viagem, confia no repouso. Mas que importa o repouso do corpo á vigilia do espirito? O somno não attenua o soffrimento. Tambem se chora a dormir.

J. Moreno adormeceu. Mas um tal somno nada deve ás torturas de todas as inquisições do mundo.

Que delir de angustias! Que tropel de phantasmas sordidos! Que de horrores concentrados numa insignificante molecula, despedida ao acaso do seio da immensidade!

Quando a doença nos marasma alguns dos órgãos essenciaes, e, a par das ruinas da economia, nos punge indocil affecção moral, a noite, com suas estrellas e seus romanticos murmurios, desce em torno a nós como o marmore frio de sumptuoso mausoleo. Sobre a macia plumagem, em que nos tomou a modorra, amontoam-se informes esqualidas figuras. E quasi sempre nos visita, em forma e côr, o objecto, ficticio ou não, de nossas doridas impressões.

J. Moreno, apenas adormecido, vio surgir seu pai. O velho encolhia-se, envergonhado, na mortalha esfarapada, e, tiritando de frio, coberto de lama, vinha humilde implorar ao filho um pouco do calor de seu fogão. E, enroscando-se-lhe aos pés, aquecia os membros no brazido.

O moço sentiu o roçar d'aquelle corpo putrefacto, que extravasava halito suffocador.

Acorda num estremeção.

A lampada, falta de oleo, apagara-se. Tomado do terror, chama pelos criados. Uma voz responde.

Escuta.

É o echo da sua voz. E logo o mugir distante do austro gemebundo.

Ergueu-se arripiado.

Inerte, enroscado a seus pés estava um corpo.

— Meu pai! brada estupificado o mancebo.

Oscilla o corpo.

Que seria? A sombra de Banquo? O sombrio espectro do Hamlet? Alguma des ensanguentadas victimas de Ricardo III?

Não. Era o cozinheiro.

Era o cozinheiro, que, cabendo-lhe em sorte velar sobre o enfermo, cedera ao somno, e acabara por se estirar no pavimento.

Raia o sol magestoso envolto nas magnificencias da sua purpura fulgente. Dardejando os brilhantes raios nas vidraças, illumina o rosto de J. Moreno com uma restia aurifera.

O mancebo respira.

Este acordar ridente da natureza espavoria as visões da infausta noite.

Fez abrir as janellas, e regalou-se, respirando as matutinas auras, impregnadas de fragancias das flores do campo, e banhando-se, confortado, naquelle vasto oceano de luz.

Mas logo se lhe arrazaram de agoa os olhos, caindo distrahidos sobre as arvores do cemiterio.

— Lá tenho a minha morada, murmura, recolhendo-se, com a lastima no quebrado coração.

Nunca, como então, sentira tão viva pena de morrer, uma tão pungitiva saudade de deixar um mundo, que era para elle como um cofre de raros thesoiros.

Abordado num bastão, sobe á visinha collina, saudoso do sitio. A relva, aveludada e fresca, estendia-se em toalhas graciosas, franjadas de variegados esmaltes. As trepadeiras silvestres, com as madresilvas, toucadas de tremulos aljofares, mostravam-se d'entre as opulentas alcatifas de verdura, ou se enfeixavam nas fendas dos muros arruinados. Por cima adejava a madrugadora calhandra, soltando a miude sua singela trova, até que, erguendo-se perpendicular, se entranhava nas nuvens.

J. Moreno vagueia com os olhos pela campina, pelos montes, pelos tugurios e pelas choças da aldeia, segue as torrentes no seu precipitado curso, e chora as recordações, que por ahi lhe andavam soltas.

Que dera elle para que o volvessem á idade, em que as alegrias facéis da innocencia tamanho contraste formam com as honras, travadas de afflicção, que vêm depois? Que dera por dez, por cinco annos de vida, mas de vida sem dores, mas de vida sem martyrio? Como aproveitaria esses annos! Petra, a sua aldeia e a obscuridade. O céu aberto. E como lamentava os dias, que passara na voraz ancia do Prometheu, que indaga um phantastico fogo! Conquistas, honras, glorias... Que mais valem do que os echos finaes d'uma sonora gargalhada? Volateis pyrilampos, que fulgem e passam, fugaces como um sonho. Malditas sejam ellas, que são a perdição do homem, como foram a causa do primeiro peccado.

Ponto e virgula no threno.



O mancebo põe-se a soluçar. Não de fraqueza. O que não podia era viver assim. Jogára a vida numa carta, como uma libra em qualquer loteria. Mas é que se não compadecia aquella imaginativa exaltada com a morte lenta, medida, contada, em que o paciente desce, pouco a pouco, os degraus da eternal jazida.

Prosegue o threno.

Vae-o elle suspirando, em quanto trepa mansamente a um agigantado penhasco, sobranceiro ao rio.

Em baixo redomoinhavam as agoas num escuro sorvedouro. J. Moreno sentia aziaga consolação, suspenso sobre a voragem.

Era o Manfredo, pendurando-se do alcantil dos Alpes.

Afunda os olhos no abysmo. No cerebro entra-lhe o desatino. Enreda-o a vertigem. Está a ponto de se abraçar ao esquecimento. Mas a saudade, a extrema saudade, que desprende sobre a memoria do seu unico verdadeiro amor, poz-lhe diante uma imagem seraphica. Perplexo, vê esvaecida a cerração, que o entontecia, e pensa que um bemfazejo sylpho o ampara, na queda, sobre as azas crystallinas.

A pomba, emissaria da paz, pairava sobre o desgraçado. Petra estava alli em espirito, e na bocca resequida lhe vertia celeste cordial.

Não sei como não foi confiada á mulher a redempção da humanidade.

J. Moreno deu-se um momento como escorreito e

vigoroso. Nesse mesmo dia mandou cartas para Lugo  
E disse ao escudeiro :

— Antes d'um mez estaremos de viagem.

— Vossa excellencia!

— Vou buscar minha mulher.

— Como! Pois?...

— Estimo em pouco os meus parentes. Quero uma  
herdeira para esses bens, que ahi ficam.

— Se m'o permite, a que paiz vamos então?

— Hespanha.

— Ah! Lugo!

— Está bem.

As noites, que seguiram, foram menos laboriosas para o doente. Dir-se-hia que o mal fizera um retrocesso mais que muito satisfactorio. Mas, por infelicidade, esses symptomas eram, como calmaria, precursora de tormentas. O principio de morte lá estava enraizado.

Voltou mais tenebrosa a modorra. Espasmos, lethargias, funestos pesadelos revezavam-se á cabeceira do mancebo, como ciosos na contagem dos minutos. Recostado na cadeira de seu pai, que lhe servia de leito, a cada passo se levantava convulso, cabellos hirtos, cadaverica pallidez, espantado por visões estranhas. Elle mesmo parecia um phantasma.

Veio uma noite em que, mais tranquillo, desmaiou em folgada somnolencia. Não se fez tardar porem a agonia do costume.

Isto pede menção especial. É como um episodio.

Tremiam-lhe os labios e as palpebras entrecerradas; latejavam as arterias do pescoço; os dentes, encontrando-se pela agitação das maxillas, crepitavam uns d'encontro aos outros. Adivinhava-se que um delirio singular o enrodilhava nos intrincados meandros da extravagancia.

Vejamos pelo seu prisma.

O espaço é uma nevoa espessa. Anima-se a immensidade de clamores mysteriosos como lamentos de almas, que penam, divagando nos escarceos escuros da procella. As arvores vacillam gemebundas. E as alimarias do monte, quebrada a sanha pelo medo, buscam a protecção dos povoados.

Gelado de frio, conchega-se J. Moreno ao fogão.

Era mortíça a chamma do fogão, e estranhos e moveis os clarões com que dissipava ora uma, ora outra penumbra. Sobre as cinzas, que se estendiam como o fragmento d'um lençol funereo, rolava J. Moreno com mão distrahida uma metallica lamina.

Reparou acaso, e só muito tarde, que os traços, sulcados pela lamina, se cobriam de pallor phosphorico, affeiçãoçoando-se a cabalisticos contornos de linguagem nigromantica.

Sem saber como, perscrutou o arcano. Espantoso! Era uma tentação de Satanaz.

O espirito promettia ao enfermo um cauterio redemptor, á custa de ominosa convenção.

— Sim, certamente, murmura J. Moreno entre as-

sombrado e alegre, eu adoraria a quem me tirasse d'este supplicio. A mão, que me levantasse do aniquilamento, seria uma poderosa mão. Beijal-a-hia.

Não tinha ainda acabado, quando das profundezas da terra se eleva um pio funesto, e no hombro lhe pousa a sombra d'uma aza extraordinaria.

Empina-se de horror.

Desmaiada, e quasi perdendo-se na sombra, descobre sobrenatural medonha apparição. Era como nevoeiro transparente, que, sob uma vista attenta, se desvanece.

Satan estava alli. Não o tentador Satan dos poetas, o anjo cahido e orgulhoso no infortunio, magestoso, apesar de proscripto. Não o ser mysterioso, que, debaixo da cadeia do escravo, conserva o esplendor soberano dos astros. Mas intacto e perfeito, tal como a creação horripilante, de amedrontar infantes, que se deve ao esteril imaginar dos pintores do seculo XIII.

Estendia sobre J. Moreno uma aza immensa, semelhante na feição á do morcego. A outra pendia, em abobada, para o pavimento. Nas garras apertava um pergaminho informe. Os olhos, como duas frestas pequenas e arqueadas, por onde entrasse luz d'um fóco posto por detraz, vertiam nas cadaverosas faces do enfermo raios crepusculares. J. Moreno sentia tisonada a tez sob a diabolica influencia d'aquelles raios.

— Aceito o pacto, freme uma voz, que se não sabia d'onde vinha, similhando o reboar de trovão longinquo.

Um phrenesi hediondo desceu-lhe ao fundo das entranhas.

— Que pretendes? exclama.

— Tenho o elixir da vida.

— És tu capaz de desviar de sobre mim as forças do adverso destino?

— Sou.

— Despresou-me Deos. Vio-me indigente, e não me deu esmolas. Mão pastor deixou insensível que do redil se tresmalhasse a ovelha. Sou teu escravo então.

O phantasma apresentou-lhe o pergaminho.

— Toca-o, disse.

J. Moreno obedece. E logo o seu nome transluz impresso em caracteres de fogo.

— Agora, torna a voz singular, agora a minha vida.

Uma garra se estendeu, alongou, cresceu e se foi profundamente encravar na fronte do infeliz.

A nevoa ganhara consistencia e rijeza ferrea. O sangue manou copioso.

E a garra, retinta naquella onda vermelha, escreveu no pergaminho algumas fatidicas palavras com ruido, que fazia lembrar o ranger de dentes dos precitos.

Aqui J. Moreno ergue-se estremunhado. Toma a luz, que bruxoleava no friso do fogão, e interroga desconfiado e torvo os sombrios extremos da sala. Olha, espreita, caminha como um automato. E, quanto mais caminha, mais lhe parece a solidão, que o cerca, uma

solidão de tumulos. Mede-se de alto a baixo afflicto e atemorizado. Desconhece-se. Julga descobrir em si um extranho. Quer fugir, quer fugir de si mesmo, e não sabe para onde. Cobra resolução, olha de novo, escuta, e caminha ainda. Nem se lembra de que na alcova repousa o escudeiro.

Reflecte-se-lhe no espelho a transtornada physionomia. Uma cabeça de finado! Recua e novamente avança, antes de se reconhecer. A final observa que tem, na fronte, larga mancha de sangue, e indícios como d'uma garra, que alli profundara. Approxima a lampada. Maravilha! É o sello do pacto infernal.

Asphyxiado, cambaleia e vae encolher-se a um canto, clamando misericordia com gritos de arripiar os cabellos.

Correm os criados, acordados de salto, e levam-no sem accordo.

Em presença do alvor matutino, as sordidas catervas de impossiveis, que, apavorando-nos á noite, se tingem nas cores da realidade, desfazem-se por sua vez intimidadas. E logo achamos, quasi sempre, facil explicação para aquillo, que, em consciencia, nos parecia inexplicavel.

Foi o que succedeu no caso em questão.

Era a cadeira, em que dormia J. Moreno, uma alfaia de tão notavel como exquisito labor. No recosto inclinado, da mesma maneira que nos prolongados braços, não medeiava espaço entre um e outro dos rele-

vos, que a ornamentavam. A confusão era a sua singularidade. Cabeças de javalis, garras de aguia, pés de satyros, roscas de serpes fabulosas, folhas de acantho, flores exóticas baralhavam-se em inexcedível capricho.

Ora J. Moreno, num geito de allucinação febril, ferira a fronte nas protuberancias d'um relevo, o que pela coincidencia do sonho deu o resultado, que detraz sabemos. E coincidencias, de bem superior calibre, todos os dias se repetem por esse mundo alem.

Até aqui não embicamos ainda no inverosimil. E pelo que se segue quasi que me responsabilizo. Deixemos correr a penna.

Chegam cartas de Lugo. As coisas preparam-se ás mil maravilhas. Com ardor incitavam o moço a que, sem tardança, fosse trocar com a alvoroçada noiva o anel da etiqueta.

Porque, rezavam as cartas, á sua chegada nada faltaria para, em continente, ser effeituado o appetecido consorcio.

Ainda este jubilo estava reservado a J. Moreno.

A contar d'esse dia esmerou-se na conservação da existencia pelo theor por que um taul eximio, porem menos dinheiroso, do que eximio, se empenha em furtar á traça e ao pó damnosos a sua unica casaca, destinada a revolitar nas valsas d'uma esplendida festa.

Da *fonda*, na qual em Lugo se albergou, fez constar a don Jacobo de Puente que se achava a dois passos da sua casa, mas impossibilitado de correr a abraçá-lo,

pois que estava convalescendo d'uma séria enfermidade, que o havia assaltado no transito para Hespanha. E, certo de que com pequena detença viriam procural-o, invocou todos os artificios para dissimular os estragos da doença.

Petra entrou offegante em infantil carreira. Resplendente, feliz, desfeita em gosto, esquecendo refalsados decoros, lançou-se toda corada e festiva nos braços do amante.

— Moreno! Oh meu querido Moreno!

Ficaram mudos.

Olhavam-se.

— Estás mudado, filho! diz a pequena, embevecida nelle. Como tu estás mudado, Moreno!

— Tanto pode a saudade.

— Meu Deos! Como são falsos os homens! Tu, que por um pouco te não esquecias de mim! Eu, coitada, petrificava os olhos, já exhaustos de lagrimas, petrificava-os sobre o caminho por onde prometteste voltar. Olha. Não estou eu bem mudada tambem?

— Não, não estás, que os anjos não mudam nunca. Mas não sei d'onde vem que sempre me pareces mais linda a ultima vez, que te vejo.

— É que sou ditosa.

Accrescenta, baixando a voz:

— É que vou ser tua.

Não ha martyrologio que inscreva um martyr mais legitimamente constituido do que J. Moreno. É indi-



zível o tormento com que arrostava. Agora, á beira da propria ruina é que, ao toque da sua mão, fructificava espontanea a arvore sancta da felicidade. Onde estava d'antes, que a não via, tendo-a tão perto? Era um escarneo aquillo com que a Providencia lhe punia o orgulho.

— Tens de que accusar-me, Petra, diz, alentando-se. Encontrei na minha terra uma estrada de abrolhos.

— Abrolhos! devolve ella com ternura, abrolhos como pode tel-os o laurel, que eu, cá de longe, te vi cingir; porque eu não deixei um instante de te acompanhar nas tuas glorias, e notava, com o coração apertado de tristezas, que floresciaam loiros na tua cabeça.

— Magoavam-te!

— De certo. Cada degrao, que subias, era um passo, que te afastavas de mim. Acostumei-me a ver-te tão alto, que todos os dias me sentia mais pequena. Traziam gelo as tuas cartas. Não me queixei. Eu não era digna de ti.

— Anjo!

— Tentei refugiar-me num convento. Resistiu meu pai. E, quando o tinha persuadido a deixar-me amortallar em vida, vens tu e banhas de alegria a natureza para mim inteiramente morta. Agora, Moreno, não ha ninguem tão feliz como eu sou. Agora já posso encarar no futuro, que nunca, outro equal, se offereceu a uma rainha.

Uma lagrima furtiva bailou, como um aljofar, nas sedosas pestanas do mancebo.

— E que rainha, continua ella, transportando-se, que rainha alcançou jámais a dita de se reclinar num hombro como o teu, de cobrir de afagos uma bella cabeça como a tua; bella pelo talento, bella pela admiração, que soube infundir num povo?...

Um beijo a interrompeu.

Ser de tal modo apreciado pela mulher, que se adora, se não é a suprema aspiração d'um homem de alma, não sei, por mim, qual seja. J. Moreno sentia-se renascer com brios novos.

Neste comenos assoma ao limiar don Jacobo de Puente. Vinha ronceiro e pesado, ou de proposito, e é o mais natural, ou porque com effeito, como elle asseverava, o estorvasse de andar ligeiro certo gottoso entorpecimento, a que era sujeito.

J. Moreno mostrou-se prazenteiro. Fez chorar de riso o cavalheiro, narrando uns divertidos incidentes da viagem. E, a final, era para ver-se a galhardia, com que se aprumava, descendo a escada com Petra pelo braço, no acto de se retirarem seus hospedes.

Conteve-se impassivel até que os vio dobrar a esquina da fronteira rua. Depois, quebrantado, deixou-se cahir sobre um degrao. Escondeu nas mãos o rosto, e soluçou baixinho. A doença tambem effemina.

Concluamos.

Demos por celebrado o hymeneo.

Moreno está de joelhos aos pés de Petra. Ella curva-se meigamente para o esposo.

— Que febre, Moreno! Ha no teu rosto uma estranha mistura de prazer e magoa.

— Perdoa; oh, perdoa-me! Não sabes tu que a minha alegria é a alegria do homem novo, que se embalsama e veste de gala para as festas da eternidade?

— Que dizes, louco!

— É que eu presinto a eternidade no teu peito de neve, nos clarões inquietos dos teus olhos languidos. É que eu adivinho que vou remir-me nos teus braços do captiveiro do mundo. Petra, Petra! não me perdoas tu?

— Não, não, não te perdôo os beijos, que me recusas; não te perdôo as caricias, que me não fazes.

E beijou-o com ardor, e ancia, e desejo.

Os cortinados do leito cahiram sobre elles.

Passados instantes por toda a casa estruge um brado pavoroso.

Petra tinha sobre o seu rosto um rosto gelido, e o brando peito, nadando em amor, unido ao peito nú d'um inteiriçado cadaver.

Verin, 7 de agosto de 1867.



# HONRA ANTIGA



# HONRA ANTIGA

---

## I

Não ha castor ou hippopótamo, que me sobreexceda no amor ás agoas.

Desde pequenino se manifestou em mim esta affeição, pois que, ainda não tinha quinze dias, quando me chimpei de mergulho na onda fresca d'um lago.

O lago era a pia baptismal.

Mergulhei buliçoso como uma enguia, e emergi radiante como um cherubim.

Mas prendas d'esta polpa e calibre não se baldam em meros exercicios de gymnastica como a equitação, a dança, a esgrima; nem tão pouco se limitam como a musica, o desenho e o lyrismo a misteres de galanteio e passatempo.

Têm mais prestimoso alcance.

O pescador de perolas mergulha, por entre florestas de coraes, para extrahir do fundo dos mares os the-

soiros, que lhe tentam a cubiça; o pescador de truitas mergulha para das cavidades dos rochedos, ou d'entre as torcidas raizes dos amieiros, extrahir, apprehendido pelas guelras, um mimo da boa culinaria; eu mergulhei, se não para me colmar de perolas, ou para me regalar de truitas, ao menos para fazer acquisição d'um nome.

Chamo-me Christovão. Pesquei um nome de romance, sonoro como qualquer madrigal. E, com elle filado á minha grave personalidade, vou vivendo, por não ter mais nada, que fazer. O nome de meus pais, esse é que ficou nas agoas turvas, ainda por algum tempo.

Sou filho do peccado. Devo a existencia a uma insignificante distracção de minha mãe. Perdera-se, a desavisada, perdera-se d'amores por um sympathico moço, de condição muito sobranceira á sua. Se era mulher!

E qual é o anjo, que não tem na esplendida madeixa o sello d'uma passageira macula?

Entre ella e meu pai não se encapellavam oceanos, nem revoltavam montanhas de candente areia, nem se alongavam continentes, nem se encadeiavam cordilheiras. Maior, muito maior era o obstaculo, que se interpunha: uma corôa de conde, e uma origem feudal.

A paixão encurtou as distancias, que o nascimento assignalara, e uniu-os num doce amplexo. O prejuizo do seculo obstava todavia a que se sanctificasse perante o mundo o que, perante a natureza, estava sanctificado.



Isto passou-se na escuridão do mysterio. Cobriram seus devaneios culpados de espessas neblinas, que, se não, o velho alferes, meu avô, vingara a deshonra da filha no sangue do seductor.

Era meu avô um velho de rija tempera peninsular. Como *voluntario* gladiara nas pelejadas luctas da liberdade, e sempre introduzira a espada valorosa até ao mais luzido e nervudo das inimigas phalanges. D'onde procedeu, restabelecida a paz, voltar a suas magras terras, tão magras, que mal davam para um passadio decente, levando na escarcella carta patente e honras de alferes, e no rosto nobres cicatrizes a attestarem os feitos do soldado. Melhorando de posição, nem por isso deixava de considerar como evidentemente necessaria a escala das jerarchias, tal qual a tradição lh'a transmittia. Filho do povo, não consentiria em mesclar seu sangue com o sangue d'um nobre, nem talvez á custa da propria vida. E só uma coisa estimava mais do que a vida — a honra.

Pouco habituado a discernir por si, pensava na maioria dos casos o que seus avós quizeram, que pensasse. Seguia-lhes na esteira, de olhos fechados, fanatico e pertinaz, duvidando da luz, que d'outro lado lhe fizessem, por ventura, resplandecer.

Em materia de honra era como um reflexo de Ca-tão. Era a honra em pessoa, mas a honra consoante a entendia elle, tal como nós a não entendemos hoje. Tão seguro estava de si que, nem por sombras, se lembrara

de que na sua familia podia inocular-se um fermento de corrupção.

Se soubesse! Ensandecia de certo.

Petronilha, o nome de minha mãe, viçava como uma flor, que fresca desabrocha. Todas as pompas da juvenildade se abrilhantavam nella. Tambem mais requestada nunca foi belleza campeзина. Nem se vio moça linda tão esquivada e avessa ao sancto matrimonio. Iam-se os galans, uns apoz outros, feridos e estropeados na infeliz campanha. O alferes olhava de soslaio a filha, com tregeitos de nada contente, e satisfazia-se, rosando lá comsigo:

— Ha de mudar, ha de mudar em lhe chegando a primavera. Estou prompto a apostar com quem quizer.

Mas a tal primavera parecia uma ficção, não chegava. E arriscada fôra a aposta, porque os annos sobrevinham, e Petronilha continuava livre como uma toutinegra. O alferes dava-se a perros.

Um bello dia, tinha-se servido o jantar, um jantar, se não opiparo, mais abundante, que de costume. Acrescia á mesa um hospede. Um mocetão robusto e fornido de tesas e avermelhadas carnes, prognosticos satisfactorios e nada commum peculio.

Petronilha media-o com terror. Adivinhava um noivo. Seu pai lhe fallara d'elle na mais eloquente e lisongeira linguagem, que sabia.

— Lá vae á saude, diz alegre o alferes, levantando um copo, cheio até ás bordas, e piscando um olho com

maliciosas pretensões, á saúde de certa insensível, refractaria ao casamento, que, antes de trez dias, graças aos estimaveis dotes do nosso amigo Estevão Ribô, aqui presente, se fará molle de cera, dada e correntia.

O moço agradeceu, esvaziando um cangirão. Petronilha baixou os olhos, perturbada.

— Então que é isso, menina? exclama o alferes. Assim agradeces o bem, que te queremos?

— Eu, pai?! Mas... de yeras, não sei que agradecer!

— Valha-te Deos, filha. Pois não percebes o que te anda por casa? A tua boda, uma boda magnifica!

— Minha!

— Não. Sou eu que caso, alli com a permissão de tua mãe.

— Consinto! clama a velha matrona no meio dos estrepitos da hilaridade.

— Mas... balbucia a pequena, competindo na côr com os coraes, que trazia ao pescoço.

— Silencio, atalha o pai, himpando de soberania e magestade. Todos temos a nossa epocha de efflorescencia. Não ha ser organizado na creação, que possa fugir a lançar, como as arvores, seus rebentões, flores e sementes, pelas quaes se multiplique, e se perpetue. Eu estou velho e acabado, e tenho direito de exigir a minha filha que me não prive de ver ainda a continuação d'uma raça, que merece mais prolongada existencia. Não te quero para freira, Petronilha.

— Mas, senhor, meu pai... torna ella, cada vez mais envergonhada.

— Está bem. Sei o que vaes dizer. Lamurias de rapariga. Lá te avem com o Estevão. Comigo está tudo dito.

Esta linguagem rude, e sobremaneira estouvada, não se compadecia do melhor modo com a indole aristocratica de Petronilha. Em extremo humilhada pregava timorata no alferes os grandes olhos azues, dirigindo-os depois supplicantes para a mãe. Esta mostrava-se entretida no bom serviço da mesa, e totalmente extranha á conversa. Sentia-se desamparada a pobre rapariga.

Ella, ao revez dos seus progenitores, era uma romanesca imaginação. Antes queria ser a amante aviltada d'um principe proscripto e mendigo, do que a esposa respeitavel d'um rico burguez. Julgue-se do que soffreria.

Devorou com paciencia as graçolas de Estevão, que, apimentadas, saltavam com fecundo gaudio dos conjuges, e supportou, sem redarguir, os azedumes do pai. Mas, apenas fechada no seu quarto, vingou-se, deixando manar livremente abafadiço pranto.

Bem conhecia ella o rispido e contumaz character do alferes, para esperar clemencia. O «quero» de seu pai, poucas vezes pronunciado, valia uma sentença sem appellação. Como resignar-se? Que seria do seu conde, do seu formoso conde, que, em cada novo soffrimento,

que lhe causava, mais adorado se fazia? E como agora lhe feriam no coração as saudades d'esses deliciosos soffrimentos! Revelar tudo, seus amores, já tão duradouros e tão obscuros, a existencia d'um filho, a minha existencia, as noites sagradas a indiziveis ternuras fôra pedir a morte, que uma falta d'essas não passara impune.

Porem... num peito de mulher não acharia echo a sua desventura? A mãe, que tambem foi filha, não saberá dar desculpa ás invenciveis fragilidades dos dezoito annos?

Cahir-lhe nos braços, e fazer, em lagrimas, eloquente confissão, quem sabe se, entrando com ella a caridade, lhe grangearia uma defensora contra a paterna vontade?

Vão desejo.

A matrona, identificada com o marido, seria inexoravel como elle, e mais do que elle talvez. Que fazer?

Ai, conde, conde!

Nestes termos ia enfileirando planos com que accender reanimadoras esperanças, e com que desbastar a dor, que rijamente a assetteava, quando o alferes veio procural-a de séria catadura e reflectido tom.

— Petronilha, diz elle, vejo-te as palpebras inflamadas do choro. Não te perdôo a afflicção, que me não queres poupar. Bem sabes que te présó, e...

— Sei que me amaldiçoa.

— Offendes-me. Sou teu pai, tenho por mim a ex-

periençia, e quero procurar-te a felicidade, já que tu tens dado sobejas mostras de a desprezar.

— Felicidade ficticia, convencional, cem vezes peor do que o infortunio, do que todas as calamidades.

— Razões mal assentadas. Cala-te. Esperei muito, fartei-me de esperar que, a teu geito, escolhesses, para amparo e companheiro o homem, que o teu coração desejasse. Queria deixar-te livre a eleição. Hoje é tarde, porque escolhi eu. Regeitei a principio a violencia, opto por ella agora. É tempo. Eu e tua mãe vamos no entardecer da existencia. Temos a cova aos pés. E, quando se fechar, não queremos que a terra pese de mais sobre nós por ter abandonado aos enredos perigosos do mundo a filha, que estremecemos. Que destino sería o teu, pobre criança, confiada a ti mesma, com a innocencia por defeza, com a paixão por conselheira e com a credulidade por norte? Estevão Ribô, sem pretender engrandecel-o com levantados conceitos, é o typo da probidade e da discrição. Tenho por sem duvida que ha de estimar-te ás direitas. Se o ouvisses ainda agora! Conhecendo a tua repugnancia em negocios de casamento, só teme uma renuncia offensiva. Casarás, porque eu mando e quero. Entendes?

— Quer matar-me, pai?

— Has de casar. Recommendo-te que sejas o menos desamoravel, que possas, com esse honesto rapaz. Não vás goar-lhe o gosto de te possuir.

— Não posso, não...

— Silencio.

E sahiu com ar soberbo e tenção inabalavel, d'essas que se não resolvem em certames de palavras.

— Pois sim, sim, murmura ella, tornando em si do desconcerto, em que ficara. Se é o typo da probidade e da discrição, ha de ouvir-me sem despeito, e com benevolencia. Vou contar-lhe o meu segredo, sem nada omittir. E, d'esta vez, considero-me salva. Querem adulterar-me em presença do altar, mas não hão de conseguil-o. Ignoram que pertenço ao meu conde, e só a elle, que lh'o jurei.

De tarde, afinando coragem e paciencia, mostrou-se brilhante de satisfação. O alferes, sem caber em si de contente, cobria a filha de mil pequenos cuidados, e poz-se em maré de condescendencias. Para logo alvitrou que se fossem, no passeio predilecto de Petronilha, até ao Sobreiro da serra, logar pittoresco e sumamente aprazivel, que tinha o nome d'um vetusto sobreiro, que alli se creara magestoso.

Postos a caminho, Petronilha fingiu-se tocada das villans frioleiras de Estevão, e conseguiu arredal-o do grupo, deixando os pais a perder de vista.

Iam estes de vagar, com muita quietação, em companhia d'uma apavonada moçoila que, num cestinho á cabeça, levava acipipe de que fazer no monte appetitosa merenda.

— Doidos! diz o alferes, designando os dois, que iam adiante. Como se entendem já! Ora fiem-se nos

amuos das raparigas. Ainda bem, ainda bem que pelos geitos, que toma o negocio, tudo vae pelas boas. Antes assim.

Dizendo *accommettia* o seu simonte a largos sorvos, satisfeito de ver a filha tão outra, do que esperava.

— Deram-se os braços! Bem, continúa. Conversam em intimidade, a modo que segredam. Que dirão, mulher?

— Que dirão! Que dissemos nós, quando por lá passamos? Sempre a mesma cantilena. Rapazio, rapazio!

O que se passou entre Estevão e Petronilha é um segredo, que não nos pertence devassar. É de crer todavia que alguma triste revelação se fez intervir. Isto, a termos de julgar pelo que, ao diante, se verá.

Reunido o pequeno rancho na eminencia do Sobreiro, sentaram-se na relva, e foi logo estendida uma toalha alvissima sobre a qual se amontoaram gulodices tão salutiferas como substanciosas.

O alferes, de ordinario divertido e folgasão, abraçou-se na amphora do phalerno, e fez exclamações d'um comico sobrenatural. Estava nas melhores disposições do mundo. Pouco bastava para alegrar aquella natureza rude e simples. Respeitar o proximo, e bem merecer, por esse preço, equal respeito; percorrer os campos em cuidados da lavoira nos dias de trabalho; merendar, com a familia, aos dias sanctificados, sobre os comoros verdes; e empenhar-se, com pia intenção, embora com limitado successo, em legar á posteridade



numerosa progenie; tal o carreiro, que, para seu transito invariavel, arroteara.

Mas parece que neste dia entrou máo olhado na funcção.

Estevão Ribô acabrunhava-se em mazorral e em-murchecida apparencia. Recusou-se a tomar parte na refeição, e não passava de monosyllabos, se o interrogavam.

Petronilha, de má sombra tambem, denunciava no aspecto melancolico como remorsos d'alguma acção, pouco meditada.

O certo é que, no regresso ao povoado, iam todos silenciosos e um tanto contristados. O alferes levava de Estevão para a filha olhos cheios de interrogações e de sombria desconfiança. Entraram no pateo.

Estevão, sem proferir palavra, encaminhou-se para a cavallariça. Meu avô foi-lhe no encalço.

Atirava o moço, quando elle tocou o limiar da porta, atirava a sella para o espinhaço do possante macho, quadrupede, que mais, que a si proprio, estimava. Digo quadrupede, para que os pechosos o differencem de seu dono, o qual, por um capricho da natureza, tinha o exclusivo defeito de ser bipede.

— Estevão! grita o alferes, que significá isto?

— Retiro-me.

— Retira-se! Que quer dizer?

— Que vou apresentar-lhe os meus agradecimentos

pelos obsequios, com que me obrigou, dizer-lhe adeos, e partir.

— Pois de veras?...

— De veras.

— Julguei... Todavia... Não ha nesta casa quem o prenda?

— Ha.

— Quem é?

— O reconhecimento.

— Petronilha?

— Tenho por ella affeições de irmão.

— Mais nada?

— Não é pouco, cuido eu.

— Não... lá isso... É estranho. Então?...

— Calemo-nos.

— E porque havemos de calar-nos?

— É o melhor.

— Queira explicar-se.

— De que serve? Nem eu tenho que explicar.

— Exijo-lh'o, senhor.

— Por Deos, clama o roliço Estevão, que estava morrendo por ceder á coacção, por Deos, não fallemos nisso.

— Pois que!

A curiosidade de meu avô tocara a afinação. O moçoilo, que outra coisa não desejava, foi-lh'a aticando, dando ao mysterio manhosas proporções, aventando termos d'um vago significativo, manobrando em fim com

tal arte, que não pudesse ausentar-se sem ser constrangido a destrinçar o embroglio. O que elle buscava era absolver a consciencia d'uma acção que lhe cheirava a villania. Queria a coacção. Continuou, fingindo-se trancado por dentro e por fóra :

— Eu não sou um barbaro, senhor alferes !

— Basta, devolve o alferes, comendo-se de impaciencia, e assaltado de negra desconfiança. Repare, meu amigo, que me deve satisfação, por que recebi agravo. Quem lhe offereceu a mão de minha filha ? Quem o convidou a transpor estes umbraes ? Julga que, quem entrou com os titulos do senhor, ha de sahir sem dar explicações ?

— Perdão. Ha casos, que a honra não deixa revelar.

— Quando não periga uma honra.

— Revolta-se a prudencia.

— Reclama-o o dever.

— Não devo.

— Nem mais uma palavra de recusa. Receio adivinhal-o. E juro-lhe que ha de ficar, em quanto me não esclarecer.

Tinha os punhos cerrados em gesto de ameaça. Estevão exulta no interior.

— Lamento-o, diz este com affectado sentimento.

— Porque ?

— Porque desafia o raio.

— Devesse elle fulminar-me.

— Seja, já que absolutamente o deseja.

— Exijo.

— Por mim lavo as mãos.

Despediu uma vista circular e investigadora. Os miseráveis são todos medrosos. Depois, travando do braço ao interlocutor, sahio com elle para o quintal.

— Estamos mais á vontade aqui. Não nos importunarão. Posso pois declarar-lhe com afoiteza...

— Que regeita minha filha.

— Justamente.

— Regeital-a! E porque?

— Ha um phantasma, chamado dignidade, que o determina.

— Como?!

— Não pode ser minha.

— Quem lh'ó disse?

— Ella.

— Mentiu.

— Pertence a outro homem.

— Petronilha!

O capitão levou a mão á calva cabeça e oscillou na base.

— Céos e inferno! vocifera. Quem lh'ó disse?

— Ella.

— Mentiu, mentiu. Impossivel. Uma hora de fraqueza seria a sua ultima hora. Morreria de vergonha. Quem é o seductor?

— O filho do conde.

— O conde novo! Biltre! Eu me vingarei. Mas é impossível. Não creio. Provas, quem me dá provas?

— Existe um penhor.

— Onde?

— Em casa da Guiomar.

— Quem lh'o disse?

— Petronilha.

— Calúnia, é uma horrenda calúnia!

— Perdão. Por minha parte...

— Silencio, miseravel!

E, indigitando a estrada, gritou:

— Parta.

Teve ancias de correr á sua espingarda e dar sobre elle, no corrego deserto. Porem foi mais forte a commoção. Exhausto de animo, cessou-lhe a vida por instantes.

Depois poz-se a soluçar com o rosto nas mãos. E pelas venerandas barbas abaixo lhe escorregaram graudas lagrimas de sangue.

## II.

Estylo secio.

A noite desdobra-se brandamente, como o manto d'uma rainha, fulgurante de pedraria. Porem não tarda que um borrascoso vento do sul se encrespe, frema, se

atire pelo espaço e apague todos os lumes do firmamento, rolando grossas nuvens prenhadas de electricidade. O trovão traz de longe seu rugir de ameaça, que breme no povoado, como voz de exterminio. Estalam as franças dos arvoredos, e as urzes da serra tismam-se, lambidas do relampago.

Depois, como extenuados na lucta, serenam de repente os revoltos elementos, e a lua mostra, a espaços, a côr desbotada entre aquozas brumas.

Não é uma victoria. É como um combate singular, cheio de alternativas, em que não ha determinado vencedor.

Petronilha está no seu quarto. Debruçada sobre um movel antigo, mira-se num grande espelho, com certa indizível satisfação. É que realmente lhe fica a matar aquella desordem de vestes e de cabellos, com tanta arte e com tanto estudo executada.

Ai, quando vier o amante, como lhe parecerá formosa! Mas, se não vem? O máo tempo ha de pôr-lhe estorvos. Vem, vem, que a ama do intimo da alma. Elle é tão gentil, tão amoroso, tão dedicado!

Neste enlevo, colla o rosto á janella, e espreita para a floresta.

— Que noite! murmura. Uma aberta da chuva pode comtudo trazer-m'ó. Todos dormem. É bem tarde. Mas não me deitarei, sem a certeza de que não virá.

Uma sombra desliza por entre os troncos dos humidos carvalhos.

Petronilha respira, e, torcendo a meio o delicado corpo, apaga a luz d'um sopro.

Espera com o ouvido á escuta.

Lá percebe o ruido abafado d'uma porta, que se abre mansamente, e, em seguida, cautelosos passos, de pés de lan, no corredor, que para todos, menos para ella, seriam indistinctos.

Voltada contra a porta do seu quarto, arrouba-se na grata expectativa de a sentir estremecer ao contacto dos dedos do amante. Arfa-lhe pressuroso o seio.

A porta oscilla, descerra-se, abre-se.

— É elle!

Denuncia-o o capote em que se disfarça.

Devanejada, a pequena, salta ao pescoço do recém-chegado, murmurando :

— Conde, meu conde!

O embuçado, que o não era de melodrama piegas, não fez um movimento.

Ella recuou indecisa. Então, como por encanto, a lua, desvendando-se, verteu atravez dos platanos, que sombreiam a casa, tenue clarão no aposento.

— Jesus! exclama a moça num terrivel calafrio.

Em vez da madeixa loira e opulenta do gracioso conde, o craneo ossoso e nú d'um ancião; em vez d'um tenro assetinado bigode, umas barbas, como estrigas, longas e erriçadas; em vez de... Sancto Deus! em vez do almejado bem, apparece-lhe um demonio.

Isto na solidão do seu quarto, quando, em profunda somnolencia, jaz submersa a natureza inteira.

Como um espectro, que resurge irado d'entre os mortos para vibrar a blasphemia e o anathema dos precitos contra o algoz, tal se eleva diante da filha a agigantada figura do alferes.

— Boas noites, filha! diz elle com cruelissimo carinho.

— Oh meu pai, meu pai!

— Não chores. De que servem lagrimas? Em lagrimas não se lavam as faces, quando estão negras. De mais, que importa um escarro cuspidido no rosto de teus velhos pais? Foi uma lição. Os pobres tinham a vaidade de passar illibados, sem se mancharem no vicio. Castigaste-os, filha. Bemdita sejas tu.

— Perdão, perdão! Sou mulher, sou fraca.

— Sei que és fraca. Perdôo. Não havia de perdoar á minha Petronilha? Mas com uma condição: has de confessar-me tudo.

— Tudo, meu pai!

— Esperavas o conde?

Ella titubiou.

— Esperava, consegue dizer a final.

— Então a que hora vêm os seus lacaios?

— Misericordia!

— E tiveste-a comigo, prostituta?

— Não sou culpada. Foi a desgraça. Amei-o. Eu



não podia esmagar o coração. Pois para que poz Deos o iman fatal da perdição nos olhos do homem?

— Para que poz o inferno a incontinencia no teu leito? Para que fizeste de teu pai um homicida?

— Homicida!

— Infeliz do conde! Que mal te fazia aquella existencia?

— Virgem Sancta! Matou-o!

— Hei de matal-o.

— Oh não, não! Peço-lh'o de mãos erguidas. Peço-lh'o de joelhos. Emparede-me num convento. Expulse-me de si. Imponha-me a cruz mais dolorosa. Eu hei de ser resignada. Eu hei de ser agradecida. Mas que lhe não cáia um fio só dos loiros cabellos. Senhor! elle tem promettido desposar-me.

— Nunca! brada o alferes, com entono soberbo. Desdoirava-se. Acasos de guerra me levantaram acima de mim mesmo. Mas não renego a esphera, em que nasci. E o plebeo honesto castiga o insolente, e não acceita uma divida de honra á custa d'uma deshonra. Hei de matal-o, como se mata uma alimaria.

— Meu pai!

— A morte, que tudo nivela, essa sim, que pode unir-vos.

— Meu pai, meu pai!

— Cala-te.

Vae á janella. A lamina d'uma espada fulge debaixo do capote. Petronilha quasi succumbe. Todavia o mo-

mento é decisivo. É precisa toda a coragem. Por sobre o hombro do pai observa, tremula e suffocada, se alguém desponha no caminho.

Ambos esperam, ambos soffrem, mas que differença nos pensamentos, que se atropellam naquellas almas!

Silencio de tumulos. Apenas se ouviam as pulsações surdas dos corações, e o zumbido d'algum alado insecto, que nos ares revolita.

Ao longe marulham saudosas as cachoeiras.

Pai e filha a um tempo oscillam. Apressuram-se as respirações, intumescem as arterias, perde-se o folego. Um vulto surdira da espessura.

Olham, dão toda a tensão á vista, fundem todos os sentidos num sentido só. Que tormento!

Petronilha reconhece o conde, no vulto, com aquelle instincto feminil, que ás vezes parece maravilha. Então contrae-se numa estranha reacção.

— Foge, foge! grita, fóra de si, esforçando-se por levantar a vidraça.

Reprime-a o alferes, e arrasta-a d'alli, pondo-lhe na bocca, como mordança, a nervuda mão. Ella, feroz como a loba, a quem furtaram os cachorrinhos, resiste temeraria. Não durou a lucta. Resvalou no chão alquebrada e dorida. Mas, espumando raiva, crava até ao osso, crava os dentes na mão, que a macerava.

O alferes levou-a pelos cabellos para a alcova.

Quando tornou a entrar no quarto, estava mais sinistro ainda. Enxuga a espada a um panno da cortina,

e, terrível como o genio das vinganças, posta-se ao lado da porta por onde devia penetrar o conde.

Este não se faz esperar.

— Petronilha? profere, tomando forma na escuridão. Estás ahí, Petronilha?

Fere lume o alferes. O moço fica hirto, de assombro. Em seguida intenta retroceder. Mas já então a porta estava fechada.

— O alferes!

— Sou eu, senhor conde, devolve, inclinando-se humildemente.

Fitaram-se em silencio. Meu avô comprazia-se em ver como o conde se estorcia na tortura. Arquejava o pobre rapaz, asphyxiado por um supremo embaraço. Do rosto lhe escorria em hica suor, que escaldava. E tinha o intellecto de todo cerrado a ardilezas, com que tirar-se da singular abertura.

— É alli, torna o alferes com o mesmo ceremonioso tregeito, com que o saudara, levantando as cortinas, e indigitando o fundo negro da alcova.

— É alli? pergunta maquinalmente o moço, sem entender o interlocutor.

— O leito de minha filha, conclue este.

Quizera o conde que se abrisse o inferno, e que o tragasse.

— Sua filha! balbucia, achando ponto de apoio nestas palavras. Alferes... eu vinha pedir-lh'a.

— Pedir-m'a!

— Por esposa.

— Vossa excellencia!

— Eu.

— Ignora por ventura?...

— O que?

— Petronilha é uma mulher das ruas, uma perdida.

— Alferes!

— E esta casa um alcouce, accrescenta o velho. Eu sou o rufião. Não se revoltam as cans, nem estas rugas. O branco é côr muito atreita á macula.

— Seja justiceiro.

— Quererá vossa excellencia esfolhar sobre vivas apostemas as grinaldas dos seus passados! A honra, meu senhor, não se mercadeja. A honra é o timbre heraldico das almas nobres; é a felicidade, é o consolo, é o orgulho, é a fidalguia commum, que tanto pertence ao homem, que nasceu nas lamas, como ao que nasceu nos arminhos. Não a jogue numa louca irreflexão de mancebo, pois que não sabe quanto custa perdê-la, e perdê-la para sempre, para sempre.

A voz tremia-lhe. Estava medonhamente commovido.

O conde, cobrando animo, conseguiu tomar-lhe a mão.

— Não tresvarie, disse. De sobra são conhecidos os nobres dotes da sua familia, e, com justo respeito, compensados. Accuso-me, e arrependo-me. Adoro a Petronilha. E não offereci logo condigna reparação, porque esperava no futuro. Certo fiquei sempre de que o mais

cioso de fidalguia tiraria d'esta união motivos para orgulhar-se. Imploro pois o seu assentimento.

— Não. Nunca.

— Imploro.

— Não vê que se avilta?

— Ninguém se avilta, cumprindo um dever, que importa felicidades.

— Um dever! Com que ingenuidade o invoca! É o roteiro dos covardes. Vio o azorrague na mão do ofendido, e lembrou-lhe então o dever.

— Senhor!

— Despreso-o, tanto na sua supplica, como no seu crime. Não sei por qual dos lados me parece mais degradado. Desculpe-me, senhor conde. Sei quanto se deve ao seu nascimento, mas parece-me que nem pela gloria dos escolhidos trocaria o prazer de o ter na conta de inimigo execravel.

O conde cresceu para elle flammejante. Porem conteye-se.

— Tem razão, diz no maior abatimento. É justo. Mereço a invectiva. Mas hei de provar-lhe que sou menos culpado, do que se persuade. Hei de provar-lh'ó. Amei-a... O alferes calcula os desvarios, a que arrasta um amor arraigado e impetuoso? E quem o authoriza a julgar das minhas intenções? Quem lhe diz que não pensei mil vezes em sanar o mal?...

— Petronilha é do povo.

— Eu a levantaria.

— E as conveniências de sociedade e de família?

— Relegava-as para o rol das coisas frívolas, e, mais que frívolas, estúpidas. Entre um e outro homem não ha senão uma distancia: é a que vae da virtude ao vicio.

O rancor do alferes amaciava-se manifestamente. Soavam-lhe no coração aquellas palavras. Pareciam-lhe palpitantes de verdade. Mas na recalcitrante cabeça tinha gravadas, como em bronze, outras bem differentes ideas. Todavia, sem acertar com azada resposta, assumiu mais humana exterioridade. O mancebo, que o observa, continúa com fogo e paixão sincera:

— Por Deos lh'o peço. Consinta que, ao separarmos nos bons amigos, eu lhe dê o respeitoso nome de pai.

— Os homens, que dirão os homens?

— E a consciencia?

— A minha consciencia condemna.

— Engana-o.

— Emfim...

— Permite?

— Senhor conde!

— É de ferro este homem!

— Pense bem. Não se arrependa depois.

— Juro...

— Basta.

De olhos baixos e mortal pallidez levantou a cortina da alcova, murmurando:

— Entre. Vá oscular sua mulher. Consinto.

O conde hesitava. Não sei que lhe leu na physionomia.

A cortina cahiu sobre elle como um sudario.

Na planicie circumvagava iroso o furacão, e o raio nos pincaros lascava as rochas. Era uma noite de pavores.

O alferes desembaraça-se do capote, e corrè pelo gume da espada uma vista cheia de diabolica ternura.

Um gemido de expressão funerea parte do fundo da alcova, e perde-se no estridor da rajada, que silva no carvalhal. Depois outro gemido.

O conde apparece á entrada da alcova. Dir-se-hia outro homem, tamanha mudança se operara nelle. Treme numa convulsão lastimosa, e, com a mão recurvada, apega-se ao muro para não cair. Mas, perdido o equilibrio, verga de joelhos, estorcendo os braços, sem outro gesto, sem voz para a blasphemia, sem resolução para um esforço extremo.

— Morta! é a unica palavra, que, rouca, despede da garganta.

— Tem medo, senhor conde?

Esta pergunta é formulada com fereza hedionda.

— Não, responde o outro.

— Mas treme.

— De horror. Treme por ella. Maldito sejas tu!

— Offereço-lhe os meus serviços, senhor conde.

— Aceito-os.

— Terei a ventura de lhe ser util em alguma coisa?

— Tens.

— Em que, meu senhor?

— Mata-me.

— Só?

— Mata-me.

— Traz armas?

— Quebrava-as, se as trouxesse.

— Quer que lh'as procure?

Um riso de amargo escarneo tremeluziu nos labios brancos do mancebo. Ergueu-se sobranceiro.

— E querias que me batesse contigo, demonio? diz com um resto de altiveza.

— Porque não? Não lhe ouvi ha pouco que na escala das jerarchias ha apenas uma distancia, a que vae da virtude ao vicio?

— É essa distancia, que se interpõe aqui. Dou-te as honras de carrasco, e não é pouco, porque injurió a classe.

— Antes de ser carrasco fui juiz.

— Para immolar tua filha.

— Mentira! Ella não era minha filha.

— Petronilha?!

— Pertencia certamente á estirpe de vossa excellencia, senhor conde, diz com urbanidade não contrafeita, porque era infame.

— Se a renegas, quem te deu o direito?...

— A vergonha, meu senhor.

— A vergonha!



— A vergonha de a ter adoptado. Sangue meu não se corrompia.

— Silencio. Não affrontes a sancta. Concluamos.

— Concluamos.

— Vaes ver como morre um homem de alma.

— Mas antes... queria fazer-lhe um pedido.

— Tu!

— Peço-lhe...

O alferes parecia embaraçado.

— Diz, carniceiro.

— Peço-lhe que se defenda.

A resposta foi um gesto de soberano desprezo.

— Recusa? pergunta commovido o velho.

— Se recuso!

— Nesse caso, que a terra lhe seja leve, meu senhor.

Ergueu, com ambas as mãos, á altura da cabeça, o mortifero instrumento, e, prestes a descarregar o golpe, deixou cahir os braços esmorecidos.

— Não posso, murmura.

E, apagando a lampada, feriu nas trevas.

Um corpo baqueou.

### III

Já minha avó andava floreando nas domesticas cancéiras, como boa dona de casa, que era, e ainda os

visos das montanhas estavam longe de se corar com a rosea tintura da manhan.

O alferes entrou tranquillo, como a consciencia d'um justo. Só nos olhos lhe bruxoleava certo notavel fulgor, que, a meu ver, trahe os espiritos imbuidos por qualquer fanatismo. Ervolta nas faxas infantis conduzia uma criança.

Era o filho de Petronilha, era eu.

— Mulher, vem comigo, diz para minha avó.

A velha seguiu-o. Passaram a uma sala retirada.

— Que linda criança! exclama ella, reparando nas minhas menineiras graças. Anjinho! sciuz?... D'onde te veio? De quem é o menino?

— Escuta, atalha com solemnidade o alferes. Petronilha, essa filha da nossa ternura, atraiçoou-nos. Atirou-se de braços abertos ao seio da depravação. Cedeu ás instancias seductoras do conde, e, sensual como uma barregan maldita, não soube guardar o deposito de honra, que lhe confiámos.

— Virgem Sancta!

Cambaleou tomada de vertigem.

— Não a amaldiçoaste? continúa.

— Não.

— Pois?...

— Perdoei-lhe.

— Tu!

— Matei-a... apenas.

— Petronilha! Oh meu Deos!

— Pediu-m'a o conde em casamento. Dei-lh'a. Dorme com o esposo no mesmo leito. Foi magnifica a boda. Não correu o vinho em jorros, mas correram jorros de sangue.

— Oh minha filha!

— Eis aqui o fructo innocente d'uma ruim arvore. É teu neto. Educa-o bem, e possa elle redimir por extremos de virtude o crime de seus pais.

Depositou-me nos braços de minha avó, que me estreitou ao peito com anciedade terna. Mas a luz esvaíu-se-lhe, desamparou-a o varonil valor, que a ensoberbecia, e cahiu exanime no instante em que, preferindo a palavra «obrigada!» ia beijar a mão de meu avó.

O alferes deixou-a aos cuidados d'uma criada. Vestiu pesado lucto por sua filha, e foi offerecer a garganta ao baraço do algoz.

E minha avó, ainda hoje, quando é mais lauto o jantar e maior o numero dos convivas, conta, entre a sobremesa e o café, conta, com orgulho de leôa, como na sua familia se castiga uma affronta.

Por mim, que, sem conhecer minha mãe, a imagino todavia um thesoiro valioso de sensibilidade, nem censuro, nem tão pouco louvo o rigor selvagem do alferes.

É mais difficil, do que geralmente se pensa, este mister de censor.

A honra, como tudo o que é convencional, pauta a sua mobilidade pelas phases por que vae passando uma

civilização. Desde a infancia individual até á idade madura, que de caracteres differentes não assume! Desde a barbaria ao estado culto, que de vezes não muda o traje, a côr e as feições! Na mesma actualidade nem todos os povos lhe rendem o mesmo culto. A mão esquerda para os orientaes corresponde á nossa direita. E a divergencia, ou a opposição, que, ácerca de certas cosmopolitas ideas, se observa no conceituar dos povos d'um a outro hemispherio, d'uma a outra das grandes partes do globo, não deixa tambem de se assignalar d'um a outro vizinho continente, sem exceptuar aquelles, que, a par e fraternalmente, desabrocham nas flores e nos fructos do progresso.

Sobre a despresada campa do alferes já vinte primaveras semearam seus silvestres matizes. E em vinte annos não era esta raça de Nemrods que deixava de transformar vinte vezes a face das coisas. Mudaram os tempos.

Seja juiz na causa do velho soldado aquelle, que, remontando ao viver patriarchal das provincias do norte, souber compenetrar-se de religiosa veneração pelas extinctas tradições. A sentença então sei eu que será justa. E, seja como for, tel-a-hei por alvitre de gosto.

Os amigos do progresso, os que nelle se sensualizam, esses não duvido de que hajam de cuspir injurias sobre aquelle viril character do alferes.

Eu sou dos renegados do progresso.

Que exaltem falsos levitas esse deos de lama, coberto

de europeis mais falsos ainda! Por mim maldigo-o. E pouco importa que, em sua louca protervia, me impropere a *populaça*, que não comprehende a sinceridade d'um homem, chão por certo, mas que não cede a outrem o direito de lhe domar o pensamento.

Progresso! É idea, que se escoria e ferve nos entendimentos; é palavra, que anda no sorrir de todos os labios; é sanefa com que se mascaram os que não crêem; é facto, que perverte a sublime natureza dos homens; que revolve, altera e disformiza a criação inteira. A vaga febre d'um desejo ignoto arrasta-nos e nos impele de encontro não sei a que medonho Caucaso. *Caminhamos*. Para onde? É como se arrancássemos os olhos para não errar o caminho.

Maldigo-o.

Porque nos furta ao viver natural e contemplativo das florestas; porque pollue a nudez de nossos corpos e a nudez da nossa primitiva innocencia, pelo artificio; porque derruba a arvore, providencia de Deos! que espontanea nos garante, com seus purpurinos fructos, uma conservação deleitosa; porque nos obriga ao trabalho fatal de Sisypho; porque troca em conveniencias, interesses, commodidades, metal, todas as grandes riquezas dos nossos corações, como em cobre se poderá trocar um diamante.

No meio do desvario, aos encontrões da politica, do commercio, da industria, da ambição, do luxo, da opulencia de alguns, da miseria de muitos, do aviltamento

do maior numero, submerge-se a familia, apagam-se da memoria os nativos sobrios costumes, e vêm a effeminação e a gangrena disputar o seu quinhão ao festim das gentes.

O luxo é o mais nocivo parto das idades cultas, sendo tambem o mais logico e fatal de todos. O apparato nos atavios é para a mulher o vellocino de oiro. A formosura, sem realces posições, é como a perola no fundo dos mares. E a mulher préza, acima de tudo, a formosura. Hollandas, fitas, rendas, collares, martas... quer profusão. Se não ha, com que obtel-a, negoceia com a ignominia.

O homem, na sua condição, cria necessidades d'uma outra ordem, mas não menos imperiosas e não menos frivolas. Em cada rua uma tentação, em cada tentação uma fraqueza, em cada fraqueza uma necessidade. Em casa não resta ás vezes sequer uma negra fatia de pão. A ultima peça foi dissolvida em champagne. Que fazer? Jogar? É arriscado. E, que o não fosse, onde encontrar capitaes? Roubar? Se a policia fosse, como a justiça, cega! Que fazer? Ah! Uma idea! Ainda se não vendeu tudo. Ainda resta a virgindade de duas filhas.

Olhado o alferes atravez d'esta onda civilizadora, como não ha de causar estranheza?! Damos-lhe, pelo menos, o epitheto de barbaro. E ainda somos benefi-centes.

Mas esquecemo-nos de que são barbaros os heroes da Iliada.

O leito de Ulysses era um montão de pelles de ferozes alimarias, derribadas q murro, creio eu. E mais que muito conhecidos são os seus banquetes. Um masthonte, quer-me parecer, um masthonte assado com intestinos e tudo, servindo de recheio algum javalí, que vivo e a pular, lhe encaixaram no thoráx, resume e constitue o fausto da regea mesa.

Estava nesta altura a civilização. Mas, quanto havia de lerdamente grosseiro no trato externo, avultava no intimo em magnificencias de singulares virtudes. Façanhas gloriosas de semi-deoses, prestigio de monarchas, ventura dos povos, epicas proezas datam das eras barbaras. Havia muita crença e havia muita esperança, e, alem d'isso, muita constancia e severidade no amor das Penelopes.

Disse-o primeiro Homero. E digo-o eu, em segundo logar. E é de crer que, qualquer de nós, tenha meditado o assumpto.

Assim pois, em theoria, fica, pouco mais ou menos, esfaqueiado o «progresso,» e conscienciosamente se demonstra, por consequencia, o quanto são dignos de saudade os tempos de barbaria, ou aquelles mesmos, em que ella se reflecte mais fagueira. Ainda ha vinte annos se desmantelavam peitos, em que effloresciam rosas carrasqueiras, ou coisa assim dura. Hoje essa tribu dos fortes torrificou-se nas luzes do seculo. E tanto

é certo, que d'aqui prometto cem annos de indulgencias plenarias do nosso Beatissimo Padre a quem quer que me descubra um homem da estofa de meu avô.

Está feita a justificação,

Oxalá que tal, tão soberana fosse sempre a indignação dos pais offendidos. Estou todavia seguro, peço licença para o confessar, estou seguro de que o alvitre viria a dar cabo do sexo amavel... se exceptuarmos, bem entendido, a granitea prudencia das avisadas damas da minha parentela e amizade, e da parentela e amizade de quantos resonam, ou abrem perennal bocejo, beatificados pela cruenta narrativa.

Argeriz, 7 de julho de 1867.



**A VESTAL!**



# A VESTAL!

---

I

**L. GUNDAR**

*La nature, qui pense à tout, a  
fait la vierge pour être amante.*

*MUSSET.*

Eu sei de soberbas peças de contexto grave, cuja acção se não acclimaria melhor em Pariz ou Lisboa do que em Argel ou na Hottentotia. A presente memoranda historia empantufa-se no ante-gosto de se filiar nessa classe distincta; o que, a fallar verdade, vale, na apparencia, como se dissessemos que medra nos dominios da fabula, ou que fica ao arbitrio do leitor a escolha do local. O local, para o nosso intuito, é, com effeito, de infima consideração.

Estão em scena Fausto e L. Gundar.

Mas a scena? É indispensavel dar-lhe uma qualquer decoração. Pouhamol-a na casa campestre de L. Gundar, e fica vencido o primeiro barranco. É a casa um

pequeno edificio, que, pelo aprazível da localidade e capricho de construcção, para logo denota um destino exclusivamente recreativo. Ergue-se no cimo da collina. Por detraz e até ao cume do convisinho morro estende-se o pinheiral; a um dos lados vergam as arvores do pomar ao peso das coradas fructas; do outro verdejam os pampanos nas torcidas cepas, cobrindo, a meio, os cachos vermelhos ou enlourecidos, e pendem, em vigorosos festões das hasteas, que se enleiam nos carvalhos; em frente alinham-se as arvores do jardim, que se alongam, descendo, até que se debruçam sobre o riacho, que, dormente em seu leito de areias pulverizadas e luzentes, sulca, num listão de prata, o ameno valle. Do meio de cada florida moita surge a maliciosa cabeça d'um tritão ou d'uma nympha, golfando espumosas agoas das boccas de pedra. Os lagos imitam a natureza. E as grutas, e as ilhotas de base granitea não precisaram de muito trato para se tornar deliciosas.

É um d'aquelles sitios, solitariamente poeticos, de que te has de lembrar, leitor; um sitio dos que, quando temos vinte annos, nos avivam irresistivelmente, por prosaicos, que sejamos, a vaga saudade da mulher, que amamos, ou que ideamos, aneando por nos esconder alli com ella a prelibar da mesma taça o nectar dulcifico das imaginarias ternuras.

Penetremos no gabinete, em que nos esperam os personagens. As alfaias são modeladas pelo gosto francez. E, fingindo-nos entendidos em modas, poderíamos

acrescenttar com charlatanismo, nada original, que a escolha dos objectos estava como que lançando ligeiras reminiscencias da corte sumptuosa de Luiz xv. Basta.

Fausto e L. Gundar. Temol-os diante de nós.

Duas palavras de apresentação.

Educado na provincia com a austeridade, que a seus honrados pais era peculiar, L. Gundar chegou á adolescencia sem outros dotes alem d'uma pureza immaculada, cordura precoce, ignorancia das apostemas sociaes, e paixão pelos holorentos classicos da livraria paterna.

Mas, como já nessa epocha começava a entrever a fidalguia que nem só as armas illustram, nem tão pouco a mestria na equitação, as proezas da caça e os donaires de salão; e, como o mancebo mostrasse propender para as lettras, foi-lhe aberto o franco caminho dos Tribonianos, dos Newtons e quejandos patriarchas das graudas sciencias. Em pouco tempo porem L. Gundar andava em briga cerrada com as mathematicas, e fazia biocos, pouco decorosos, aos manes dos respeitabilissimos jurisconsultos romanos.

Dera, no toutiço, pela bossa da politica. E tinha, de si para comsigo, que a primeira qualidade d'um homem de estado consiste no profundo conhecimento de que não sabe coisa nenhuma. Julgou-se pois com capacidade e pulso para gerir os negocios d'um paiz tão grande, pelo menos, como o mundo.

Orphão de pai e mãe, confiado á direcção d'um ta-

tor condescendente, lembrou-se então de experimentar, como estudo preparatorio, em quantos annos se esbanjariam os nédios cabedaes da sua herança. O moço tinha, como se vê, a idea intuitiva da moderna sciencia das *finanças*; sobre tudo das *finanças*, como entre nós se comprehendem. Para levar a effeito o empenho deixou o caminho dos Newtons e tomou pelo caminho de Pariz, provido de boas pranchas para communicar em todos os arraiaes.

Ahi o temos na esplendida sociedade pariziense, cercado d'aquella mocidade entusiasta, elegante, philosophica, ousada e esperançosa, que, a mãos largas, ia já semeiando os germens fecundantes da revolução.

Num tal convivio, em que as ideas borbulhavam diaphanas na veia d'um manancial civilizador, se atilou o espirito do nosso heroe. De aristocrata, que era de nascença, voltou democrata á sua aldeia natalicia: democrata phrenetico e decidido, com a cabeça cheia de revoluções.

O retiro do seu solar, a falta de distracções e de recreios mais o enredavam nos fios d'uma teia extraordinaria, que andava urdindo. Encontrava-se extranho ás antigas sensações acordadas por aquellas viridentes devezas, por aquellas esparecidas campinas, por aquelles montes agrestes, em que tanto parafuzara no futuro. Afizera-se a natureza do grave provinciano a outro menos tranquillo ambiente. Como enriquecido de fertilizadora seiva, latejava-lhe duplicado ardor nos impetos da as-

piração. Suspirava por arcar com athletas. Sentia-se vigoroso, e desejava combates para alcançar victorias.

Depois de muitas vigias, consumidas no delineamento de projectos numerosos, ergueu-se resolutu uma manhã. Tomou um manuscripto, com muito esmero preparado, e dirigiu-se á capital.

Fez-se pregoeiro das ideas novas. Eram sympathicas as ideas, e já de sobra, irradiadas de França, faziam palpitar os corações. D'aqui se ajuizará se L. Gundar escolheria oportunidade para se inscrever no catalogo dos escriptores. Apenas sahido do prelo o seu livro, derramando-se por todo o paiz, conquistou-lhe nome e reputação.

Pouco favoraveis iam porem os tempos para as lides do pensamento. Duas inquisições, a politica, ou o despotismo do principe reinante, e a religiosa, encrespavam-se vigilantes e terriveis a fim de tolher a mais cara ambição das intelligencias.

Sem embargo L. Gundar com tal prudencia, moderação e agudeza de vistas se houve, que, sem melindrar alheias convicções, realizou uma operação de mestre. Não se perdeu um só grão da semente, que este audaz proselyto de Rousseau, semeiara em tão fertil terreno. Em breve o cercaram poderosos satellites.

E começou, clandestino, a levedar um esperançoso partido.

Está definido o character.

Accusa-me a consciencia de prolixidade ociosa no

desenho geral. Mas é assim que elle é. Se bem que seja esta uma historia de amores, e não de conspirações guerreiras, cumpria-me ser fiel na descripção.

L. Gundar, diga-se a tempo, era alem de tudo um esbelto rapaz. Desejo que observem nelle alguma coisa de interessante. Façamos, neste ponto, como se o convencionarmos. Suppra o leitor, pela condescendencia, as tintas, que eu economizo, por prudencia, para não dizer incuria, ou ignorancia.

Agora Fausto.

É este o que, não sei em que dialecto, se chama homem do tom. É um original. Bandeia-se do lado d'aquelles, que, nos grandes centros, apparecem a pequenos intervallos, como sahindo d'uma nuvem, e de continuo ora ligados a um escandalo, ora a um rasgo de heroismo e generosidade, ora a uma inqualificavel villania, e sempre de luva branca, e sempre airosos, com o riso na bocca, e com a graça na gymnastica de bellas phrases. Era escura e impenetravel a sua biographia. Mas ninguem, que o conhecesse, deixava de lhe ser afeiçoado; se não por seus desvarios elegantes, ao menos pelo genio prestadio, e vivaz entendimento. Constituia uma mescla singular de bom e máo, nada antipathica. Aos trinta e dois annos possuia uma calva, que Lavater cubiçara. Pallido, de olhos encovados e luzentes, como os d'um propheta, maceradas e angulosas faces; eis os traços salientes do retrato.

Estava alli uma velhice prematura. Cançara nos ex-



cessos do prazer, bebendo a par amarguras de provações e desenganos. A existencia não tinha novidades para elle.

Por costumeira aprimorava-se no traje, e, sendo galhardo como *don Juan*, ostentava a negligencia d'um nabab.

— Estou á espera, diz elle, no acto de cahir debaixo do raio visual do leitor physionomista, estirando-se no tapete aveludado do sofá. Ouçamos o madrigal.

— A casa de minha tia, diz L. Gundar, acabando de accender o seu charuto, e como prendendo o fio á narrativa, um momento interrompida; a casa de minha tia assenta nas abas da serra. Seguido dos meus podengos, e com a espingarda sobraçada, para lá me dirigi, á laia de caçador. Eu devia estar bem mudado. Fôra muito longa a minha ausencia para que, voltando de improviso, houvesse de ser promptamente reconhecido. Se ardia em desejos de abraçar minha tia, como a urn resto estremecido da familia, não era menor a curiosidade de ver minha prima, linda e affectuosa criança, que, debulhada em lagrimas, me vira partir, e que devia desabotoar agora em todos os attractivos graciosos, com que a mulher desponta na juventude. Emproava-me no prestigio de viajante, e ia caminhando infantilmente persuadido de que a minha presença, clareada pelo sol de paizes, que ao longe, e para as almas inexpertas, assumem vantagens de maravilha, não deixaria de produzir satisfactorio effeito, quer no animo

bondoso da mulher, que me vira infante, e me prestara maternas desvelos; quer no animo da exaltada criança, que me brincara nos braços, e que eu soubera entreter, noites a fio, com inextinguíveis historias, em que se via grega a bruxaria. Podiam folgar as lebres na campina, as perdizes nos rastolhos, e na selva as rolas. Ia muito distrahido o caçador, para que se occupasse d'ellas. Em chegando ao portão da quinta, ergui, com certa commoção, o martello, e por trez vezes o deixei cahir no ferrenho batente. Respondeu-me o sanhudo latir dos rafeiros, que, furiosos, engatinhavam pelos muros, mostrando as irritadas carrancas. Um, sobre todos, atrepado ao parapeito do balcão, parecia endemoninhado nos arremessos furibundos, que do alto me fazia. De repente, junto d'elle, no mesmo ponto... que illusão! que encanto!

— Viste?...

— Um milagre. Era ella.

— Tua prima?

— Minha prima. As tranças loiras, o jaspe da cutis, o alvor das vestes lançavam não sei que resplendores vermelhos... Eram como uma aureola...

— Ah, ah!

— Notei depois que resultavam do sol, que declinava num mar de purpura. Pareciam cor de rosa os montes e os arvoredos, que limitavam os horisontes, enrubecidos ao beijo luminoso d'um suavissimo poente.

— «Florentina! exclamo, prima? Não me conheces?

«Ella olhava-me com timida curiosidade, chegando ao peito, como num afago, certas flores, que cresciam allinuns vasos toscos. Mas, apenas lhe fallei, toda se inclinou sobre o muro, e, de repente, como que se illuminou de estrepitosa alegria. Reconheceu-me. E, em gritos deliciosos, correu, ella propria, pondo toda a casa em alvoroço, correu, desfeita em jubilos e em sorrisos, a abrir-me a porta. Que abraço, que longo abraço, e que seculos de ventura, vividos num instante!

— Escandalo! ejacula Fausto, dando-se ares de moralista.

— Faltarão ao homem, prosegue o narrador, sem o ouvir, faltarão ao homem o pão de cada dia, a aura da felicidade, a consolação da esperança, a graça de Deus e a graça de seus irmãos; mas o que de certo lhe não falta, ou seja positivo ou sonhador, é um ideal de mulher. O meu em vão o procurei debaixo dos veludos luxuosos das esplendidas sociedades. Encontrei-o, sem o procurar, numa solitaria serra, no meio de penhascos apumados, longe, bem longe dos miasmaticos bullicios do mundo.

— Eterno devaneio dos namorados.

— Enamorado, por certo. O que não mereço é ser medido pela craveira de qualquer futil devaneador. Já sou bem velho.

— Andas pela minha idade.

— Trinta completos. Florentina é, além d'isso, o meu primeiro amor.

— Que dizes!

— A verdade.

— Queres então que descreia do perigoso *salero* das hespanholas, do *coquettismo* dengue das francezas, do...?

— Comprehendes que amor seria o meu, interrompe L. Gundar, sem lhe responder.

— Amor virgem.

— Na idade viril.

— Adiante. -

— Voaram dias apoz dias, sem que eu pudesse quebrar o encanto, em que me enleirara a pequena. A constante descripção das minhas viagens, com seus recamos de anecdotas picaras, pela maior parte inventadas a capricho, cobria-me de adorações em casa de minha tia. Era este um prato peregrino á mesa singela da familia, para que deixasse de ser estimado. Todavia, eu tinha alli um inimigo.

— Olá! Começa pois o enredo.

— Um inimigo terrivel.

— Era o capellão. Aposto...

— Era o afilhado do capellão.

— Quem!

— Niger.

— Quem é esse Narciso?

— O rafeiro; o azougado rafeiro, que tão sem cortezia me dera as boas vindas. Soberbo animal! Nunca eu vira outro, que pudesse egualal-o no gigantesco das proporções e na altiveza de movimentos. Era felpudo,

como um bode, e negro como o azeviche. Nem tinha menos lustre do que este mineral. Os dentes eram finos, longos e esmaltados. Luzia-lhe nos olhos a intelligencia, e como que se espelhava nelles uma alma contristada. Em torno ás patas lhe pendiam franjas de felpa branca como de neve, que não davam pequena distincção ao composto. Era com todos submisso e até cortezão. Porem se passava por mim erriçava-se-lhe o pello, aprumavam-se as orelhas, chispavam os olhos, dilatavam-se as ventas e, arregoadas as maxillas, appareciam formidaveis as phalanges terriveis dos alvissimos dentes. Cada um dos meus afagos nunca obteve senão rugidos de ameaça, e outros nada delicados signaes de enfado. Costumava seguir Florentina com estranha contumacia. Dir-se-hia arrastado d'um poder magnetico. Seguia-a cegamente, como leal e officioso companheiro, sem escolha de logar ou circumstancia. Mas, desde que me vira conduzil-a, em diversões frequentes, pelos rusticos e alpestres passeios da quinta, deitando-lhe de longe vistas de timida exprobração, principiou a descahir numa tristeza lassa, a perder visivelmente o vistoso arredondamento de formas e a recusar-se, com invencivel tenacidade, a acompanhal-a. Alta noite, quando o somno melhor faz sentir suas doçuras, acordavamos, por vezes, em sobresalto, julgando ouvir gritos lamentosos de moribundo. Era Niger, que, aproveitando o repouso geral, desafogava a indecifrável oppressão em uivos prolongados, dolorosos e medonhos, que muito tinham de humanos queixu-

mes. Seria instincto agourento de desgraças, ou medo de que o privassem da estima da sua bella protectora?

— Attribuem-se, com effeito, \*bem extraordinarios presentimentos a essa casta de animaes, diz Fausto.

— Ás tardes, prosegue L. Gundar, depois de breve interrupção; ás tardes, com Florentina pelo braço, subia aos oiteiros para me ir sentar com ella junto d'um castanheiro selvagem, muito grato em sombras. Dormentes sobre os musgos seccos das fragas, passavamos horas esquecidas em conversas, em amenas leituras, ou a fi-tarmo-nos, simplesmente, em muda eloquencia. Os romances de cavallarias eram os livros da predilecção de minha prima. Mandava a cõrtezia que lhe lesse as passagens, que de preferencia lhe agradavam. E dava-me por bem pago e satisfeito, só com surprehender-lhe, nas lagrimas ou nos risos, as impressões da leitura. Pouco e pouco ia explorando a riqueza de sensibilidade, que pullulava naquelle seio de neve. Mas, no meio d'isto, confessar-te-hei que me sentia deslocado. Afeito ao ambiente dos salões, em que fluctuam vaporações perigosas, como as do Ganges; audaz com as mulheres lustradas na corte, não comprehendia a estranha timidez, que uma rapariga de mediocre cultura, de nenhuma experiencia e de superior ingenuidade me despertava, em face da natureza. Morria por lhe fallar de amor, mas não m'ó soffria o animo. No acto de me determinar, todos os projectos falliam por mais que, pensando

com frieza, me esboroasse em piedade pela minha candura bolonia. A final pude abordoar-me a uma circumstancia feliz. E dei inteira fluencia ao estro das declamatorias baforadas. Lia eu um caso de amores, em que a heroína se consumia nas flammias d'uma vigorosa paixão. No entretanto, queria-me parecer que Florentina tomava muito activa parte nas desditas imaginarias da nobre castellan. Era castellan a heroína. Quando conheci que estava em boa afinação a terna condolencia de minha prima, foi então que, fechando o livro, emprehendi habil auscultação a fim de não perder uma só das argenteas notas d'aquelle coração virgem.

— «E tu, minha bella priminha, perguntei; sabes avaliar a grandeza sublime d'esse sentimento mysterioso; que tanto te commove?

— «Sei, primo, sei.

— «Sabes! Pela ternura da tua alma? Ou já por ventura a experiencia te adoçou alguns instantes?

«Hesitou; para balbuciar um equiyoco «sim.»

— «Tens a experiencia, Florentina?

— «Tenho.

— «Mas aqui, no ermo d'estas brenhas, tão longe do mundo e tão perto de Deos, quem se glorificaria na posse do teu amor?

— «Eu não sou ambiciosa.

— «Em que pões os desejos?

— «Devolvam-me o que dou: recompensa de affectos...

— «E quem ha que, só de ver-te, não estremeça amoroso?

«Córou.

— É que não era innocente, interrompe Fausto em ferrenha coherencia nas suas theorias de pessimista.

— Porque?

— Córou. Tu o disseste.

— Não achas compatibilidade entre o pudor e a innocencia?

— Para logo os commentarios. Continúa.

— Seja. Para logo os commentarios. Florentina parecia aturdida.

— «Priminha, lhe disse eu, dar-me-ha a amizade direitos a perguntar quem é o escolhido da tua alma?

— «Que pergunta! murmura ella, baixando virginalmente os olhos.

— «Não serei eu um discreto confidente?

— «És... de certo. Mas eu é que não tenho segredos...

— «Disseste que amavas...

— «Amo. Não havia de amar? Tenho vida, fé e esperanças.

— «Deixa-me ser invejoso.

— «Como?

— «Profere o nome...

— «Adivinha.

— «Receio.

— «Pois é facil. Sabes que sou filha, e que tenho uma mãe, como não ha segunda.



— «Maliciosa!

— «Agora sabes.

— «Sei que és cem vezes mais má do que eu cuidava. Então não conheces affeição menos branda, mais inquieta e exigente?...

— «Não.

— «Por um homem, que te apparece em sonhos, na embriaguez da imaginação, nos frouxos deliramentos da alma?

— «Não.

«Senti aperturas de coração.

— «Que sou eu para ti, Florentina?

— «Primo.

— «Queres dizer indifferente?

— «Indifferente, não.

— «Pois que! Não consegui radicar em teu seio mais profundos affectos?

— «Eu sei, primo! Ha coisas...

— «E avalias os nobres sentimentos do amor? Enganaste-me.

— «Oh Gundar! Eu sou uma pobre rapariga. Eu não sei responder. Mudemos de conversa, que me perturbam muito as tuas perguntas. Sê generoso.

«Tomei a mão, que me abandonava, e levei-a aos labios com transporte. Aquelle beijo devia fazer-me descorar. Ella, entre risos de angelica candura, fitou-me, nadando em alegria, como se eu tivesse praticado uma acção muito engraçada. Pelo contrario Niger, que por

acaso nos acompanhara, d'esta vez, investiu para mim, mostrando ameaçadora a terrível dentadura.

— Não é pura de nigromancias a tua historia. O cão era um esphinge.

— Era como um esphinge, posto de guarda á minha princeza encantada.

— Vou jurar que não levou a melhor. Tu serias paladino para vencer o monstro, e desencantar a princeza.

L. Gundar continúa:

— Neste comenos reclamavam a minha assistencia varios negocios de interesse particular. Tornava-se pois forçoso abrir uma lacuna ao primeiro canto do meu poema, e renunciar, por algum tempo, a este paraíso terreal. O meu cavallo aparelhado e lesto, esperava que declinasse a sesta para conduzir o cavalleiro. Com a fraterna liberdade, que a malicia dos homens afugenta das cidades, entrei no quarto de Florentina para a estreitar no abraço da despedida. Ella, quebrantada sobre o leito, espriguiçava-se mollemente nessa morbidez communicativa, que quadra, ás mil maravilhas, nas mulheres dos paizes calidos.

— «Dormiste? perguntei.

— «Não pude.

— «Não quizeste, para não sonhar comigo?

— «Estava a sonhar.

— «Comigo?

— «Sim.

«Que dulcissima expressão a d'aquella miseravel syl-

laba ! A mulher é um divino cofre de segredos. Quando quer, num gesto meigo, numa palavra, mal proferida, resume as magnificencias d'uma symphonia inspirada.

— « Vou pãrtir, tornei eu.

— « Mentira.

— « É necessario.

— « É necessario que fiques.

— « Porque ?

— « Porque eu mando.

— « Não estás cançada de me ver ?

— « Estou cançada de pensar que me deixas.

— « Posso acreditar-o ?

— « Deves.

— « Obrigado. Mas...

— « Prohibo reticencias.

— « Quando tornarei a ver-te ?

— « Logo, ámanhan, que sei eu ?

— « Sim, ámanhan e sempre, que, já agora, andarás sempre a meu lado, feiticeira !

— « Não te deixo partir.

— « De veras ?

— « De veras.

— « Pois ajustemos. Eu sou muito egoista. Exijo até que me pagueem as delicias, a que me obrigam.

— « Estou prompta.

— « Alem d'isso, no meu commercio, costume adoptar a usura.

— « Vamos a ver. Que pedes ?...

— «Permittes?

— «Permitto.

— «Um beijo.

— «Primo!

«Doeu-me a queixosa reprehensão, que poz no modo, por que accentuou a palavra.

— «Offendi-te, Florentina? Foi sem querer... Perdoa.

— «Não me offendeste. Humilhaste-me.

— «Divinas exquisitices das donzellinhas Theodoras.

«Sentou-se no leito. A luz, amortecida nos cortinados da janella, fez brilhar duas lagrimas, que das palpebras voluptuosas lhe desciam.

— «Sabes porque me afflijo, primo? diz ella, infligindo á voz sympathico queixume. Não é por ser mais melindrosa do que as outras raparigas. Se com algumas virtudes me fadou Deos, tambem me não faltam grandes e bem grandes fraquezas. Sou talvez muito orgulhosa. Queria que a mulher nessa sociedade, em que vós os homens semeaes escandalos com a mesma gentileza com que semearieis flores, ao abrigo dos direitos, que vos concedestes; queria que a pobre desfavorecida não fosse ao menos escarnecida na dignidade, que impõe respeito...

— «Quem ousou escarnecer-te, Florentina? Que perdeste tu?

— «O que eu perdi foi a serenidade das minhas noites; foi o sorrir da minha infancia.

— «Como!

— «Porque tudo é teu; porque tudo me levaste.

«Oh Fausto! julga do extasis suavissimo, em que fiquei dulcificado. Esta linguagem na bocca infantil da criança, que adoramos!... Comprehendes? A vida d'ella contava-se por dezaseis annos de eremiterio. Se não é aquella á linguagem privilegiada da innocencia, eu descreio da innocencia. Que seja o culto de Vesta interpolado no catholicismo, e Florentina será a mais casta das sacerdotizas.

## II

### A MULHER NO PELLOURINHO

Desde as primeiras laudas, nega a Biblia  
Fidelidade em femea.

FILINTO.

Os fugitivos lineamentos da narrativa avivavam em Fausto certa curiosidade dolorosa, que se traduzia nas transformações graduaes, por que passava. Arregoava-se-lhe a fronte em sulcos alternados, fulgiam nas pupillas sanguentos clarões, e as cores variadas do camaleão tingiam-lhe, succedendo-se, o rosto singular.

— Concluiste? pergunta, fitando com fingida placidez o interlocutor.

— Dava tempo a que ajuizasses.

— Primeiro saberei das traças, com que a criança engoda o velho sapiente, diz Fausto, em inflexão pouco delicada.

— És injusto.

— Não sou visionario.

— Se a conhecesses !...

— Era mais uma Eva no registo das industriosas.

— Fausto !

— Não ha considerações, que me abstenham de indigitar o reptil.

L. Gundar pregou vistas interrogadoras no amigo. Este parecia allucinado.

— É minha amante, Fausto !

— Eu não verbero a amante, esmago a vibora.

Depois, como fazendo sobre si extraordinario esforço, e, descãhindo, de subita vermelhidão, na pallidez natural, continuou, peando a voz em pedagogico accento :

— Tens diante de ti um horisonte, que pode cançar a audacia d'uma poderosa ambição. Não o limites. Acceitaste uma sagrada missão na politica d'este povo. Não a aviltas. Concilias, em volta de ti, os elementos generosos d'uma grande idea, quasi embryão. As tuas acções não te pertencem, desde que te devotaste a uma causa, que não é só tua. Não vás amarrar-te em grilhões, suaves sim, mas que hão de estorvar-te de cumprir o feliz horoscopo. Amodorrado, entre uns braços de alabastro, o homem esquece o que sejam civicas

virtudes, desflora a castidade da intelligencia, effemina-se e deprava-se, como... como a mulher.

Esta baforada de inesperados conceitos, gafados de paradoxo, embotou os espiritos de L. Gundar. Intimidado pelo aspecto sinistro do companheiro, não ousava tomar a questão no campo do jocoso. Esperou, moderando-se, em plena perplexidade, que lhe viessem á mão os phantasticos fios do enigma, que se lhe afigurava meandroso e emmaranhado.

Fausto, tendo-o considerado com olhos cheios de fascinação, prosegue, exaltada a voz; e descomposto na physionomia:

— Se dúvidas, pergunta-o ás rugas precoces do meu rosto, ás vergonhas da minha vida, á esterilidade das minhas faculdades. Fallo seriamente. Cáia a mascara do jogral, com que se escondem enraizadas tristezas, e appareça núa a verdade, núa e horrenda, como me-retriz, contaminada da lepra.

— Submetto-me, redargue o outro, transigindo benevolo. Mas faz por ser mais sobrio em insultos cynicos, que me offendem, e que offendem um sexo adoravel, o sexo de nossas mães.

— O sexo de nossas mães! repete Fausto.

E poz-se a rir diabolicamente.

— Sondaste o abysmo de mysterios e incoherencias, que o inferno disfarçou nas seducções da mulher? accrescenta, tomando-lhe a mão, e com entono extraordinario.

L. Gundar sentiu uns arripios do receio supersticioso, a que não se exime a mais segura sensatez, e a mais sabia justeza de principios. A mão, que apertara a sua, estava fria de gelo, e o halito de Fausto escaldava, como o reflexo d'uma chamma infernal. Nunca por tal face vira o excentrico amigo.

— Conheces a mulher ? insiste Fausto.

— Se a conheço !

— Conhecel-a dos livros. Mas a sciencia é impotente. E o romance não passa d'uma superficial respiga de idealidades. Se não és adepto das sciencias occultas, contesto o que disseste ; pois que a experiencia, esta verdadeira pedra de toque, sei eu que te falta.

— Enganas-te. E, se não, pergunta-o á opinião publica.

— O juizo das massas ! Seria bater á porta d'uma casa deserta, ou antes num craneo vazio.

— Salvas-te no exagero. E não te lembres de que tenho lidado com mulheres de todos os paizes. Conheço-a, por tanto ; conheço-a como tu, como te conheço a ti.

— Como me conheces !

— Justamente.

— Olha para mim, Gundar.

Dizendo, estava em pé, sinistro, immovel.

— Que sou eu, então ?

L. Gundar estremeceu. Toda a razão lhe era pre-



cisa para se não dar em espectáculo de irrisões. Julgou-se embriagado.

A figura de Fausto tomara a inercia e a dureza do marmore. Só os olhos, sombrios e magnetizadores, como os do sapo, phosphoreciam no fundo das cavernas, em que estavam mergulhados.

— Sabes quem sou! continúa com ironia picante. Pois bem, sabes que tenho levado vida de perdido; por inclinação primeiro, depois por luxo e, em seguida, por desfastio, ou por habito. Fiz meu leito no leito do adulterio, da virgindade, das viúvas com fama de honestas. Corri os degraos da escala social, e provei o absintho de todas as taças.

— Que queres concluir?

— Tinha crenças como tu. Adorava a mãe, linda e moça, quando a via acurvada, em extasis, para o berço do seu primeiro filhinho; alegrava-me com a vista da esposa, no poetico periodo d'um noivado ditoso; embevecia-me na virgemsinha, quando a surprehendia em seus briquedos infantis; respeitava a mulher desilludida, que, declinando para a velhice, dizia adeos ás coroas do noivado e á mocidade, sem uma nodoa, mas tambem sem uma fagueira recordação... Isto, porque tinha um prisma, que doirava as imagens. Um dia quebrou-se. E vi retintos os objectos nas hediondas cores da realidade: argilla, que uma gotta de orvalho reduzia a lama. Nunca, nem uma só de tantas mulheres, que conheci, se uma vez lhe cingi com o braço a cintura,

para em languorosa violencia experimentar como o seu peito arfava junto ao meu, deixou de acolher nos pallidos labios um beijo, cahido dos meus, como num sorvedouro de immundicies.

— Convenho. Ha taes, que fazem da infamia um mister. Mas não tires de alguns factos attributo geral...

— Já o velho Voltaire dizia: *heureux cent fois qui trouve un pucelage!* Voltaire é o teu evangelista. Mas tu, que, neste ponto, te prendes aos preconceitos do vulgo, juro-te que não ficarás impune.

— Tornas-te agoureiro como um vidente.

— O futuro!

— Em que te fundas?

— Dispamo-nos das formulas amaneiradas lá de fóra. Sejamos francos.

— Lisongeias-me.

— Ao contrario.

— Ao contrario! Porque?

— Porque vou ser o iconoclasta dos teus idolos de oiro.

— Como?

— Fazendo transparecer a tua Florentina num espelho fiel.

— Como? repete L. Gundar, sem o comprehender.

— Basta que consintas em abrir os olhos, e em lhe descobrir na bocca, em labaredas, a peçonha das viboras.

— Caprichos!

— Já esperava o desdem.

— Accusaste. Uma accusação gratuita e acintosa não tem força em juizo. Provas?

— Tenho-as.

L. Gundar sentiu-se desfallecer no interior.

— Onde estão? pergunta de impeto.

— Tenho-as aqui na cabeça.

— O que tu tens na cabeça é o calor das hallucinações febris.

— Oxalá!

— Explica-te.

— A candida virtude de tua prima, essa virtude ingenua, de que a colóres tão castamente, cae, sem canceiras de entendimento, debaixo d'uma razão poderosa.

— Qual é?

— Fatalidade.

— Onde vês a fatalidade?

— Na condição de mulher.

L. Gundar respondeu com a exprobração d'um riso glacial.

— Alem d'isso, os seus rendimentos pouco excedem honesta mediania.

— Quem t'o disse?

— Ninguem. É que a logica não é uma mentira. Os teus ricos morgados deviam tomar parte na seducção

— Blasphemias. Ha na vida uma phase pouco vezada á addição de parcellas.

— Quanto ao homem. A mulher tem a eschola da

mãe matreira, que a inicia nos segredos da ambição, visto não lhe ser dado espraiair-se, como nós outros, por esses mil e um caprichos, de que nos é licita a escolha.

— Todavia...

— Para concluir: Florentina é, como disseste, uma donzellinha de mediocre cultura e de superior ingenuidade; e eu descubro-lhe no perfil algum disfarce das insidias do inferno. Porque te enfeitiçou com discursos maliciosos, com languores estudados, dando pudicas e queixosas lagrimas, e invectivas de Lucrecia offendida ao feroz Tarquinio, que implora, de joelhos, um beijo purissimo. Porque depois, em occasião opportuna, desvanecido o pejo, não te deu um, deu-te centenas de inflamados beijos.

— Fausto! Quem t'o disse?

— Ninguem. Diz-m'o o teu espanto.

— A innocencia é inconsiderada.

— E a mãe da menina? Nada significa, para ti, aquella fabulosa complacencia, que deixa esvoaçar a pomba nas garras do milhafre?

— Minha tia é uma sancta. E bem sabia que a minha honra...

— Amigo! O teu estomago sobreexcede em vigor o do abestruz. Descançava na tua honra! Por isso mesmo. Não devia suppor que fosses um eunucho miseravel; e era-lhe pois permittido esperar gentil reparação, no valor de trez ricos morgados.

—Misericordia!

—O dedo providencial de tua tia andava, não podia deixar de andar, nas ciladas elegantes de Florentina. Uma rapariga de superior ingenuidade, com bom ensaiador, porque não ha de ser optima actriz?

—Fausto! Supposições d'essa ordem... Perdão. Minha tia é uma sancta, torno a repetil-o.

—Ho, ho, ho! poz-se a rir o sceptico com riso que gelava o sangue.

—Consentes que te conte uma historia? accrescenta.

—Como te aprouver.

—Ahi vae: Ha muito que isto succedeu, e cuido que se passou ainda hoje, tão fresco o trago na memoria. Tinha eu doze annos, os doze annos mais viçosos, em que jámais se abotoou uma existencia. Poisavam-me nos hombros os anneis loiros dos meus cabellos, e trazia aferrolhada a saude nas nacaradas bochechas. Chamavam-me travesso e lindo as damas, que visitavam minha mãe, e não se despediam sem me beijar com mais ganancia, do que o faziam a seus maridos, posto estar eu já então desenvolvido, como um fructo quasi maduro. Não falta, quem os ache mais saborosos assim. Meu pai tinha na provincia um amigo, que, por occasião do casamento de sua filha, fôra condescendente com a menina, a ponto de a levar á capital para, mais a sabor seu e d'ella, a adereçar para o noivado. Hospedaram-se em minha casa. A noiva tocava nos vinte annos. Era uma creatura angelica, timida e pudorosa

como a mesma virgindade. Baixava os olhos, se a fitavam; quando fallava era em marulho de ternas blandicias, que deixava adivinhar uma alma seraphica; e, se lhe dirigiam a palavra, tremia, sensitiva, como receiosa de manchar-se ao contacto impuro dos mundanos. Uma noite sonhei que um bom genio brincava nos meus cabellos, enchendo-me os ouvidos de harmonias, e o travesseiro de perfumes. Um sonho de innocencia! Ainda impressionado, ao despertar, abri olhos interrogadores, e pasmei-os numa sombra, que se desenhava no muro. A luz da lampada deu em cheio na face da timida provinciana. Disse-me que, assustada por se ver sósinha numa camara immensa, para não enfadar ninguem, preferira refugiar-se mansamente no meu quarto, que era contiguo ao seu, e esperar alli que amanhecesse. Fallando, quebrava-se sobre mim, com o rosto junto ao meu, com a respiração a queimar-me na fronte, com a voz desfallecida; e não reparava que sahira quasi nua do leito, e que expunha, á minha vista indignada, os redondos seios de donzella, os mais castos e resguardados thesoiros de pureza. Parecia-me febril, e não sei que fascinação lhe vi nos olhos, que me assustou. A nudez augmentava a cada movimento, que fazia, e ella nem dava mostras de o perceber. Eu inquietava-me de a ver nesse desalinho, porque já o pejo me reventava nas faces. De repente apertou-me phrenetica nos braços nervosos. Soltei um grito, que ella suffocou, pondo-me na bocca a mão. E, apagando a luz, intro-

duziu-se no meu leito, descançou a cabeça no meu travesseiro, e...

— E?...

— Violou-me.

— Hediondo !

— Bagatella.

— Tinha ido á capital colmar-se de atavios para se dar, enfeitada e brilhante, ás ternuras do esposo...

— E levou-lhe esterquilinio debaixo dos adornos.

— É-me permittida a curiosidade de saber o nome d'esse demonio ?

— Porque não ?

— Quem é ?

— Chamaste-lhe sancta.

— Quem é ?

— Tua tia.

L. Gundar faz-se amarello de cera. Fôra muito rude o abalo. Sente-se vencido.

Fausto reconhece-o. E, depois de sorver, reclinado na janella, alguns haustos de ar, requisitados por seus viciados pulmões, prosegue em crescente excitação :

— Ao menos as corrompidas das ruas não são hypocritas. Offerecem despejadas as cadaverosas e enxovalhadas carnes ás turbas, que nellas vão tropeçar; pagam meus afagos, meus insultos sordidos com beijos, que, mingoados do calor, que exalta, são eivados da syphilis, que putrifica; mas vendem-se francamente.

Resta-me a vingança de lhes matar a fome, ferindo-lhes a emmagrecida cara com uma moeda de prata.

— Quizera dever-te mais delicadeza, amigo.

— Porque ?

— Em casa de enforcado é crueldade fallar na corda.

— Aqui não ha enforcados. Ha um facto e a sua critica. Tu adoras a mulher com toda a energia d'um amor noviço. Quero fazer-te a operação da catarata, a fim de que, nas mãos d'ella, te não transformes em baldão de escarneos; a fim de que, quando a encontrares na scena do mundo, coroada de rosas brancas, tentes seguil-a ao recesso dos bastidores, onde possas vel-a, a pureza que te endoidece, em toda a hediondez das suas inclinações. Saberás que debaixo do travesseiro esconde, quasi sempre, em vez d'um edificante catechismo de moral, alguma d'essas obras ignominiosas, com que se provoca a sensualidade, em quadros obscenos e torpes. Atordoada nessas lambarices, lê-as com o sangue em ebullição. E, quando fecha o livro, não é senão para se revolver nas ateadas labaredas, espumando incendios; esbugalhando os olhos, que só vêem a impudica concepção do cerebro debilitado; enroscando-se nas imagens sordidas, que fluctuantes tumultuam, até que um somno profundo, como a morte, lhe avassalla os membros.

Ia continuar, numa especie de delirio contagioso. Porem interrompeu-o uma tosse secca e cavernosa, que lhe espedaçava o peito. Levou um lenço á bocca.



L. Gundar, longe de se irritar, compadecia-se. Pregara nelle os olhos, accesos em perspicacia de lynce.

— Ha por força um segredo na tua vida, exclama. Um segredo terrivel !

Fausto ia replicar. Mas novo accesso de tosse, mais secca e mais estridente, o suffocou.

— Fausto, Fausto ! Tu soffres ! Essas feições... Sentes-te mal ?

— Nada, responde o outro em voz sumida, mostrando o lenço, manchado de sanguentos laivos. A confissão dos teus amores bucolicos, continúa sorrindo, trouxe-me á memoria recordações, que eu desejara aniquiladas. Taes são, que animaram uma fibra paralyzada, a qual, como vês, espirra sangue.

— Não, tu não és o que pareces !

— Ho, ho, ho !

— Ha nesse rir uma amargura, das que gangrenam. És um arcano, Fausto.

Em seguida L. Gundar chamou um criado para que trouxesse cordiaes, com que se confortasse o doente.

— Que arriem o meu cavallo, interrompe este, em pé, levando mão do chicote, cujo pesado martello fez soar no pavimento.

— Partes ?

— Immediatamente.

— Opponho-me. Nesse estado...

— Sé humano. Não me recordes o meu estado. Morre muita gente aos trinta annos.

— Mórter! D'onde te veio essa idea funebre?

— Estou ptytico, diz Fausto em ár de confidencia.

— Ptytico!

— Basta.

— Porém...

— Basta. Ha assumptos mais interessantes.

— Sempre excentrico.

— Estou aqui, atrophiado pela raiz, diante de ti, robusto e escoreito; e, de nós ambos, não sou por certo o mais digno de piedade. Para mim uma morte ligeira, natural e simples, uma lei universal; para ti uma morte lenta, desesperada, o matrimonio. Mas impavidez só tu a tens, porque te rendes á escravidão, cantando hymnos de victoria.

— O matrimonio tambem é uma lei.

— De que eu zombo.

— Sim, mas como? Saltando a pés juntos por cima de todas as conveniencias; atirando o facho, extrahido dos brazidos do peccado, ao meio das deshonoradas familias.

— Perdão!...

— Socega. Não te quero irritado.

— Conversemos. A não ser certo travor, que encontro nas bordas d'este calix, que, em commum, estamos a delibar, regala-me o curso, que tomou a diversão. Já agora vou dissecar este peito, fibra a fibra, para que vejas a cadeia de horrores...

Como retido por uma convulsão, interrompeu-se.

Bailavam-lhe no rosto grandes bagas de suor. Apoz morna indecisão, d'essas que denunciavam internos conflicts, clama com emphase :

— Não. Ao esquecimento os espectros do passado ! Mas, já que chegamos a estas alturas, vou contar-te uma anecdota da minha vida, com que has de folgar e rir a preceito. Que nos tragam vinho e tabaco.

— Vinho, e...! Queres envenenar-te ?

— Que importa o que eu quero ? Tenho sede.

Esgotado um copo, Fausto principia :

— Era na quadra, em que ha superfluidade de luxo no anil dos ceos, e no oiro e na purpura dos occasos. Eu via tudo luminoso e clareado pela irradiação esplendida d'um idear juvenil. Era poeta, porque amava. Amava uma mulher, que me satisfazia a vaidade, e que me satisfazia o coração. Nas formas toda a voluptuaria sensualidade das virgens de Ticiano ; no espirito as virtudes heroicas, como as quer o douto mysticismo. Onde apparecesse, erguia-se um borborinho de admiração respeitosa. As damas, em segredo, invejavam-lhe a formosura ; os elegantes maldiziam a estranha isenção, que tão singular respeito infundia ; os velhos cobriam-na de louvores por sua modesta serenidade e discrição estremada. Eu era o Romeo d'aquella Julietta. Corresponhia-me ; mas sem calor, sem vivacidade ; glacial como a virtude, inflexivel como os seus principios de romana severidade. Nas differentes conversas, que, em completa liberdade, entretinhamos juntos, nunca,

uma vez sequer, me consentiu o favor mais insignificante e pequeno. Punha entre ambos uma raia intransifavel, o respeito; esse respeito, que perturbava quantos, por ventura, pretendiam galanteal-a. O meu amor porem, longe de se apagar com o irremovivel obstaculo, tornava-se cada dia mais lascivo e pertinaz. Uma noite, era depois do baile, dando-lhe o braço, tinha-a conduzido ao seu quarto de dormir. Começámos a borboletear nos jardins das nossas esperanças.

—No quarto de dormir! diz L. Gundar com um sainete de malicia.

Fausto aproveitou a interrupção para de novo emborcar o copo.

—No quarto, sim. Contrahiramos esponsaes. Alem de que o seu character lhe sanctificava todos os actos, por absurdo, que isto possa parecer. Fallavamos do futuro. Mas eu estava sobre brazas. Aquelles braços nús, aquelle collo gracioso, aquella carne palpitante, viçosa e fresca, ornada de perolas e diamantes, as rosas languidas do toucado, cheias de aromas, e reminiscencias do baile... coavam nos sentidos torrentes de embriaguez irresistivel. Uma nuvem de gozo me circumda. Quero dominar-me, mas...

—Barbaro!

—Mas não pude.

—Ficou perdida!

—Estava a ponto de lhe beijar a mão...

—Ah!

— Ella leu no meu pensamento, e apenas me fitou. Fiquei immovel.

— Fascinava.

— Estavamos nas vespuras do casamento, quando adocece a mãe da minha bella. A doença deu logo todos os symptomas de insuperavel. Julga da minha dôr. Fiz-me enfermeiro. Á segunda noite cumpria-me velar. Entrei, sem ruido e sem precedencia de annuncio, na alcova da enferma. Oh pasmo! Encontrei-a nos trances do passamento! Contorcia-se em ancias afflictivas, expellindo dos beiços amarellos ennegrecida espuma, e rolando nas orbitas os olhos sem luz. As mãos tinha-as crispadas sobre o peito, como se sentira alli o mal. A um lado, de joelhos, estava a minha noiva silenciosa e absorta. Quando me vio, deu um grito de surpresa, e correu uma vista de sinistro pavor do leito da enferma para a mesa, em que estavam os remedios. Não sei que de espavorido havia nella. Estranhei-a. A desgraçada fazia lembrar o criminoso, descoberto em flagrante. Respondeu quasi em delirios, ás minhas perguntas. Os olhos não os tirava d'uma taça, posta á cabeceira da doente. Por acaso, attentando no lastimoso quadro, que tinha diante, deixei escapar alguns improperios contra a medicina. Á palavra «envenenadores,» de que eu, com a injustiça, que as afflicções attenuam, acoimava os medicos, a piedosa menina cahiu-me aos pés em choro. Tive então uma desconfiança satanica. Observei a taça. Havia nella as fezes d'um liquido nauseabundo,

totalmente differente do remedio, que das receitas constava. A minha noiva seguia-me com anciedade. Ao tomar a taça, quiz arrancar-m'a da mão. Era noviça no crime. Denunciara-se, sem que o presentisse. Que abysmo, e que desengano, Gundar! O diabo mostrava alli o seu poder.

— Diz antes a Providencia.

Fausto assaltou outra vez a amphora. E prosegue com a epiderme colorida de sombria escarlata:

— Precipitei-me na sala proxima, resolvido a entregar á justiça a desnaturada filha. Porem esta, desfeita a turbação, pela eminencia do perigo, fôra mais veloz; e, aferrolhando a porta, interpozera-se á minha passagem. Repelli-a com desabrimento e colera. Mas ella prendeu-se no meu pescoço com os braços de alabastro, elasticos e macios, como de seda! Indignado, ergui a voz para a verberar com accusações sangrentas. Mas poz-me na bocca, por mordação, os labios tão cubiçados, e tão cheios de artificiosa volupia! Amollecem-me os musculos em laxidão suave; uma estolidez profunda me invadiu o cerebro... Mulher, mulher!

A amphora foi de todo esvaziada. Fausto pede mais vinho.

— Desgrenhada e núa, como uma bacchante, levei-a para o sofá. Ao mesmo tempo, no fundo da alcova, estrebuxava a mãe nas vascas da agonia.

Tão negra pareceu a narração a L. Gundar, que, sorrindo consigo, a desterrou para a fabula. Porem,

o aspecto de Fausto convenceria o proprio S. Thomé, que é o pontifice dos incredulos.

— Horrivel! exclama. É inaudito, não está na natureza! A filha envenenar a mãe, e prostituir-se sobre o cadaver?! As saturnaes da Borgia, em que a peçonha circulava, em copos de oiro, nos vinhos de Syracusa, são a par d'isso meras bagatellas. Qual foi a causa do envenenamento?

— Havia na familia um thesoiro escondido, cuja existencia, por uma deferencia mais que muito especial, fôra apenas confiada á minha matreira noiva. Como a doença perigosa da mãe devia attrahir os outros filhos, dos logares afastados, em que já constituíam familias differentes, esta moderna Brinvilliers, contrariada pela idea d'uma partilha...

— Avareza!

— Uma avareza refinada. A medicina lavrara sentença de morte. As reacções da consciencia combatiam-se pois facilmente. Consistia o grande passo em obstar a que os outros herdeiros precedessem a hora do trespasso. O veneno não matava, apressava a morte. É assim que os grandes criminosos se justificam, muitas vezes, perante o infalivel tribunal, que do interior os fulmina. A virgem forte, cahida a mascara, arrastou um cumplice. Sabia que regurgitava em mim esse fluido diabolico, que cresta de desejos, e que faz do homem, mais são, um satyro concupiscente. Deixou-me um remorso em troca d'um segredo.

L. Gundar fica tomado de espanto. Fausto dispõe-se para sahir.

— Acabou o catechismo, accrescenta elle. Agora diz-me quando conduzes ao altar a tua bella?

— Em acabando o lucto.

— Lucto! Por quem?

— Por um parente.

— Ah! Não te felicito.

— Pelo lucto?

— Pelo casamento, que vale o mesmo. Ideas associadas. Casamento e mortalha... Sabes o adagio.

— Outra vez!

— Não te felicito; porque, não nascendo para carasco, has de ser escravo ou deshonrado.

— Fausto!

— Desculpa. Não estamos no campo da lisonja.

— Insultas e calumnias muitas pessoas, que...

— Ho, ho, ho!

L. Gundar exalta-se irreflectidamente.

— Nunca conheceste tua mãe? pergunta.

A physionomia de Fausto alterou-se num tregeito horroroso.

— Hei de ir ao teu noivado! diz com azedume, seguido de certo riso enigmatico, e como para se subtrahir á resposta.

L. Gundar arrependeu-se da pergunta. Um ligeiro fremito lhe correu na espinha dorsal.



— Hei de ir! repete o outro, com occulta intenção.  
E sahiu, cambaleando.

L. Gundar desce atraz d'elle.

Na alameda se apavonava um soberbo andaluz ricamente ajaezado. Fausto cavalga, não sem custo, anafalhe as luzentes comas, faz um gesto de despedida, e dá de esporas.

— Cautela, brada L. Gundar, notando a languida fraqueza do amigo.

O cavallo empina-se, sacode por vezes o curvo pescoço, e parte, em bizarros meneios, caracolando airoso.

L. Gundar permanece muito tempo collado ao sitio, com os olhos no vacuo, e cheio de tristes presentimentos. O rumor sonoro das fontes, o ramalhar dos arvo-redos, o descante das aves, soam-lhe aos ouvidos, como vozes exhaladas do seio do mysterio. «Hei de ir ao teu noivado!» essa promessa de Fausto, de tão estranho modo proferida, zumbia ameaçadora em volta d'elle.

Era quasi noite, quando voltou ao gabinete, em que o encontramos com Fausto. Tão absorto andava, que lhe chamarieis somnambulo.

— Hei de ir ao teu noivado! clama insensivelmente, e como que desafogando d'um pensamento, que no intimo o flagellava. E desperto, pela propria voz, interroga os extremos, phantasticamente escurecidos, do aposento.

— Quem está ahi? pergunta com certo supersticioso terror.

Era o echo, que repetia ao longo das salas: «Hei de ir ao teu noivado! Hei de ir...»

### III

## NUPCIAS

Ange éternel des nuits heureuses,  
qui racontera ton silence? O baiser!  
mystérieux breuvage que les lèvres  
se versent comme des coupes altérées!  
ivresse des sens, ô volupté! oui, com-  
me Dieu tu es immortelle!

MUSSET.

A noite foi lauta em apprehensões para L. Gundar. As palavras de Fausto, de que o ar não parecia ainda purificado, encravavam-lhe no amollecido cerebro presentimentos nada consoladores. E o sceptico tomava a seus olhos, dilatados pela insomnia, proporções sobrenaturaes de propheta ou de phantasma. Era-lhe precisa toda a cordura e fortaleza para que o delirio da imaginação o não emmaranhasse nos esconsos dedalos do maravilhoso.

Em sendo dia, por tal forma o assaltou a hypocondria, que, aborrecido do seu eden solitario, se foi em busca das estimulantes distracções da cidade. Ao pas-

sar junto do palacete de Fausto, sentiu, dentro em si, um como derramamento de amargoso fel. As janellas estavam fechadas, e o edificio parecia silencioso como um tumulto. Ia dobrar a esquina da rua, quando, mudado o proposito, voltou atraz, e, atirando as redeas do cavallo ao laçao, que o seguia a respeitosa distancia, tomou pela escada acima, para saber noticias do amigo. Um grupo de individuos, de sombria presença, conversava, em voz baixa, na ante-sala. L. Gundar cortejou-os, e passou adiante, levado de imperiosa attracção. Chegou á camara de Fausto. Ardiam dois cirios ao pé do leito. Sobre elle, estendido, repoisava um cadaver.

Fausto morrera gentilmente, com os labios franzidos por um escarneo.

Ao mesmo tempo, no fundo ignorado da provincia, Florentina enlanguescia de saudades pelo primo, e suspirava, adormentando-se nos sonhos do noivado.

E quem descançou jámais em vespervas de noivado? A virgem vae sondar arcanos. Que arcanos serão? Que vertigem, e que curiosidades! É necessario ser formosa. É necessario encher de orgulhos o noivo. Quaes serão as cores de mais realce para a brancura das espadoas? Que enfeites escolher? As fitas, as rendas, as flores como devem ser combinadas? Qual será o mais gracioso penteado? Um pente cravejado de diamantes, prendendo as lustrosas tranças, e um fio de perolas, solto por ellas ao acaso, darão encanto ás feições? Mas

um cravo vermelho, uma flor solitaria, colhida fresca no alegrete, é toucado mais singelo e talvez mais atrahente. Todavia...

Emfim é uma Califórnia de conjecturas. E a palidez romantica vae substituindo o nacar da epiderme; e a menina, em seus delirios, vae esvoaçando pelas campinas azues do gozô e do mysterio.

Vinte e trez annos! Eram os annos de Florentina. O poema cifra-se nisso. Robustecida, vigorosa e cheia de si largava, ousou assegurar-o, largava velas pandas ao desejo pelas auriferas e perfumadas ondas do mundanismo. Que imagens, que traidoras pinturas lhe não turbariam o somno! Se dormia, é que a atordoava o narcotico dos carnaes deleites, ou porque se extenuava, perguntando ás flores, em que regurgitava a seiva, o que tinham ellas de commum com o suave entorpecimento, que lhe exauria as forças.

Florentina não era d'essas donzellinhas das baladas e dos romances, ethereas e impalpaveis, que se alimentam com uma lagrima, que se confortam com um suspiro, e que pouco mais duram do que essa lagrima ou esse suspiro. Protuberantes seios, docemente arredondados; largas espadoas; dilatados quadris; confluia nella, emfim, todo o luxo dos fructificantes dons, que fazia respeitada a virgem lacedemonia. Virtuosa, era sem duvida. Mas, á perspectiva d'um thalamo de esposa, não resiste a energica severidade de feminino estoicismo, nem resistira a sacra devoção d'uma vestal piedosa.

Os dias voam. L. Gundar, ainda impressionado pela singular e repentina perda do amigo, appella para os consolos, que de antemão saboreia entre os nevados braços da amada.

— Pobre Fausto! murmura, já com o pé no estribo. Que destinos! Para mim as doçuras celestiaes do casamento; para ti a mortalha apodrecida.

Como contrariado por este contraste, que lhe pairava no pensamento, cobriu-se de infinita tristeza.

— Quem sabe se foi um vaticinio o que disseste? continúa no intimo soliloquio, picando de esporas o ginete. Ideas associadas! Foi assim que lhe chamaste. Foi assim que um antigo adagio as associou. E o adagio é ás vezes como o oraculo inspirado da sibylla.

Estava o dia tão sereno como sombrio. Não corria uma aragem, nem soava uma harmonia pelo espaço. O fumo erguia-se dos povoados em densas espiraes. E, de longe em longe, appareciam nas alturas myriadas de aves carnivoras, que, silenciosas, se perdiam na immensidade.

L. Gundar via em tudo máos presagios.

Teve de pernoitar numa estalagem, assaz confortativa para um cenobita, mas detestavel para quem, como o nosso namorado, se acclimou aos mimos da opulencia. Ponto de reunião de homens sem patria, sem nome e sem mister, assim como de todos os que prezavam o jogo, o vinho e as folias; a estalagem não lograva dos melhores creditos. Tambem com pouco se contentaria

o viajante, se ao menos lhe franqueassem uma cama toleravel. Era dura de pedra a enxerga, o ruido dos turbulentos freguezes excessivo, e numerosos os proprios cuidados, para que esperasse conciliação com o somno. Erguendo-se, foi-se recostar, distrahido, ao peitoril da esguia janella. Alguns alegres magotes de aldeões se apinhoavam, no terreiro, em volta d'um pobre musico ambulante. Tangia este o instrumento tão querido do nosso Rodrigues Lobo, a lamurienta sanfoni-na, acompanhando, com voz doente e plangitiva, a vozeadora toada. L. Gundar escutou, e, em remate, alcançou ouvir indistinctamente estas coplas sôltas da fertil musa do povo:

Maria tem pés de neve,  
pés de neve tem Maria;  
quando os pés eram de neve,  
o corpo de que seria?

Abre-te, janella d'oiro,  
apparece, resplendor;  
veste-te e anda comigo,  
meu delicado amor.

De me ir abraçar contigo,  
trago cheio o pensamento;  
Menina, déste-me a morte,  
a mortalha e o casamento...

Calara-se o menestrel. E ainda as ultimas notas gemem moribundas. L. Gundar, fecha com precipitação a janella, e retira-se mais crente, que nunca, em mãos agouros.

O resto da viagem correu sem incidentes.

Amanhece a final o grande dia. As aldeanas, já entrajadas em suas vestes festivas, apressam-se a ir aos montes e aos cerrados fazer provisão de flores. Em continente são levantados arcos, muito bem enfeitados, no caminho, que, da casa de L. Gundar, dá para a igreja. O chão está tapizado de hervas cheirosas e de esmaltadas petalas. E, em seus postos de observação curiosa, trebelham multidões de homens, mulheres e crianças. Mas em balde esperam. Os noivos não vêm. Passou toda a manhan, vae passando a tarde, e elles sem chegar.

L. Gundar não se comprazia com dar em espectáculo a sua felicidade. A olhos de indifferentes, que encaram com frieza a poesia do casamento, ou de maneira muito positiva, porque a não comprehendem; o noivo, por atilado que seja, toma uma posição assaz embaraçosa, se não desgraciada e até ridicula. L. Gundar tremia diante do ridiculo. Isso lhe valera, hoje em dia, o nome de original. Pois que de tal geito se infiltrou em nossa natureza, aquella idea, que por pouco não fica sendo ridiculo tudo, que tem o máo sestro de o não ser.

Eis, carissimo leitor, os incentivos, que induzem aquelle, que escreve estas linhas, a fazer mais gasto em tinta, do que conviera.

O nosso heroe pois, logrando as turbas, tomou modesta e silenciosamente a mão de Florentina e, com as testemunhas do ritual e alguns poucos familiares, dirigiu-se á capella da sua casa, onde, paramentado e prompto, estava á espera o capellão. Ainda assim não foram moderados os rubores na donzella, durante a cerimonia.

Quando dos vizinhos solares chegaram primos e amigos, bifurcados em enormes ginetes, em plena compatibilidade de corpulencia com seus donos, pasmaram que tão clandestina, e sem sonoros ruidos, corresse uma festa por tão longe soada, e que promettia estrondo e apparatus, dignos d'um rei. No salão heraldico não havia mudança nos adornos. As mesmas jarras no bofete; as mesmas antigas cadeiras de espaldar gigantesco; os mesmos quadros a oleo; os mesmos candelabros; emfim, tudo no mesmo estado de singela elegancia, cujo segredo era um privilegio de L. Gundar.

Florentina constituia uma maravilha de gentileza, conciliando, no traje, o luxo com a simplicidade, o honesto com o gracioso. Conversava com naturalidade, sem quebrantos, nem abstracções romanticas, no meio de algumas amigas, como se não fosse aquelle o mais solemne dia da sua vida.

A certa distancia L. Gundar, com o invariavel e despretençioso primor nas vestes, que fazia o desespero dos *leões* da epocha, discorria em coisas sérias com o



capellão, velho letrado e mais que muito entendido em coisas do ceo e da terra.

Os primos admiram sobre tudo que tão reduzida, tranquilla e familiar seja a companhia. Esperavam cahir de chofre na mansão dos delirios, em que não houvesse meio termo entre os harmoniosos estrepitos da musica, o retinir dos crystaes e o turbilhão fascinador das danças. Ignoravam que o amor intimo, sentido, profundo, depurado da ostentação e da vaidade, que são a alma de muitos sentimentos, que tambem chamam amor, prefere a obscuridade e o silencio ás pompas ruidosas das grandes festas.

Iguarias d'um opiparo banquete, postas na mesa, esperam os convidados. L. Gundar desafia-os a segui-o. São estes pouco numerosos, mas valem por muitos; se os julgamos pela pureza de sangue, pela distincção do porte e fidalguia de character. É sociedade escolhida. Todos estão commedamente, como em familia. As meninas lançam vistas dissimuladas a L. Gundar, que, noutra occasião, deveram apunhalal-o. Valiam por feixes de settas, não sei se amorosas, se de raiva ambigua. Os moços fitando Florentina, ficavam pensativos, como a suspirar por um similhante consorcio. Falla-se com frouxeza, mas todas as almas traspordam gozos secretos. Os brindes são desataviados e sinceros. Os copos voltam vazios á mesa, e os manjares succedem-se em renovada baixella.

É noite.

Serena e limpida; surge a lua por detraz das serras. O gosto das expansões começa a animar os convivas.

L. Gundar está em pé, e, levantado o copo em que réferve a espuma de generoso porto, corresponde a um brinde, em termos de brilhante eloquencia. Um brado de applauso geral lhe abafa as palavras. Fluctuam erguidas as taças, e voam aos labios, perfumando-os.

Mas L. Gundar permanece immovel, hirto, petrificado. O vinho entornara-se na mesa, e o copo cahira-lhe da mão.

Encaram-no com assombro. Parece surprehendido de paralytia subita. Os olhos, como dilatados por desconhecido terror, tem-os presos na janella fronteira. As damas estão consternadas, os homens indecisos.

Voltam-se todos, procurando a causa do incidente.

Na vidraça, que deita para os campos, desenha-se uma pallida figura, que logo desaparece.

Então L. Gundar, como quebrada a fascinação, murmura, cahindo prostrado na cadeira:

— Fausto! Tinha jurado que havia de vir...

Seguiu-se equivoço silencio. Depois resoam passos no fim das salas; resoam cadentes, medidos, sonoros... cada vez mais proximos. Ergue-se o reposteiro.

— É elle! clama L. Gundar fóra de si.

Um homem se adianta.

— Tinha promettido vir ao teu noivado, Gundar, diz o recém-chegado com exquisita accentuação estrangeira. Eis-me aqui.

L. Gundar, mais tranquilizado, acolhe-o a primor.

Este novo personagem era don Pablo, catalão, de origem pouco averiguada. Aventureiro e gentil, associara-se á familia dos Gundares por um casamento infeliz. Matara de desgostos e máos tratos a esposa, e agora vivia dos destroços d'uma opima herança, que d'ella lhe ficara. Não lhe era muito afeiçãoado L. Gundar. Mas razões de parentesco oppunham-se a que inteiramente se afastasse d'elle. Só esta noite deu o manco pela paridade infinita, que havia entre don Pablo e Fausto. Os mesmos traços geraes, o mesmo olhar de lampejos sombrios, o mesmo rir motejador; ambos ex-cêntricos, ambos com lacunas na sua historia, ambos descrentes, desdenhosos, insondaveis como um abysmo sem fim.

O contentamento renasce. Apenas L. Gundar parece envolvido numa nuvem de tristeza. A doçura d'uma tacita interrogação de Florentina consegue todavia afugentar as brumas, que lhe empanavam os risos.

Volvem ao salão.

Don Pablo eliminara-se, como as bruxas do Macbeth.

L. Gundar fuma na varanda com alguns homens serios. Os outros ficam prestando homenagem ás bellas. No entretanto Florentina afina a guitarra. Não sabe resistir á instancia dos que lhe pedem uma en-decha ao som mavioso do instrumento.

A guitarra era, nesse tempo, o mimo predilecto das damas bem prendadas.

Não tarda que sussurre brandamente o preludio d'uma musica celestial. Uma voz se mistura, pura e crystallina, em ineffavel concerto. Corre fremito suave nos corações. E o espaço anima-se de melodiosas ondas. Por fim a cantora divina, num esgotamento de sensibilidade, pende a fronte abrazada sobre o braço da guitarra, e deixa-se enlevar de saudoso extasis. A sensação communica-se. E, quando se retiram os convidados, levam gostosa reminiscencia d'aquelle remanso ditoso.

Os esposos ficam finalmente sós. Mas aquellas organizações, por mais que peze a maliciosos, não pertencem ao barro commum. Almas delicadas, não se humilham ao serviço de grosseiras tendencias. Se já viram como se amam os anjos, saberão com que exquisita delicadeza se amavam. Une-os principalmente a sympathy dos espiritos. O que sentem de extatico, de sobrenatural, de soberanamente grande e delicioso é vedado á penna delatal-o. Almejam confundir-se num effluvio brando, quebrar as terrenas cadeias, librar-se pela cerulea amplidão e fundir-se na divina harmonia dos astros.

Isto, em idioma de mortaes, não significa nada. Mas ha coisas, que toda a gente assim diz.

Commovidos, timidos, corando um em frente do outro, balbuciando a medo expressões sem ligação, nem sentido, deixam passar alguns instantes. Um infinito de indiziveis gozos !

Agora me convenço de que em nenhum acto da vida do homem recendem tantas, tão suaves fragrancias de verdadeira poesia.

São estreitas de mais as paredes do salão, para que não impeçam o curso arrojado dos dois vagabundos pensamentos. A noite é uma noite de epithalamios. Veio tambem á festa a natureza com os adornos da sua magestade. Florentina cobre as espadoas com um chale da India, esteia-se ao braço do esposo, e vae com elle sorver mais livres ares. Lá passam debaixo dos platanos. Illumina-os um tenue raio da lua. Murmuram. Que ternuras, que fluencias de mel ignoto andarão naquelle segredo! Perdem-se na sombra. Mas soa um beijo, como fremito de brizas em petalas de rosa.

Á maneira de satyros, espreitemos d'entre as moitas para o interior dos concavos rochedos, que formam uma gruta, coroada de floridos estendaes. Vel-os-hemos, os noivos, aboborados em alcatifa de musgos. A luz branca da lua penetra tibia e frouxa na solitaria caverna. Inebria-os, difficultando-lhes a respiração, o aroma dos rosaes. Á melancolica elegia das correntes, que se despenham, casa-se apenas, de longe em longe, o queixoso canto d'alguã ave triste. Os dois fitam-se na penumbra; apertam-se as mãos, faltos de palavras. Compreendem que pode morrer-se da asphyxia d'um gozo ideal. Ainda um pensamento grosseiro os não manchou. Porem a embriaguez recrudescer. Languescem os sentidos em indefinido torpor. Inclina-se as

frontes, encontram-se os labios, e collam-se num segundo beijo, num beijo humido, visgoso e ardente.

A carne triumphpha.

Florentina oscilla, esvae-se-lhe a luz, cerram-se as palpebras enfraquecidas, e deixa pender a cabeça para o seio do esposo, desprendendo um suspiro longo, como um derradeiro suspiro.

O delirio apossa-se de L. Gundar.

Nesse instante ergue-se alli perto um lamento funebre, um gemido lamentavel, que vae ferir nas nuvens.

Levantam-se apavorados os esposos e logo divisam sobre um rochedo o enluctado vulto de Niger. De orelhas pendentes e focinho aprumado, o pobre cão atroa o espaço com uivos prolongados.

Florentina, verdadeiramente contrariada, toma veloz a direcção da casa. L. Gundar segue-a de perto. Entram na mysteriosa camara, cuja porta se fecha, apoz elles, com estrondo.

Então a dama enrosca-se no esposo com exaltação felina, e, raivosa d'amor, crava-lhe na face os dentes vorazes.

## IV

## A RISADA MYSTERIOSA

.....  
 il vit ces deux filles embrasser tendrement les deux singes, fondre en larmes sur leurs corps, et remplir l'air des cris les plus douloureux: «Je ne m'attendais pas à tant de bonté d'âme,» dit-il enfin à Cacambo; lequel lui répliqua: «Vous avez fait là un beau chef-d'œuvre, mon maître! vous avez tué les deux amants de ces demoiselles.»

VOLTAIRE (*Candide*).

L. Gundar tinha seu tanto de visionario. Systematico até no casamento, principiou a desenvolver certas incubadas theorias, que, no seu juizo, deviam de eternizar a poesia conjugal. Tudo se reduzia a um refinamento de melindres e subtilezas de trato, que desagradavam sobremaneira a Florentina.

— Enganaste-me, primo! diz-lhe ella, morbidamente entristecida pelo seu primeiro amúo.

— Como! Enganar-te, meu amor? E porque?

— Foges-me. Não me queres ao pé de ti.

— Eu! E poderia eu viver se tu me faltasses?

— Porque me deixas, então?

— Pois não percebes?...

— Eu sei!

— Ignoras que o permanente contacto entibia os affectos puros do coração, e, não poucas vezes, dá entrada ao aborrecimento?

— Ai, que tens medo de me aborrecer!...

— Tenho, tenho medo de perder a felicidade, que só tu me podes dar.

— Estimo mais a franqueza.

— Se te ouvissem, diriam que levei a crueldade a separar-me de ti pela extensão dos mares. Valha-te Deos, filha! Não ficamos nós vizinhos? Não ficam os nossos quartos tão juntos, que apenas uma cortina os separa? Não nos cobrem os mesmos tectos? Não respiramos o mesmo ar? Que te falta? Diz-me o que te falta, que o quero ir mendigar de joelhos.

— Estou a presentir... Não, tu já me não amas.

— Caprichosa!

L. Gundar acompanhara a palavra dos mais convincentes afagos. Todavia a arrufada menina deixava manar, d'entre as palpebras amortecidas, algumas fugitivas lagrimas.

São passados trez mezes. E já se dispensam agudezas de perspicacia para notar o exquisito constrangimento, a insolita reserva, que reinam no lar domestico. Os lingoareiros do lugar, sempre com a fouce nas messes do vizinho, têm materia reunida, com que tirar diagnos-



ticos para futuros dissabores. Que occorreria? Que pandorica boceta toldou, num abrir e fechar de olhos, um tão azul firmamento?

De vagar se vae a Roma, diz lá o adagio.

Ardiam despeitos em Florentina, despeitos de criança exigente, que reage contra remedios preventivos. Havia magoa sincera em L. Gundar, por se ver injustamente apreciado.

A cada instante resvalava a menina em nova fadigosa melancolia, e numa indiferença desleixada, que era para o esposo insupportavel supplicio. Attenciosas condescendencias, desvelos de enamorado, tudo recebia com forçada delicadeza.

L. Gundar vio em fumo o seu prestigio. E, á sua parte, começou tambem a entristecer-se, ao passo que aviava o regresso á capital, onde o chamavam o dever e solemne compromisso.

Succedia que don Pablo se mostrava infatigavel em reiteradas visitas. Pouco seguro da moral e discrição do hespanhol, acolhia-o L. Gundar com frieza imponente e nada amovavel. Porem elle ou o não entendia, ou lhe não convinha mostrar-se entendido. Apresentava-se cada dia mais dedicado e officioso.

Florentina, ao contrario do marido, regalava-se com as visitas de don Pablo. Nos dias, em que o esperava, era mais morosa ao toucador, e apparecia mais risosinha. L. Gundar franzia o sobr'olho. E ella, sorrindo para dentro, accusava intima satisfação em contrariar-o

e affligil-o. Os dictos futeis do cavalheiro, suas trovas licenciosas, o atrevimento dos seus olhos, longe de a desgostar, tornavam-na correntia e animada.

Don Pablo concebia não sei que infames projectos. Queria-lhe parecer que a dama não seria absolutamente inacessivel ás suas ardilezas. Jogava com alguma superioridade a pistola, e d'ahi derivava a ousadia do commettimento.

L. Gundar, com quanto a ligeireza de Florentina o magoasse summamente, revestiu-se de precauções prudentes, pois cumpria illucidar-se bem, antes de se resolver a baldear o hospede impertinente da janella abaixo.

— Hei de dominal-o pelo ciume, pensava Florentina, olhando de revez o marido, em quanto se offercia prazenteira aos galanteios do corteção.

Assim se introduziu a desconfiança na familia. O anjo da paz fugiu espavorido. A guerra estava travada.

Uma tarde L. Gundar foi sentar-se ao pé de Florentina. Pozeram-se a conversar.

— Tenho um desgosto, Florentina.

— Tu! Que desgosto é?

— Soffres. E, quando tu gemes, não posso senão chorar.

— Oh! Não mereço... Eu sou feliz.

— Dizes-m'ó com os olhos humidos. Perdóá.

— Perdoar! Mas... que hei de perdoar?

— O orgulho, que me cegou.

— Como?

— Cuidei fazer-te venturosa.

— Fizeste. Pois não fizeste, Gundar?

— És cruel na ironia. Sou um escravo.

— Escravo!

— Para que é esse riso de duvida?

— Já me impões seriedade? Pois bem, não tornarei a rir-me, visto que tanto te desagrada.

— Desconheço-te!

— Bem sei.

— Sabes, e teimas?

— Falta-me a tua lição. Não aprendi a mentir. Tenho uma indole e um instincto, que são os meus conselheiros.

— Incertos conselheiros são esses. Não te louvarei a escolha.

Seguiu-se breve silencio. L. Gundar continúa em tom mais grave:

— Desconheço-te, devo repetil-o. Não sei d'onde te veio o gosto de sacrificares a minha ventura aos teus enfados humiliantes. Eu não sou homem a quem a paciencia soffra, por muito tempo, immerecidas desatensões. Quero que nos expliquemos, porque se não vive assim. Ha quem diga que o casamento, como os quadros a oleo, é bello para se ver de longe. Os traços, os contornos delicados, sábia distribuição de luz e sombras, a fina perspectiva do quadro, que a distancia favorece e aprimora, se o contempas de perto, não

passa de grosseira mistura de tintas varias. Por mim, rejeito francamente a comparação, por inverosimil. Bem d'outra sorte, segundo parece, succedeu contigo. Cuidavas talvez que, ligada a um homem, que amavas, illudindo-te, verias realizados os impossiveis do teu opulento idear ; verias refflorir ao contacto da tua mão todos os objectos, como numa perenne e fabulosa primavera...

— Talvez.

— Desfeitos os brilhantes phantasmas, pela realidade prosaica, não seria de estranhar que te arrependesses de ter associado, por laço indissoluvél, o teu destino a outro destino.

— Por certo, que não.

— Nascendo d'ahi o agastamento, com que te não canças de me injuriar.

— E quando assim fosse ?

— E quando assim fosse ! repete L. Gundar, todo convulso ; quando assim fosse, eu estancaria, pelo sentimento da dignidade, o desespero do amor proprio escarnecido, e, sem maldizer a hora, em que rocei meu peito, ennobrecido pelo trabalho, pelo seio voluvel d'uma mulher, havia de levar-te a tua mãe para, sem odio, nem desprezo, nem talvez saudade, te deixar para sempre, e continuar solitario o meu caminho.

— Deixavas-me sem odio ?

— Juro-t'ó.

— E sem saudade ?

— Havia de poder mais o orgulho.

— Oh, os homens!

Florentina estava livida.

— Que te fizeram os homens?

— Mentem á fé jurada com a indiferença, com que desfloram uma innocencia. Pois eu se alguém, que por ventura amasse, me desse tédio em paga de carinhos, havia de votar-lhe eterno desprezo; mas nunca, por preços da terra, cederia a saudade dos ineffáveis gozos, que me deu. Pode metter-se um punhal no seio ingrato; mas não podem os olhos ficar enxutos, sem lagrimas para lavar a ferida.

— Mal de nós se nos fazemos ludibrio da paixão. É preciso escravizar o barro. Eu desafio a adversidade a que me encrespe na fronte uma ruga. Faltes-me tu, embora! Que me reste a honra, a paz dos bons, a minha vontade e a ajuda de Deos; e luctarei com a vida, e apagarei a inscripção ao tumulo esquecido do meu passado. Florentina! Não vês que é impossivel esta situação? Como comportar o afflictivo silencio, que é o nosso manjar de todos os dias? Não sei se me aborreces; sei que escondes um pezar muito intimo. E eu, que te fallo com esta lisura, é que entendi que era necessaria para o bem de ambos. Não foi sem reflexão e magoa, que me resolvi. Escuta.

Passa a mão pelos cabellos, cobrando alentos. Depois continúa:

— Amo-te, Florentina. Amo-te, puro de vaidades e puro de egoismos. E tanto, que vou fazer-te o sa-

crifício da minha felicidade. Se te pesam as cadeias, que nos unificam... quebremol-as.

— Gundar!

— Fica aberta a porta por onde entraste. Podes sahir, se o desejas.

— Expulsas-me! brada Florentina num estremeção de despeito.

— Adoro-te.

— Que quer dizer essa linguagem?

— Interroga a consciencia.

— Que crimes commetti?

— Crimes! nenhuns. Definhas a meu lado. Os meus afagos são para ti verdadeiros supplicios. E eu, que não nasci para carrasco, se o acaso me distribuiu tão odioso papel, rehabilito-me, dando liberdade á victima.

— És o culpado. A minha natureza é fogo, que consume. Deste-me um irmão, em vez do esposo, que promettias.

— Contrahi um consorcio, o consorcio das almas, que lupanares não faltavam por ahi. Que fizeste do pudor, mulher?

— Gundar!

— Não te offendi. Foste tu que te offendeste.

Florentina não replicou. Suffocava enraivecida. Fittaram-se silenciosos um momento.

— Está bem, Florentina, torna L. Gundar com certo carinho; desterremos quaesquer rebuços. Eu sou pouco exigente. Só quero que sejas feliz. Para o conseguir

provar-te-hei que não sou homem vulgar, accedendo a quanto fôr compativel com o racional, ainda que incompativel com as rotinas sociaes. Se te illudiu o coração, quando junto ao altar proferiste o inquebrantavel protesto d'amor, nem por isso deves cerrar o teu seio aos influxos d'outras esperanças mais gratas.

— Que queres dizer ?

— O amor é um sentimento essencialmente independente do querer de cada um. Se assim não fosse, a todo o tempo poderíamos dizer ao coração — amá ! E elle amaria.

— Que queres dizer ? repete ella, assustada do sentido, que a conversação parecia tomar.

— Quero dizer que deve ser um martyrio a existencia, levada a suspirar por um homem nos braços d'outro homem. Quero dizer que, em taes circumstancias, por mais severas e inflexiveis, que sejam as leis dos homens, Deos absolve a infidelidade.

— Jesus!

— Absolve-a. Porque o sentimento, que a produz, é superior á creatura. Livre é só a vontade.

— E dizes-me isso a mim !

— Digo.

— Que cynismo ! exclama com despreso.

— Cynismo é viver amarrado ao instrumento da tortura, sem alegria para louvar o Omnipotente ; sem socego de animo para bemdizer a religião ; sem esperanças para crer nos gozos dos promettidos mundos ;

com o corpo illeso, mas com o peccado no pensamento.

— Pretendes ?...

— Que, se outro, mais favorecido da sorte, teve o consolo de te cahir em graça, o sigas, sejas d'elle e para elle. És livre.

— Affrontas-me. Que mal te fiz ?

— Tornava-se indispensavel este desaforo. Agora, minha querida Florentina, pensa e resolve. Pede ao coração que te aconselhe; e, se te convier, pede conselho á «tua indole e ao teu instincto.» Antes a desgraça d'um só, do que a desgraça de ambos...

Ia continuar, mas partiu-se a palavra na garganta. Foi-lhe preciso todo o rebuço para não mostrar fraqueza.

— É um escandalo, que propões! diz ella cheia de indignação.

— Não sei ao que o preconceito do vulgo chama escandalo. Reflexiona.

Ergueu-se. Florentina estava já em pé.

— Reflexionei, devolve.

— És minha? pergunta L. Gundar com a precipitação da anciedade.

— Talvez, responde pausadamente, simulando hesitação. A intenção permanecia occulta.

— É pungente a duvida.

— É que estava a pensar que «deve ser um mar-



tyrio a existencia, levada a suspirar pelo objecto amado, nos braços d'outro homem.»

— Repetes as minhas palavras...

— É que são verdadeiras.

— Oh Florentina! Eu fiz uma concessão terrível.

Depois d'ella...

— Se tua mulher trahisse o juramento?

— Pode ser que...

— Perdoavas?

— Matava-a.

Florentina poz-se a rir. L. Gundar retirou-se, receioso de crescente irritação.

— Despresa-me, pensava elle, confrangido de dôr e raiva; despresa-me, a mim, a mim!

Florentina, ficando só, escondeu o rosto nas mãos para reprimir os soluços. Assim esteve muito tempo, até que sentiu que um corpo estranho roçava timidamente no seu. Era Niger que, arrastando-se de mansinho, viera estender-se aos pés da afflicta menina, lambendo-lh'os submisso.

— Niger, oh Niger! exclama ella commovida. E abraçou-se no rafeiro.

Conviria agora azedar ainda um pouco os humores dos embespinhados conjuges, a fim de subir de ponto a gravidade do desenlace, que está no ultimo período de choco. Inimigo porem de futeis delongas, partirei como uma setta em direitura á catastrophe. O que se passou nos immediatos dias, já o leitor o adi-

vinhou, talvez com mais precisão do que aquelle, que tem a honra de lh'o dizer. Prosigamos pois.

Tendo passado um dia em venatorios exercicios, L. Gundar entrava na alameda da quinta, envolto nos ultimos tibios raios crepusculares. Por essa occasião fechava-se com ruido o portão do jardim. Impellido por curiosidade irresistivel, corre ao mirante, e já a distancia descobre um homem, que se afãsta vagaroso. L. Gundar sente-se possuido de indescriptivel afflicção. Aquelle homem, se não era Fausto, devia de ser a sua sombra! Um criado porem vem salvall-o da hallucinação, assegurando — que don Pablo, depois de se ter demorado algumas horas com Florentina, acabava de sahir; e que não era outro o individuo, que sua senhoria avistara de relance.

— Don Pablo! murmura L. Gundar com o rosto turvado pelo desgosto. Tinha prohibido a sua recepção durante a minha ausencia.

Pondo de parte a espingarda, sentou-se afadigado num banco de pedra. O suor rebentava-lhe na cara em grandes bagas.

— O interesse, que ella lhe consagra, já não vem de hoje. Devia ter receiado. Fausto não era uma creatura ordinaria.

O pensamento, quando sem nexo, nem rumo, se espraia livre nas azas da paixão; quasi sempre nos atraiçoa. Os actos mais insignificantes e simples da esposa, esses mesmos, confundidos em tropel de emmaranha-

das ideas, tomam facilmente a negridão do crime. L. Gundar lamentava a sua excessiva boa fé, e, com quanto não fosse precipitado no ajuizar, d'esta vez desmentia a própria natureza. Julguem-no as apaixonadas almas dos Othellos.

Quando se ergueu era um deshonrado convicto. Mas disfarçou.

Florentina, meio deitada num sofá, recebeu-o com um bocejo desanimador. E, tendo-a osculado na fronte:

— Que ardencia, menina! exclama elle. Terás febre?

— Não.

— Todavia... Esta soledade, que preferes, ha de fazer-te mal.

— Eu nunca estou só.

— Ah! Tiveste companhia?

— Tive.

— Tiveste! E será licito saber-se quem?...

— Esse livro.

— Sómente?

— E Niger.

— Mais ninguem?

— Tão pouco seria?

— É que me pareceu quando cheguei...

— Que te pareceu?

— Que sahia o hespanhol.

— Ah! Sim... Viste?

— Vi.

O jantar estava na mesa. L. Gundar sentou-se em face de Florentina.

— Perfida! pensava elle. Nem corou.

Comtudo desenvolveu durante o jantar alegrias de pessoa despreocupada. Á sobremesa fallou no regresso á capital em tom placido e natural. Havia de ausentar-se alguns dias, a contar do immediato, a fim de dar a ultima vista ás suas terras; marcar os melhoramentos a fazer; tomar contas aos rendeiros; e reduzir a metal sonante parte das numerosas manadas, que trazia nos montados. Findas estas operações buscariam compensar os aborrecimentos da aldeia pelos prazeres da cidade.

Florentina escutava-o com admiração. Dir-se-hia que lhe tinha falhado algum calculo secreto.

L. Gundar ordena, ainda sentado á mesa, que, em alvorecendo, estejam sellados os cavallos. Tinha pressa de pôr a bom recado os serviços da casa.

Depois d'uma noite de tormentosas oppressões, levantou-se vestido, como se tinha deitado, tomou o chapeo e o chicote, e sahiu, fechando a porta do seu quarto, e guardando a chave. Ao passar junto ao leito de Florentina, arredou o cortinado, e, vendo-a adormecida, deixou-se amodorrar de presaga tristeza.

— E dorme! Fausto, Fausto! diz entre dentes, ausentando-se com precaução.

O lacaio esperava-o já com a mão no estribó. E foi este aquelle mesmo, que mais tarde, no acto de ser

interrogado em juizo, declarou que o aspecto sombrio de seu amo o intimidara no momento de montar a cavallo; accrescentando que, no trajecto de duas legoas, por agrestes trilhas, o vira funebre como um cenobita.

Depois de algumas horas de caminho, L. Gundar e o laçao apearam-se numa granja, rica propriedade, vinculada á casa dos Gundares. Era excessivo o calor. Descançaram.

Ao anoitecer L. Gundar desceu á cavallariça. Ergueu-se respeitoso o servó, e preparou-se para embriadar os cavallos. Porem conteve-se á um gesto do amo, que, tendo posto no cinto as pistolas, tiradas dos col-dres, lhe diz com imperiosa voz :

— Fica.

E voltou á aldeia por caminhos escusos.

Era noite cerrada, quando penetrou no pomar. Impoz silencio aos rafeiros e aos podengos, que o acolhiam com celeuma festiva, e desapareceu na alameda. No interior da casa tremeluziam algumas luzes.

Subindo cauteloso por uma latada, tocou o nivel d'uma janella, que, cedendo a leve impulso, lhe facilitou a entrada do seu quarto. Ahi ficou indeciso por alguns momentos. E, certificado de que estavam desertos os quartos contiguos, avançou, com pés de lan, até á porta da camara de Florentina. Havia nessa porta um intersticio, que o nosso Othello, com a providencia do ciume, abrira antes de se ausentar. Podia pois, a coberto, observar o que alem se passasse.

Mal teria decorrido uma hora, que para elle valeu por um seculo, vio apparecer a graciosa figura de Florentina. Avultava nella enfado e laxidão. Parando junto ao toucador, voltou-se a meio, e o rosto illuminou-lh'o um sorriso affavel; sorriso, que, no entender do marido, só podia dirigir-se ao amante.

— Vel-o-hei face a face, diz L. Gundar, cerrando com força os dentes, e apertando na mão a coronha d'uma pistola.

O sorriso era favor, que a dama concedia á sua criada particular, a qual não tardou que viesse ajudal-a a desopprimir-se das infinitas insignificancias, com que a moda zomba das formosas.

L. Gundar assistiu petrificado a essa scena de desalinho, que pode ser fatal compromettimento para a mulher. A vaidade de Florentina tinha porem de que exaltar-se, pois que era bem mais bella na sua belleza natural e simples, do que transformada pelos adornos. O mancebo sentia-se febril. Nunca a esposa lhe parecerá tão seductora. Pouco depois estava ella no leito. Cerraram-se os brancos cortinados, apagou-se a luz, e não se ouviu senão uma respiração doce e regular, e não se experimentou senão a exalação dos perfumes do ceo.

— Será então ámanhan, profere L. Gundar, estendendo-se ao comprido numas cadeiras, e em boa harmonia com a idea fixa, que o hallucinava.

E, antes que o sol fosse nado, já estava no seu posto

de observação. Passou a manhã sem notavel occurrencia. A tarde é que se annunciou com desmedido calor. L. Gundar, cansado de insomnias, fulto de alimentos, abrazado de febre, foi desfallecendo em modorral abatimento, que breve degenerou em somno pesado.

Voltou em si numa crisão de nervos. O suor repassava-lhe as vestes. Arrastou-se estonteado para a porta, e, tendo olhado pelo intersticio, julgou-se ludibrio das maravilhas d'um conto das *mil e uma noites*.

Pelas janellas meio fechadas penetrava dubia e confortativa claridade. Rosas mais luzentes e odoriferas, do que as celebradas rosas de Chiraz, formavam fartos ramilhetes em vasos colossaes de antiga porcellana. A camara toda pintada e brunida, *como o altar de S. Pedro em Roma*, segundo se exprimiria Voltaire, convidava a doce repouso, nessa hora de abrazadora sesta. Sobre um tapete, com as orelhas dilatadas, olhos brilhantes e o focinho poisado nas patas dianteiras, estava Niger, attento, vivo, intelligente, como á espera d'um momento desejado. Para o outro lado, sobre uns coxins alvos e molles, repousava brandamente angelica apparição. Dil-a-hiam, á primeira vista, estatua de alabastro, gloriosa phantasia d'um grande artista, Proserpina d'um Phidias illuminado. Porem, melhor considerada, facilmente se conhecia que fôra surprehendida de olhos cerrados e marmorizada naquella divina postura por algum travesso pensamento, que a amortecia na morbidez d'um

desejo. Como a Venus de Praxiteles, como as imagens da ardente imaginação de Ticiano, como a Venus do nosso adorado Luiz de Camões, Florentina ostentava aos olhos do marido preciosa nudez, finamente escultural.

Com tal vista L. Gundar, que se tinha na conta de entendido na arte, ficou alheado, estúpido, devaneado entre visões infinitas, como um *schak* persa, que acaba de fumar opio no *kellian* doirado. E, no cumulo da abstracção, quasi trahia a sua presença, porque, novo Pygmalião, só lhe lembrava ir animar com beijos o marmore d'aquella Galatea.

Niger, no entretanto, do seu canto sombrio dardava estranhas vistas.

Senão quando, Florentina começa a espriguiçar-se com voluptuosidade asphyxiante. Descerram-se as palpebras, e mostram uns olhos velados, que logo derramam faúlas incendiarias.

— Niger! murmura com voz singular, tremente, horrível.

O cão ergue-se de golpe, e, d'um gracioso pulo, acerca-se d'ella. Poisa-lhe nos hombros, finos de setim, as patas callejadas, e mergulha nos seios transparentes o gelido focinho.

L. Gundar esfrega os olhos apressado. Estava afeito a sonhos de energumeno, e equilibrava-se na esperança de que podia ser aquillo um máo sonho.

— Oh não, não!



Quiz fugir. Impossivel.

Ouviu-se um grito. A porta estala, quebrando-se. E o espectro da loucura apparece subito.

Niger arrastou-se humilde aos pés de seu dono. Um tiro é uma praga soam. O cão estrebuxa no proprio sangue. Florentina com o rosto no pavimento pede em altos brados a morte.

— Que perdição, que perdição! exclama.

L. Gundar ergue-a pelos cabellos, e põe-lhe na testa o canno frio da outra pistola.

— Mata-me. Salva-me d'esta vergonha, grita ella.

— Matar-te! devolve elle com phrenesi de inferno, desviando a arma, e atirando-lhe ao seio um escarro. E, então, quem me mataria a mim?

Depois, cravando nella os olhos, como dois carbunculos, brada num riso soluçante, dos que fazem reben-  
tar todas as fibras:

— Florentina! Olha para mim, Florentina.

Olhou.

Mas foi para o ver rolar no chão com o craneo esmigalhado por uma bala.

O tiro poz em vibração todos os objectos, que, por desconhecido motivo, reproduziram o estrondo, numa especie de risada satanica.

Dir-se-hia que era a sarcastica risada de Fausto, que estrugia sobre o cadaver, como vituperio sangrento.



# **O PUNHAL DE ROSAURA**

Digitized by Google

# O PUNHAL DE ROSAURA

---

## I

### EVERARDO

Já a aurora derramava o livido crepusculo sobre os picos pyramidaes das montanhas, quando, trôpego e conturbado das infectas vaporações da orgia, entrei no meu camarim.

Ao ruído do reposteiro, accusando a minha presença, Rosaura apaga, apressada, as lagrimas teimosas, e atira ao longo das espadoas os soltos cabellos de azeviche, fitando-me de rosto afogueado por um mixto de contrarios sentimentos.

Descançava o corpo morbido nos coxins elasticos d'um rico divan, e o estofa macio e flaccido do seu amplo roupão não furtava a meus olhos nenhuma das airosas curvas, nenhum dos peregrinos contornos d'um talhe, que logo recordava a voluptuaria negligencia da ideal formosura grega.

Mas na serena immobildade, nos despargidos cabellos, nas roxeadas palpebras, em algumas lagrimas que, de longe em longe, lhe tremiam nas faces como bagas crystallinas, transluziam profundamente impressas as amarguras d'uma arrependida Magdalena.

Rosaura tinha na physionomia sympathica a perfeita manifestação da sua alma ardente. Era uma natureza extraordinaria pelo complexo de elementos variados e oppostos, que a constituíam. Nobre orgulho; imaginação febril, facil em exacerbar-se na criação de impossiveis, de phantasmas e de terrores; desvariada impaciencia no aspirar para o desconhecido, proprio das organizações vehementemente nervosas e sensitivas; quanto ha de mais doce e pudico na virgem, temperado indescriptivelmente com um tanto da libidinosa soltura da peccadora: taes as qualidades, que davam relevo a esta criança original.

Nada mais selvagem no ciume! Em cada ondulação do peito encapellavam-se tempestades; mas tempestades, que um singelo carinho meu tinha o condão de esconjurar.

Crescera sob o influxo do ardente sol da America, d'esse sol poderoso, que se infiltra no sangue como lepra invisivel. E nisso estava, a meu ver, parte do segredo da sua organização.

Em Obidos, em face da magestade imponente do Amazonas, se trocaram nossos suaves juramentos. E, fascinada, nunca mais se separou de mim.

Amava-me devéras! com um amor doido, insaciavel e ferino.

As vezes entrava eu, alta noite, atordoado dos bacchicos prazeres, que me tresvariavam, e via-a correr para mim, agil e elastica, como uma panthera. Mas de subito, coberta das lagrimas quentes do desafogo, e similhando a rola mansa, que, voluntaria, acaricia a ingrata prisão, que a furta á liberdade, cahia-me quebrada aos pés, como uma escrava.

Era eu então como todos os homens, que chegaram ao extremo desejado do caminho, e que, entorpecidos, se deixam emfim penêder no regaço morno da indifferença e da saciedade.

Sentia-me com effeito saciado. A fascinação, que exercia sobre a infeliz, era, bem o sabia eu, só comparavel á que se attribue a certos reptis da America. Havia a fatalidade da desventura a aproximal-a de mim. E ella rojava em meus braços á laia do febricitante, que, incapaz de conceber mais jubilosas esperanças, anceia por se despenhar no mais fundo do abysmo. Era um amor assim, indescriptivel, incommensuravel, unico.

E tanto basta para a satisfação de qualquer vaidade exigente.

Que me importava que a festa e o funeral, o lucto e a gala se germanassem naquelle grande sentimento, se era eu o objecto de tão extraordinaria paixão?

A dureza do meu character, embrutecido no gozo mesquinho e sordido, e cansado da renovação diurna

de tocantes expansões, fazia-me mais desdenhoso e sarcástico; mesmo, porque mal concebia, então, que tão aguadas afflicções, tão alambicados queixumes, manifestados por mil extravagantes maneiras, deixassem de ser comedia estudada, artilosa estrategia armada á minha boa fé.

Conhecia, é certo, conhecia a candura da pobre victima, mesmo no marulho indistincto das suas imperiosas paixões; considerava-a incapaz d'um fingimento degradante; e comtudo, quando a contemplava em afflictivos lamentos, não sabia comprimir a desconfiança; sentia não sei que barbara satisfação em lhe espremer rudemente as dolorosas chagas.

Tarde virá o dia em que eu regeite o inveterado habito de considerar a mulher simples objecto de luxo; arrebicado brinquedo que, nós os homens, em momentos de tédio, possamos impunemente quebrar nas mãos.

Surprehendera-a d'esta vez na serenidade reflexiva das suas magoas; e nem um longe de piedade me abalou o cynismo. Até, pelo contrario, da potencia dos meus desdens tirei motivos de orgulho.

Foi por isso que, sem proferir palavra, me arrimei com enfado á enroscada moldura d'um tremó. E flegmatico, como um excentrico, que vae deleitar-se no estampido de imminente borrasca, fiz voar em nuvem o fumo do meu charuto.

— Everardo! murmura suffocada.

— Rosaura! disse eu com frieza.



Poisou-me no hombro o braço nú, limpido e perfeito, como a esmerada execução d'um artista, e com o rosto anuviado de sympathica melancolia exclama, imitando na voz as mais dulcerosas harmonias musicaes:

— Vens mal comigo, Everardo? Que frieza! Eu tenho passado a noite a pensar em ti, que de certo o não merecias... Pois nem sequer um beijo depois de tantas horas de ausencia, nem a mais facil das tuas caricias!... Soçega, filho; estou alegre, vês? Não me queixo, prometto não me queixar... E poderia fazel-o, sendo tu sempre o meu querido Everardo? Então! não me dizes uma palavra de carinho, não me repetes que és, que serás meu, o meu Everardo?...

Encolhi os hombros.

— Criança! É pois necessario que todos os dias te repita a mesma ladainha! Encommoda-me essa duvida em que andas sempre, Rosaura. Quanto exiges mal o saberá fazer, quem estime em alguma coisa o seu bom nome de sensato; quem, como eu, recebeu do Creador um genio, quando não sisudo no rigor da palavra, ao menos rebelde a ridiculos enlevos e a lamuriasas pieguices. Querias que passasse dias e noites, com as minhas mãos nas tuas, a escutar em seraphico enleio o ruído das florestas, o gemido dos mares, o suspirar das correntes, todos os clamores desprendidos do seio da natureza e outras bellas coisas, que tu sabes, para te convencer de que continuo, de que continuarei a ser para ti o que fui no começo do nosso romance? Sou

muito novo ainda para tão cedo renunciar aos attractivos com que me seduz a boa sociedade. Quero viver.

— Viver! Vida me promettias tu, quando, com astucia de serpente, te introduzias na feliz morada de minha mãe para com o teu bafo maculares os doces fructos da minha primavera. Perdeu-me a innocencia. Cahi, porque desconhecia o fogo penetrante e consumidor, que andá nas palavras d'uma malevola seducção. Ah! então não te julgavas ridiculo, quando me desenrolavas maravilhas, que na minha descuidada existencia nunca sonhara; quando de joelhos me fazias protestos loucos, impossiveis, e me apertavas ao peito, trémulo e ardente; quando, com doces e vibrantes inflexões na voz, me pedias o que eu não sabia negar; porque a mulher, se chega a amar, cobre o rosto e dá tudo; alma, pudor, tudo. E depois chora por ter dado pouco, por não ter mais que dar...

— Verduras!

— Não o dizias nesse tempo. Eras...

— Era uma criança.

— Foi ha dois annos.

— Veio precoce a velhice.

— Diz antes o aborrecimento.

— Oh! bem pelo contrario.

— Ironia! Eras criança? Criança, que sabe enganar e corromper; que sabe todas as trilhas do vicio; que, sem dó, me roubou á mãe, ao irmão, á patria para me

levar numa vida de aventuras por mares, ilhas e continentes, e para me dar desdens, quando peço esmolas, esmolas d'amor! As crianças são ingenuas, Everardo.

— Eu fui uma excepção.

Doeu-lhe o escarneo, em que moldei a phrase. Olhou-me com desprezo, e curvou a cabeça, disposta a pôr termo ao pungitivo dialogo. Porem a palavra «misera-vel» desceu-lhe surda dos labios.

Por meu lado intentei sorrir e não pude. Estava em maré de agastamentos.

— Rosaura! gritei, himpando de dignidade.

Ella saboreou pausadamente a minha indignação; e, endireitando-se, como que se resolveu a provocar sangrenta lucta.

— Sou mulher, Everardo; uma rapariga indefesa, só, sem ninguem... Mas sobra-me desprezo na alma para humilhar um villão.

Os olhos d'ella chammejavam.

— Que te fiz eu, Rosaura? perguntei, mais humanizado pela aggressiva resolução da minha amante.

— Nada, porque só me envileceste. Amarrando-me ao carro dos teus facetos triumphos, privaste-me da estima e das considerações a que tinha direitos; privaste-me da familia, que tanto me queria; condemnaste-me a perpetuo abandono. Bagatellas. Que é para um homem galante a perdição d'uma pobre rapariga? Ai! e eu não me havia de queixar, se não fosse o cego

furor com que te divertes, cobrindo-me de vergonhas !  
Tinba adivinhado que nos homens á curiosidade satis-  
feita succede o tédio. Mas a infeliz, que tudo te sacri-  
ficou, julgava-se credora d'essa afeição, que a delica-  
deza, ao menos, não recusa á forasteira. Nada me dei-  
xaste. Tira-me tambem agora a existencia desflorada,  
e cospe, ainda em cima, nas faces do cadaver.

---

Nunca a tinha visto tão energicamente exaltada. Re-  
clinei-me no divan, e tomando-a pela cintura coagia-a  
a sentar-se nos meus joelhos.

— Não vês que és injusta ? Não vês que me magôas,  
Rosaura ?

— Injusta ! repete com riso amargo. Injusta, porque  
acarinho o basilisco, que me atormenta ? porque cultivo  
a planta, que ha de hervar as settas do meu martyrio ? !  
Oh Everardo ! se tu quizesse !... Um resto de caridade  
abriria á mulher que se despenhou dos braços de sua  
mãe nos teus braços, abrir-lhe-hia o divino sacrario  
das venturas do céu ! Porque me desprezas ? Eu não  
peço muito. Apenas imploro o preço do meu opprobrio.  
Porque m'ó não dás ? Vendi-me cara ? Offerecesses  
menos, que eu não pedia nada, e nada tinha a espe-  
rar. Não contente de me conduzires a um paiz muito

distante do meu, onde se falla um idioma, que eu ignoro, e onde não conheço ninguém; não contente de me expores nos logares publicos, nas festas, nos theatros, nos passeios, á similhaça d'um objecto raro de mera ostentação, escondes-me finalmente neste retiro, como saciado das inglorias ovações, obtidas á custa d'uma amante aborrecida! Esqueces que por ti, a desgraçada teve orgulho da sua vergonha, delindo-a em jubilos e sorrindo a cada novo escarro, que lhe atiravas pela bocca d'uma sociedade, que não entende estes obscuros martyrios, os martyrios do amor. E deixas-me penar, nesta esterilidade de affectos, quasi sempre só, só, entregue á saudade acerba da minha tranquilla infancia, em quanto te debates nas convulsões da crapula, nas festas dos libertinos; em quanto sacodes os cabellos, esses lustrosos cabellos, humidos ainda do halito mais puro do meu peito, no travesseiro das perdidas... como eu. E, porque me deixei arrastar ao lamaçal do impudor, julgas que não sustento intimas, pungentissimas luctas entre a dignidade e o amor? Serei injusta, Everardo?

E queimou-me a face com um beijo fervente, dando expansão aos represados soluços.

Começava a desconfiança a soprar-me aos ouvidos segredos perfidos. E deve de saber-se que, por minha parte, de nada me arreceio tanto como das irrisões a que as ardilezas da mulher submettem o homem. Eu começava a palpar na dorida melopea fino joguete de

actriz esperta. Regelei-me pois na habitual dureza, que degenerou na grosseria d'uma phrase torpe.

Rosaura pareceu accommettida de repentina paralysisia. Depois, com os olhos em braza, e a pallidez da morte no semblante, exclama em voz aguda e ligeiramente trémula:

— Tem cautela, Everardo. Tem cautela. Não apares no rosto, transformadas em metal candente, as humildes lagrimas, que te cahem aos pés.

— Louvo a forma, mas censuro a idea, disse eu com gravidade ironica.

— Tu!... censor?

— É que a imprudencia e o desatino são grande falta na mulher.

— Eu é que sou imprudente?! Sou de certo; porque me rebaixo ao teu leito; porque desde o momento, em que me enxovalhei no teu prostibulo de immundices, fiquei sendo a infima das meretrizes.

Era extraordinario aquillo. A meu pezar cerrei os dentes de raiva. Contive porem os impulsos da inflammada vaidade, e redargui através d'um riso deslavado:

— Sobra-me gosto e tacto para que, a despeito da tua malquerença, deixe de dar-te um conselho.

— Adivinho.

— Qual é?

— Que me exponha nas praças, e nos recantos das ruas, e na sombra dos pardieiros aos caprichos da soldadesca? que me offereça aos teus laçaios? que...?

— Não, não é isso... por em quanto.

— Por em quanto! Então que é?

— Já lêste Shakespeare?

— Não.

— Lê-o. É o conselho.

— Que queres dizer?

— Tu nasceste tragica. E pode ser que aquelle grande homem te reservasse um typo. Essa postura, esse ar, esse phrenesi, esse rir nervoso... Bravo! És artista. Falta na mão, que tens levantada, o punhal de Medea.

Ella tocava a ultima potencia do desespero.

— Um punhal! Tu queres um punhal, Everardo?

Dizendo, tira das pregas do roupão aguda lamina. A madeixa encrespava-se-lhe sobre o pescoço nú, como a juba d'uma fera irritada. E o corpo recurvara-se num conjuncto de resoluta agilidade e de elegancia es-cultural.

Eu estava mal preparado para a transformação. Recuei intimidado. Ella seguiu-me com sinistra inflexibilidade.

Tentei reprimil-a. Mas oppoz prodigiosa força.

Faiscou o ferro, e embebeu-se-lhe no assetinado peito.

Num grito estridente cahi de joelhos para a amparar na queda.

— Mãe! minha mãe! meu irmão! murmura, voltando para mim os olhos vidrados de lagrimas.

— Rosaura! oh Rosaura!

Apertou-me violentamente a mão, levou-a aos lábios e espadanou-me o rosto com borbotões de sangue.

E cahiu, como Venus de alabastro, quebrada no pedestal.

---

Só a figura do sombrio Antonio, fiel escravo de Rosaura, alcançou evocar-me do perdido acordo. Um pensamento egoísta e fatal, o pensamento eterno da salvação, que nunca nos desampara, ainda nos mais difíceis trances, veio ocupar o primeiro lugar entre os cuidados, que me atormentavam. Se o lamentoso caso se propalava, recahia naturalmente sobre mim a suspeita do attentado. Revoltei-me contra o negro.

— Escravo! Quem te chamou aqui?

Mostrou o cadaver.

Encarei-o compungido e ardendo por lhe perscrutar a intenção. Em seguida, como a mover a sympathia d'uma dor compartilhada, murmurei:

— Grande desgraça, amigo!

Elle sorriu com malignidade triste. Entendi-o, e subi-lhe ao encontro do pensamento.

— Sabes que podias perder-me?

— Sei.

— Mas não ousarás.

— Se ella o amava tanto!



— É por amor d'ella?

— Sómente.

— Perdôo-te a franqueza. E até a estimo. Continuarás a merecer a confiança, que a tua provada fidelidade soube captar.

O negro arrancou o punhal da ferida, e parecia meditar uma acção extrema. Eu lancei os olhos para um movel, que, em caso de aggressão, me podia aproveitar. Antonio porem, adivinhando o meu temor, conseguiu demonstrar que nem todas as potencias humanas o fariam levantar braço inimigo contra mim. Aperfei-lhe a mão com certo vil reconhecimento. E, tomando aos hombros o cadaver, fui escondel-o a um logar subterraneo.

Quando voltei para lavar o sangue do tapete, já alli não estava o escravo, nem o punhal.

---

Dias depois fiz-me de vela para Veneza.

Antes porem da partida, cumpria legar aos vermes o corpo da minha amante. Era noite. A casa estava deserta. Tomando uma luz, dirigi-me ao subterraneo. A lembrança da soledade, que funebre se estendia em volta de mim, avivou em meu animo pavores de legenda ou de superstição. Era como se respirasse no fundo d'um tumulto mortiferas exhalações. Atravessei as salas como

vagabundo espectro. A luz vacillava ao sopro inquieto de bafejo desconhecido, e refulgia em cores avermelhadas nas exóticas figuras das amplas tapessarias chinezas. Os cabellos eriçavam-se na cabeça, e nas arterias ondeava o sangue em calafrios. Desci os quebrados degraus, que communicam com o subterraneo; descí, sentindo na cabeça o formidavel martellar dos cyclopes, e no coração os caracteristicos signaes de medrada aneurisma. Os meus passos soaram incertos no chão humedecido. A luz flammejava dubia nos vapores d'uma atmospherá asphyxiante. E em balde meus olhos buscaram no rosto putrefacto da defuncta as bellas feições da minha deliciosa amante. Cahiú sobre ella tenue clarão. Fascinaram-me aquelles olhos baços, vidrados, transvasando viscosos liquidos e carregados de magnetica fixidez. Inteiriçado, como pallida mumia, apoiei-me contra o muro, e não sei que tempo, inconsciente, alheado, esquecido de mim, estive nessa prostração. A final resolvi-me. Tomei um alvião, e abri a cova. E num instante o corpo aveludado de Rosaura repoisava debaixo de asperas camadas de terra.

Da chalupa, que havia de conduzir-me ao porto vizinho, lancei a vista para os lados, em que assenta a deserta granja, meu paraíso d'alguns instantes. Para além das arvores seculares, que orlam o valle, brilhava uma luz, frouxa, triste, como luz de cemiterio. Era uma solitaria estrella, errante nas densas neblinas da noite. Era talvez o presago reflexo do meu destino.

Em Veneza, nas vertigens da embriaguez, nos sensuaes deliramentos, em que cego me rojava para fátigar o corpo e estupificar o espirito, buscando no cansaço o somno rebelde e o ambicionado esquecimento, lá mesmo, no fundo perturbado da consciencia, lavrava o meu martyrio. Lavrava de contínuo, como um cancro, sempre mais vivo e pungente, até minar e abater pelos fundamentos os desbotados castellos, com que, por ventura, cuidava divertir-me a minha atemorizada phantasia.

Assim passaram tres mezes. E cada hora imprimia em meu rosto o sêllo fatidico da sua passagem. Cabellos crespos, castanhos, opulentos, converteram-se nas cans, que vêdes. Faces morenas, lisas, de seda, quizeram competir com o amarrotado pergaminho das faces d'esse velho, que, mais venturoso do que eu, resona ahi no chão lodoso, coberto dos andrajos da pobreza.

Tinha trinta annos.

Na impotente pesquisa do esquecimento me fui afundando no vicio, como se elle tivesse o condão de me salvar de mim mesmo.

Mas ainda então desconhecia estas ruidosas folias da taverna, entre tão alegres companheiros como vós sois.

Bandidos, ebrios, mendigos, ladrões! Chama-vos isso o mundo dos soberbos, que vos repulsa, e que todavia não vale mais, nem tanto. Porque, não sendo menos feroz, é mais hypocrita e mais covarde. Porque faz da impostura um palladium, da lei um manequim, da jus-

tiça um sophisma ou uma theoria. Porque se arreia com os espolios do menos forte. Porque pleiteia baixas competencias com lastimosa villania. Porque tudo, familia, crenças, amigos, tudo sacrifica a impudentes vaidades e a ambiciosas conveniencias. Indagai, e vereis que taes são as principaes qualidades dos felizes da terra, dos virtuosos, dos queridos da multidão, dos honrados. Sejamos então nós os apostatas da honra. E bebamós! Escarneo á sociedade madrasta, que exclue do festim universal, como se não fôra filho do homem, o pária ou o proletario! Bebei. Sou eu que pago.

Faz um anno. Era, como hoje, a ultima noite do carnaval. Se quereis saber do carnaval em Veneza, perguntae-o ás chronicas, ou aprendei-o nos romances. A Veneza decrepita, a Veneza escrava ainda não esqueceu as gloriosas tradições. Ainda o mysterio revolteia nas gondolas, ainda o punhal se esconde no veludo, ainda a intriga regurgita nos salões.

Os salões, os salões! Eram o meu proscenio. Meus passos echoavam com ufania nos marmoreos vestibulos dos palacios. Abriam-se-me as portas com franqueza. Escutai: soam onze horas. A esta mesma hora apparecia eu no baile do conde Sebastiano Falieri. Ferviam-me no cerebro poderosos vinhos de Hespanha; mas nem tanto, que me fizessem cambalear. Entranhei-me no ruidoso centro da festa. Perdi-me no brilhante torvelinho dos mascaras. Por toda a parte seda coberta de luminosos recamos, veludos refulgindo em lumes dia-

mantinos, damasco abrazado em carbunculos. Era de olympica riqueza a pedraria. E olympicas eram as façanhas, que cada nome recordava. Progenie de principes, de doges, de cardeaes, de papas, enfraquecidos rebentões de troncos vigorosos, disfarçavam alli o marasmo e o desalento intimos. Á estrella radiante das conquistas de Bonaparte não resistira o lustre de tantas familias soberanas. E maior humilhação trouxe depois o austriaco. Mas, nos tripudios do carnaval, o escravo esquece as algemas, e afoga as dores na taça.

Eu deixei-me vagamundear no meio do borbolino elegante das intrigas, de amores e de ciumes. Assistia á scena como triste comparsa, esperando, indifferente, que se esgotasse a ampulheta do meu destino.

---

Ouçõ dizer que ha emanações sympathicas, que, expandindo-se, communicam, por encanto irresistivel, as almas, que estão debaixo da subtil influencia. Não duvido. Porque só assim saberei explicar o toque mysterioso, que me impelliu para um tentador dominó escarlata, que, no mesmo passo, se confessou avassalado de similhante ignorado impulso.

Era fatidico o seu porte como o meu.

Algumas expressões do estylo, monosyllabos, reti-

cencias, pouco ou nada augmentaram o encantamento. A sua mão pequenina e aristocratica tremeu nas minhas mãos dentro da pelle finissima das luvas. De que procederia a commoção? Oh! que de segredos, que effluvios sanctos, que celestes ambiguas confissões! Fui irrisorio, poeta, desgraçado, amante.

Mas quem era o dominó-escarlata?

Homem ou mulher?

Velhice ou mocidade?

Tinha que se lhe perdia a figura como que na sombra d'uma nuvem de mysterio.

Encarava-lhe na altiveza de ademanes, nos desafoados meneios, nos vigorosos e seguros contornos, e suppunha-me em face de perigoso seductor.

Estudava o pudico arfar do seio, o respirar doce e balsamico, enfeitçava-me naquellas mãos divinaes, naquelles pés de criança, e suppunha-me em face de peregrina divindade.

O traje não tinha divisa, que estremasse sexo.

E, demais, que significa o traje no caprichoso carnavaal?

Fosse como fosse, em meu cerebero entrou não sei que luminosa centelha, accenderam-se clarões de vida nova, como fogos-fatuos de cemiterio.

Ao deixar os salões acceitou o meu braço; acceitou-o com voluptuosidade sombria. Eu tinha pois atingido o gráo supremo de *cavaliere sirvente*.

Em trono a S. Marcos dictava leis a demencia. E das

arcadas do sumptuoso edificio subia ás nuvens o alarido dos eroticos sacrificadores.

Dormia o gondoleiro no fundo da movediça gondola. Acordei-o, envolvi-me no manto e partimos.

Os remos feriram simultaneos a face das encrespadas agoas do canal. E a gondola espriguiçou-se sobre ellas, como soberbo palmípede.

---

O dominó-escarlata cahira em scismadora prostração. Eu, desnortado por indizível constrangimento, não ousava romper o silencio. Por vezes quizera subjugar a timidez, que me apoucava, e que tão bem aquilata as situações. Porem faltava-me coragem.

A final, em pé e com a mascara na mão, aventurei umas phrases de drama arripiado.

— Está a pensar? lhe disse eu. Deve ser assim o extasis dos anjos, quando velam pela sorte dos mortaes. Oh, feliz, mil vezes feliz aquelle, que merece um tal pensamento!

— Morto, devolve em voz sumida e frouxa, como abafado suspiro.

— Invejo-o.

— Inveja um morto?

— Se o vejo acordado por um pensamento muito

querido ; se o vejo, ditoso Lazaro, estendido no fere-tro para resuscitar nas saudades d'um seio de mulher. Morto sou eu, que rodo em turbilhão de gozo ficticio, só, sem affeições, sem ninguem, ambulante como ca-daver galvanizado, mas sem a verdadeira vida, a vida do coração. Não morre quem deixa a saudade a refle-ctir-lhe a imagem num espelho de lagrimas. A esse... invejo-o.

— Já amou, Everardo?

— Quem lhe disse o meu nome ?!

— Li-o nas estrellas.

— Ellas que lhe respondam então.

— Responderam. Mas queria ouvil-o da sua bocca, para julgar até que ponto um homem sabe mentir.

— Não minto nunca.

— Já amou?

— Já.

— Se lhe morreu nos braços a companheira da sua alma, se a sepultou em terra amassada com lagrimas, ensanguentando as mãos para lhe abrir uma cova ; se, em paga de muito affecto, lhe ficou d'ella apenas um triste legado... pode comprehender a minha dôr ; tem direito a repetir o que ainda agora lhe ouvi.

Senti-me empallidecer. Encarei com desconfiança no dominó-escarlata, e apalpei na algibeira a minha arma favorita.

— Comprehendo, tornei, momentos depois. Não ha



desgraça que eu não tenha compulsado. Mas que triste legado é esse, em que me falla ?

— Chamam-lhe os arabes «vigança do sangue.»

Dito isto a dama suspirou.

— Um suspiro e a morte ! clamei, novamente inflammado em ephemera tentação, e seguindo no galanteio, a despeito das mysteriosas palavras, que me soavam no tympano.

— Lisonja insensata. Mão gosto sobre tudo em pendel-a ao acaso.

— A formosura até nas trevas se adivinha. Não receio enganar-me. E senão... A minha mascara já a atirei ao canal.

— A minha é um fadario.

— Que importa ! Regeito a impertinencia de a contrariar com supplicas. De sobra me compensa a curiosidade este magnifico espectaculo, que noutra companhia se me tornara insupportavel. Este céo, estas ondas, as musicas nos illuminados porticos, essas estatuas, que, de pé, nas ricas balaustradas das varandas, parecem contemplar-nos, fazem recordar as grandezas da soberba sultana do Adriatico. E eu sinto-me germanado a esta decrepitude casquilha. É uma festa que parece um estertor de agonia. As risadas são como risadas de delirio. Aqui os infelizes têm a certeza de que não andam sós.

— E quem são os infelizes de Veneza ?

— Tantas familias soberanas abatidas...

— Vai-vens da politica. Infelizes são os perseguidos do remorso e os feridos no coração.

— O amor !...

— É a morte.

— É a vida, exclamei, cahindo-lhe aos pés.

A dama poz a mão no peito com melancolia.

— Senhora, continuei com effusão; os protestos, que se fazem num momento como este, não têm significação plausivel; não a conheço sequer; ignoro se será formosa ou não; mas permitta-me que lhe confesse que ha um destino invencivel a attrahir-me a seus pés.

— As suas confissões, Everardo, são labaredas.

— Que se apagam num beijo.

— Ou no fundo das agoas.

— Longe vá o agouro.

— Longe vá, disse ella com solemnidade.

— Somos ambos novos. O timbre da sua voz não deixa duvidar. Anda impregnado não sei de que longinquas, vagas e relembradas harmonias, que me cobre de saudade. Somos novos. Porque não havemos de gozar? Não se sente com forças para o amor?

— Para a morte.

— É funebre. Não ama?

— Amo.

— A quem, senhora, a quem?

— Quer que lh'o diga?

— Onde está o venturoso?

— Bem perto.

— Onde?

— Ao pé de mim.

Eu tinha as suas mãos nas minhas, e sobre ellas a frente. Ninguem estava pois tão perto d'ella.

— Deos! exclamei. Será possível!

— Juro. Tem sido um fiel amigo, um bom e leal companheiro.

— Quem, mas quem? brado com o esgar desastroso de quem vio falsados seus doirados sonhos.

Apertou com a dextra como que o cabo d'um esty-lete, escondido no seio.

---

Os remos açoutavam, cadenciados, a crystallina superficie. E o gondoleiro entoava um canto grutesco, que enchia de demencia o espaço.

A gondola foi amarrada junto d'um edificio de tão equivocada como sombria architectura.

Convidou-me a dama a entrar. Era esta a sua morada. Accedi.

Accedi, porque me dominava fatalissima vertigem.

Escancarou-se com estrondo a porta. Uma luz azulada appareceu, mortuaria, no alto da escada. Conduzia-a um anão, negro e disforme, que, depois de me fitar com ferocidade selvagem, partiu tropego e em lorpas cabriolas, adiante de nós.

A escada era uma ruina, d'um a outro extremo salpicada de lama. Das fendas escuras e d'entre as pedras deslocadas brotavam algumas hervas pallidas, ou transparecia, a meio, a escama d'algum immundo reptil.

Subimos.

Silenciosos atravessámos duas extensas salas. Nem um movel as decorava. A humidade escorria em gottas dos muros esverdeados, sobre os quaes se amontoavam camadas de limos. Caminhavamos cautelosos para não resvalar nas enormes fendas do pavimento. Assim fomos até penetrar num gabinete, que, na sordidez actual, ainda recordava o passado fausto. A minha imaginação já me inscrevia entre os lividos personagens, que figuram nas lendas.

A casa parecia tão velha como o mundo. Dir-se-hia que um sêllo de maldição a tornava abominavel aos homens. A aranha urdia tranquillamente a sua teia acima das nossas cabeças; corriam desassombrados os ratos pelos frisos salientes dos muros; e a carcoma tomava a seu cuidado as tapessarias, que, esfarrapadas, pendiam das paredes. Todavia, no tecto abatido e roto ainda uma analyse entendida descobrira essa magia de colorido, essa potencia *ornamental*, que denuncia o pincel veneziano, a brilhante eschola, que Paulo Veroneso personifica. Alguns retratos de doges, certamente copias de retratos attribuidos ao celebre Tintoretto, apodreciam nas velhas molduras. Para contraste e extravagancia ardiam a um lado, num pequeno fogão portatil, alguns

resinosos troncos, que derramavam no aposento confortativo calor. E junto d'elle, elegantemente postas numa mesa, estavam iguarias de aspecto e odor não menos exquisitos, que appetitosos. O crystal de Bohemia casava-se ás mil maravilhas com a porcellana de Sèvres. E os triplices reflexos das velas côr de rosa, que ardiam no meio, scintillavam em purpura, em oiro, em coraes e rubins nos vasos perfumados de malaga, de malvasia, de porto, de varios preciosos vinhos. Sobre a mesa havia duas cobertas. A minha mysteriosa indigittou-me o logar de honra.

— Uma ceia ! exclamei.

— Esperava-o, responde negligentemente, deixando-se cahir em meigo requebro junto de mim, que já nesse tempo estava sentado.

Apezar d'uns restos de desconfiança e receio, pairou-me á flor da epiderme certo calor de satisfação. Não seria novidade no paiz das Desdemonas uma paixão clandestina de nobre dama por um estrangeiro, qual eu era, mais que muito interessante por mil proverbias aventuras.

Houve um poeta, um grande poeta, que, seduzido por descripções de viajantes, desejara observar, por si, a forma núa das bellas italianas para julgar em que pé de verdade assenta a plastica perfeição, que lhes attribuem. Todas as jerarchias se prestaram ao artistico empenho. Não se vio donzella de torneada figura, que de bom grado deixasse de se expor ás vistas do ditoso

poeta. Apenas resguardavam o pejo, cobrindo o rosto com um fragmento de seda transparente.

Aqui se manifesta o amor do bello, a consideração pela arte, a febre das coisas indiziveis. Um povo d'estes adora por força as aventuras.

Que muito, pois, que em Veneza, mansão dos delirios, viesse amorosa dama, attrahida pelo meu extravagante renome; viesse, ao abrigo da mascara, colher lascivas aventuras nos meus braços? Era isto por certo menos para notar-se.

Abraçei-a, ardendo por lhe arrancar a mascara. Ella resistia com senhoris ademanes. Mas parecia dar-me a esperar mais lucrativa empreza.

No entretanto vae enchendo de rheno os copos. Minhas faces estavam afoqueadas, exprimindo as torrencias sensualidades, que me carcomiam. Peçonha, que me offerecesse, não a repellira. Bebi.

Mas o dominó-escarlata, longe de imitar-me, quebra no pavimento o seu copo, e mede-me de alto abaixo com alegria de hyena.

Eu fiquei hirto de indecisão e terror. Adormecia-me a cabeça em rapido atordoamento, regelavam-se as extremidades, e refluia-me o sangue, em cachoeiras, para o coração.

Compreendi. A taça dos festins dos Borgias vasara-se na minha bocca.

A minha primeira idea foi estrangular o basilisco. Porem o entorpecimento paralytava-me os movimentos. E a impotencia, em que me via, infundiu-me concentrado furor, que se descarregou numa risada, superior, na expressão, a todas as ameaças e a todas as vinganças.

Ha anomalias assim.

A dama fez côro com outra risada, mais selvagem e mais feroz. Era como estridor de grandes laminas metalicas postas em vibração, que se perdia ao longe no melancolico marulho das agoas e nos sussurros do carnaval agonizante.

— Harpia dos infernos, regoguei eu então; querias o meu dinheiro! Ahi o tens.

E num extremo esforço consegui arremessar a bolsa, pela janella, ao canal.

— Sumiu-se nas agoas, como o anel do doge nos desposorios do Adriatico. Já vês que estou vingado.

— Não era a tua bolsa que eu buscava.

— Que era então?

— A tua vida.

— Ah, ah! Baldadas fadigas! Pedisses-m'a, que eu dava-t'a. Era um peso com que mal podia.

A dama fez um movimento de desgosto.

— É espantoso este entorpecimento! Mas de que te servirá a insignificancia da minha vida? Podesse eu transmittir-t'a, que te não desejava outro castigo. Dás-me morte voluptuosa. Obrigado. Mas permite que,

á similhaça d'uma luz, se me apague este resto de existencia no teu rosto de demonio. Tira a mascara.

Do fundo do peito arranca o dominó-escarlata surdo gemido. Numa contracção sinistra cae sobre as espaldas o capuz, e rola no chão a mascara.

Encrespavam-se-lhe os cabellos como juba de fera irritada. O corpo recurvava-se num conjuncto de resoluta agilidade e de elegancia escultural. E pregava em mim uns olhos baços, vidrados e carregados de magnetica fixidez.

A morte não se apiedou da minha sorte. Pude ver. E não me submergi nos infernos.

Rosaura estava alli.

Não a Rosaura, resplendente de vida e de alegrias; não a minha formosa amante. Mas livida, petrificada, como um anjo de mausoleo.

---

Senti que um raio me estalava no craneo. E, fulminado, sem dar um gemido, cahi com todo o peso do corpo, arrastando a mesa na queda.

Soprava fresco vento matutino, quando acordei de profunda lethargia.

Lancei em torno vistas de investigação espantadiça. Estava no cemiterio.



Persuadi-me de que sonhava. Mas, desenganado, ergui-me de salto do marmore, sobre o qual estivera estendido. Era um bello fragmento das pedreiras de Verona; uma campã sem lavores, rasa, original.

Sobre ella havia apenas um nome, um nome de mulher, um nome fatidico:

## ROSAURA.

---

Passados quinze dias, eu era isto, que vedes; era um velho. Mas um velho dissoluto e horrivel. O abysmo repellia-me. O suicidio zombava comigo. A morte tinha medo de mim. Maldito, como o judeu errante, reneguei patria, familia e tudo. Lançei-me aos revézes do acaso, e errei sem bussola e sem norte.

Dormente na planicie, que as vizinhas alturas da *Sierra-Morena* e as limpidas agoas do Guadalquivir tornam mais aprazivel, sorriu-me um dia Cordova, a cidade das bellas tradições e das manolas gentis, appetitasas e ligeiras.

Aqui estou. Conheceis-me.

Bebamos, que, a par da minha historia, vae findo o carnaval.

O jogo, o vinho e as mulheres consumiram o meu

patrimônio. Dos molles tapetes rolei de escantilhão para as lamas da taverna. Amparastes-me em fraternal amplexo, quando os opulentos, que se haviam deleitado no fructo temporão das minhas tolas prodigalidades, me voltavam as costas. Ainda bem! Tisnada a carne ao fogo das grosseiras sensações, desafio os sentimentos patheticos. Obrigado, amigos! Sou quasi feliz. Quando não bebo ou fumo, durmo com a direita no copo e com a esquerda num seio de andaluza; d'essas que têm na physionomia a seraphica candura das virgens christans e no corpo a corrupção mais aviltante e asquerosa. E inebriu-me de fazer espadanar sobre as nuas espadoas o vinho das tavernas, espirrado dos beiços, que a luxuria crestou.

Murmure embora a feroz virtude dos santões hypocritas. Se são melhores do que eu, é que não soffriram tanto.

Eia, amigos! Largas ao cynismo da desgraça! Quebre-se nas lagens enlameadas este involucro de barro sangrento, e solte-se isto, que a presumçosa theologia chama alma, nas exhalações do val-de-penas, e nos estrepitos das seguidilhas e das cantilenas bacchicas.

A trasbordar os copos. Bem! Bebamos á memoria da minha pobre Rosaura!

## II

## LORENZO DEL GIOCONDO

Tinem os copos uns de encontro aos outros.

Mas eis que das sombras surge mais um sacerdote.

Tem a mascara no rosto, através da qual scintillam uns olhos como duas estrellas fixas. O corpo desapparece totalmente nas amplas dobras d'um dominó-es-carlata.

— Um copo para mim! exclama em castelhano bar-  
baro com accentuação toscana, estendendo a mão para  
a mesa da orgia.

Everardo cambaleia. Os outros estremecem.

---

— Tens medo, Everardo? brada o phantasma com  
voz e gestos de masculino desafio. És tão poltrão como...

— Como paciente, creio que ias dizer, acode en-  
vergonhado de si o audacioso Everardo, dissipada a  
primeira impressão de terror. Porque me vês exaltado  
de funestas preocupações, enganas-te, se me suppões  
credulo, á similhaça d'um religioso fanatico, a ponto  
de te acolher como alma do outro mundo, ou coisa

assim horrenda. Guarda a presumpção para os solitários castellos de Anna de Radcliffe, e deixa em paz a taverna. Bebe e retira-te; ou fica, se quizeres, com tanto que nos não enfades com scenas de irrisões.

— Trago-te noticias de Rosaura.

— Guarda-as.

— Cedo te esqueceste.

— Apaga-se a memoria, como seccam as lagrimas.

— E os remorsos?

— Que te importa? Os remorsos, quando não trazem em si os germens venenosos da loucura ou da monomania, tornam mais resvaladio o pendor do abysmo. Tambem se apagam. Mas em fim, que buscas aqui?

— Pouco.

— Que procuras?

— «A vingança do sangue.»

— Bravo! O local, minha bella tragica, é baixo de mais para o teu cothurno. É isso ao que o espirituoso Janin chama *truc*, em estylo de folhetim.

— Empallideces, quando motejas?

— Eu?... pallido!

— Como um covarde.

Everardo quiz rir, mas só se ouviu uma especie de rugido guttural.

O phantasma continúa:

— Acautela-te, Everardo. Vou dar-te um conselho. Ha quem se occupe de ti. Ha quem te conte as horas, os instantes de vida. Rosaura tinha uma familia, e d'essa

familia surgiu um vingador. Stephano era um florentino de raça muito illustre, que, expatriado por obscuras perseguições de politica, creou na America uma familia. Lorenzo, o seu primeiro filho, apenas lh'o permittiu a idade, cedeu a instancias dos tios paternos, que o chamavam de Florença. E ahi seguiu a irresistivel tendencia do seu espirito. Dedicou-se á pintura. No entretanto Rosaura consolava os pais, da ausencia de seu irmão. Estavam ainda quentes as cinzas de Stephano, quando tu, Everardo, postergando todas as leis de honra e decoro, atraçoaste quem tanto te queria; mataste a mãe, porque lhe roubaste a filha. É a accusação. Seguir-se-ha a sentença. Lorenzo correrá ao chamamento da mãe moribunda, e virá-a morrer, embalada na doce esperanza d'uma vingança sem limites. Lorenzo jurara. O juramento, que fez, ninguem o ouviu. Mas devemos crer que projectou vingança de negro, selvagem, terrivel. Acautela-te, Everardo.

— Mas quem és tu?

O dominó-escarlata inclinou-se gentilmente, e desafiou a mascara.

— Rosaura! exclama Everardo, aniquilado pela evidencia do que para a sua razão era ainda contestavel.

Os espectadores iam cahindo na beatifica estupefacção do idiotismo.

— Dizem que com effeito me parecia infinitamente com minha irman. A todos maravilhava a semelhança.

Dizendo, debaixo d'aquella forma feminina deixou per-

ceber, em feroso movimento, toda a flexivel elasticidade de agil e forte compleição.

— Lorenzo del Giocondo! Oh, graças, que respiró! brada Everardo numa effusão de alegria indescriptivel.

— Sou eu, torna o supposto phantasma, inteiramente desembaraçado do dominó, e patenteando toda a galhardia de mancebo.

A multidão agita-se sobresaltada e curiosa.

— Guapo! Digno irmão da minha chorada amante! Senhor Lorenzo del Giocondó, *beso a usted los piés!*

— Cae sobre ti o motejo.

— Embora. Uma pergunta, se me permite...

— Ao pé do altar nada se recusa á victima.

— Pois sim. Mas não roubemos ás tragedias o que é das tragedias. Quizera saber a razão por que tendo-me, em Veneza, a seu arbitrio...

— De que me serviria uma miseravel existencia? Era-me precisa primeiro a tua honra, o teu socego, a tua riqueza toda. Era-me preciso primeiro fazer-te cahir uma a uma as flores da mocidade; envenenar-te os alimentos e as bebidas; povoar-te as noites de espectros, e de vergonhas os dias. Era-me preciso primeiro sulcar-te de rugas as faces, coroar-te de cans, vestir-te de andrajos e apontar-te como possesso do vicio ás turbas enojadas. A todo o tempo podia o estylete compadecido procurar-te o coração, e mandar-te ao diabo de presente.

Everardo desprende da lobrega garganta uma risada de Mephistopheles.

Lorenzo tinha na mão um punhal.

— Graças á lealdade de Antonio, diz elle, aqui está o punhal de Rosaura. Conhecel-o?

Everardo recúa num gesto de profunda repugnancia.

— Cuidado, mancebo; cuidado, que o não trespasse o perfido punhal. Instrumentos d'esses são mãos para brinquito de imberbes. Volte a Florença, meu formoso *bambino*, e nutra-se nas lacteas tetas da Madona, se quer um dia tomar parte nas arriscadas emprezas de faca e trabuco. Entre nós não acha Heliogabalos, que acceitem favoritos mimosos.

E riu de novo.

Lorenzo encolhe os hombros, desdenhando as torpes facecias do adversario. Contentou-se com atirar-lhe placidamente á cara as fezes, que estavam num copo.

Seguiu-se a mudez indefinida, que nos lances decisivos nasce de angustiosa expectativa.

Everardo contrahiui-se em espasmo colerico. Contrahiui-se como a fera, que mede salto sobre a rez. E poz-se em pé hediondo e terrivel.

— Pelos figados de Satanaz! pragueja, arrancando do roçado *dorman* uma navalha sevilhana. Desconfio que vou tirar a virgindade á minha boa lamina. Agora vereis como a metto pelas guelgas dentro a este imbecil impertinente.

A avinhada turba escancarou as boccas num riso de

medonha aprovação. Alguns porem, menos endurecidos, tentaram obstar ao duello. Everardo levanta a navalha á altura da cabeça em concentrado phrenesi. Todos se arredam confundidos. Só Lorenzo, immovel, com o riso nos labios, parece disposto a um jogo de galanteios.

Vibra Everardo prompto o golpe, faisca o ferro como relampago...

Mas Lorenzo, numa evolução imprevista, furta o corpo, e com murro de athleta derruba o enorme lampeão, que esclarece a scena.

Trevas densissimas. E nas trevas um duello de morte!

---

A mina tem sido explorada por numerosos alchimistas de sensações fortes. A mim, com pena o digo, cae-me a penna da mão. Mas já que vim coxeando até aqui, coxearei um pouco mais. Permite, leitor.

No meio da repentina escuridão o terror não poupou ninguem. Havia alli foragidos da *Sierra Morena*; mas, quem lhes divisasse o rosto, veria que estavam descolorados. Tornava-se irregular a respiração; os corações batiam oppressos; e cada qual se cosia com a parede para que algum ferro, mal dirigido, lhe não entrasse nas carnes.



A lucta andava travada. De quando em quando um rugido de dôr, um movel quebrado, o baque d'um corpo, uma jura, uma praga.

Dos pés á cabeça dos conchegados grupos subiam contracções, como correntes magneticas, provocadas pelo receio, pela impaciencia, pela incerteza do que ia succeder. O ouvido estava attento, os olhos sequiosos de luz.

Duraram segundos as asphyxiantes aperturas. Depois sentiu-se surdo rumor e um grito rouco.

Ninguem respira.

Abre-se de mausinho a porta, e sac tranquillamente um vulto. Sobre elle cahiram os morticões reverberos d'um candieiro, que esclarecia a rua.

Os ebrios, que de tropel haviam corrido á porta, soltam uma exclamação de espanto. Era Lorenzo del Giocondo.

— Everardo! Everardo!

Embalde o chamam. Cahira de bruços sobre a mesa da taverna com o punhal de Rosaura atravessado na garganta.

Coimbra, 2 de março de 1866.



# OS CANNIBAES



# OS CANNIBAES

---

## I

Disse a critica pela bocca de Boileau:

Rien n'est beau que le vrai,

e não tardou que as fabulas, arabescos exóticos e exageros, oriundos principalmente dos tempos heroicos, perdessem toda a soberania d'antes exercida na ampla esphera das boas-lettras. Os Prometheus, os Hercules, os Theseus e os Sphinges, se não desapareceram em pó lançados aos quatro ventos, é porque era necessario que se conservassem os padrões que deviam guiar o philosopho através dos labyrinthos do passado. Por isso lá estão firmes ainda em seus pedestaes de pedrarias, mas offuscados pela luz brilhante que só vem da verdade.

Todavia não deixarei eu de confessar o amor, que

sempre tive por contos de fadas, para que se não estranhem algumas murmurações, acaso fugitivas, no acto de me sacrificar ás exigencias d'esta geração pretenciosa.

Sacrifico-me. Mas, como não sou dado a transcendencias, pois abomino tanto a incognita dos mathematicos, como a Dulcinea dos Quixotes; abro sobre os joelhos uma chronica, que casualmente me veio a mão, e, aproveitando os cabedaes da minha escolha, deixarei d'este modo de ser constrangido a inventar, no que iria grande perigo de volver costas á verdade.

O meu conto é amador do sangue azul; adora a aristocracia. E o leitor ha de peregrinar comigo pela alta sociedade; hei de leval-o a um ou dous bailes, e despertar-lhe o interesse com mysterios, amores e ciumes dos que se armasenam por esses romances de armar ao effeito. Ora ouça, que eu principio moldando-me pela velha costumeira:

A abobada azul do céu allumiava com milhões de estrellas os corucheus, obeliscos e arcadas da decrepita architectura da cidade. Estava serenissima a noite. Porém a atmospheria fazia lembrar os gelos da Siberia. Para contraste brotava na sala do baile uma primavera aberta e resplendente. A vertigem das valsas despargia alentos que se iam transformando em insanias de febre.

Quem não sabe o que é um baile? E todavia sinto-me tentado a descrevel-o, sem desconhecer que n'isso

irá falta de modestia, e trabalho verdadeiramente ocioso. Mil poetas, no exagero de aprimorados versos, têm sabido pintal-o, sem omissão de algum dos matizes, que o abrilhantam. Melhor será, por tanto, que o leitor veja a descripção do meu baile em qualquer poema, artisticamente phantasioso, porque nisto de descripções não ha sahir do mesmo terreno. Senão, aqui lhe dou os traços de um aligeirado esboço!

Flores das mais odorantes em gigantescos jarrões de esmaltada porcellana; a arte a revelar-se por toda a parte, na moldura dos espelhos, nos paineis, nos tectos dourados; emanações balsamicas a exhalarem-se por esses recintos encantados; ao longe uma musica voluptuosa, não sei de que *maestro* inspirado; e, sobresahindo a tudo, pares animados de muita vida e muito amor, abandonando-se á effervescencia das danças, correndo agora numa iriada mistura de cores, para ligeiros se separarem logo debaixo dos olhos curiosos dos que se contentam em ver, esteiados com certo ar estudado ao marmore das columnatas, ou recostados nas voluptuosas othomanas.

O sol magestoso d'um formoso dia de verão não se projecta mais radiante sobre as azas e sobre as petal-las, ricamente variegadas de mil borboletas e de mil flores, do que aquelles centenares de soes artificiaes, dardejados dos crystaes reluzentes, sobre as vestes sumptuosas, que as damas arrastavam pelos aveludados tapetes.

Como nas libações em honra do esperto Baccho, em que sacerdotes e sacerdotisas entram mornos, ou mesmo arrefecidos, para depois, ao empunharem a vigesima taça do licor fervente, deixarem rebrilhar os olhos e desgrenhar os cabellos no «evohé!» do entusiasmo, assim no baile tinha a ebriedade dos prazeres despertado adormecidos sentimentos.

Avultava comtudo alli uma vista dessocegada e inquieta, que, sobre tudo, feria alguns observadores, que nem curavam de occultar o phrenesi, que os assoberbava.

Historias do coração por certo.

Margarida é uma das mulheres fataes, que attrahem irresistivelmente. Solteira, homem, que por desgraça a fitou, quer ser um Romeo; casada, não faltariam Werthers, que rebentassem o craneo para lhe merecer uma saudade.

No cortejo brilhante não lhe faltava desde o primeiro titular, ao brasileiro sem titulos, cousa rara em sublunares regiões. Ella era o idolo acatado de todos os crentes.

Mas para que estará no baile tão triste e distrahida? Pousa melancolicamente a cabeça no hombro do par, e nem lhe percebe as palavras amorosas, naquella *re-vérie* feminil, que é para o homem, que ama, um inferno de torturas.

Soam onze horas. Ella treme, e relanceia pela ultima vez os olhos para a porta da entrada. Depois, des-



fallecida, desprende um suspiro, e deixa-se arrastar como insensível no revoltear das mazurkas.

Por este tempo, numa sala apartada, fumavam dous cavalheiros. Um apoiava-se com exquisito *dandysmo* no friso de um fogão, rematado em florões caprichosos; o outro, prostrado numa cadeira, e com as pernas commodamente cruzadas em frente das brazas vivas. Alimentavam dialogo medido e monótono.

— Tenho esperanças, dizia com certo orgulho o que se conservava de pé, puchando das nascentes guias do bigode.

— Vaidade, D. João! retorquia o outro. Sou veterano nessas campanhas. Glorio-me de ter rasgado com esta mão véos do mais sagrado pudor; e comtudo Margarida...

— Margarida é mulher.

— Pois sim, mas quem te assegura a victoria?

— Tudo; responde o denominado D. João, um tanto offendido pela duvida do interlocutor. Pequenos favores concedidos, um volver d'olhos...

— Illusões do amor proprio. Olha, podes dar-me credito, a taça da ambrozia, que apaga sêdes d'amor, não ha de ella levar-t'a aos labios. Margarida é das poucas mulheres, que têm só um coração, para ser dado uma vez só.

— D'onde te vem tanta sabedoria ácerca da mulher?

-- Quando me não sobrasse experiencia propria, tinha ahi Balzac.

— Ah! e sorriu desdenhoso. Ainda assim, continuou :  
posso eu obter...

— O que é d'outro, de certo que não.

— Então Margarida?...

— Ama,

— A ti, barão?

— Não, por minha miseria.

— Pois a quem?

— Ao visconde de...

Interrompeu-o uma voz, que annunciava :

— O senhor visconde de Aveleda!

Os dous amigos estremeceram e precipitaram-se para a porta. A dança interrompera-se. Os cavalheiros agrupavam-se á entrada do salão. As damas ficaram turbadas e indecisas. Margarida virou o rosto jubiloso para um espelho, e, contente de si, abandonou-se sobre as almofadas d'uma othomana, escondendo por detrás do leque o rosto purpureado.

Que será?

Corrido um reposteiro, viu-se despontar no limiar da porta um homem estranho. Era d'esses homens que se não descrevem e que devem de ser o desespero dos Van-Dick e dos Ticianos. Tanto poderíamos dar-lhe trinta, como quarenta annos de idade. Subia na estatura acima do regular; e no rosto pallido, mais sympathico pela barba negra, curta e fina, que o moldurava, deixava adivinhar uma longa peregrinação de amarguras. Era a perfeita realisação d'um typo ideal e

mysterioso, como os concebia Byron. E mysteriosa era a historia da sua vida: Dos mil extravagantes boatos, que corriam como para lhe augmentar o prestigio, só se sabia ao certo que viera da America, e que era bem-quisto dos doutos e dos sensatos.

Avançou pausado e grave pelo meio da multidão fascinada. Mas naquelle movimento notava-se um esforço dissimulado; parecia um movimento mechanic, automatico. E seus passos soavam no pavimento, a despeito dos finos tapetes, com extraordinario ruído. O impetuoso D. João, o moço apaixonado, que o leitor acaba de conhecer, fixava-o de olhar ardente. Tinha diante de si o homem, que soubera arrancar-lhe a mais querida das suas esperanças. Passou-lhe na mente um lampejo de raiva: aventurou-se a roçar por elle, indiscreto e temerario. Mas naquelles membros pareceu-lhe encontrar, pelo tacto, a inercia do granito. Fixou-o mais, e recuou repassado de um irresistivel panico.

Julgára ver a *estatu ironica do commendador*.

## II

Uma historia qualquer, que se extrahiu d'uma chronica, deve ter necessariamente em vista, ou a propagação de acontecimentos memoraveis perdidos na va-

riedade de muitos factos, ou a manifestação característica dos costumes d'um povo numa epocha marcada. Collocar o facto no local, que lhe é proprio, é sem duvida a primeira obrigação, que em ambos os casos compete ao narrador. Não o desconheço. Porém de melhor grado me sujeitára eu ao rabujar da critica, do que a fixar a acção do meu conto neste ou naquelle paiz, visto ignorar a qual pertença, por uma omissão desgraçada no importante manuscripto, que tenho ao lado.

Amo a fidelidade. E nessas simples palavras deixo a explicação da minha abstinencia no emprego de cores locais.

Comtudo, tornava-se preciso que a scena se passasse em alguma parte.

Reflecti, com a madureza, que o caso pedia, e por fim, vencido da necessidade, quasi me resolvi a levar os meus heroes para o Japão, onde qualquer sombra do extraordinario seria menos notada por sobrenatural; pois, quanto mais ao longe se vêem as cousas, tanto mais ellas avultam, medidas pela imaginação, prodiga ordinariamente em europeis e garridices de todos os feitos. Demais, o abuso que por esse lado fizesse da boa fé do leitor, não conseguiria empallidecer o merecimento á obra, porque sem ser patente nella o cunho dos estudos trabalhados, que abrem as portas das academias, lá lhe ficava a parte moral digna de se ger-

manar a esses contos, luxo da infancia, justamente denominados — thesouro de meninos.

Oscillava neste plano quando me veio desviar do intento a lembrança desastrada de que vivemos em tempos civilizados, tempos em que Antonio José cedeu lugar á alta comedia, no periodo aureo da *circumspecta casa* e do chapéo alto.

Mal me serviria portanto o Japão. Filho da epocha, irei com ella. Fôra mesmo attentado buscar modelo nos grotescos desasados do velho Portugal, quanto mais retroceder a ponto de me valer das roupagens comicas dos japonezes.

Emfim, quebro o fio ás divagações para me dedicar á historia, que o merece. Escolha o leitor a capricho o local da acção, que d'ahi lavo eu minhas mãos, com tanto que se não ausente do paiz em que sejam lidos Dumas e Kock, e onde abundem seminarios, escandalos e sotainas.

Supponha o baile — se lhe apraz, mesmo por commodidade ou propriedade — supponha-o em Lisboa, na faustosa habitação d'uma Ninon de Lenclos contemporanea. Lá deixámos o vulto *sympathico* do visconde de Aveleda, perturbando a harmonia da festa com a surpresa da sua apparição. Agora vamos encontral-o no meio do luxuoso bulicio, opprimido de profunda melancolia; melancolia essa, que parecia reflectir-se em todos os semblantes, como se o d'elle fosse um espelho animado. Tal era a vaga expressão das nobres feições

do visconde, que deixava perceber o quer que fosse de semelhante ás forças attractivas e repulsivas do magnetismo. As damas sentiam-se fascinadas, os elegantes receiosos e agastados, d'esse agastamento — antes mau humor — que provém da humilhação; porque os humilhava a simples presença d'aquelle homem, que no dizer d'elles mais era um mytho que outra coisa.

Pouco se lhe dava ao visconde do effeito que produzia. Não se erguera ainda da cadeira em que se havia deixado cahir, e, afóra algumas palavras delicadas, ou gestos a que o obrigava a cortezia, dil-o-hiam insensível estatua.

— Fallaste-lhe? perguntava Margarida com vivo interesse, designando-o a uma sua amiga, a quem sahira ao encontro.

— Agora mesmo.

— Então?

— Ai, menina! Não sei dizer-te o que sinto. Nunca encontrei homem assim. Se soubesses como a expressão corria suave d'aquelles labios, como o seu sorriso era triste... Não me enganaste: seio de mulher não pode sem estremecer...

Cortou-lhe a palavra um beijo affectuoso. Margarida não podéra ouvir mais. Estava pallida, tremiam-lhe os labios, e no seio offegante sentia que lhe reben-tavam paixões desconhecidas. Deve de estar assim a mulher que, sem hesitar, desfolha as flores recendentes da virgindade aos pés do eleito do seu coração.

Cahira em langoroso desfallecimento, pregando os olhos negros, apaixonados, com que a natureza faz perigosas as mulheres do meio-dia, num ponto incerto, que ella não divisava, porque andava longe, na morada das formosas chimeras.

A orchestra começava uma valsa. Margarida, a ardente amadora das valsas, recusava d'esta vez a cintura delicada ao contacto libidinoso de mão masculina. E como não? Juncto ao visconde de Aveleda vira um logar sem dono. O seu unico pensamento fôra aposar-se d'elle, esquecendo — ella tão cautelosa! — que franqueava passagem á eterna maledicencia.

Do pensamento á realisação não decorreu um momento.

Foram breves as palavras, que trocou com o visconde; porém taes cousas disseram, que ficaram momentos — elle enlevado, ella commovida.

— Sabe, visconde — diz ella a final para quebrar o silencio, que se tornava embaraçoso — sabe que nos magôa a todos a sua tristeza? Porque está tão triste?

— Não é minha a culpa, minha senhora. Déra muito a quem me ensinasse a fingir alegrias, que não tenho.

— Respeito os seus pezares. Mas creia que me sinto magoada se os considero.

— E poderei saber porque?

— Porque, vendo-o cercado de quanto é capaz de felicidade...

— Um pouco de luxo apparente serve ás vezes para

ocultar a miseria. Admira-se de que haja risos, que escondam lagrimas? Pois ha.

— Punge-me essa desgraça que presinto.

— Não me lastimo, sr.<sup>a</sup> D. Margarida.

— Nem eu o lastimo. Mas soffre, não é verdade? Eu não sou indifferente a soffrimentos alheios. Duvída?

— De certo. Pois para que me dá veneno nessa mão formosa e branca como a innocencia?

— Eu?!

— V. ex.<sup>a</sup> Vejo-lhe o mel nos labios e o travor do absintho, consinta-me que o diga, na voz angelica, no gesto, na formosura.

— Haverá lisonjas nas suas palavras, haverá, mas não sem muita ironia. Será tal a minha infelicidade, que até com a propria presença lhe aggrave essa tristeza, essas dores?

— Faz mais que agravar.

— Mais ainda?...

— Se faz! Imagine v. ex.<sup>a</sup> um viajante suffocado pelo calor, morrendo enfraquecido á sede junto á margem d'uma torrente, que elle não pode tocar, e diga-me, se avalia a afflicção do desgraçado, como hei de eu fital-a, ouvir-lhe a linguagem celeste, sem que se me desfaça o coração em lagrimas, sem que compare o que sou com o que fui e com o que podia ser?

— Não o comprehendí talvez. Mas, meu amigo, o viajante do seu enigma não seria tão desgraçado que perdesse todas as esperanças no lance difficil em que o



colloca. E quando ha esperança, ainda não é completa a...

— Esperança ! Eu suppunha-o perdido num deserto.

— Ainda assim podia valer-lhe a fé. A torrente poderia deixar o antigo leito para lhe dar fartura d'agua.

— Como ?

— Por um milagre da Providencia.

— V. ex.<sup>a</sup> crê na Providencia ? Por mim cancei tanto a vista a procural-a, que uma vez acordei cego. Como hei de vel-a ?...

— Cego ! diz Margarida, aproveitando-se graciosamente do equivoco, cego com os seus olhos !...

— Antes os não tivesse ; porque sem a ver, Margarida, não veria como o céu é longe da terra, o impossivel entre nós ambos. Comprehende-me agora ?

Margarida, vermelha de surprehendida, não venceu a perturbação. Estava pallida e anciada. Depois que recuperou alento, murmurou com aquelle accento melodioso e trémulo, expressão de verdade e innocencia, só sabido da mulher apaixonada :

— Pois ainda não advinhou ? É preciso que os labios digam tudo o que se sente ?

Um sorriso amargo, doloroso, pungente, encrespou os labios descorados do visconde. Margarida arquejava.

— De que servem, continúa ella, de que servem certos enigmas, que inventa quando me falla, como se quizesse martyrisar-me ? Depende de mim a sua felicidade ? Venha recebê-la, que é toda sua. Não imagine

então distancias, nem difficuldades, que eu tenho coragem para me mostrar ao clarão d'essas luzes, em frente de quantos ahí têm labios para o sarcasmo, ainda que o rubor haja de me queimar as faces, para dizer — aqui me tem, pertença-lhe.

— Impossivel.

— Impossivel!

— O cego adivinha as maravilhas da natureza e adora-as, mas sem poder contemplal-as. Eu sou como o cego, Margarida; adoro-a, sem poder mais nada.

— Quer matar-me?

— Quero-lhe muito para a deixar numa vida de chimeras.

— Então que chimeras são?... Falle. Não vê que estou afflicta?

— Resume-se tudo numa palavra, que teria a gravidade da situação, se não fosse consagrada pelo abuso ao desenlace de collisões romanescas. Essa palavra é...

— Diga-a.

— Mysterio.

### III

Eu bem sei que um dialogo puramente dramatico, semeiado de interjeições e palavras grandes, mal se pode coadunar com a realidade da *comedia humana*. Não foi sem grande dor d'alma que colloquei o sibyllino vis-

conde em frente de Margarida, exposto ao rir *palerma* dos que não sabem nada do coração e da sua linguagem, linguagem phantasiosa, que muitas vezes desde-nha o presente para ir colorir-se nas eras aventurosas em que a castellã apparecia, visão aerea, por entre os tufos floridos, que lhe enfeitavam o balcão, para ouvir á luz das estrellas as canções plangentes do trovador enamorado; eras, as mais sublimemente poeticas, que têm vindo. Senão, que o digam as mil novellas que por ahi tresvariavam a mocidade. Não sei realmente a pena em que incorreram os protogonistas d'esta veridica historia, como cada um chama ás suas imaginações, por irem, entre os prazeres celestiaes d'um baile, alargar azas a conversações das que só se alimentam declamando. Não sei. Pode ser que fiquem para sempre afogados na aldar gargalhada publica, tão inconsciente de ordinario como injuriosa. Se isto succeder é sobre um factó succedido que deve cair o anathema. Por mim sou simples narrador.

Tal calor e vivacidade desenvolvera o dialogo em Margarida e no visconde, que, esquecidos de quanto os cercava, perderam de vista o mundo dos mortaes. Já em excesso aguçavam a curiosidade geral. Não foi sem perturbação que Margarida o reconheceu. Mas, em lances d'estes, que innocente mulher não sabe um subterfugio?

Foi com simulada alegria que ella estendeu a mão delicada a uma bella senhora, que se lhe avisinhára casualmente. Era a dona da casa.

— Supplico-lhe, minha senhora, exclama Margarida, vermelha como uma romã, supplico-lhe que me ajude a convencer este cavalheiro. Ha muito que estou a teimar com elle para que nos recite alguma d'aquellas adoraveis poesias, que nós lhe conhecemos. Aos rogos de v. ex.<sup>a</sup> sei eu que não ha de resistir.

— Oh minha senhora!... acode o visconde, surpreendido da lembrança providente de Margarida.

Quiz valer-se de modesta esquivança, mas neste tempo eram varias as vozes que o instigavam a recitar. Curvou a cabeça vencido.

Formou-se repentino silencio.

As damas e os elegantes tinham-se confundido em mostras de profundo interesse.

Todavia por detrás d'um reposteiro, podia um observador attento divisar um rosto de mancebo, cujos olhos esgazeados pareciam a espaços fusilar relampagos. Era D. João. Se isto, que para aqui escrevo, fosse um romance, havia de elle (D. João) apertar com a dextra febril o cabo d'ouro d'um luzente punhal. Porém não ennodoemos a historia. Mandemos o punhal para o velho theatro ou para a floresta êrma.

Era vistoso o quadro. O jorrar luminoso dos candelabros, reflectido nos espelhos; nos paineis heraldicos; nas cabeças toucadas de rosas já emmurchecidas; na carnadura rosada dos seios desvelados, offegantes de cansaço; o rosto nobre do visconde innundado de luz; os

grupos; as posições; tudo isto apresentava um aspecto muito ao paladar do desejo.

E a voz do visconde ergueu-se do meio d'aquelle silencio, como voz de inspirado. Tinha nos olhos o sacro fulgor da sibylla, e suas palavras eram devotamente escutadas como se fossem um oraculo.

*Echo!* era o titulo da poesia. Partilhava do vigor da ode, do lyrismo terno do idyllio, e da funda tristeza da elegia; porém, com tal arte, tal harmonia, que não passava uma nota, que não fosse certa ao coração.

Todo o pensamento da poesia era tirado da metamorphose da desventurada nympha.

Ella a ver e a sentir que as fôrmas delicadas lhe vão ganhando pouco e pouco as curvas brancas d'um rochedo informe; e a sentir ainda o coração inflammado a pular-lhe lá dentro no seio de granito, com todas as paixões e ardores do seu viver de anhelos, fervente de luxuria; e o rochedo a engrossar, a engrossar... Eis o pensamento. Ouro mais fino, mais de lei, nunca o extrahiu poeta dos veios explorados. Quando acabou a penultima estrophe, que parecia arrastar-lhe d'envolta parte da propria alma, não havia faces, que não estivessem molhadas de lagrimas.

Aquella voz impregnada de melancolia terna, aquelles formosos versos — que o eram — coavam, em cada peito, commoções indefinidas, suavissimos venenos.

Dir-se-hia que o visconde pranteava as proprias des-

graças. Os versos traziam como que o sêllo da tremenda experiencia.

Margarida estava pallida como as camelias, que lhe desmaiavam ao contacto do seio virginal. Escutou até ao fim sem respirar. Depois desapareceu por entre os grupos assombrados, e, apenas longe do bulicio, desatou em soluços, escondendo o rosto nas mãos.

A minha myopia burgueza não lhe vê razão para taes extremos; mas, em fim, a verdade é lei d'uma só interpretação. Tenho aqui a chronica que é de reconhecida authenticidade.

Quando a donzella (como lhe chamaria qualquer cavalheiroso romancista) voltou ao salão, já lá não estava o visconde.

Consternada, não hesitou em interrogar uma sua amiga ácerca de tão inesperada ausencia. Se porém foi breve a pergunta, não lhe deveu nada a resposta, traduzida num riso cheio de malicia, e num gesto, que designava a sahida para os jardins.

Vinha proximo o alvor da madrugada. Estavam já abertas as janellas.

Margarida vagueava no jardim de canteiro em canteiro, de gruta em gruta. Poderiam vel-a passar por entre o arvoredo e desaparecer na sombra como um lindo phantasma, mas o que ninguem de certo conseguiria era ouvir-lhe o suspirar comprimido. Estava na hora funesta, em que a mulher mais pura inveja o tha-

lamo das Messalinas. Bem via o precipicio através das flores, que o encobriam, mas adorava-o.

Na sombra, que uma das muitas arvores formava com os esgalhos espessos e descarnados, onde esvoaçavam algumas aves saudosas da alvorada, foi deparar com o pensativo visconde.

E, sentada sem receio ao lado d'elle no êrmo d'aquelle logar, jurou comsigo, crente no subido preço de suas seducções, que havia de ler na alma d'aquelle homem os segredos, que elle com tanto reбуço occultava.

— Eu tambem amo, diz ella, este crepusculo vago, que precede a manhã. A imaginação arrouba-se mais viva, e vê em cada objecto uma forma agigantada e indefinida. E este indefinido não sei que alvoroços me desperta, com que suave aspiração me enleva o espirito... Diga: não sente isto mesmo?

— Bem conheço esse enlevo de que me falla, minha senhora.

— Nem podia deixar de ser. Alguma voz intima me diz baixinho que toda a alma tem uma irmã, uma irmã gemea no sentir, no pensar.. Será certo?

— Que sei eu? Estou longe da abjecção do sceptico, e, comtudo, duvido.

— Na desgraça... crê.

— Essa vejo-a, apalpo-a em cada membro do meu corpo.

— Tambem duvida de mim?...

— V. ex.<sup>a</sup>! Pobre menina! Tem viçosas todas as il-

lusões. Encontra attractivos neste mundo, porque só o viu por uma face, pela unica prasenteira face. Julga v. ex.<sup>a</sup> que se corteja ali a virtude, a grandeza d'alma, a elevação do espirito? Engana-se. O embuste, a simples apparencia é tudo; e a suprema desgraça da minha vida está nessas palavras: Tenho um coração ardente para o amor, e uma cabeça para o comprehender; mas nem uma mulher, nem uma só, poderá encontrar em meus braços carinhos de esposo, porque são de barro quebradiço ou tão doce, que facilmente se inquadra em todos os moldes.

— Quando acabará essa linguagem de enigmas? Disse que tinha coração para o amor. É então certo que ama?

— Do fundo d'alma.

— E haverá mulher tão forte, ou tão abatida, que possa resistir-lhe? Deixe-me duvidar.

— É porque v. ex.<sup>a</sup> não prevê que esta fidalguia, que me encontra talvez no aspecto, pode abrigar um flibusteiro indigno. Quero mesmo deixar-me cegar pela vaidade para crer que sou amado. Não podia abrigar-se debaixo d'este traje o corpo corroido d'um leproso? Não poderiam lavrar ali cancros, gangrena e peste? Supponha; e veja que noute a do noivado para uma menina, verdadeira sensitiva em flor...

Terminou com uma gargalhada alvar. Margarida teve medo.

D'onde concluo, aqui entre parenthesis, que o systema nervoso das senhoras é mais melindroso do que



o do leitor, que, certamente, não vê motivos de susto. Possa a descoberta ser de proveito á sciencia.

— Não julgue pela apparencia, minha senhora, continuou o visconde com affabilidade.

— Oh! Presinto, não duvide, presinto que não sou uma mulher vulgar, diz Margarida com orgulho.

— Adivinhei-o. E como me consola ouvir-lh'o! Pois bem, consinta-me uma pergunta estranha, e mesmo original: se eu fosse um cadaver frio e inerte, animado por qualquer engenhoso mechanismo, embora me pulsasse no corpo morto um coração com vida, poderia v. ex.<sup>a</sup> abraçar-me sem repugnancia? Quereria descansar a fronte no seio de um cadaver?

— Que extravagancia! Pois olhe, Aveleda, á estranheza da pergunta vou eu dar uma resposta, que vale pelo menos outro tanto; e Deus sabe que não minto. Margarida animava-se proseguindo: seja o leito nupcial no cemiterio que lá mesmo o acceito, lá mesmo o apeço. Repare que não córei. Se me treme a voz é ao peso da verdade. Eu não exagero. Quem sabe o que é o amor, sabe que não exagero.

O rosto do visconde illuminou-se de irradiante alegria. Balbuciando, pôde exclamar apenas:

— Margarida, minha Margarida!

E pousou os labios reluzentes no seio semi-nú da donzella, que, sófrega, pagou a ousadia com outro beijo, em que se lhe foi esmorecida parte da existencia.

Depois, o feliz visconde embrenhou-se por entre as

arvores com aquelle caminhar medido do esqueleto das lendas populares.

Margarida ficou como que desfallecida; com o toucado desfeito, tranças desatadas e a cabeça pendente para as espaldas humedecidas pelo orvalho da manhã.

Dil-a-hiam sonho feiticeiro de imaginação oriental.

D. João ergueu-se então em frente d'ella como obedecendo á evocação satânica d'um mago!

## IV

Eu lhe digo, leitor:

Acostado tragicamente ao resguardo d'um tanque, que estava alli perto de Margarida, tinha surgido de repente um vulto de mancebo, como obedecendo á evocação satânica d'um mago.

Digo — tinha — porque o caso passára-se no pino do inverno, e, agora, já as amendoeiras começavam a tocar-se das flores da primavera.

Pelo traço do mancebo, e pela postura pretenciosa e frívola, era facil reconhecer D. João.

— Perdão, minha senhora — havia elle exclamado numa intonação fatal — perdão por ousar importunal-a. Não pude resistir á tentação de vir eu mesmo lavar o diploma da minha infamia, declarando-lhe que assisti, escondido, a tudo o que aqui se passou; e só para me

deliciar agora na sua vergonha. O seu amante, senhora D. Margarida...

— Sr. D. João!...

— Descance. Sou muito generoso para sacudir injurias sobre um rival ausente. Para eu ser discreto bastava-me a esperança de que ao menos v. ex.<sup>a</sup> transmitirá ao visconde de Aveleda esse mau pensamento em que ando. Diga-lhe, minha senhora, que me consomem desejos de experimentar se uma bala sabe abrir passagem através d'um craneo.

Um terceiro em scena teria rido talvez da theatresca farfallhada. Margarida emmudeceu aterrada.

Os primeiros raios do sol, frouxamente purpureados, cahiram neste momento na face do mancebo, voltada ao oriente. Aos olhos d'ella, toldados por tantas commoções junctas, pareceram laivos de sangue. Fugiu espavorida.

Como é pois que D. João vae encontrar acolhimento no festim do nosso visconde? E, de mais a mais, no esplendido festim do noivado?

Ahi está o que admira ao leitor sisudo, e a mim conjunctamente.

O character do visconde explica o facto. Conhecia a mocidade, que nasceu no fausto embalada por altas tradições de familia para, ao despontar da adolescencia, começar de correr aventuras por botequins e lupanares até cahir adormecida de cansaço sobre paginas de perigosas novellas, e suppunha-a para tão pouco que,

indifferente á ameaça, recebeu D. João, como d'antes, com as maneiras sympathicas em que era prodigo.

Quem sabe se fez mal!

O certo é que o festim corria esplendoroso.

Margarida, como não estaria ella! Tinha em roda de si isso que se diz — a gemma da melhor sociedade; as suas melhores amigas; seu velho e venturoso pae; e seus dous irmãos: um, que se havia lançado nos escabrosos caminhos da magistratura; outro, nas varzeas paludosas do peraltismo; e sobre tudo tinha juncto de si o esposo querido da sua alma.

Que mais longe podem ir as ambições mundanas?

Parece todavia mais desmaiada e pensativa. Doce scismar deve ser o d'ella. Scismar interpretado só — cuidou eu — em vespera de bodas pelas felizes meninas a quem a sorte deparou um noivo de fórmas vigorosamente arredondadas, bôcca vermelha, dentes brancos e olhos sensuaes.

Nós, os homens, somos impios em excesso para nos ser dado requentar a imaginativa ao fogo sacrosancto, nutrido por aquellas castissimas vestaes.

Ora o que se notava alli era como que um perfume do oriente, recendendo de todo aquelle luxo, o menos europeu possivel. Avultava tambem não sei que desalinho, que fazia recordar confusamente a effeminada Roma, a escrava luxuriosa dos imperadores. Petronio nunca imaginára camilhas ou poltronas que mais provocassem paixões da carne; nem Voltaire serviu no El-

dorado tão deliciosos acipipes. Baixella d'aquelle preço, digo-o desaffrontado, não circulou ainda em mesa de rei, nem mesmo talvez em orgia de pontifice.

O gosto e a opulencia de Lucullo, perderam-se naquella immensidade de mythologicas ostentações.

Em duas grandes urnas de metal precioso ardiam gommas aromaticas trazidas da Arabia, que tornavam embriagante a morna atmospherá.

Cada civilisação viera depor o seu tributo.

Pelas innumerás portas, abertas de par em par, que davam para os jardins, viam os alegres convivas alguma cousa de surprehendente.

Monstros collossaes de bronze, collocados em pedestaes de marmore, lançavam das largas fauces golfadas d'agua pura numa vasta repreza, toldada de muitas aves aquaticas. E por cima da coma viçosa das lorangeiras e das acacias florentes divisava-se ao longe, no occidente, mar immenso de labaredas, que, reflectidas, tingiam ao de leve a superficie limpida das aguas com a tibia côr do sol poente.

Chegára o festim ao ponto em que o amor do tom familiar, para o qual tendemos tanto nós os portuguezes, atropelando o código das etiquetas mais frivolas, tinha agrupado, e, por assim dizer, germanado as diferentes gerarchias que estavam alli representadas por homens e mulheres, entaladas em espartilhos, veludos, cachemiras, sedas e gazes.

— Porque será, perguntava uma senhora á sua vi-

zinha, porque será que o visconde de Aveleda está hoje, uum dia como o d'hoje, mais taciturno ainda do que nos outros dias? Queria que me dissessem.

— Já reparei, respondia a interrogada. O que eu desejava saber, sobre tudo, é que originalidade é aquella de vir sentar-se à mesa com as mãos escondidas nas luvas.

— Diz-se que nunca fôra visto sem luvas.

— É um homem bem extravagante.

— E bem sympathico, não é?

— Sem duvida. Ainda assim havia de ter-lhe medo se acreditasse em nigromantes. Não sei que ar de encantamento se respira em sua casa!...

São distrahidas por elegantes brindes aos noivos.

Tambem D. João se levantou com o copo d'ouro na mão.

Callou-se tudo. Ninguem desconhecia o genio estouvado do mancebo, nem o amor a Margarida e o odío ao visconde, sentimentos que elle alardeava por toda a parte. D'ahi veio a surpresa geral, seguida do temor de alguma imprudencia, acaso provocada pelos annos e pelo vinho. O barão, aquelle barão que o leitor conheceu no baile, embalde se fatigou para o constranger a ficar quedo no seu logar.

Era tarde. D. João exclama com voz ligeiramente trémula :

— Chegou-me a vez de queimar tambem um grão de ncenso no thuribulo sancto da amizade. Considero-me

feliz. E muito mais porque, esgotando o meu copo, esqueço a costumeira de fazer votos pela perpetua felicidade do ditoso par, que aqui festejâmos, para ir mais longe; para lhe prophetisar uma longa serie de jubilos e alegrias, iguaes ás minhas alegrias d'hoje. Saúdo-os com a resignação com que nos circos da ensanguentada Roma saudava Cesar o christão votado ás feras.

Sentou-se, acolhido de frio silencio. Só os desposados se inclinaram agradecendo, sem que a ironia lhes passasse desapercibida.

— Ahi estão palavras que me parecem de máo agouro, murmuravam algumas vozes, ao tempo que D. João, pousando sobre a mesa o copo vazio, dizia ao ouvido do barão:

— Encontrei-lhe o travor do absintho.

— Não se desvaneceu ainda esse fumo?... pergunta o barão.

— Adoro-a como nunca.

— Desgraçado.

— Ha de fallar-se de mim amanhã. O meu amor é como o dos tigres, que ás vezes, se têm fome, devoram...

O barão não conteve uma gargalhada com que interrompeu o amigo.

— Oh Baccho! entôa elle na força da hilaridade.

Meia hora mais tarde abriam-se as portas do salão. Ia começar o baile.

D. João, viram-no sahir para o jardim, mas ninguem o viu voltar. Algum projecto meditava. Não queirâmos

porém devassar o que se passa no íntimo dos outros. Nada temos com isso, *em que pese*, conforme diria um bem fallante, aos Torquemadas modernos, que ainda os ha em multiplicadas e furiosas catervas.

O baile não se descreve. Em tempos menos cultos seria tido na conta de milagre; e o visconde nem com agua-benta alcançaria esconjurar a sabida canonisação.

Á meia noite estava o salão deserto. E Margarida, derramando lagrimas de pudica... de ineffavel doçura, abraçou seu velho pae e seus irmãos, que logo se retiraram aos aposentos, que lhes estavam destinados.

Ao transpor o limiar do seu encantado aposento, Margarida estremeceu, dando com os olhos timidos nos brancos cortinados de fina seda com grandes bordaduras de ouro purissimo, que velavam o mysterioso thalamo. Através das janellas abertas viu a lua no céu, infallivel em taes casos, e viu tambem a folhagem compacta do laranjal, recendente ao sopro ligeiro da embalsamada viração.

Coração de virgem, na primeira noute d'amor, enlanguece por força, preso de encantadoras vertigens, em presença d'estas seducções, augmentadas pela yaga harmonia das espheras, que até essa se percebe então, seja dicto em prosa.

Mas onde está o esposo idolatrado, que não vem cahir-lhe aos pés?

Caso estranho! O visconde, no fundo da camara, inclinado no recosto d'uma poltrona, permanece immo-



vel a curta distancia d'um enorme fogão de estructura particular, firmado num plano um pouco inferior ao pavimento. O fogão contém um brazido immenso, que lhe esparge no rosto sinistro um clarão avermelhado. Quem o visse a essa hora e em tal posição julgaria ver resuscitado algum dos alchymistas da idade media, para continuar sonhando na transmutação dos metaes, ou no *elixir da vida*.

Margarida adianta-se com timidez.

— Henrique? murmura ella.

O visconde fica immovel.

— Henrique, meu Henrique? continúa. Porque me não respondes?

— Estava a pensar, Margarida.

— Pode saber-se em quê, sr. pensador? torna ella um tanto ferida no seu orgulho de mulher formosa.

— Conheces a historia de Hero e Leandro?

— Li-a em pequena. Bem me lembro. Mas, que pergunta!...

— É que eu estava a encontrar paridade entre aquella historia infeliz e a nossa historia, Margarida.

— Seriamente? Onde está então a tempestade que nos ha de destruir num instante todas as nossas venturas?... Oh Henrique!...

— A differença está em termos entre nós uma sepultura aberta em vez d'um simples *estreiro*. Feliz eu, se tivesse só a luctar com as tempestades do Helles-

ponto ! Pobre innocente, que as não vês mais colericas a estalarem-nos sobre a cabeça.

— Jesus ! Assustas-me. Que cousa no mundo pode oppor-se ao nosso amor, pode vir separar-nos ?

— Olha, diz o visconde designando sobre um bofete uma garrafa de crystal, cheia d'acido prussico, uma só colhér d'aquelle veneno mata em menos de tres minutos.

## V

Os vinhos extrahidos das uvas sazonadas nos luxuriosos vinhedos de Chio e das margens pittorescas do Rheno, a par dos deliciosos vinhos do Porto, Xerez e Madeira, deslisando nos copos ; as pedrarias serpejando nos seios alabastrinos das mulheres ; as nuvens olorosas derramadas pelos recortados tectos ; as sedes d'amor inflammadas por olhos humedecidos ao volitar pecaminosos e turbidos desejos ; a alegria da formosa donzella, que, trémula de anciedade, espera o momento em que possa revolver-se delirante nos braços do homem que soube vencel-a ; toda essa harmonica variedade, que poderia realisar as celestiacs aspirações d'um bom mahometano, ateou no espirito conturbado de D. João quanto de extravagante pode conter um pesadêlo em noutes de febre.

Correndo de taça em taça em borbotões de espuma, feria-lhe o vinho espumante a vista incerta, como se fôra espadanar de sangue.

E bebia, bebia sôfrego, incansavel. Mas quanto mais bebia, mais crescia a sede.

Margarida! era o nome que de continuo lhe perpassava na mente enferma, era o nome que lhe contrahia os labios e que a garganta enrouquecida não ousava desprender.

Negros e repetidos pensamentos nasciam, atropellavam-se, luctavam no interior d'aquelle craneo, por debaixo dos compridos cabellos loiros, que, frouxos, lhe pendiam sobre os hombros como abundantes flocos de seda.

Foi nesse tempestuoso deliramento que elle deixou a mesa do banquete para, cambaliante, ir mitigar a febre nas flacidas moitas dos jardins.

Ia receioso da multidão. Cuidava que todos os olhos lhe soletravam n'os d'elle os lugubres pensamentos de sua alma. Queria ver-se só, que lhe não envenenassem viboras mundanas as lagrimas reprezadas.

Era um excellente rapaz este D. João. Generoso e amante não o havia mais. Tisnára-lhe porém o halito quente da sociedade as mais bellas flores de sua leal natureza.

E não se tome isto como fastidioso monólogo de maçudo moralizador. A sociedade, sim, senhores, foi a sociedade, que estiolou com suas evaporações calidas a

delicada efflorescencia d'aquella bella alma. Viu-o rico, galhardo, franco e perdulario, e abriu-lhe os seios fêtidos, e prostituiu-se ás paixões do moço milionario.

O dinheiro escorregava-lhe por entre os dedos sobre as mezas alcoolizadas dos cafés, sobre o leito enxovalhado das perdidias, sobre o empoeirado labyrintho do disturbio; e os folhetinistas galantes, os futeis da moda, alguns homens do estudo mesmo, applaudiam cupidos, lisongeando-lhe os vicios.

O prostibulo, voragem que a lei sanciona, foi a arena horrifada com o vinho de suas primeiras proezas. Cansado em fim de se estorcer na crapula, no humido chão do lupanar, volveu os despertados appetites para a recatada burguezia.

Se lhe resistia a innocencia, a palavra dinheiro, pronunciada com voz anhelante por labios torpes, abandonava o pudor aos soltos caprichos do mancebo. E muitas foram as envergonhadas pequenas, que lhe venderam a virgindade em beijos frios, em diluvios de sentidas lagrimas.

No emtanto D. João augmentava em audacia. Os fallados triumphos sopravam-lhe o demonio da vaidade. Era á elegancia de seu porte, segundo elle, era á doçura de suas fallas, e não ao ouro derramado, que devia as brilhantes conquistas. Assim parecia ás vezes, com effeito, porque, entre a fina hollanda e preciosa téla de brandos e custosos leitos, de frequencia o esperavam tambem beijos aristocraticos, corpos em que a provo-

cadora nudez ostentava á luz da esmaltada lampada, azuladas veias entumecidas de generoso sangue de gothica raça.

Não era por certo, elle o dizia, não era o dinheiro, que lhe abria os portões dos opulentos palacios. Tudo devia á graça de seus requebros, á louçania de seus donaires.

Enganava-se. Mentia-lhe o amor proprio.

Nas classes superiores, como em todas as classes, é um e o mesmo o alvo a que se faz calculada pontaria; é uma a ideia culminante. O homem, que se refestela em encarquilhados titulos de fidalgo e capitalista, tambem não tem duvida em dizer á consorte, nas expressões da sua conveniencia, como o homem do povo na aberta linguagem das privações, não tem duvida em dizer-lhe, deitando olhar obliquo sobre a descuidada filha: D. João é moço de subido merecimento. A par de collossal riqueza, tem um dos mais fidalgos brazões. Bom casamento, na verdade, bom casamento para uma menina honesta!...

E em seguida apresenta o moço ás senhoras. A menina córa. D. João deseja. O pae indigita-lhe, matreiro, o casamento da filha, e sáe em cata do primo Marquez com o cheiro numa saborosa partida de xadrez.

Mal acostumado, como estava, suppunha o mancebo utopia a pudica resistencia numa mulher; suppunha-a flexivel a seus carinhos como a junça ondulante ao sopromorno dos ventos. Margarida, porém, incumbiu-se de

vingar o affrontado sexo. Com o desdem assanhára a vaidade do mancebo, e infiltrára-lhe no peito, vasio de crenças, o mais perigoso dos sentimentos — o amor capricho, que, á maneira da ebulição, põe em alvoroço as fezes adormecidas no fundo esterquilinio das humanas paixões. A inveja, o odio, o desespero, a insania, a vangloria, precipitam-se em redemoinho como satelites d'aquelle nefando e frivolo amor. D'ahi á loucura é escorregadia a estrada.

D. João, depois de absorvidas torrentes de vinho, recordava como um sonho baralhado, para elle, lace-rante tripudio no fabuloso banquete.

Repousára a cabeça num feixe de trepadeiras que se atiravam em festões vigorosos aos enfeitados ramos d'uma olaia, e deixára pender o corpo sobre a areia fina tapisada de esfolhadas pétalas. Os olhos entreabertos demorava-os, absorto, no clarão irradiado dos salões illuminados. E as sombras voltejantes, que se desenhavam ao longe, em ondas de gaze, no crystal dos espelhos, d'alli percebidos no fim das salas, julgava-as ethereas e sylphidicas visões. As ondas sonoras das afastadas musicas reboavam-lhe no tympano como lamentaveis e prolongados suspiros. Por outro lado embalavam-n'ó os trinos do rouxinol, fluctuantes no cerrado laranja. Mas tudo isto não fazia senão avivar a dôr d'aquella pobre alma em penas.

Ter vinte annos sem conhecer appetite irrealisavel; ser orgulhoso e voluvel, e ver-se condemnado ao sup-

plicio de Tântalo; sentir a alma manchada no viver de alvoroçados desvarios, exaltada de repente num sentimento puro; amar então, e ser repellido; e amar com mais força ainda, de raiva, de vergonha, por capricho; e querer afogar esse amor, agora impossivel, querer afogal-o em vinho, é comprehender a angustia por que passava D. João.

Margarida era venturosa, quanto o pode ser uma formosa filha d'Eva. Bem o sentira elle, que a contemplára com a voluptuosidade da panthera, que espreita a appetitosa rez; elle que lhe medira os movimentos, a intensa morbidez dos olhos, a intumescencia dos seios brancos, o descorar dos labios.

Quizera, mas não podia duvidar: o visconde de Avelleda era amado com todo o faminto impulso d'um peito virgem, em quanto elle, o herdeiro infamado d'um celebrado nome, alli tão perto, contava na effervescencia da imaginação, na febre de seu delirio, o pressuroso arfar dos corações amantes sem poder quebrar os laços, que os uniam para sempre!

E que os quebrasse? Não lhe coubera, em partilha, o desprezo?

D. João chorava, chorava de humilhado. Na falta de commodas barbas, arrepelava os cabellos como um tyranno de dramalhão, medindo a superioridade que lhe levava o visconde.

Faltava-lhe a tristeza do rosto, a dignidade do gesto, a suave melancolia da palavra, e, sobre tudo, aquella

mysteriosa sombra, em que se envolvia o visconde, que é para o sexo curioso uma tentação irresistivel.

Que era elle, D. João? Um moço efeminado, doudo, leviano, de labios frescos e olhos bonitos, amante de vinhos e de mulheres, aventureiro, sonhador; era o que são muitos rapazes, o que todos podem ser.

Que rumo era o seu? qual o seu destino? Abysmou os olhos pelas trevas do futuro e julgou ver, como num espelho nigromantico, as horas, os dias, annos, lustros, cahindo placidos uns sobre outros, monótonos, sempre os mesmos. Encontrou-se no fim, quando menos o cuidava, no despertar de immundas sensualidades, encanecido, velho. Fitava triste o passado e admirava-se de ter vivido. Era um triste sonhar aquelle. Não via uma pégada na areia movel do caminho, que marcasse sua passagem. E perguntava, suppondo-se com effeito desperto na decrepitude, perguntava — para que vivi?

Pensava no suicidio.

— Se a minha vida futura ha de assimillar-se á que leve passada, suspirava o moço, vivi de mais. Experimentei o gozo, compulsei as amarguras. Estou saciado. Aspirações de gloria, aspirações generosas, em que ouço fallar tanto, não me prendem ao mundo, nada me prende, morrerei.

Mas um sopro da esperanza vinha então, ao de leve, refrescar-lhe o espirito, e aspirações nunca sentidas douravam-lhe por instantes a requentada imaginativa.

É que o illudiam passageiras crenças, que, se fossem



duradouras, operariam um milagre de reabilitação. O que pode a mulher!

Assaltava-o esse borbulhar d'ideias, em quanto se contorcia, numa agonia mortal, no frio leito, que o acolhêra. Era tarde e bem tarde quando se ergueu vacillante. Tinha sede. Gemiam em torno multiplicadas fontes. A represa parecia uma grande lamina de estanho cahida no regaço de pampanosas verduras. Descia a lua perpendicular sobre as aguas. Aquella formosissima solidão tinha comtudo não sei que pallida frieza de cemiterio; coava nas veias alguma cousa de pavoroso. Sentia-o D. João quando, curvando-se, bebia.

Mas porque estremece como tomado de subito terror? O desgraçado era victima de algum pesadelo infernal. Do fundo do liquido crystal notou que se destacavam imagens monstruosas e horrendas, que não despregavam d'elle os olhos immoveis, inertes, brilhantes como de reluzente metal, e quasi ao mesmo tempo vibrou-lhe aos ouvidos argentina gargalhada. Quiz fugir, mas prendia-o como que um poderoso magnete.

Breve, porém, reconheceu envergonhado a fraqueza supersticiosa, que o dominára. As imagens não eram mais que estatuas do jardim, que se retratavam na face limpida das aguas.

Quando em nosso espirito acalentâmos por ventura um negro pensamento, negros e feios vemos os objectos, que nos circumdam. Um espirito candido em tudo

descobre rosas e perfumes; phantasmas e perseguições o que se rojou nos cuidados do crime.

A verdade d'essas palavras sopeou-a D. João.

Mas a gargalhada, aquella gargalhada, que lhe soára aos ouvidos como solta do ciclar das brizas, ou dos labios de setim de alguma fada invisivel, d'onde viria ella?

Talvez das salas do baile. Pala lá voltou o moço a escandecida fronte.

Quebrára-se o encanto.

Como um templo em que, depois da festa e das harmonias mysticas do orgão e dos supplices canticos, se estende pelas naves immensas melancolico e funereo silencio, assim nos dourados salões, ha pouco banhados de luz, agora, fechadas as escuras janellas, descera sepulchral silencio.

D. João despediu um guincho de espanto como o do cerdo ao sentir-se nas garras do lobo, e pulou desnortado, pelo theor e forma por que Diniz, no Hyssope, faz pular, em certo picaresco transe, o deão d'Elvas, clamando — vingança!

É que tinha sériamente meditado uma historia de sangue. Medira o esforço de sua alma e sentira que lhe quedava bem o nome de assassino. Qual será a victima escolhida para o cruento holocausto?

Chegára o terrivel momento.

.....  
Coroadas de brancas flores, similhando adormecidas

pombas, erguia os valentes ramos para uma janella do palacio uma odorosa magnolia. A seu tronco estava arimado um homem com olhos chamejantes, mergulhados, através d'essa janella ainda aberta, na escuridão interior. Era D. João.

Estava alli como um fragmento de granito, firme, sem respirar, mas febril e ardente.

Soára a hora fatal em que, não longe d'eille, iam unir-se, consubstanciar-se num corpo só, dous seres, que o infeliz quizera ver separados pela incommensuravel distancia d'um tumulo; dous venturosos, que entre suspiros, caricias, contorsões e beijos, iam, nus de trajos e de mágoas, celebrar celestiaes mysterios do noivado...

Pobre D. João! Que assanhada lepra te lavrava o peito!

De repente jorraram lá dentro raios de luz brilhante, e susurraram passos indistinctos.

O mancebo apertou a desvairada cabeça nas mãos tremulas. Pulava-lhe o coração na ancia febril.

Recalcada um tanto a desesperação indireitou-se ameaçador. Lampejára-lhe na mente uma ideia atrás. As janellas, que agora resplandeciam abertas, podiam ser trancadas em pouco tempo, e então a esperada vingança teria de se reprezar ainda uma noute nas lavas de seu craneo. Mas não. Era impossivel. Numa noite, perfumada como aquella, em que a natureza se desprende em harmonias, em que as auras susurram, beijando as folhas dos arvoredos, em que as fontes suspi-

ram e as aves cantam; numa noite d'amores, noite como aquella, é estreito o recinto d'uma camara para duas almas, que, fundidas, vão erguer sensuaes oblatas aos pés da amorosa deusa. Não, as janellas permaneceriam abertas.

Assim pensava o mancebo, quando a leve sombra d'uma mulher se esboçou transparente no marmore de um muro fronteiro. Era certamente a ingrata, que afanosa corria aos ferventes beijos do cubiçado esposo.

— E eu, desgraçado, murmurou D. João, só, sem luz, sem esperanças, só, cercado de trevas e d'abysmos...

Deslisou-lhe a afflicção num riso. Recalcou novamente a dor, e, com mão segura, apegou-se ao tronco da magnolia, atrependo por ella com movimento arrastado e ligeiro, como de serpente. Apertou contra o peito o cano de suas pistolas, sacudiu os orvalhados cabellos, e sumiu-se na folhagem.

Então mil aves, acordadas na verde guarida, esvoaçaram assustadas, e fugiram soltando pios, até se perder no desmaiado do luar.

## VI

Agora, que a minha auctoridade de verdadeiro contra-regra de theatrinho aldeão chamou convenientemente a postos os exquisitos personagens, que hão de

figurar no presente capitulo, voltemos ao ponto em que deixei os suspirosos noivos na critica posição de todos os noivos.

Avalia-se, não se descreve, o alvoroço de Margarida em face de baralhadas suspeitas, mais e mais condensadas pelas fataes palavras do visconde.

Que horrivel linguagem era aquella, com que a acolhia o esposo, no momento em que toda se absorvia na morbidez de um requintado affecto?

Se acordasse d'um sonhado paraíso, entre as ensanguentadas mãos de enraivecido carrasco, que a arrastasse sem dó pelos ignominiosos degraus de um patibulo, por certo não sentira a donzella mais pavorosa surpresa.

Para que negros pensamentos, pensamentos de morte, quando ella, esquecida, como nunca, da fragilidade da materia, se arroubava ditosa no antegosto de incognitos prazeres?

Voavam-lhe nos alquebrados membros repetidos calefrios de susto. Como magnetizada prendêra attonitos os olhos no visconde, e, então, n'aquella frieza de estatua, embalde procurava o attractivo, que a tinha captivado.

Não sei o que lhe viu nas mudadas feições. É certo porem que, apavorada, longe de se avisinhar, como ainda ha pouco, se afastou opprimida de supersticiôsos terrores.

— Foges-me, Margarida! diz elle com dolorido ac-

cento. Amarguras-te de me ver a teu lado! Devia ser assim. Como eu te quero, não o sabes tu. Não sabes como o moribundo ama o ultimo dia da existencia que lhe foge.

— Ama-me! Não me dizem o contrario tuas palavras, teu halito gelado, a gelada atmospherá, que te circumda? Eu mesma sinto-me repassada de frio, e de...

— E de medo.

— E de medo, sim; e de medo, que não sei explicar.

— Quebrou-se bem depressa o encantado prisma, que me mostrava a teus olhos sem os traços carregados, que a desgraça sulca na frente de seus escolhidos. E todavia ainda se não rasgou o espesso véu, que me salva do escarneo, do teu escarneo...

— Henrique, Henrique! Sinto que se dá entre nós alguma cousa de muito extraordinario. Perde-se-me a cabeça em mil estranhas conjecturas. Encontro-te na immobilidade do cadaver. Dize-me quem és, quem tu és, Henrique; que eu não sei conhecer-te...

— Nem queiras. Basta saber que sou uma pobre alma, em busca d'um corpo, que me abrigue; um coração ardente num peito gelado como a pedra d'uma valla funerea. Vi-te, debil creatura, através das lagrimas que me empanavam a vista; e, tal qual sou, cuidei que minhas cruciantes penas poderiam encontrar refrigerio nas tuas consolações. Aparecias-me com a auréola divinal da mulher superior em volta da tua bella cabeça. Não era muito que te suppozesse capaz de la-

var, sem repugnancia, com os balsamos do amor, minhas leprosas e sangrentas chagas. É que aos grandes desgraçados nunca deixou de sorrir, na insomnia de suas noutes, uma imagem de mulher. Ahasverus lá encontra a redempção de seu triste fadario na candida Rachel. Eu entrevia-a em ti. Julgaste-me tu pelo que parecia, e não de certo pelo que eu era. Venceu-te a apparencia, que mais d'uma vez nivela o vicio com a virtude. Amaste-me. Ai que longa serie de gozos me veio do teu amor, Margarida! Quiz declarar-te tudo. Não pude. Tive medo que se desvanecesse num sopro a minha angelica visão. E só agora reconheço que te sacrifiquei, que te arrastei talvez na minha queda, infeliz!

— Na tua queda!!

— Mas não. Conservo a ultima esperanza. Se a perder, já te mostrei o veneno que escolhi. Deixar-te-hei viuva e virgem, e rica, muito rica. Das multidões, que, famintas, se hão de atropellar á entrada do teu palacio, podes eleger um esposo, que te mereça, que te dê na terra venturas do céu. Não chores, anjo...

— E eu tão innocente, tão descuidada!... Só sabia das minhas queridas illusões. Como poderia suspeitar que o homem, que me escravizava!... E que fosses, no teu passado, um grande criminoso, Henrique?! As lagrimas, que te regam as faces, não significariam arrependimento e absolvição? Bem sinto que te commoves...

A bocca do visconde escancarou-se, como a desmen-

til-a, numa satanica gargalhada. Margarida tremeu até á mais recondita fibra.

Neste tempo ouviu-se lá fóra um estalido, que tanto poderia provir d'um ramo secco quebrado violentamente, como d'uma pistola armada por occulta mão.

A assustada menina correu á janella. A lua permanecia serena, prateada, no recurvado firmamento. As aves esmoreciam em trinados nas franças das olorosas selvas. Só se havia erguido certa desinquieta aragem, que balouçava os arvoredos de tal sorte, que a coma lustrosa da magnolia quasi roçava na janella.

— Diria que ouvi... murmurou ella. E interrompeu-a nova contracção de terror.

Uma lufada de vento acabava de entrar na camara, e a lampada de alabastro, suspensa de rico velador, crepitando, quasi a apagar-se, difundiu phantastico clarão pelo rosto do visconde, que se destacava inerte num fundo avermelhado pela chamma sacudida do gigantesco fogão.

— Criminoso, disseste tu, Margarida, exclama o visconde de Aveleda, pesando a palavra que ella proferira. Enganaste-te. Fui sempre honesto e virtuoso. Não, não estou manchado de crimes. Antes estivesse, que traria, quando muito, o meu castigo no fundo impene-travel da consciencia. Mas viveria, pois, através do ouro; crimes não os vê a sociedade, e, se os vê, respeita-os.

— Que labyrintho!

— Horrroso! proseguiu em tom de expansiva ter-



nura. Vou ser franco, é tempo. Vem, Margarida, minha esposa, vem para ao pé de mim. Reveste-te de toda a tua coragem e escuta.

— Fala, fala!

— Lembras-te d'uma promessa, que me fizeste, transbordando affectos, como agora tremendo de receio, promessa que eu acceitei?

— Se fiz tantas promessas!...

— Muitas, por certo. Filhas de leviana exaltação. Pois bem, entre essas todas, prometteste seguir-me ao cemiterio, se lá fosse minha morada...

— Virgem Sancta!

— Esqueces? continúa com voz cavernosa. Mentiste?... Labios d'anjo não mentem. É teu esposo, que te estende os braços...

— Mas quem és, quem serás tu?

— Vem perguntal-o ao contacto do meu corpo inanimado e frio, como o de um defuncto. Receias?

— Oh Henrique!

— Vem.

— Desfalleço. Não posso mais. Tenho medo. Se ao menos fosse isto um sonho!

— Adivinhaste. Isto é um sonho. Podes voltar para casa de teu pae. Eu não sou um homem.

— Pois que és, desgraçado?

— Uma estatua.

Por absurda, que parecesse a resposta, acompanhára-a tão firme accentuação de verdade, que só de

si fôra bastante a enrodilhar tres sabios e um compendio de logica, e sobre tudo o mais incredulo e chegado parente de S. Thomé.

Não é pois de estranhar a credulidade de Margarida, que, logo em continente, sem acordar da mal ageitada surpresa, viu que as luvas do visconde, pela primeira vez arrancadas, lhe deixavam as mãos a descoberto. O mesmo foi que vergar-lhe sobre os joelhos o corpo alquebrado, e suffocar um grito na garganta. As mãos descarnadas, que a estreitavam, eram feitas de marfim.

— Desmaias? exclama elle na força do desespero. Que é da coragem, que me promettias? São todas assim as mulheres. Amante, seguias-me ao cemiterio; esposa, horrorisas-te de meus afagos, porque me não encontras calor nos membros, porque sou uma estatua. E a cabeça, que harmonisou estrophes, que te embriagaram, é esta mesma, que agora repelles. E os labios, que avivaram nos teus ancias de beijos com segredos, que tu decoravas, para os repetir sonhando, para acordar repetindo-os, são os meus. Eu sou ainda o mesmo, que era, se me derem a perdida esperança do teu amor. Que te falta, mulher? Aqui me tens.

Fez um movimento. Resoaram estalos como de molas. Horror! Sobre a poltrona cahiu um corpo mutilado, disforme, monstruoso. Pernas, braços, os proprios dentes do visconde, brancos como formosos fios de perolas, tombaram sobre os selpudos tapetes da Turquia,

e perderam-se nas dobras de seu *robe de chambre*, que naturalmente se lhe desprendeu dos hombros.

O infeliz era um phenomeno, um aborto estupendo, que, em nossos dias, valeria muito dinheiro a quem quizesse especular. Era elle poeta de mais para isso.

A tudo porém dera remedio a civilisação de seu tempo. Afortunados tempos!

Margarida sentiu-se como petrificada. Mas, de repente, fulgurou-lhe a loucura nos olhos. Comprimiu com violencia o coração, e, veloz como o pensamento, desapareceu por uma janella, desprendendo um grito agudo, dolorido, que se perdeu a distancia, ao tempo que, por outra janella, se precipitava no aposento um homem com uma pistola em cada mão. Era D. João.

Por seu lado o visconde sopesára a queda de suas sonhadas aspirações. Borbulharam-lhe duas lagrimas dos olhos embaciados, que, desvairado, dirigira para o bofete em que tinha depositado o veneno, ultima esperanza. Impotente porém para o approximar dos labios, não hesitou. Numa contorsão de agonia extrema atirou-se ao pavimento e rolou sobre as brazas vivas do fogão. Cingiu-o bem depressa uma azulada, tenue, mas crescente labareda, e nem um gemido soltou.

É bem certo que as dôres da alma nem deixam perceber as da materia. Tanto as excedem. Ouço-o dizer aos piegas, que namoram, folgam, comem e engordam.

Nas complicadas scenas, á laia d'esta, habituaram-se

os romancistas ao emprego das sacramentaes palavras: tudo foi obra d'um segundo.

Eu digo d'esta vez como elles, mas sem mentir; o que é para ser notado, porque quando D. João, furioso, buscava alguem, que lhe absorvesse as iras, divisou entre ondas de fumo uma informe massa em medonhas contracções. Parou alli. Mas recuou logo repassado de horror.

Volvêra-se para elle um rosto coroadado de labaredas. E cravaram-se nos seus uns olhos que, rebentados pela viveza ardente das chammas, se revolviam ainda nas ensanguentadas orbitas.

## VIII

«Pois essas divertidas e caprichosas scenas, tão exóticas como pueris, que, enrodilhadas e com feia caturada, têm devorado paginas e paginas em phrases de todos os tamanhos, terão alguma cousa de commum com a suave e desaffectedada narração d'um promettido conto não só verdadeiro, mas até elegante!? Um conto! Chama-se isto um conto! Dos que se dizem nos serões de inverno com pasmo das imaginações rudes ou infantis, poderá ser. Mas conto para gente fina e seria, para gente, que sabe de cór Edgar Poë e Hoffmann! Oh, oh!

Sobre tudo imperdoavel é o desaire, com que o de-

monio do escrevinhador deixa transluzir das combinações do seu espantoso embroglio o presumpçoso intento de fazer um romance, que lhe dê azo a fingir-se modesto, chamando conto ao que, no juizo d'elle, vale bem um romance. Ora, meu senhor, se queria rabiscar cousa como romance, soffresse um tanto os impetos com que os seus esfalfados heroes se precipitam no *epilogo*; demorasse as situações com peripecias, episodios e tudo o que lhe lembrasse, capaz de augmentar o interesse e aperfeiçoar o lavor artistico da obra. Não basta encadeiar dous dissaboridos dialogos e alguns ditinhos simplorios e affectados. Dialogos! Nada mais facil. Duas pessoas, que falam, uma depois da outra, com intermedio de pausas e reticencias... Se queria fazer-se notado sahisse a campo com seis, oito, vinte palradores, prendesse-os a uma geral conversação em que falassem todos, alternados e simultaneamente, em grita e com moderação. Então sim. Ahi encontraria oportunidade de desvendar a sua mestria nas difficuldades da arte. Mestria essa, que ninguem ousaria contestar uma vez que alcançasse meios de se esquivar a mostrar-nos, pela estravagancia da algaravia, de que fabuloso modo se digerem bojudas vasilhas de alcohol.

Nesse caso não nos oppúnhamos a que levantasse uma estatua de barro em paga da sua *Estatua viva*. Apenas se atreveu, porém, com a parte mais plebeia e chilra d'este genero de litteratura — o dialogo, cousa que hoje nem os dous mais triviaes interlocutores quereriam ali-

mentar; embora illuda um tanto a paradoxal apparencia da proposição. Quanto ao visconde d'Aveleda é elle, diga-se a verdade, a mais sympathica criação, que póde deduzir-se de inexperto cinzel.

Porém, que destino! A astucia depravada do auctor faz que o vejâmos na parte luminosa do quadro; que nos ganhe, não direi sympathia, mas um pouco de benevolencia...

Depois accende um fogão monstro e de *particular estructura* que estava preparado de encomenda para receber um homem inteiro, e lança-o, com bastante pena nossa, ao meio das chammas, e assa-o, não sei bem se com tenção de o comer. Palpita-me que o vai comer. Isto não se faz em paiz civilisado e liberal! Em fim, seja como fôr, já gastámos mais cêra do que é de lei com ruins defunctos. Oxalá que, aproveitando-lhe a lição, venha a convencer-se de que não sobra quem se empenhe nos progressos practicos da agricultura, e deixe de andar tresmalhado nestes difficeis caminbos, que nunca pés masorros logram percorrer sem sangue.»

São assim, pouco mais ou menos, as sibilantes expressões da maledicencia, que eu desprezo, sem que, todavia, deixe de vir a indignação das grandes almas offendidas inflammar-me as nacaradas bochechas.

Critica cordata e justa escutei-a sempre respeitoso. Insolencias, á laia das supradictas, não são lanças, que façam saltar da sella cavalleiros do meu jaez, nem hão de ser em tempo algum admoestações, que corrijam

defeitos. A minha generosa indignação não me deixa responder, como pedia o caso, se bem me está borbulhando a ideia de confundir os linguareiros por meio d'uma digressão ideologica, em que podia patentear os thesouros, que tenho amontoados no meu celeiro. Não quero fazer escandalo. É o que lhes vale. Em desforra, apenas prometto esmerar-me a fim de ser mais natural e correcto no seguimento do conto, que prosegue do seguinte modo:

Quando o sr. Urbano Solar, beatifico pae de Margarida, descerrava as preguiçosas palpebras ainda saudosas dos afagos do confortativo somno, marcava o ponteiro d'um relógio, que pendia graciosamente da parede, dez horas e alguns minutos. O sancto varão não acordaria tão cedo, se o estomago com irregulares rugidos, não accusasse certo vasio, que o horrorisava. O sr. Solar tinha horror ao vacuo; e tanto que, na deliciosa perspectiva de um substancial almoço, que lhe deslisava na mente fecunda e liberal, endireitou azafamado o collarinho, enlaçou a gravata, deu a ultima demão aos ingratos cabellos, e foi incorporar-se a seus filhos, que, já preparados, conversavam, aproveitando os raios vivificantes do sol matutino.

O dia estava d'uma formosura a derramar alegrias nos espiritos mais atribulados. Parecia concertada a natureza para acompanhar os doces enleios, que deviam ser então a alma animadora da ampla magestade d'aquella habitação. O proprio sr. Urbano sentia-se enfeitçado.

— O visconde? pergunta elle, admirado de que o não acompanhassem em continente para a anhelada meza do almoço.— Ainda não vistes a nossa Margarida?...

A resposta resolveu-se em dous sorrisos frouxos, maliciosos, equivoccos. Solar comprehendeu-os, quiz revestir-se de gravidade, mas, em conclusão, não teve remedio senão imital-os.

Para os innocentes, como eu, esses sorrisos não seriam mesmo obscuros. Tenho fé, porém, que não faltariam honrados paes de familia, que, no dia seguinte ao do noivado de suas filhas, perspicazes como Urbano Solar, soubessem dar explicações. Deus me defenda de sabel-as dar alguma vez por minha parte.

Travaram os tres insignificante conversa, que ameaçava prolongar-se com serio detrimento do aparelho digestivo do sr. Solar. Mas como nem o visconde d'Avelleda, nem Margarida pareciam ainda dispostos, segundo suspeitas d'um criado interrogado, a vir livral-o d'este supplicio, tirou-se de seus cuidados, e, resolvido a não esperar por ninguem, sabiu na tenção de farejar por si mesmo certos conhecidos escaninhos de gordurenta memoria.

Ao roçar na porta da camara nupcial não pôde vencer a curiosidade, e apurou o ouvido.

Nem o mais leve susurro. De dentro vinha uma restia da luz pura do sol, que mosqueava o pavimento, denunciando assim que eram já abertas as janellas do in-



terior, e que, por tanto, os felizes habitantes d'aquelle estreito paraíso não continuavam esquecidos em amorsos deliquios, e além d'isso, que estava mal cerrada a porta, que, por esse motivo, dava passagem á restia do sol. Aventurou-se a empurrar-a suavemente; e sem resistencia nem rumor rodou ella sobre os flexiveis gonzos, e pôz a descoberto a parte interna da camara, inteiramente solitaria.

Entrou o bom homem despejando da garganta exclamações de pasmo, lançou a vista em roda, e dilatou as cartilagens do nariz, tocado d'um especial odor d'aquella atmosphaera, que era um desespero para o ambicioso e esfaimado estomago de s. ex.<sup>a</sup>

Afiava-lhe o appetite aquelle odor. É facil de ver portanto que não podia satisfazel-o o simples conhecimento do effeito. Ao seu estado convinha, mais que tudo, palpar a causa. Breve a descobriu elle no fogão, onde entre algumas amortecidas brazas, cercada de cinza e de carvões, avultava uma massa compacta de carne, a este tempo quasi carbonizada. Revolveu-a de todos os lados, naturalmente admirado da estranheza, e no fim da investigação concluiu que não era facil determinar a casta de animal, a que pertencia aquelle torresmo, mas que, feitas as contas, tinha na parte superior um provocante pedaço de loirejada polpa.

Solar era um homem de muito sizo para não saber explicar a exquisitice do facto com a exquisitice do genio do visconde d'Aveleda. Foi de semblante prazen-

teiro que seus filhos o viram voltar, convidando-os a acompanhá-lo.

— O visconde, diz elle com affectado mysterio — parecia que de proposito se recusava a apparecer para nos obrigar a esperá-lo para o almoço. Mas eu que sou velho e matreiro achei meios de me vingar.

Fui procurá-lo ao proprio quarto.

— E assanhou-lhe o masculino pudor, diz sorrindo o peralta — Está visto.

— Pelo contrario. Não encontrei lá sombras d'isso.

— Como assim! Pois...

— O quarto estava deserto, mas saturado d'um cheiro...

— A ambrosia, provavelmente?

— Não. A carne assada. Meu genro, cada vez estou mais convencido, é um homem de inqualificaveis caprichos, d'uma rara excentricidade. Sahiu, ninguem sabe quando, nem para onde; ao menos não ha criado que o diga; sahiu com a noiva e deixou nas brazas do fogão um immenso pedaço de carne, quasi reduzido a cinzas, com excepção da parte superior, que repelle o mais sorumbatico fastio.

— É então?..

— Então aquillo deve ser alguma preciosidade da inventiva culinaria do visconde. E para seu castigo lembrei-me de lhe pregar uma pirraça, que, por cima, ha de fazê-lo rir. Vinde almoçar comigo.

— Mas não será indiscrição?... observa o magistrado.

—Sou eu o responsavel. Depressa! que não venha elle no entretanto.

Pouco depois entrava o velho folgasão com os dous filhos na camara dos desposados, munido elle proprio dos petrechos indispensaveis para o notavel festim.

O sabor da carne não correspondia á apparencia. Era excessivamente insulsa, viscosa e adocicada. Urbano Solar, desilludido, affirmava que só a sua experiencia saberia esburgar os ossos convenientemente, assim como só o appetite saberia tolerar o dissaborido manjar.

O magistrado acabava de cahir num reflexivo abatimento, encarando com olhos desvairados já na configuração da insulsa iguaria, já no logar em que fôra encontrada. Suppunha ter tocado com a faca alguma cousa, como uma caveira humana transformada pela acção do fogo.

— Meu pae! exclama elle de repente com voz espavorida, aqui ha um terrivel segredo, um segredo muito espantoso. Este leito não dá signaes de que alguem se recostasse nelle. Os criados afiançam que não sahiu ninguem d'esta casa, e...

Todos estremeceram. Resoára a detonação d'um tiro e, em seguida, sussurro e gritos no interior do palacio.

## VIII

Esopo, Phedro, La Fontaine e mil outros illustres collegas, que me precederam, costumavam consagrar os ultimos trechos de suas pingues historias á deducção da moralidade nellas contida.

Por mim, inimigo fidagal de relhas tradições, fiz protesto de os não imitar, embora receioso de cair em alguma das originalidades sandias, que vão por esse mundo, factos enfezados d'esta epocha inqualificavel, em que cada sujeito, que tem uma luneta, e certo sorriso, e soffre do nervoso, e tem phantasias lugubres, julga sorver a immortalidade pelo facto simples d'essas fendas e d'esses achaques. Apesar do hem fundado receio não quero ser imitador.

Á parte o odio ao ramerrão classico, e a louvavel ambição de conquistar direitos a original, e não sei que mais, sinto meu fraco por fechar um conto num lance desastrado, assombroso, nunca visto, tal que só de si possa tirar o somno por tres noites ás sensiveis meninas, e chupar as excrescencias adiposas e os mesmos volumosos redenhos aos graves papás interessados na leitura.

Faço de conta que os ha interessados na leitura.

Posto isto, facilmente se reconhece que por forma alguma convinha ao meu intento reservar para o re-

mate a fria moralidade, segundo usança dos meus defunctos confrades, acima citados. Mas, para que me não censurem por leigo na missão, que escolhi, ahí a dou (a moralidade) em duas palavras succulentas, conceituosas e profundas como se me empertigasse sobre a sagrada tripode da sibylla.

É ao formoso sexo que me dirijo, pois que não sei corrigir o vaidoso impulso de fundar toda a minha aspiração em ser-lhe de prestimo, como director espiritual.

Apprendam pois d'esta funebre historia as donzellas inexperientes a temperar os amados impetos com o sal da desconfiança para que não vão encontrar ás vezes, como no exemplo exposto, algum rude madeiro, que se transforme em cruz de supplicio, em logar de um galhardo marido, aparentemente cheio do vigor, de energia e seiva fluente de mocidade. A experiencia anterior, a analyse microscopica anticipada, é a meu ver a verdadeira taboa de salvação.

Pobre visconde de Aveleda!

Quem sonhára, ao ver-te esplendido, imponente e adorado, que cruel fim te reservava o avesso destino, sujeitando teu requeimado tronco aos appetites vorazes de famintos cannibaes, que, ainda na vespera, te abraçavam no desafogo d'uma amizade pura!

Altos juizos de Deos! E sirva-me essa vulgar exclamação, tão avezada a cortar pela raiz atadas questões de methaphysica e theologia, a deixar nesta altura minhas fastidiosas divagações. É de justiça que não esqueçamos o nosso sympathico amigo Urbano Solar.

Pêde-o a propria caridade. Alem de excessivamente encanecido e debil, opprime-o neste momento a mais incuravel das afflicções para lhe não levarmos já nossos bene'cos soccorros.

Podem os egoistas clamar que lá tem elle os filhos, que o aturem.

Esses mesmos, declaro eu, em despeito da robustez da idade, mal podem com a propria consternação para que attentem no acabrunhado pae. E se não haja vista ao que succedeu no curto espaço do meu tardo discurso. Nada mais espantoso.

Ouviu-se, como fica dicto, a detonação d'um tiro. Estremeceram as vidraças, reboaram os echos, e no interior do palacio recresceram os gritos.

Os nossos gulosos interromperam assustados o ensosso banquete, em que o primeiro e unico prato se compunha de carne de visconde, que deve ser mais estimada do que a de outro qualquer animal menos fidalgo, e presos, todos ao mesmo tempo, não sei de que terrivel presentimento, como por intervenção d'alguma invisivel corrente electrica, trocaram entre si ligeiras e apavoradas vistas, e voaram velozes para o lado em que recrudescia o ruido. Salvaram quatro a quatro os degrãos das elegantes escadarias, que descem para os jardins, e só pararam no meio d'uma multidão de domesticos, que lacrimosos e dando pungentissimos gritos se acercaram d'elles como pretendendo impedil-os de passarem adiante.

— Que é isto? Que aconteceu? perguntavam confundidos e impacientados.

— Desgraça!

— Senhores, senhores!

-- Por Deos não queiram saber!

— Vão-se, vão-se. Não é aqui o seu lugar.

Taes são as baralhadas vozes, que regougam dos diferentes pontos do circulo humano, que os apertava. Urbano Solar compulsava já a realisação de seus medonhos presagios, mas estava longe de suspeitar toda a enorme fealdade do acontecimento.

— Digam-me tudo, bradava elle. Quero saber tudo. Que foi? Digam. Fallem. Anselmo, continúa voltando-se para um velho criado, tu, que nunca me mentiste, tu, que nunca me desobedeceste, porque não respondes quando eu estou a perguntar?...

— Senhor...

E a vozeria continuava.

— Fala, Anselmo.

— A senhora D. Margarida...

— Morreu?

— Esta morta!

— Morta!

Adivinham-se os labios que pronunciaram esta pungitiva palavra, e a accentuação dolorosa, de que vinha impregnada. Os dous mancebos, que por sua parte não tinham cessado de sondar a causa de tão grande alvoro, mal a conheceram, abriram caminho, impellindo

desvairados a multidão, tanto que lhes passou o atordoamento momentaneo do violento choque. Urbano seguiu-os precipitado com as faculdades em manifesta desordem.

Era ao pé da magnolia que os esperava o funereo quadro.

D. João com os cabellos empastados, rotas e amarradas as vestes, repoisava a face livida e desfigurada nos joelhos do velho capellão do visconde de Aveleda, que se azafamava em estancar o sangue, que em borbotões lhe espirrava do peito. Ao lado jazia Margarida, submersa no somno da bemaventurança, com a fronte despedaçada, pallida, mas sempre bella.

Sobre ella cahiu em desprendidos soluços o estonteado pae.

— D. João! Tambem D. João!? exclama o mais novo dos irmãos, que em menos solemne logar denominamos peralta.

— Vive, responde o padre. Talvez seja ainda tempo de o salvarmos. Mandeí a toda a pressa chamar um medico.

— Quem matou minha irmã? pergunta então pela terceira vez cego de furor o magistrado.

— Suicidou-se, diz ainda o capellão.

— Suicidou-se! Porque seria?

— Está aqui, designando o moribundo, quem pode explical-o.



— E esse? Tambem se suicidou? Suicida-se toda a gente!?...

Neste instante descerraram-se as amortecidas palpebras de D. João. Tremeram-lhe os labios como num esforço para falar, até que fez ouvir algumas palavras soltas, precedidas de gutturaes e inarticulados sons.

— Veio? murmurou em fim.

— O medico? pergunta compadecido o padre. Ha de vir. Agora descance que vamos leval-o d'aqui. Animo!

— Morre-se bem em qualquer parte, torna a debil voz do mancebo, em quanto á flor dos labios lhe esvoaçava um sorriso cortante e ironico, como em resposta ás palavras intencionalmente animadoras do capellão. De que me pode servir o medico?... E elle não veio?

— Elle! Mas quem?

— Quem!... o pae da infeliz. Tragam-m'ó, vão chamal-o, tenho que pedir-lhe.

Seguia o velho um lamentoso queixume, estreitando ao peito o cadaver da filha. Foi com muito custo que alcançaram separal-o d'ella, e trazel-o á presença do moribundo supplicante.

Apenas D. João o encara, deixa transparecer uma indecifrável alegria. Assoma-lhe passageiro colorido ás faces, illumina-se-lhe a physionomia, e num esforço impossivel consegue erguer a meio o corpo. Mas bem depressa, extenuado, volve á primeira posição com os

extremos da bocca levemente tingidos de avermelhada espuma.

Todos se aglomeraram em roda, calados e commovidos, e sobre tudo curiosos do que ia passar-se.

— Senhor Solar, conseguè dizer por fim, o momento da minha tremenda viagem seria de incalculaveis agônias, se na despedida me não fosse dado implorar o perdão, não do mal que fiz, mas do mal que esta minha fraca e leviana cabeça empreheudeu fazer-lhe. Confio que não ha de recusar-me a absolvição. Bem sabe quanto é pouco azada para enganosos ardis a hora do passamento. Eu confesso singelamente o meu crime. Adorei sua filha. Adorei-a com o desenfreado impeto de rapaz ocioso. Não teria recuado diante da violencia, se me fosse necessaria para a possuir. E já que a minha consciencia o exige, vou dizer-lhe, a que ponto me levou um desvario do coração. Quando eu suppunha a senhora D. Margarida, cedendo a posse de todas as suas graças, de toda a juvenil formosura aos caprichos suaves do visconde, perdido, febricitante, lacerado de mil diabolicos pensamentos, atrepei da magnolia ao peitoril d'aquella janella. Soou ao mesmo tempo um grito d'agonia e de terror, que me fez vacilar, e senti como que o baque de um corpo no fundo d'um abysmo. Lá dentro o visconde... Ai! o visconde... Fugi, rolando de ramo em ramo do cimo da magnolia, mais louco, mais perdido, do que tinha entrado. Mal aventurei dous pas-

sos, tropecei num cadaver. Era Margarida. Ao clarão da lua vi que tinha despedaçado o craneo d'encontro á aresta d'esse banco. Depois... Sei só que me queimava o cerebro este sol escandecente, quando dei accordo de mim, e me encontrei ao lado d'ella. Então, receioso de que se me conglobasse o sangue no coração, quiz excital-o com uma bala...

Esta breve narração, interrompida com as pausas e retencias do costume, que eu omitto, diga-se baixinho, para que não fique picaresco um lance que a todo o custo quero muito serio, quasi lhe exauriu o pouco de vida, que ainda lhe restava.

— Mas o visconde? Que fazia no entretanto o visconde? pergunta o atribulado velho.

D. João abriu pela ultima vez as palpebras, e despreendeu a existencia nestas ultimas palavras:

— Procurem-n'ó nas chammas do...

— Nas chammas?... Ah!

E, tomado d'um accesso de loucura, Urbano Solar arrasta violentamente consigo os dous filhos, que, estupificados, se deixaram conduzir sem resistencia. Assim entraram numa sala. O velho fechou a porta e caminhou sereno e erecto para os mancebos, que se prostraram quebrantados num sofá.

— Medistes, diz, medistes toda a grosseira fragilidade, toda a acanhada contextura da comedia humana, em que, por zombarias do acaso, tivemos o nosso papel. Aprendestes demais para rir na adversidade. Co-

ragem, pois! A vida é um sangrento escarneo, que se paga com outro escarneo. Deixae as lagrimas ás mulheres, para que se não diga que tudo lhes tiramos. Eu estou sereno. Que importa que?... Margarida... o visconde... Sabeis?...

— Comemol-o, respondem os dous com voz de dentro.

— Comemol-o, repete o venerando ancião.

Eu, aproveitando-me de meus privilegios de narrador, ri-me por detraz dos bastidores.

Urbano Solar prosegue, trocando o estylo seco, nervoso e constrangido, em que começára, por outro mais apaixonado e aguado de lagrimas:

— Perdi-a... a minha Margarida, a filha querida da minha alma... E como a perdi eu, e quando, e em que lugar!... De que me servio a enlevada crença na sublime bondade de Deos, d'esse Espirito, tão poderoso como tyrannico, que desfecha cego toda a sua colera sobre um pobre velho piedoso e honrado? Porque me não escuta, ao menos, quando lhe peço a morte? Implorei-a do fundo da alma com fé, com amor, e desprezou-me os rogos. Prefere blasphemias. Serão breves as minhas. Filhos, meus filhos, um ultimo abraço. Vou morrer.

— Morrer!

— Necessito descanso. Suicido-me.

— Havemos de acompanhal-o, meu pae, diz emphatico, erguendo-se, o mais novo.

— Seja. Que se risque da terra nosso nome de familia.

— Uma palavra, diz o magistrado com solemne gesto.

— Breve.

— O visconde de Aveleda era millionario.

— Que mais?

— Não lhe sei de parentes mais chegados do que nós.

— Mas...

— Somos seus legitimos herdeiros.

— Nós!!

— Oh!

Calaram-se. Nesse curto espaço de silencio observou o magnanimo doutor que as fraternas e paternas feições iam resplandecendo pouco e pouco, como se um sol esperançoso acabasse de rasgar tempestuosas nuvens.

— Gloria a Deos! clamam ambos. Estamos salvos! Bemdito sejas tu, que nos salvaste!

E incanzinaram-se no magistrado, como mollossos esfaimados num couro rijo de pernil de Lamego.

Coimbra, abril de 66.

**FIM.**











